

Arte

4<sup>o</sup>  
ano

Ensino Fundamental – Anos Iniciais  
Componente curricular: Arte



# Ápis

Eliana Pougy  
André Vilela

Manual do  
Professor



ea  
editora ática





Ensino Fundamental – Anos Iniciais  
Componente curricular: Arte

### Eliana Pougy

Bacharel em Comunicação Social pela  
Fundação Armando Álvares Penteado (Faap)

Especialista em Linguagens da Arte pelo  
Centro Universitário Maria Antônia da Universidade de São Paulo (Ceuma-USP)

Mestra em Educação pela Universidade de São Paulo (USP)

Doutora em Teoria Política com foco em Educação na  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

Autora de livros didáticos e paradidáticos sobre Arte

### André Vilela

Licenciado em Educação Artística pela  
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp-SP)

Coordenador pedagógico do programa Fábricas de Cultura de São Paulo

Professor de cursos de capacitação e de formação de professores em Arte

Professor de História da Arte

Autor de livros didáticos sobre Arte

2ª edição

São Paulo, 2017

Atualizado de acordo com a BNCC.



**Direção geral:** Guilherme Luz

**Direção editorial:** Luiz Tonolli e Renata Mascarenhas

**Gestão de projeto editorial:** Tatianny Renó

**Gestão e coordenação de área:** Alice Silvestre e Camila De Pieri Fernandes

**Edição:** Fabiana Marsaro e Renato Malkov (editores), André Saretto (assist.)

**Gerência de produção editorial:** Ricardo de Gan Braga

**Planejamento e controle de produção:** Paula Godo, Roseli Said e Marcos Toledo

**Revisão:** Hélia de Jesus Gonsaga (ger.), Kátia Scaff Marques (coord.), Rosângela Muricy (coord.), Ana Paula C. Malfa, Diego Carbone, Flavia S. Vênezio, Gabriela M. Andrade, Heloísa Schiavo, Larissa Vazquez, Marília Lima, Maura Loria e Vanessa P. Santos

**Arte:** Daniela Amaral (ger.), Claudio Faustino (coord.), Yong Lee Kim (edição de arte) e Lívia Vitta Ribeiro (edit. arte)

**Iconografia:** Sílvia Klugin (ger.), Denise Durand Kremer (coord.), Thaisi Albarracin Lima (pesquisa iconográfica)

**Licenciamento de conteúdos de terceiros:**

Cristina Akisino (coord.), Liliane Rodrigues (licenciamento de textos), Erika Ramires e Claudia Rodrigues (analistas adm.)

**Design:** Gláucia Correa Koller (ger. e proj. gráfico) e Talita Guedes da Silva (proj. gráfico e capa)

**Ilustração de capa:** ArtefatoZ

---

**Todos os direitos reservados por Editora Ática S.A.**

Avenida das Nações Unidas, 7221, 3º andar, Setor A

Pinheiros – São Paulo – SP – CEP 05425-902

Tel.: 4003-3061

www.atica.com.br / editora@atica.com.br

---

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Pougy, Eliana  
Ápis arte, 4º ano : ensino fundamental, anos  
iniciais / Eliana Pougy, André Vilela. -- 2. ed. --  
São Paulo : Ática, 2017.

Suplementado pelo manual do professor.  
Bibliografia.

ISBN 978-85-08-18815-4 (aluno)

ISBN 978-85-08-18816-1 (professor)

1. Arte (Ensino fundamental) I. Vilela, André.  
II. Título.

17-11326

CDD-372.5

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Arte : Ensino fundamental 372.5

---

**2017**

Código da obra CL 713455

CAE 728791 (AL) / 728749 (PR)

2ª edição

1ª impressão

Atualizado de acordo com a BNCC.



---

Impressão e acabamento

---

# Apresentação

Olá, professor!

Esta coleção busca auxiliá-lo no processo de ensino e aprendizagem em Arte. Para tanto, tem como base o ensino da Arte por meio de projetos de trabalho que respeitam a faixa etária dos estudantes e as culturas infantis, repletos de experimentações artísticas e de leituras e reflexões acerca de obras de arte das diferentes linguagens artísticas, e que resultam em produtos e manifestações artísticas híbridas.

A abordagem contextualizada da coleção privilegia o estudo das artes contemporâneas e das manifestações artísticas tradicionais, uma vez que elas são as formas de arte com as quais mais mantemos contato e, portanto, ajudam a incentivar a pesquisa e a liberdade de expressão ao valorizar a singularidade de cada artista, além de destacar a identidade cultural brasileira e os artistas do país.

Acreditamos que esse diálogo entre as culturas infantis, as artes contemporâneas e as artes tradicionais brasileiras permite um processo de ensino e aprendizagem contextualizado e significativo, além de promover aulas dinâmicas e interessantes, que estimulam a exploração de materiais e de técnicas e convidam à participação dos estudantes.

Aprender arte é um direito de todos os alunos. As aulas de Arte, por esse viés, promovem a inclusão e permitem que cada estudante possa desenvolver a própria forma de expressão, além do respeito pelo próprio trabalho, pelo trabalho dos colegas e também pelo trabalho dos artistas. Dessa forma, ao aprender arte, os estudantes também desenvolvem as chamadas habilidades socioemocionais.

Desejamos a você um bom trabalho e muita, mas muita arte ao longo dos anos iniciais do Ensino Fundamental!

Os autores.

# SUMÁRIO

## Orientações gerais

<b>I. Princípios gerais</b> .....	VI
1. Ensino de Arte e livro didático .....	VII
2. Ensino de Arte e Projeto de Trabalho .....	VIII
Interdisciplinaridade e Projeto de Trabalho .....	IX
Como trabalhar os procedimentos das diversas disciplinas em projetos interdisciplinares . . .	XI
3. Ensino de Arte e a Base Nacional Comum Curricular .....	XI
<b>II. Fundamentos teóricos</b> .....	XVI
1. A Arte-educação baseada na cultura visual .....	XVI
2. Objetivos e didática da Arte-educação baseada na cultura visual .....	XVIII
3. As linguagens artísticas e as crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental .....	XIX
Linguagem visual e audiovisual .....	XIX
O trabalho com a produção midiática .....	XXI
Linguagem da dança .....	XXII
Linguagem musical .....	XXIII
Linguagem teatral .....	XXIV
Linguagens integradas .....	XXV
<b>III. Ambiente de aprendizagem e acesso aos espaços de divulgação cultural</b> . . .	XXV
1. O ambiente de aprendizagem .....	XXV
2. Visitas culturais .....	XXVI
Preparando a visita .....	XXVI
Durante a visita .....	XXVII
Depois da visita .....	XXVII
Comunicando o que foi aprendido .....	XXVII
<b>IV. Avaliação</b> .....	XXVII
1. Sugestão de fichas de acompanhamento do portfólio dos estudantes .....	XXVIII
Consciência da construção de seu percurso em relação aos processos vivenciados nas aulas .....	XXVIII
Pesquisa pessoal .....	XXVIII
Construção de sua postura de aluno na escola .....	XXIX

Troca de experiências e participação em uma situação de partilha . . . . .	XXIX
Produção artística e aprimoramento técnico . . . . .	XXX
Ampliação de repertório . . . . .	XXX
Participação e envolvimento . . . . .	XXX
<b>2. Avaliação das sequências didáticas . . . . .</b>	<b>XXXI</b>
Avaliação inicial . . . . .	XXXI
Avaliação processual. . . . .	XXXI
Avaliação final para o professor . . . . .	XXXII
<b>3. Avaliação do produto final do Projeto de Trabalho . . . . .</b>	<b>XXXII</b>
<b>V. Estrutura geral da coleção . . . . .</b>	<b>XXXIII</b>
1. Seções e boxes da coleção . . . . .	XXXV
2. Principais competências, objetos de conhecimento e habilidades da coleção . . . . .	XXXVII
3. Material Digital do Professor . . . . .	XLV
<b>VI. Referências para aprofundamento do professor . . . . .</b>	<b>XLVI</b>

## Orientações específicas

<b>Unidade 1 – A arte pode unir as pessoas?</b> . . . . .	<b>8</b>
Capítulo 1: Música unindo gerações! . . . . .	14
Capítulo 2: Dançando e festejando! . . . . .	32
<b>Unidade 2 – A arte pode construir lugares?</b> . . . . .	<b>58</b>
Capítulo 3: Expressando um modo de viver e de conviver! . . . . .	64
Capítulo 4: Gravando a diversidade da cidade! . . . . .	82
<b>Bibliografia</b> . . . . .	<b>110</b>



# Orientações gerais

## I. Princípios gerais

A despeito das diversas formas de entender o que é arte e de como se ensina e se aprende arte na escola – todas coerentes com os diferentes momentos históricos em que foram concebidas –, hoje se entende que a disciplina Arte<sup>1</sup> é um *componente curricular obrigatório e que seu objeto de estudo é a arte produzida socialmente, em suas diferentes linguagens* (artes visuais, música, dança, teatro e artes integradas).

Assim, e de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)<sup>2</sup> e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC)<sup>3</sup>, esta coleção entende que a arte é um saber passível de ser ensinado e aprendido, e, também, patrimônio histórico e cultural da humanidade.

Como área do conhecimento, a arte abarca o fazer e o pensamento artísticos, que se caracterizam como um modo particular de dar sentido à vida, pois esse pensamento e esse fazer relacionam-se à *experiência estética* ou à experiência que vivemos ao apreciar e produzir *beleza*.

Beleza é um dos valores que atribuímos às coisas do mundo e tem uma relação direta com aquilo que agrada aos nossos sentidos. Mas isso não quer dizer que o belo é apenas o que é “bonito” ou “correto”. Muitas vezes, algo que não é considerado bonito nem convencionalmente correto pode despertar fortes emoções, como o medo, o asco, a raiva, a revolta ou a tristeza e, conseqüentemente, causar intensas experiências estéticas.

É sempre bom lembrar que o significado que cada pessoa em cada cultura dá à beleza varia; por isso dizemos que é relativo às experiências vividas pelo sujeito e aos valores culturais de dado grupo social. Assim, a arte também pode ser definida como uma forma de conhecimento que se manifesta por meio da experiência cultural.

Durante essas experiências, nos emocionamos e usamos a razão ao mesmo tempo. A arte nos faz usar a razão porque as obras de arte e os produtos culturais trazem consigo um conteúdo, um tema ou um assunto que, por meio das linguagens livres da arte, nos fazem refletir, questionar, colocar em discussão e, muitas vezes, rever valores, atitudes, certezas e conceitos. Por isso, além de mobilizar sensações e afetos, a experiência estética nos leva a conhecer mais sobre nós mesmos, sobre a vida, sobre as diversas áreas do conhecimento e sobre a própria arte.

Os estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental, assim como qualquer um de nós, desde o nascimento fazem parte de determinado universo cultural (familiar, da comunidade, regional, de sua época) e, assim, estão expostos às mais variadas manifestações artísticas. Muitas vezes, convivem com artistas amadores ou profissionais, que fazem parte das artes tradicionais feitas pelo povo, do *design*, do mundo acadêmico, que podem ser membros de suas famílias ou da comunidade em que estão inseridos. Como experimentadoras ousadas, as crianças se expressam artisticamente por meio de linguagens verbais e não verbais, utilizando diferentes materiais, instrumentos e técnicas.

Todo esse contato com a arte, no entanto, não significa que as crianças não precisem aprender mais sobre esse campo na escola. Pelo contrário: o prazer e o conhecimento artísticos e a experiência estética e cultural podem e devem ser cultivados e ampliados pela mediação educativa realizada pela instituição escolar, com o objetivo de desenvolver competências e habilidades relativas a essa área do saber. Por isso, compreendemos que é na escola, e com sua mediação, professor<sup>4</sup>, que os estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental podem conhecer melhor a cultura em que estão inseridos e aprender mais sobre o

<sup>1</sup> Quando se trata do componente curricular, grafa-se Arte; nos demais casos, arte.

<sup>2</sup> BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais*: introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1997a; BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte*. Brasília: MEC/SEF, 1997b.

<sup>3</sup> BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018.

<sup>4</sup> Segundo orientações da Federação de Arte/Educadores do Brasil (Faeb), quem ministra as aulas de Arte nos anos iniciais do Ensino Fundamental são os licenciados em Artes Visuais, Música, Dança e Teatro, para evitar a polivalência. Caso não existam professores especialistas na escola, para cumprir a LDB vigente, quem ministra essas aulas é o professor de sala que, preferencialmente, tenha formação em Arte.



campo expandido da arte, abrindo-se, desse modo, para a produção artística e cultural de outras culturas, de hoje e de outros tempos.

É na escola que os estudantes têm a oportunidade de conhecer, apreciar, criticar, dialogar, refletir e valorizar as diversas culturas e manifestações da arte, abrindo-se para o “diferente”, ao respeitar e valorizar a diversidade.

Como afirma a BNCC:

O componente curricular contribui, ainda, para a interação crítica dos alunos com a complexidade do mundo, além de favorecer o respeito às diferenças e o diálogo intercultural, pluriétnico e plurilíngue, importantes para o exercício da cidadania. A Arte propicia a troca entre culturas e favorece o reconhecimento de semelhanças e diferenças entre elas.

Nesse sentido, as manifestações artísticas não podem ser reduzidas às produções legitimadas pelas instituições culturais e veiculadas pela mídia, tampouco a prática artística pode ser vista como mera aquisição de códigos e técnicas. A aprendizagem de Arte precisa alcançar a experiência e a vivência artísticas como prática social, permitindo que os alunos sejam protagonistas e criadores. <sup>5</sup>

Além disso, é nas aulas de Arte que os estudantes aprendem procedimentos e técnicas construídas socialmente e que permitem a eles se expressarem artisticamente. Isso quer dizer que as manifestações e produções artísticas são fruto de aprendizado sistematizado, que é direito dos estudantes brasileiros.

O grande objetivo das aulas de Arte é, portanto, *promover experiências estéticas e culturais, a fim de desenvolver as competências e habilidades artísticas dos estudantes, ampliar seu repertório acadêmico e cultural e promover uma cidadania participativa, crítica e criativa*. Esse é nosso desafio.

## 1. Ensino de Arte e livro didático

O livro didático de Arte vem sendo construído desde a década de 2000, inicialmente para escolas particulares. Em 2011, passou a integrar as políticas públicas participando do Programa Nacional do Livro Didático para a Educação de Jovens e Adultos (PNLD – EJA), buscando a formação integral dos estudantes das escolas públicas brasileiras e fazendo cumprir a Lei de

Diretrizes Básicas (LDB) 9394/96, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional:

Art. 26. Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos.

§ 2º O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório da educação básica.

§ 6º As artes visuais, a dança, a música e o teatro são as linguagens que constituirão o componente curricular de que trata o § 2º deste artigo.

Depois, a Arte também esteve presente no PNLD 2014 – EJA; PNLD 2015 – Ensino Médio; PNLD 2016 – 4º e 5º ano; PNLD 2017 – 6º a 9º ano; PNLD 2018 – Ensino Médio; e, agora, no PNLD 2019 – 1º a 5º ano, pela primeira vez contemplando também o 1º, 2º e 3º ano, o que reforça a valorização do componente curricular e a importância do livro didático como suporte para as aulas de Arte.

O livro didático é um suporte porque traz uma proposta didático-pedagógica clara, textos de apoio e sugestões de atividade que buscam cumprir o que dispõem as orientações governamentais presentes nos PCN e na BNCC. Além disso, tem o papel de inspirar a prática dos professores, já que traz estruturadas propostas que abarcam o trabalho didático-pedagógico de um segmento completo da educação básica.

Entretanto, ele só é útil e verdadeiramente um suporte à medida que os professores possam dialogar com ele e usar sua autonomia e criatividade na condução das atividades propostas no livro.

Nesse sentido, a coleção traz propostas de trabalho que podem e devem ser ampliadas por você em diálogo com sua realidade local. Por isso, escolhemos projetos temáticos, conteúdos (conceituais, atitudinais e procedimentais) e atividades que buscam desenvolver as competências e as habilidades descritas na BNCC, mas que, ao mesmo tempo, se abrem para a possibilidade de trabalho com outros temas, conteúdos e atividades que podem ser elencados a partir da realidade e do Projeto Político-Pedagógico (PPP) da escola e da rede de ensino de que ela faz parte.

<sup>5</sup> BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. p. 193.

## 2. Ensino de Arte e Projeto de Trabalho

A partir dos princípios explanados anteriormente e das orientações dos PCN e da BNCC, esta coleção organiza o ensino e o estudo dos diferentes campos da arte por meio da investigação e da participação ativa dos estudantes, ou por meio de Projetos de Trabalho:

A prática investigativa constitui o modo de produção e organização dos conhecimentos em Arte. É no percurso do fazer artístico que os alunos criam, experimentam, desenvolvem e percebem uma poética pessoal. Os conhecimentos, processos e técnicas produzidos e acumulados ao longo do tempo em Artes visuais, Dança, Música e Teatro contribuem para a contextualização dos saberes e das práticas artísticas. Eles possibilitam compreender as relações entre tempos e contextos sociais dos sujeitos na sua interação com a arte e a cultura.<sup>6</sup>

Um Projeto de Trabalho se vincula à exploração de *problemas significativos* para os estudantes, mas que, ao mesmo tempo, os aproxima dos saberes escolares. Em outras palavras, um projeto parte de questões consideradas relevantes para os estudantes e também para o desenvolvimento das competências e habilidades específicas da Arte.

Consequentemente, essa questão ou problema tanto pode partir do interesse dos estudantes quanto ser proposto pelo professor<sup>7</sup> que, por sua vez, deve ter em vista o desenvolvimento dessas competências e habilidades a partir de objetivos, conteúdos e propostas de atividades preestabelecidos.

A perspectiva de globalização que se adota na escola, e que se reflete nos Projetos de trabalho, trata de ensinar o aluno a aprender, a encontrar o nexo, a estrutura, o problema que vincula a informação e que permite aprender. Finalidade esta que se pode fazer coincidir com os objetivos finais de cada nível educativo.<sup>8</sup>

Por isso, em primeiro lugar, é necessário que coordenação, professor e estudantes concordem com a escolha de um problema que sirva de *disparador* de

um projeto que, no caso das aulas de Arte, pode estar relacionado a uma inquietação sobre algum assunto ou tópico do campo das artes ou sobre uma questão técnica, artística, estética ou ética a respeito do trabalho de um artista ou grupo de artistas, e também relacionado a temáticas contemporâneas que mobilizam a reflexão e a crítica sobre quem somos hoje.

Em um projeto, diferentemente de outras modalidades organizativas, o professor medeia a escolha do tema, pois ele é quem deve dirigir o “fio condutor” do trabalho, em diálogo com o Projeto Político-Pedagógico da escola e com o universo cultural dos estudantes:

O ponto de partida para a definição de um Projeto de trabalho é a escolha do tema. Em cada nível e etapa da escolaridade, essa escolha adota características diferentes. Os alunos partem de suas experiências anteriores, da informação que têm sobre os Projetos já realizados ou em processo de elaboração por outras classes. Essa informação se torna pública num painel situado na entrada da escola (com isso, as famílias também estão cientes). Dessa forma, o tema pode pertencer ao currículo oficial, proceder de uma experiência comum (como os acampamentos), originar-se de um fato da atualidade, surgir de um problema proposto pela professora ou emergir de uma questão que ficou pendente em outro Projeto.

[...]

O critério de escolha de um tema pela turma não se baseia num “porque gostamos”, e sim em sua relação com os trabalhos e temas precedentes, porque permite estabelecer novas formas de conexão com a informação e a elaboração de hipóteses de trabalho, que guiem a organização da ação. Na Etapa Inicial, uma função primordial do docente é mostrar ao grupo ou fazê-lo descobrir as possibilidades do Projeto proposto (o que se pode conhecer), para superar o sentido de querer conhecer o que já sabem.<sup>9</sup>

A obra em questão propõe temas geradores que foram pensados na especificidade da infância, tais como a integração das linguagens artísticas e a brincadeira. O professor, como ser autônomo e conhecedor da turma, poderá propor, e abrir espaço para que os

<sup>6</sup> BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. p.193.

<sup>7</sup> Paulo Freire, importante educador brasileiro, também propõe essa abordagem metodológica em *Educação como prática da liberdade* (1986).

<sup>8</sup> HERNÁNDEZ, Fernando; VENTURA, Montserrat. *A organização do currículo por projetos de trabalho*. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2017. p. 66.

<sup>9</sup> Idem, *ibidem*, p. 67.

alunos também proponham, vetores de interesse que estejam na mesma direção dos temas geradores propostos ao longo da obra ou paralelos a eles.

Definidos o tema e a questão disparadora, tornam-se necessários o estudo sistematizado e a pesquisa, a fim de buscar respostas e soluções para o problema e, também, que as crianças organizem as informações, descobrindo a relação entre elas. Para tanto, é preciso que elas vivam situações de simulação de decisões, estabeleçam relações ou infiram novos problemas.

Por isso, em um projeto não interessa só a localização de respostas, mas, principalmente, entender o significado e a pertinência delas, aplicando-as em vivências diversas presentes em diferentes modos de ensinar e aprender, como aulas expositivas, debates, apresentações, oficinas, trabalhos em grupo e individuais, visitas culturais, etc.

Quando trabalhamos com projetos, é muito importante que os estudantes apresentem sua pesquisa em forma de seminário. Mesmo no trabalho com os estudantes dos três primeiros anos do Ensino Fundamental, é possível e recomendável que eles tenham a oportunidade de apresentar para a turma o que descobriram. O importante é que, aos poucos, eles se acostumem com a divulgação do que pesquisaram, e que essa atividade não fique restrita a um texto que apenas vai ser corrigido pelo professor e devolvido a eles.

Além disso, o aprendizado e a compreensão por parte dos estudantes precisam se dar por meio de atividades diversas que englobam as dimensões do conhecimento artístico, como fruição, leitura de textos e obras de arte, pesquisa, reflexão, crítica, estesia, expressão e criação, mas sempre de modo dialógico e participativo.

Conseqüentemente, ao longo de um Projeto de Trabalho, os estudantes acabam por produzir diversos e valiosos produtos e instrumentos de avaliação do seu aprendizado, que auxiliam o professor a desvendar o que eles descobriram, que dúvidas surgiram, as dificuldades e os sucessos de cada um, entre outros aspectos. Isso permite que o professor participe ativamente do processo, indicando fontes de pesquisa, avaliando cada etapa do trabalho e mantendo uma postura de participação e envolvimento.

Ao final do projeto, deve acontecer uma produção que sintetize o conhecimento aprendido e exponha para a comunidade escolar esse aprendizado. Esse produto, no caso das aulas de Arte, pode ser a criação e produção de obras de arte e sua exposição/divulgação,

de modo que elas sintetizem o aprendizado e expressem o que os estudantes vivenciaram.

A partir desse primeiro projeto, outros problemas, questões e temas surgirão. Nesse sentido, o professor consegue construir um currículo vivo e interessante, além de integrado às orientações curriculares da escola, da rede de ensino e do Estado.

O Projeto de Trabalho é uma situação de aprendizagem em que os estudantes participam ativamente, pois buscam respostas às suas dúvidas em parceria com o professor, ou de forma coletiva. Em outras palavras, ao participar das diferentes fases e atividades de um projeto, os alunos desenvolvem a consciência de seu próprio processo de aprendizado, ou seja, aprendem a aprender.

## Interdisciplinaridade e Projeto de Trabalho

Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica (Parecer CNE/CEB nº 7/2010 e Resolução CNE/CEB nº 4/2010), a interdisciplinaridade é recomendada no trabalho escolar, pois facilita o exercício da *transversalidade*, ou o modo de organizar o currículo por meio de temas transversais. A articulação dos conhecimentos é um dos objetivos deste modo de organizar o currículo, pois permite romper com a forma rígida de trabalhar com os conteúdos escolares.

Nesse sentido, ao realizar um Projeto de Trabalho, o professor tem a oportunidade de fazer os estudantes entenderem que determinado conhecimento não é exclusividade de determinada disciplina, isto é, que esse conhecimento transita entre diferentes modos de entender e explicar a vida, e pode, inclusive, fazer parte de outras disciplinas, o que abre espaço para trabalhos interdisciplinares.

Segundo Fernando Hernández<sup>10</sup>, para realizar projetos interdisciplinares, é importante que o professor integre conteúdos e desenvolva habilidades de vários componentes curriculares em um mesmo projeto, reconhecendo a curiosidade das crianças, estimulando suas questões e as possíveis relações que elas mesmas são capazes de fazer sobre as conexões entre os saberes. Portanto, a organização do currículo por Projetos de Trabalho permite que a interdisciplinaridade entre as linguagens artísticas e entre a Arte e os outros componentes curriculares aconteça, pois eles não se esgotam em seus conteúdos iniciais: os conteúdos dos diferentes componentes curriculares podem e devem ser trabalhados ao mesmo tempo.

Além disso, a BNCC afirma que:

<sup>10</sup> HERNÁNDEZ, Fernando; VENTURA, Montserrat. *A organização do currículo por projetos de trabalho*. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2017.

[...] cabe aos sistemas e redes de ensino, assim como às escolas, em suas respectivas esferas de autonomia e competência, incorporar aos currículos e às propostas pedagógicas a abordagem de temas contemporâneos que afetam a vida humana em escala local, regional e global, preferencialmente de forma transversal e integradora. Entre esses temas, destacam-se: direitos da criança e do adolescente (Lei nº 8.069/1990), educação para o trânsito (Lei nº 9.503/1997), educação ambiental (Lei nº 9.795/1999, Parecer CNE/CP nº 14/2012 e Resolução CNE/CP nº 2/2012), educação alimentar e nutricional (Lei nº 11.947/2009), processo de envelhecimento, respeito e valorização do idoso (Lei nº 10.741/2003), educação em direitos humanos (Decreto nº 7.037/2009, Parecer CNE/CP nº 3/2004 e Resolução CNE/CP nº 1/2012), educação das relações étnico-raciais e ensino de história e cultura afro-brasileira, africana e indígena (Leis nº 10.639/2003 e 11.645/2008, Parecer CNE/CP nº 3/2004 e Resolução CNE/CP nº 1/2004), bem como saúde, vida

familiar e social, educação para o consumo, educação financeira e fiscal, trabalho, ciência e tecnologia e diversidade cultural (Parecer CNE/CEB nº 11/2010 e Resolução CNE/CEB nº 7/2010). Na BNCC, essas temáticas são contempladas em habilidades dos componentes curriculares, cabendo aos sistemas de ensino e escolas, de acordo com suas especificidades, tratá-las de forma contextualizada<sup>11</sup>.

Assim, os conteúdos e procedimentos específicos de cada uma das linguagens artísticas e alguns dos conteúdos das outras disciplinas dos anos iniciais do Ensino Fundamental estão contemplados em cada uma das unidades da coleção, conforme o tema contemporâneo presente em cada projeto. Acreditamos que essa abertura para a interdisciplinaridade poderá despertar em você, professor, a vontade de experimentar e trazer mais conteúdo de outras disciplinas para cada projeto.

A seguir, apresentamos a organização dos temas, linguagens e disciplinas participantes de cada unidade/projeto da coleção:

Volume	Unidade	Tema	Linguagens	Disciplinas
1ª	1	<ul style="list-style-type: none"> <li>Trabalho, ciência e tecnologia</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Artes visuais – Desenho</li> <li>Música – Paisagem sonora</li> <li>Artes integradas – Desenho animado</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Arte</li> <li>Matemática</li> <li>Geografia</li> </ul>
	2	<ul style="list-style-type: none"> <li>Direitos da criança e do adolescente</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Dança – Dança contemporânea</li> <li>Teatro – Pantomima literária</li> <li>Artes integradas – Filme documentário</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Arte</li> <li>Matemática</li> <li>Geografia</li> </ul>
2ª	1	<ul style="list-style-type: none"> <li>Educação ambiental</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Teatro – Teatro de objetos</li> <li>Dança – Dança contemporânea</li> <li>Artes integradas – Intervenção</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Arte</li> <li>Ciências</li> <li>Geografia</li> </ul>
	2	<ul style="list-style-type: none"> <li>Vida familiar e social</li> <li>Educação para o consumo</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Artes visuais – Escultura</li> <li>Música – Música de concerto</li> <li>Artes integradas – Exposição</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Arte</li> <li>História</li> <li>Ciências</li> </ul>
3ª	1	<ul style="list-style-type: none"> <li>Educação ambiental</li> <li>Educação para o consumo</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Artes visuais – Assemblagem e fotografia</li> <li>Música – Música experimental</li> <li>Artes integradas – Plástica sonora</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Arte</li> <li>Geografia</li> <li>Ciências</li> </ul>
	2	<ul style="list-style-type: none"> <li>Saúde</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Teatro – Teatro de rua</li> <li>Dança – Dança aérea</li> <li>Artes integradas – Palhaçaria</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Arte</li> <li>Língua Portuguesa</li> <li>Educação Física</li> </ul>
4ª	1	<ul style="list-style-type: none"> <li>Diversidade cultural</li> <li>Respeito e valorização do idoso</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Música – Música tradicional brasileira</li> <li>Dança – Danças afro-brasileiras</li> <li>Artes integradas – Festejo brasileiro</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Arte</li> <li>Língua Portuguesa</li> <li>Geografia</li> </ul>
	2	<ul style="list-style-type: none"> <li>Diversidade cultural</li> <li>Vida familiar e social</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Teatro – Contação de histórias</li> <li>Artes visuais – Gravura e relevo</li> <li>Artes integradas – Instalação interativa</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Arte</li> <li>Geografia</li> <li>História</li> </ul>

<sup>11</sup> BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. p. 19-20.

5º	1	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Diversidade cultural</li> <li>• Educação em direitos humanos</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Música – Música indígena</li> <li>• Artes visuais – Pintura</li> <li>• Artes integradas – Festejo brasileiro</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Arte</li> <li>• Geografia</li> <li>• Matemática</li> </ul>
	2	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Diversidade cultural</li> <li>• Educação em direitos humanos</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Dança – Danças africanas</li> <li>• Teatro – Mamulengo</li> <li>• Artes integradas – Filme em <i>stop-motion</i></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Arte</li> <li>• Língua Portuguesa</li> <li>• História</li> </ul>

### Como trabalhar os procedimentos das diversas disciplinas em projetos interdisciplinares

Quando falamos em projetos interdisciplinares, é preciso organizar o trabalho escolar de modo que os estudantes aprendam os diversos procedimentos das diferentes disciplinas, e não apenas os seus conteúdos abstratos. Nesse sentido, os Projetos de Trabalho concordam com a Pedagogia Ativa e dela obtêm seu saber pedagógico e sua prática didática.

Foi com John Dewey e outros representantes dessa pedagogia, como Maria Montessori, Célestin Freinet, Jean-Ovide Decroly, Anísio Teixeira, entre outros, que se valorizou a aprendizagem do aluno não só por meio de aulas expositivas, mas principalmente pela prática e pelo estudo do meio em que ele participa.

Nessa forma de entender o processo de ensino-aprendizagem, o professor organiza e coordena situações de aprendizagem em espaços variados, e não apenas expõe conteúdos aos alunos em sala de aula.

A grande justificativa para esse tipo de didática é que cada disciplina possui um lugar e uma ação no espaço social: a Educação Física é praticada em quadras e espaços abertos e naturais; a Língua Portuguesa, as Línguas Estrangeiras, a História e a Geografia são pesquisadas e pensadas em salas de aula, bibliotecas com computadores ligados à internet, filmotecas e bancos de imagens; as Ciências da Natureza operam em laboratórios de ciências e em meio à natureza; a Arte ocupa ateliês, teatros, estúdios, discotecas e espaços de divulgação cultural; a Matemática é formulada em salas de aula e em laboratórios, e assim por diante.

Esses locais são específicos, pois permitem colocar em prática os conceitos e as teorias de cada área do saber, ou seja, mantêm e renovam procedimentos específicos e singulares que se ensinam e que se aprendem de geração em geração.

Na escola, sobretudo nos anos iniciais do Ensino Fundamental, as práticas específicas são muito relevantes, pois é a partir do concreto que as crianças até 10 anos aprendem. Em outras palavras, sem experimentar procedimentos, elas não conseguem assimilar<sup>12</sup> os con-

teúdos completamente. Por exemplo: quando se ensina e se aprende sobre os seres vivos, é importante entrar em contato com os animais em seu *habitat*; quando se ensina e se aprende sobre as artes visuais, é importante o acesso ao ateliê de artistas e também a museus de arte.

Assim, ao planejar projetos interdisciplinares, além de elencar os conteúdos que se relacionam, o professor precisa planejar atividades práticas próprias de cada área do saber. Dessa forma, o estudante pode experimentar as diferentes formas de pensar e agir sobre um mesmo objeto de estudo.

Cada capítulo da presente coleção, de acordo com a BNCC, apresenta objetos do conhecimento e as respectivas habilidades de alguns componentes curriculares que podem ser unidas em projetos interdisciplinares. Cabe a você, professor, buscar os procedimentos dessas disciplinas, em livros didáticos ou em outras fontes, de modo a promover experiências de aprendizagem integradas aos estudantes.

### 3. Ensino de Arte e a Base Nacional Comum Curricular

A Base Nacional Comum Curricular é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica.

O documento baseia-se nos princípios éticos, políticos e estéticos ditados pelas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN) e visa a uma educação para a formação humana integral e para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

Assim, os estudantes do Ensino Fundamental brasileiro devem desenvolver as seguintes competências gerais:

1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

<sup>12</sup> PIAGET, Jean. *O juízo moral da criança*. 4. ed. São Paulo: Summus, 1994.

2. Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.
3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.
5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.
6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.
7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.
8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.
9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.
10. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.<sup>13</sup>

Segundo a BNCC, é por meio das linguagens que os indivíduos interagem consigo mesmos e com os outros, configurando-se como sujeitos sociais. As diferentes linguagens são responsáveis por mediar as práticas sociais que, por sua vez, constituem o espaço de realização das atividades humanas. Esse entendimento leva à conclusão de que os conhecimentos humanos são sempre construídos por formas de linguagem, uma vez que são fruto das interações sociais.

Nesse sentido, o processo de ensino e aprendizagem das linguagens na escola deve:

[...] possibilitar aos estudantes participar de práticas de linguagem diversificadas, que lhes permitam ampliar suas capacidades expressivas em manifestações artísticas, corporais e linguísticas, como também seus conhecimentos sobre essas linguagens, em continuidade às experiências vividas na Educação Infantil.<sup>14</sup>

Na BNCC, a área de conhecimento Linguagens é composta dos seguintes componentes curriculares: Língua Portuguesa, Arte, Educação Física e, no Ensino Fundamental – Anos Finais, Língua Inglesa.

Ao longo dos anos iniciais do Ensino Fundamental, as disciplinas da área de Linguagens organizam suas aprendizagens com o objetivo de levar o estudante à compreensão de que cada linguagem tem suas especificidades, sem deixar de observar que fazem parte de um todo, e de que as linguagens são construções sociais em constante transformação.

Nesse sentido, os estudantes do Ensino Fundamental brasileiro devem desenvolver as seguintes competências específicas de Linguagens:

<sup>13</sup> BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. p. 9-10.

<sup>14</sup> Ibidem, p. 63.

1. Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais.
2. Conhecer e explorar diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) em diferentes campos da atividade humana para continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades de participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.
3. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao diálogo, à resolução de conflitos e à cooperação.
4. Utilizar diferentes linguagens para defender pontos de vista que respeitem o outro e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, atuando criticamente frente a questões do mundo contemporâneo.
5. Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.
6. Compreender e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares), para se comunicar por meio das diferentes linguagens e mídias, produzir conhecimentos, resolver problemas e desenvolver projetos autorais e coletivos.<sup>15</sup>

A BNCC entende a Arte como área do conhecimento e propõe o estudo centrado em quatro linguagens: *Artes visuais, Dança, Música, Teatro*, além da exploração das relações e articulações entre elas por meio das *Artes Integradas*.

[...] o componente Arte no Ensino Fundamental articula manifestações culturais de tempos e espaços diversos, incluindo o entorno artístico dos alunos e as produções artísticas e culturais que lhes são contemporâneas. Do ponto de vista histórico,

social e político, propicia a eles o entendimento dos costumes e dos valores constituintes das culturas, manifestados em seus processos e produtos artísticos, o que contribui para sua formação integral.<sup>16</sup>

Além disso, as cinco dimensões da área (criação, crítica, estesia, expressão, fruição e reflexão) devem ser trabalhadas em todas as linguagens artísticas.

Assim, os estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental brasileiro devem desenvolver as seguintes competências específicas de Arte:

1. Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, dos povos indígenas, das comunidades tradicionais brasileiras e de diversas sociedades, em distintos tempos e espaços, para reconhecer a arte como um fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos e dialogar com as diversidades.
2. Compreender as relações entre as linguagens da Arte e suas práticas integradas, inclusive aquelas possibilitadas pelo uso das novas tecnologias de informação e comunicação, pelo cinema e pelo audiovisual, nas condições particulares de produção, na prática de cada linguagem e nas suas articulações.
3. Pesquisar e conhecer distintas matrizes estéticas e culturais – especialmente aquelas manifestas na arte e nas culturas que constituem a identidade brasileira –, sua tradição e manifestações contemporâneas, reelaborando-as nas criações em Arte.
4. Experimentar a ludicidade, a percepção, a expressividade e a imaginação, resignificando espaços da escola e de fora dela no âmbito da Arte.
5. Mobilizar recursos tecnológicos como formas de registro, pesquisa e criação artística.
6. Estabelecer relações entre arte, mídia, mercado e consumo, compreendendo, de forma crítica e problematizadora, modos de produção e de circulação da arte na sociedade.
7. Problematizar questões políticas, sociais, econômicas, científicas, tecnológicas e culturais, por meio de exercícios, produções, intervenções e apresentações artísticas.
8. Desenvolver a autonomia, a crítica, a autoria e o trabalho coletivo e colaborativo nas artes.
9. Analisar e valorizar o patrimônio artístico nacional e internacional, material e imaterial, com suas histórias e diferentes visões de mundo.<sup>17</sup>

<sup>15</sup> BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. p. 65.

<sup>16</sup> Ibidem, p.196-197.

<sup>17</sup> Ibidem, p.198.

Para garantir o desenvolvimento dessas competências específicas, o componente curricular Arte apresenta este conjunto de habilidades para o 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental:

## Artes visuais

Objetos de conhecimento	Habilidades
<b>Contextos e práticas</b>	<b>(EF15AR01)</b> Identificar e apreciar formas distintas das artes visuais tradicionais e contemporâneas, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético.
<b>Elementos da linguagem</b>	<b>(EF15AR02)</b> Explorar e reconhecer elementos constitutivos das artes visuais (ponto, linha, forma, cor, espaço, movimento etc.).
<b>Matrizes estéticas e culturais</b>	<b>(EF15AR03)</b> Reconhecer e analisar a influência de distintas matrizes estéticas e culturais das artes visuais nas manifestações artísticas das culturas locais, regionais e nacionais.
<b>Materialidades</b>	<b>(EF15AR04)</b> Experimentar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia etc.), fazendo uso sustentável de materiais, instrumentos, recursos e técnicas convencionais e não convencionais.
<b>Processos de criação</b>	<b>(EF15AR05)</b> Experimentar a criação em artes visuais de modo individual, coletivo e colaborativo, explorando diferentes espaços da escola e da comunidade. <b>(EF15AR06)</b> Dialogar sobre a sua criação e as dos colegas, para alcançar sentidos plurais.
<b>Sistemas da linguagem</b>	<b>(EF15AR07)</b> Reconhecer algumas categorias do sistema das artes visuais (museus, galerias, instituições, artistas, artesãos, curadores etc.).

## Dança

Objetos de conhecimento	Habilidades
<b>Contextos e práticas</b>	<b>(EF15AR08)</b> Experimentar e apreciar formas distintas de manifestações da dança presentes em diferentes contextos, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório corporal.
<b>Elementos da linguagem</b>	<b>(EF15AR09)</b> Estabelecer relações entre as partes do corpo e destas com o todo corporal na construção do movimento dançado. <b>(EF15AR10)</b> Experimentar diferentes formas de orientação no espaço (deslocamentos, planos, direções, caminhos etc.) e ritmos de movimento (lento, moderado e rápido) na construção do movimento dançado.
<b>Processos de criação</b>	<b>(EF15AR11)</b> Criar e improvisar movimentos dançados de modo individual, coletivo e colaborativo, considerando os aspectos estruturais, dinâmicos e expressivos dos elementos constitutivos do movimento, com base nos códigos de dança. <b>(EF15AR12)</b> Discutir, com respeito e sem preconceito, as experiências pessoais e coletivas em dança vivenciadas na escola, como fonte para a construção de vocabulários e repertórios próprios.

## Música

Objetos de conhecimento	Habilidades
<b>Contextos e práticas</b>	<b>(EF15AR13)</b> Identificar e apreciar criticamente diversas formas e gêneros de expressão musical, reconhecendo e analisando os usos e as funções da música em diversos contextos de circulação, em especial, aqueles da vida cotidiana.



<b>Elementos da linguagem</b>	<b>(EF15AR14)</b> Perceber e explorar os elementos constitutivos da música (altura, intensidade, timbre, melodia, ritmo etc.), por meio de jogos, brincadeiras, canções e práticas diversas de composição/criação, execução e apreciação musical.
<b>Materialidades</b>	<b>(EF15AR15)</b> Explorar fontes sonoras diversas, como as existentes no próprio corpo (palmas, voz, percussão corporal), na natureza e em objetos cotidianos, reconhecendo os elementos constitutivos da música e as características de instrumentos musicais variados.
<b>Notação e registro musical</b>	<b>(EF15AR16)</b> Explorar diferentes formas de registro musical não convencional (representação gráfica de sons, partituras criativas etc.), bem como procedimentos e técnicas de registro em áudio e audiovisual, e reconhecer a notação musical convencional.
<b>Processos de criação</b>	<b>(EF15AR17)</b> Experimentar improvisações, composições e sonorização de histórias, entre outros, utilizando vozes, sons corporais e/ou instrumentos musicais convencionais ou não convencionais, de modo individual, coletivo e colaborativo.

## Teatro

Objetos de conhecimento	Habilidades
<b>Contextos e práticas</b>	<b>(EF15AR18)</b> Reconhecer e apreciar formas distintas de manifestações do teatro presentes em diferentes contextos, aprendendo a ver e a ouvir histórias dramatizadas e cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório ficcional.
<b>Elementos da linguagem</b>	<b>(EF15AR19)</b> Descobrir teatralidades na vida cotidiana, identificando elementos teatrais (variadas entonações de voz, diferentes fisicalidades, diversidade de personagens e narrativas etc.).
<b>Processos de criação</b>	<p><b>(EF15AR20)</b> Experimentar o trabalho colaborativo, coletivo e autoral em improvisações teatrais e processos narrativos criativos em teatro, explorando desde a teatralidade dos gestos e das ações do cotidiano até elementos de diferentes matrizes estéticas e culturais.</p> <p><b>(EF15AR21)</b> Exercitar a imitação e o faz de conta, ressignificando objetos e fatos e experimentando-se no lugar do outro, ao compor e encenar acontecimentos cênicos, por meio de músicas, imagens, textos ou outros pontos de partida, de forma intencional e reflexiva.</p> <p><b>(EF15AR22)</b> Experimentar possibilidades criativas de movimento e de voz na criação de um personagem teatral, discutindo estereótipos.</p>

## Artes integradas

Objetos de conhecimento	Habilidades
<b>Processos de criação</b>	<b>(EF15AR23)</b> Reconhecer e experimentar, em projetos temáticos, as relações processuais entre diversas linguagens artísticas.
<b>Matrizes estéticas e culturais</b>	<b>(EF15AR24)</b> Caracterizar e experimentar brinquedos, brincadeiras, jogos, danças, canções e histórias de diferentes matrizes estéticas e culturais.
<b>Patrimônio cultural</b>	<b>(EF15AR25)</b> Conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo-se suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas.
<b>Arte e tecnologia</b>	<b>(EF15AR26)</b> Explorar diferentes tecnologias e recursos digitais (multimeios, animações, jogos eletrônicos, gravações em áudio e vídeo, fotografia, softwares etc.) nos processos de criação artística.

## II. Fundamentos teóricos

### 1. A Arte-educação baseada na cultura visual

Esta coleção busca seu referencial teórico na *Arte-educação baseada na cultura visual*. Essa abordagem, que foi sendo construída ao longo do século XX e que possui forte influência do pensamento antropológico e pedagógico brasileiros, entende que a arte e a educação podem auxiliar na compreensão das diferentes culturas visuais, ou das diversas culturas que organizam e regulam a percepção visual, as funções da visão e os seus usos.

A Arte-educação baseada na cultura visual tem respaldo nos *Estudos Culturais*, um campo de estudos interdisciplinares que envolve diversas áreas do saber, como a Antropologia, a Comunicação Social, a Arte, a Literatura, as Ciências Sociais, entre outras. Em seu artigo “A cultura visual antes da cultura visual”<sup>18</sup>, Ana Mae Barbosa, importante arte-educadora brasileira, enfoca a importância do pensamento brasileiro para a construção dessa abordagem crítica, em especial a contribuição do antropólogo brasileiro Gilberto Freyre.

Freyre sempre se interessou pelas artes visuais e pela iconografia como documentos históricos e importantes fontes de contextualização para pensar os jogos de poder presentes em nossa sociedade. Um exemplo disso são as pinturas que ele utilizou como fonte de análise das relações de poder entre as diferentes classes sociais brasileiras em seus livros.

Para os Estudos Culturais, cultura é a produção e a troca de significados entre membros de determinados grupos sociais, significados esses que podem estar presentes nas conversas do dia a dia, nas teorias mais elaboradas dos intelectuais, na arte acadêmica, na TV ou nos festejos populares. Mas a cultura não é somente essa multiplicidade de manifestações e produções culturais, entre elas, as artísticas. Ela é, também, um campo de conflitos e de negociação para a validação de significados dados a essas manifestações e produções.

Esses conflitos, negociações e validações acontecem tanto no âmbito das linguagens quanto no das práticas sociais, ou seja, os seres humanos agem, pensam e se expressam de forma a validar, ou até mesmo impor, significados preconcebidos para modos de pensar, agir, desejar. A isso chamamos de controle das subjetividades. Esse controle acontece porque a fonte

geradora de sentidos parte tanto de instâncias individuais quanto coletivas, engendradas em jogos de poder e de linguagem.

Outro referencial importante para os Estudos Culturais é o educador brasileiro Paulo Freire. Em sua obra *Pedagogia do oprimido*<sup>19</sup>, Paulo Freire afirma que é possível que professores e estudantes de diferentes grupos culturais estabeleçam uma relação dialógico-dialética em que todos aprendam juntos. Em seu texto, ele propõe um método de ensino em que a palavra escrita deve ser vista como fruto da experiência vivida e da leitura de mundo dos estudantes. Nesse sentido, ela deve ser vista como geradora de problemas, ou como uma palavra-geradora. Segundo Paulo Freire, as palavras-geradoras precisam ser objetivadas ou vistas a distância, para, então, serem codificadas e “descodificadas” pelos estudantes com a mediação do professor. É nesse processo de objetivação, codificação e descodificação da palavra-geradora que a experiência vivida ganha sentido e uma nova leitura de mundo se estabelece. Por isso, alfabetização, para Paulo Freire, é significação produzida pela práxis.

Para tanto, é imprescindível que professores e estudantes encontrem-se naquilo que Freire chamou de *Círculo de Cultura*, pois é nesse círculo que acontece o diálogo autêntico e a síntese cultural – ou o reconhecimento do outro e o reconhecimento de si, no outro. Segundo Freire, é somente em um círculo de cultura que é possível a educação como prática da liberdade e é somente em um círculo de cultura que o mundo pode ser relido em profundidade crítica. Esse círculo, entretanto, não é um local tranquilo, controlado, pois as consciências são comunicantes e comunicam-se na oposição.

Em seu trabalho, Paulo Freire também destacou a importância de se praticar, na escola, o respeito pelo repertório cultural dos estudantes sem negar, entretanto, a importância do processo de ensino e aprendizagem do conhecimento historicamente constituído. Segundo o educador, a alfabetização deve ser a porta de entrada para os saberes antes apenas relegados à elite. E, para aprendê-los, faz-se necessário superar a curiosidade ingênua e instaurar a curiosidade epistemológica, pois é ela que garante uma consciência transformadora. É preciso, portanto, que a escola alfabetize, e que, também, leve os estudantes a pesquisar, buscar fontes, refletir, comunicar suas descobertas, estudar, enfim, estar sempre em diálogo com o professor.

<sup>18</sup> BARBOSA, Ana Mae. A cultura visual antes da cultura visual. *Educação*, Porto Alegre, v. 34, n. 3, p. 293-301, set./dez. 2011.

<sup>19</sup> FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

A influência de Paulo Freire nos Estudos Culturais permitiu que uma nova forma de educar e de ensinar arte ganhasse espaço.

Um dos mais influentes educadores da Cultura Visual é o espanhol Fernando Hernández, que tem como referências Paulo Freire e John Dewey<sup>20</sup>. Em seu livro *Cultura visual, mudança educativa e projetos de trabalho*<sup>21</sup>, Hernández afirma que:

[...] a compreensão da cultura visual implica em aproximar-se de todas as imagens, de todas as culturas com um olhar investigativo, capaz de interpretar(-se) e dar respostas ao que acontece ao mundo em que vivemos. Vincular a educação à cultura visual pode ser a conexão para nos religar no caminho para se ensinar tudo aquilo que se pode aprender nesse cruzamento de saberes que é a arte e conectar o que se ensina e o que se aprende na escola com o que acontece além dos seus muros.

No Brasil, ao longo do século XX, a preocupação por um ensino de Arte crítico e dialógico manifestou-se desde a década de 1950. Nas Escolinhas de Arte do Brasil (EAB), criadas por Augusto Rodrigues, as aulas saíam dos muros da escola e alcançavam a cidade, estimulando a pesquisa e a participação de todos.

Tendo em vista a construção de pesquisas artísticas e educacionais, que buscavam verificar de que forma a Arte colabora não só para o desenvolvimento da capacidade criadora e expressiva dos estudantes, mas também para a sua autonomia e participação na sociedade, ou seja, para a sua cidadania consciente e crítica, Ana Mae Barbosa buscou inspiração em sua experiência de trabalho e formação com Paulo Freire, além da abordagem do ensino de arte concebida nos Estados Unidos, a *Discipline Based Art-Education* (Arte-educação baseada na Disciplina), as *Escuelas al Aire Libre* (Escolas ao ar livre) mexicanas e o *Critical Studies* (Estudos críticos) inglês<sup>22</sup>.

A Arte-educação baseada na disciplina tratava de forma integrada a história da arte, a crítica, a estética e a produção. Essa concepção previa a superação da autoexpressão criativa e do tecnicismo, resgatando um conteúdo específico em artes, com foco no desenvolvimento do pensamento artístico e estético.

No Brasil, essa proposta sofreu uma adaptação desenvolvida por Ana Mae Barbosa a partir de sua convivência e experiência profissional com Paulo Freire e de sua formação pedagógica crítica: uniram-se as vertentes da crítica e da estética na dimensão “leitura da imagem”. Essa forma de entender o processo de ensino e aprendizagem foi denominada *Abordagem Triangular*, pois orienta que o processo de ensino e aprendizagem da arte se dê em três eixos: leitura, produção e contextualização.

Além das EAB e Ana Mae Barbosa, pode-se destacar o trabalho de Noêmia Varela, Mariazinha Fusari, Analice Dutra Pillar, Ivone Richter, Maria Helena Rossi, entre outras arte-educadoras que, com suas pesquisas, vêm destacando a importância do estudo e do ensino da arte para além da História da Arte.

A Arte-educação baseada na cultura visual e a Abordagem Triangular dialogam e se complementam, como afirma Raimundo Martins<sup>23</sup>:

São muitas as maneiras de aprender e ensinar, muitas as infâncias, adolescências e identidades. Nenhuma abordagem pedagógica por si é capaz de dar conta dessa multiplicidade e riqueza.

[...]

Abordagens pedagógicas não devem ser exclusivas. Elas se justificam ao atender necessidades de aprendizagem ajudando estudantes a desenvolver uma visão crítica de significados culturais e artísticos, de valores e práticas sociais. A cultura visual é inclusiva e, ao contrário de concepções modernistas com ênfase excessiva nas belas artes, trabalha com imagens do cotidiano – filmicas, de publicidade, ficção, informação etc. As tecnologias fazem proliferar depoimentos, versões e formas abertas de interação, impactando a produção de subjetividades de alunos e professores.

Por isso, a Arte-educação baseada na cultura visual visa desenvolver um olhar sensível, um pensamento reflexivo e contextualizado e, também, um fazer artístico e a construção de uma autoria significativos, frutos de uma ação discente participativa e crítica. Sendo assim, orientamos a produção da presente coleção por esses fundamentos.

<sup>20</sup> Para Dewey, filósofo estadunidense, o conhecimento é construído por consensos que resultam de discussões coletivas, da cooperação e do autogoverno dos estudantes.

<sup>21</sup> HERNÁNDEZ, Fernando. *Cultura visual, mudança educativa e projetos de trabalho*. Porto Alegre: Artmed, 2000. p. 51.

<sup>22</sup> BARBOSA, Ana Mae. *Tópicos utópicos*. Belo Horizonte: C/Arte, 1998. p. 33-34.

<sup>23</sup> MARTINS, Raimundo. Abordagem Triangular e Cultura Visual: possibilidades no ensino da arte complementares ou excludentes? *Boletim Arte na Escola*, São Paulo, edição 76, maio/jun. 2015. Disponível em: <<http://artenaescola.org.br/boletim/materia.php?id=75450>>. Acesso em: 2 set. 2017.

## 2. Objetivos e didática da Arte-educação baseada na cultura visual

A Arte-educação baseada na cultura visual afirma que vivemos em um mundo em que a imagem, estática ou em movimento, acompanhada ou não de sons e música, ou as *visualidades*, estão por toda parte, criando desejos, verdades e sonhos. Para Mitchell<sup>24</sup>, um dos teóricos da cultura visual, essa forma de cultura baseada na imagem inclui a relação com todos os outros sentidos e linguagens. Nesse sentido, as outras formas de arte, como a música, o teatro e a dança, vêm ganhando uma expressão audiovisual muito forte e, por conta do intenso desenvolvimento das tecnologias de comunicação e informação, irreversível.

Segundo Mirzoeff, estudar a cultura visual nos leva a compreender a vida contemporânea. Para ele, compreendê-la é uma:

[...] tática para estudar a genealogia, a definição e as funções da vida cotidiana pós-moderna a partir da perspectiva do consumidor, mais que do produtor. [A cultura visual] é um lugar sempre desafiante de interação social e definição em termos de classe, gênero, identidade sexual e racial.<sup>25</sup>

As imagens, para a cultura visual, são entendidas como mediadoras de valores culturais e caracterizam-se por trazerem metáforas que, por sua vez, surgem da necessidade de construção de significados tipicamente humana e social. Por isso, uma das finalidades da educação baseada na cultura visual é reconhecer as diferentes metáforas, valorizá-las e, assim, estimular a produção de novas metáforas.

Nesse sentido, a Arte-educação baseada na cultura visual busca dirigir o olhar dos estudantes para uma sensibilidade e crítica apuradas ao permitir que se sintam capazes de produzir, conhecer e apreciar arte, de conhecer as histórias das artes e a história da vida dos diferentes artistas.

Por isso, o uso do livro didático pode ser um excelente apoio para a educação para a cultura visual: nele estão relacionadas imagens, sugestão de sites da internet, textos de apoio e atividades que podem ser usadas como fontes de informação e pesquisa e que,

também, podem servir como disparadores de outras questões e buscas por parte dos estudantes e dos professores.

A Arte-educação baseada na cultura visual tem, como principal objetivo, estimular a consciência cultural do indivíduo, começando pelo reconhecimento de sua própria cultura e, gradativamente, ampliando seu repertório. Desse modo, o ensino de arte pode auxiliar na reorganização da escola como um grande palco do diálogo entre diferentes culturas, ou da interculturalidade<sup>26</sup>.

O conteúdo das aulas de Arte precisa, então, abranger as mais diversas manifestações artísticas e culturais, mas principalmente as manifestações artísticas e culturais contemporâneas<sup>27</sup>. O processo de ensino e aprendizagem de arte se torna, assim, significativo tanto para os professores como para os estudantes. Além disso, as estratégias de ensino precisam ser pautadas pelo diálogo e pelo respeito à faixa etária dos alunos.

Para Fernando Hernández, a Arte-educação baseada na cultura visual pode e deve ser trabalhada desde os primeiros anos do Ensino Fundamental. Ao promover o diálogo, a descoberta coletiva de problemas instigantes, a experimentação e a pesquisa engajada como procedimentos de ensino e aprendizado, as crianças se sentem valorizadas e participam ativamente do processo educativo.

Nesse sentido, o trabalho do professor ganha outra prática, voltada para os Projetos de Trabalho, e para um processo de ensino e aprendizado significativo, que pode abraçar qualquer tema e que é direcionado aos estudantes por argumentação, e não por apresentação. Professores, crianças e jovens são encarados como estudantes, intérpretes e copartícipes, por isso o professor é procurado pelos estudantes para que seja um orientador de pesquisas.

É importante ter em mente, entretanto, que os temas usados em Projetos de Trabalho devem ter relação com os projetos e temas anteriores e os possíveis posteriores, porque isso permite estabelecer novas formas de conexão com a informação e a elaboração de hipóteses de trabalho, que guiem a organização da ação. É preciso ter um fio condutor que, por sua vez, relaciona-se com o Projeto Político-Pedagógico da escola,

<sup>24</sup> MITCHELL, William J. T. *Que és la cultura visual*. Princeton: Irving Lavin Institute for Advanced Study, 1995.

<sup>25</sup> MIRZOEFF, Nicholas. *Una introducción a la cultura visual*. Barcelona: Paidós, 2003. p. 20.

<sup>26</sup> Para saber mais sobre interculturalidade, leia *Por que debater sobre interculturalidade é importante para a Educação?*, de Simone Romani e Raimundo Rajobac. Disponível em: <<http://eduem.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/viewFile/12715/8342>>. Acesso em: 5 dez. 2017.

<sup>27</sup> Por arte contemporânea, entendemos as produções e manifestações de arte feitas hoje, em sua diversidade.

com o currículo do município, do estado e do país em que a escola está situada.

Assim, o trabalho do professor em sala de aula enfoca a criação de índices ou listas, que organizam o trabalho, e a elaboração de sínteses para a conferência das descobertas feitas pelos estudantes.

Essas listas permitem uma previsão dos conteúdos (conceituais e procedimentais) e das atividades, da escolha de algumas fontes de informação que permitam iniciar e desenvolver o Projeto. Essa seleta de informação deve ser contrastada com fontes que os estudantes já possuam ou possam apresentar, e também com as possibilidades de saídas culturais e outros eventos de ampliação do repertório.

As sínteses, por sua vez, reforçam a consciência do aprender e auxiliam estudantes e professor a verificar o que foi aprendido.

A atuação dos estudantes (no caso dos anos iniciais do Ensino Fundamental, em conjunto com o professor) deve estar voltada para o planejamento das atividades, de modo que todos tenham consciência do que irá acontecer nos próximos encontros e quais tarefas terão de cumprir. A produção de uma lista com as tarefas, estudos, atividades, pesquisas, saídas culturais, auxilia no trabalho e envolve os estudantes.

Além disso, em um projeto, a produção de novas questões e problemas a partir do que foi vivenciado e aprendido é um dos resultados esperados. Afinal, um assunto nunca se esgota, se ele for interessante e fruto de questões significativas.

### 3. As linguagens artísticas e as crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental

As linguagens artísticas visual, musical, corporal e teatral se caracterizam pela *liberdade* em relação à expressão: um artista pode criar seu próprio sistema de signos, inclusive misturando linguagens verbais e não verbais. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Arte, o fazer artístico é uma *experiência poética*, em que se articulam os significados e a experimentação de técnicas materiais visuais e plásticas, de movimentos, de materiais sonoros, entre outros. Assim, os alunos dos anos iniciais devem ser convidados a experimentar os mais diversos procedimentos artísticos.

Para que essa **experimentação** aconteça é preciso, antes de tudo, que a escola e os professores reconheçam os trabalhos artísticos infantis como uma forma de investigação e de atribuição de sentido das crianças a suas vivências, inclusive às escolares, e que nem sempre são reveladas por meio de uma produção “bonita” ou

“bem-acabada”. É preciso, portanto, valorizar a expressão artística infantil e refrear a tendência de fazer o trabalho pelos alunos, “maquiando” o que poderia parecer uma “imperfeição”.

As linguagens artísticas também devem ser **apreciadas**. As crianças precisam ter momentos de fruição estética, de poder “mergulhar” em obras de arte e ler textos não verbais. Durante a apreciação, todos somos afetados de forma intensa, já que os signos presentes nas obras de arte podem provocar muitas emoções e despertar pensamentos e ideias que também levam a leituras diversas da realidade. A fruição estética possibilita a todos uma livre interpretação da obra apreciada, gerando o que chamamos de *polissemia* de sentidos.

A **fruição estética** é um processo que envolve emoção e razão e pode ser exteriorizada tanto por meio de expressões faciais e/ou corporais como por meio da linguagem verbal. Cada criança responde de um modo muito próprio aos estímulos da fruição estética. Algumas ficam animadas e alegres, outras, tímidas. Dessa forma, é importante que você esteja atento às respostas de seus alunos. Aos poucos, saberá avaliar quanto cada um se envolveu ou não com as atividades e poderá, também, perceber o gosto estético de cada criança. Afinal, em Arte é possível preferir determinada linguagem a outra, o que não significa que a criança poderá escolher se quer participar das atividades propostas ou não. Os alunos têm o *direito* de vivenciar todas as atividades escolares, já que para poder manifestar preferência é preciso conhecer. Em outras palavras, a expressão artística e a fruição dependem do repertório cultural de cada um.

Isso quer dizer que é papel da escola e da disciplina Arte planejar mediações educativas que levem os estudantes a vivenciar momentos de produção artística e fruição estética para que, assim, possam ampliar seu conhecimento artístico e estético e seu repertório cultural.

### Linguagem visual e audiovisual

Ao se expressar por meio da linguagem visual – com desenhos, pinturas, colagens, esculturas, fotografias, etc. –, as crianças revelam o que *sabem* e *sentem* em relação aos objetos. Esse fato está intimamente ligado a sua capacidade de *abstração*: o que elas apresentam resulta na escolha daquilo que lhes parece mais importante representar. Por exemplo: ao desenhar um carro, podem excluir as portas se a característica que mais lhes emociona é o movimento, representado pelas rodas.

Jean Piaget, em seu livro *A formação do símbolo na criança*<sup>28</sup>, afirma que o exercício da abstração é fundamental para o desenvolvimento cognitivo, especialmente no que se refere à habilidade de formar conceitos. Nesse sentido, muito mais do que avaliar a verossimilhança de um desenho infantil ou as habilidades técnicas demonstradas pelas crianças, ao educador importa compreender aquilo que elas querem mostrar com seus traços. A expressão visual infantil também pode ser entendida como um meio de confrontação entre o mundo interior (subjetivo) e o mundo exterior, na medida em que articula a percepção do mundo “real” à imaginação e à capacidade criativa. Como afirmam Viktor Lowenfeld e W. Lambert Brittain em seu livro *Desenvolvimento da capacidade criadora*<sup>29</sup>, a expressão visual é, também, um meio de expressão do sujeito, cuja observação cuidadosa pode criar um vínculo mais profundo entre o professor e cada estudante.

Por isso, na presente coleção, a proposição de fazer com as artes visuais busca a sensibilidade e a expressão infantil, e não apenas um aprendizado técnico ou com resultados “corretos”. Aqui busca-se desenvolver a expressividade cultivada por meio das técnicas, e não a técnica por ela mesma.

Ao desenhar, pintar, colar ou esculpir, as crianças se expressam e se comunicam. Elas já apresentam um repertório visual oriundo do contato que têm com a produção artística de adultos, dos desenhos vistos na televisão ou no cinema, das obras expostas em revistas, livros, museus ou outros espaços de divulgação e, também, a partir do contato com a produção de outras crianças. Dessa forma, constroem conhecimento sobre artes visuais participando da cultura. O mesmo ocorre quando leem e interpretam obras de arte visual: as crianças expressam sua experiência, conhecimento prévio e repertório cultural. O que significa que a apreciação pode ser mais ou menos complexa, dependendo do contato do apreciador com as obras de arte. Daí a importância da mediação ativa por parte da escola e dos educadores, a fim de criar indivíduos críticos e futuros produtores de arte com responsabilidade social e ações cidadãs.

Michael Parsons, em seu livro *Compreender a arte*<sup>30</sup>, afirma que a leitura de uma obra de arte visual sempre busca significações e sentidos. Por isso, as crianças podem e devem ser estimuladas durante essa leitura,

desde que ela seja dirigida com uma finalidade específica, como o tema, a expressão, os aspectos formais e o juízo. Segundo ele, a maioria das crianças em idade escolar dá ênfase ao tema da pintura e tem maior atração pelas imagens realistas, que valorizam a beleza e a harmonia. Os adolescentes, por sua vez, fazem uma análise mais subjetiva da obra, observando também a emoção que o objeto de arte transmite, e não apenas o que ele representa. Para o autor, existem ainda dois estágios de apreciação de arte, que estão ligados a uma maior formação: um olhar com foco na organização e no estilo da obra e em sua função social e um olhar que faz a reconstrução do sentido, interpretando-a com base em conceitos e valores vigentes.

Edmund Feldman, em seu livro *Becoming Human Through Art*<sup>31</sup>, identifica os diferentes tipos de olhar que podem suscitar do leitor que desenvolveu a crítica de arte. Ele os classificou em quatro estágios:

- A primeira abordagem da leitura de imagem seria a descritiva, na qual listamos o que vemos no objeto, seus elementos formais, como linhas, cores, formas, etc., fazendo uma leitura formal, sem julgamento ou opiniões.
- Depois, existe o estágio da análise, no qual relacionamos os elementos formais de uma composição e percebemos como eles se influenciam.
- Em seguida, temos o estágio da interpretação, em que damos sentido à composição, desvendando seu significado. Como uma obra possui vários níveis de significado e como a bagagem cultural e de informações do leitor pode variar, as interpretações também podem ser diversificadas.
- Por fim, há o estágio do julgamento, que depende de nosso conhecimento sobre os fundamentos da filosofia da arte. Como esta é temporal, pulsa conforme a época, o lugar e a cultura. Então, podemos dizer que o julgamento depende de fatores sociais e culturais e do momento histórico do leitor.

Também existem pesquisas brasileiras relevantes sobre leitura de imagens realizadas por Ana Mae Barbosa, Rosa Iavelberg, Terezinha Franz, Anamélia Bueno Buoro, entre outros estudiosos, que entendem que as imagens são objetos do conhecimento e destacam a necessidade em desvelar aos alunos as imbricações entre arte e cultura.

<sup>28</sup> PIAGET, Jean. *A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação*. 4. ed. São Paulo: LCT, 2010.

<sup>29</sup> LOWENFELD, Viktor; BRITAIN, W. Lambert. *Desenvolvimento da capacidade criadora*. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

<sup>30</sup> PARSONS, Michael. *Compreender a arte*. Portugal: Presença, 1992.

<sup>31</sup> FELDMAN, Edmund B. *Becoming Human Through Art*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall, 1970.

Por tudo isso, durante a leitura de imagens, as crianças devem ser livres para se expressar. É por meio da sua escuta respeitosa e do diálogo estabelecido com você e os colegas que elas desenvolverão a capacidade de questionamento, tão importante para a formação de um leitor que interpreta os textos que estão a sua volta.

Mas, a fim de mediar conhecimentos, é preciso conduzir o olhar dos estudantes e ressaltar aspectos formais das obras, como linhas, cores, formas, volume, proporção, movimento, etc., e, também, aspectos relativos aos conteúdos (conceituais, factuais, procedimentais) considerados relevantes para o aprendizado dos estudantes.

Para Anamélia Bueno Buoro<sup>32</sup>, existem sete momentos importantes para a mediação de leitura de imagem:

- Descrição da imagem.
- Descoberta de percursos visuais sobre a imagem a fim de perceber toda a estruturação da composição e possibilitar o afloramento de questões e significações pertinentes e inerentes ao texto visual.
- Percepção das relações entre a obra focalizada e a produção anterior realizada pelo artista produtor.
- Pesquisa a fim de se aproximar mais do significado visual, saindo em busca das respostas que surgiram no processo de leitura.
- Comparação ou diálogo entre obras contemporâneas.
- Construção de texto verbal com registro do percurso empreendido, o qual abarque a significação do texto visual lido.
- Abordagem do conceito de produção artística como construção de linguagem e trabalho humano.

Além dos aspectos formais e do conteúdo de uma obra de arte visual, com base em uma perspectiva crítica<sup>33</sup>, é preciso olhar para o que há de mim na obra, ou como eu me reconheço nela, o que eu vejo de minha vida em sociedade nessa imagem, por que determinadas representações são sempre recorrentes, que interesses são satisfeitos com essas representações. Assim, é possível também discutir com as crianças aspectos presentes nas obras de arte relativos aos jogos de poder, à diversidade, aos temas contemporâneos e instigantes que fazem parte da vida delas e que as interessa.

A fim de trabalhar a leitura das obras de arte visuais apresentadas neste material, propomos, tanto no material do aluno quanto nas orientações didáticas:

- Questões que buscam desenvolver nos estudantes um olhar crítico e contextualizado;
- Momentos de conhecer outros trabalhos do artista para que seja possível estabelecer relações entre suas obras;
- Ampliação de repertório para um diálogo com outras produções artísticas, inclusive de outras linguagens;
- Inserção progressiva de um registro escrito sobre as impressões a respeito da obra;
- Incentivo para a investigação da poética do artista e da linguagem construída por ele;
- Questionamentos sobre como os alunos se sentiram e o que pensaram ao ver as obras, revelando o que veem de si mesmos e da vida em sociedade na obra que analisam.

Com esse trabalho sistemático de experimentação em artes visuais e leitura de imagens, com foco na análise artística e estética, buscamos desenvolver as habilidades listadas na BNCC relacionadas às artes visuais. As orientações didáticas ao longo do livro demarcam os momentos específicos em que essas habilidades são trabalhadas.

## O trabalho com a produção midiática

Segundo dados divulgados pelo Instituto Alana<sup>34</sup>, as crianças brasileiras passam mais de cinco horas por dia vendo programas de televisão, filmes e desenhos animados e assistem a aproximadamente quarenta mil propagandas em um ano. Como sabemos, muitos desses objetos culturais incentivam o consumismo exagerado. Por isso, tão importante quanto saber ler, interpretar e escrever, assistir a um filme ou a um vídeo com olhos críticos é fundamental para que se alcance uma formação cidadã.

Segundo a Arte-educação baseada na cultura visual, a cultura midiática pode e deve ser problematizada nas aulas de Arte, pois, em nossos dias, quase tudo o que nos sensibiliza e informa advém das imagens e “visuallidades” veiculadas pelos meios de comunicação e pe-

<sup>32</sup> BUORO, Anamélia B. *Olhar em construção: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola*. São Paulo: Cortez, 1996.; Idem. *Olhos que pintam: a leitura da imagem e o ensino da arte*. São Paulo: Educ/Fapesp/Cortez, 2002.

<sup>33</sup> SARDELICH, Maria E. Leitura de imagens, cultura visual e prática educativa. *Cadernos de Pesquisa*, v. 36, n. 128, p. 451-472, maio/ago. 2006.

<sup>34</sup> Disponível em: <<http://criancaeconsumo.org.br/consumismo-infantil/>>. Acesso em: 6 out. 2017.

la publicidade. Visualidade, para os arte-educadores, significa mais do que visão, ou seja, mais do que um dos sentidos humanos. Ela se relaciona ao modo como um grupo social cria o seu modo de “ver”, ou de descrever e representar o mundo visualmente. Um dos representantes dessa forma de entender o ensino de Arte é o já mencionado professor estadunidense Nicholas Mirzoeff<sup>35</sup>. Segundo ele, a visualização é a característica do mundo contemporâneo, entretanto, poucos de nós conhecemos aquilo que observamos, pois existe uma grande distância entre a constante experiência visual da cultura contemporânea e a habilidade para analisá-la. É preciso que a escola ajude os alunos a desenvolvê-la.

Utilizar a linguagem audiovisual em sala de aula apenas como passatempo é, portanto, desconsiderar seu potencial educativo. Há uma notória preferência por essa linguagem. Os estudantes podem ampliar diversas habilidades se forem instigados a pensar sobre as produções midiáticas e a produzir audiovisuais. Enfim, são telespectadores e aprendem muitas coisas com a televisão: conhecem culturas, absorvem diferentes modos de falar e agir, recebem informações, etc. Tudo isso se dá por meio da representação imagética e da percepção sonora. Cabe, então, ao educador, saber usá-las de forma produtiva para criar significados.

O trabalho com a linguagem audiovisual na escola abrange três eixos primordiais: *apreciação*, *produção* e *divulgação*. A apreciação enfoca a leitura crítica de alguma obra mediada pelo educador. A produção, a participação em experimentações audiovisuais com e sem tecnologias, utilizando brinquedos, atividades com luz e sombra, registros do movimento, brincadeiras, etc. Já a divulgação dos trabalhos realizados pelas crianças implica uma ação política de democratização de acesso aos meios de comunicação. Nesse sentido, a internet se configura em excelente meio, além dos eventos escolares.

Em relação aos gêneros cinematográficos, os desenhos animados são especialmente indicados para o trabalho com crianças. O mundo infantil é repleto de personagens fictícios que participam de histórias próprias. Essas fantasias nascem de uma realidade interna, criada pela vida afetiva e por representações que se constroem internamente.

Com a presença crescente das tecnologias na vida cotidiana, muitas crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental tiram fotografias e fazem pequenos vídeos com telefone celular. Assim, é muito indicado o

uso desse aparelho em trabalhos com a linguagem audiovisual. É papel da escola fornecer parâmetros, tanto técnicos como éticos, para que as tecnologias sejam utilizadas com cuidado e consciência, evitando maus usos.

No material, o trabalho com a linguagem audiovisual é feito com o objetivo de ampliar o repertório cultural dos alunos, além de mostrar possibilidades de criação com o uso de tecnologias da informação. Ao pedir aos alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental que usem a tecnologia para criar, visamos construir com eles novos sentidos para esses materiais, indo além do entretenimento e incentivando a crítica e o uso consciente. Sendo nativos digitais, a produção usando um celular, câmera fotográfica ou de vídeo, ou um gravador de áudio, pode ser uma tarefa que os engaje e seja próxima do que têm acesso fora da escola. Os desenhos animados e filmes de animação que compõem a coleção foram cuidadosamente selecionados e são abordados com um viés crítico e voltado para a formação cidadã.

## Linguagem da dança

A visão dualista que coloca corpo e alma como domínios opostos faz com que, muitas vezes, os educadores vejam o trabalho físico apartado do trabalho intelectual. Com isso, relega-se a dança ao âmbito da “ginástica” ou ao universo da “pura diversão”, como se nada disso pudesse contribuir para o aprendizado e a formação do cidadão. No entanto, alguns estudiosos da dança e do movimento humano, como Rudolf Laban, Klauss Vianna, Gerda Alexander, Angel Vianna, entre outros, entendem a dança como o “pensamento do corpo”, sugerindo que essa visão dualista seja abandonada e que o processo educativo seja tornado mais holístico e produtivo. Como afirma Isabel Marques<sup>36</sup>, é possível “pensar dançando e dançar pensando”.

Por isso, a presença da dança na escola não deve ter como objetivo apenas um aprimoramento técnico que forme bailarinos como “fazedores de dança”. Podemos entender o ato de dançar como um dos modos de a pessoa conhecer seu corpo e a si mesma. Nesse sentido, não existem os que “sabem” e os que “não sabem” dançar: a dança é um dos aspectos que compõem a existência de qualquer pessoa, uma vez que o movimento é a base de todas as ações humanas. Nosso corpo, mesmo quando parece estar parado, precisa estar em movimento para estar vivo (esta é, a propósi-

<sup>35</sup> MIRZOEFF, Nicholas. *Visual Culture Reader*. London: Routledge, 1998; Idem. *An Introduction to Visual Culture*. London: Routledge, 1999.

<sup>36</sup> MARQUES, Isabel. *A dança no contexto*. São Paulo: Ícone, 1999.



to, uma das questões centrais para muitos artistas da dança contemporânea, que incluem em seus trabalhos a importância do movimento interno dos órgãos e dos fluidos do corpo).

A dança é uma forma de o ser humano se expressar por meio do movimento corporal. É também uma maneira de conhecer o mundo e de interagir com ele e com as outras pessoas. Daí o trabalho com dança na escola ser uma maneira de criar elos mais estreitos entre professores e estudantes. Para isso, é fundamental reservar momentos para discutir sobre as práticas propostas. Conhecendo e compreendendo a expressão corporal dos alunos, o professor pode se aproximar deles, além de impulsionar uma maior integração do grupo.

Incorporando a dança às aulas de Arte, é possível explorar nossas possibilidades de movimento e as relações entre tais possibilidades e a expressão individual. Trabalham-se a relação entre os diferentes corpos, e a relação entre o corpo e o espaço. É claro que esse tipo de trabalho estimula a coordenação motora, o equilíbrio e o tônus muscular, além de abrir espaço para o exercício da imaginação, a capacidade lúdica e a socialização.

Descobrir maneiras de se movimentar para além daquelas com as quais estamos habituados no cotidiano constitui a criação estética que permeia a dança. E é justamente a busca por novas possibilidades, para além do usual, que permitirá que as crianças e os jovens que formamos possam imaginar e dar forma a um mundo diferente, não restrito àquilo que já está estabelecido.

Na coleção, para sistematizar o ensino de dança, propomos tanto no material do aluno quanto nas orientações didáticas:

- Exercícios de consciência corporal;
- Apreciação de diferentes manifestações de dança;
- Atividades de reconhecimento de elementos da linguagem corporal;
- Atividades de criação e de improvisação de movimentos dançados;
- Ampliação gradativa do repertório cultural dos estudantes, abordando a dança em suas diferentes formas.

Buscamos, dessa forma, desenvolver as habilidades listadas na BNCC relacionadas à dança. As orientações didáticas ao longo do livro demarcam os momentos específicos em que essas habilidades são trabalhadas.

## Linguagem musical

Para a tradição, a técnica e a erudição são aspectos considerados essenciais para uma boa formação musical. Desde meados do século XX, entretanto, outro modo de ensinar e aprender música vem sendo aceito e valorizado. A fim de ampliar a percepção e a consciência do indivíduo e contribuir para a superação de preconceitos, posturas individualistas e visões de mundo dualistas, três eixos de trabalho fazem parte dessa nova prática: a apreciação, a *performance* e a criação musicais. Para tanto, é preciso criar contextos educacionais que respeitem e estimulem o sentir, o questionar e o criar, além de promover situações para o debate relacionado à música e ao humano.

O ato de ouvir e apreciar músicas e canções consiste em receber estímulos sonoros, transformá-los em percepções e, então, inseri-las em nosso contexto mental (psíquico, afetivo, cultural, entre outros). Essa inserção se dá mediante a estruturação de novas configurações mentais. Nossa reação à música é, portanto, um ato de (re)criação. Segundo Moraes<sup>37</sup>, a música atua por meio de três dimensões: a corpórea-sensorial, a afetivo-subjetiva e a estético-social. Essas dimensões são indissociáveis e integram aspectos fisiológicos, psicológicos e socioculturais.

A dimensão *corpóreo-sensorial* é epidérmica, está relacionada ao *ritmo* e é acompanhada pelo ato de dançar. Já a *afetivo-subjetiva* relaciona-se às *sensações, lembranças, emoções e sentimentos* e é difícil de definir verbalmente. A *estético-social*, por sua vez, envolve a apreciação musical baseada em determinadas *estruturas e formas estéticas compartilhadas* e é estabelecida histórica e socialmente por meio do contato com diferentes músicas e canções. Assim, a mediação escolar pode e deve diversificar e ampliar a escuta musical.

O jogo e a brincadeira permitem que os estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental realizem experimentações com materiais sonoros, instrumentos musicais, o corpo e a voz. Ao participar desse tipo de sensibilização, os alunos desenvolvem habilidades relacionadas tanto à escuta musical como à *performance* e à criação. A escuta sonora e musical desenvolve aquilo que Murray Schafer<sup>38</sup> chamou de “ouvido pensante”: mais do que simplesmente ouvir, a escuta atenta e sensível leva os estudantes a perceber, analisar e refletir sobre o mundo a sua volta e sobre as produções musicais. A *performance*, por sua vez, não é tratada como

<sup>37</sup> MORAES, José J. de. *O que é música*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

<sup>38</sup> SCHAFFER, Murray. *Le paysage sonore*. Marseille: Wildproject, 2010.; Idem. *O ouvido pensante*. 3. ed. São Paulo: Editora da Unesp, 2013.

atividade delegada apenas a instrumentistas talentosos ou “gênios” musicais, mas como uma atividade criativa e ativa, o que inclui a participação envolvida e comprometida dos estudantes.

Nessa perspectiva, a improvisação e a composição mais complexa são equivalentes na criação musical. Isso quer dizer que a criação musical se relaciona a uma organização de ideias que podem ou não seguir princípios de estilo. Mais uma vez, o engajamento dos estudantes é essencial: é preciso ter consciência de que se está criando uma sequência de sons e ter essa intenção, além do fato de essa sequência conseguir expressar seus pensamentos e emoções. Para Hans-Joachim Koellreuter<sup>39</sup>, a improvisação está sempre relacionada com a autodisciplina, a concentração, o trabalho em equipe, a memória e o senso crítico.

Em outras palavras, o processo de ensino e aprendizagem de música deve valorizar uma visão global e integradora do mundo e os processos de escuta, experimentação e criação. Nesse sentido, também deve dialogar com músicas e canções da estética contemporânea e das culturas não ocidentais.

Na coleção, a fim de sistematizar o ensino de música, propomos, tanto no material do aluno quanto nas orientações didáticas:

- Atividades de escuta sensível de sons e de música;
- Atividades de fazer musical, enfocando as brincadeiras e os jogos musicais;
- Desenvolvimento gradativo do saber formal da música, como a notação musical e os instrumentos tradicionais;
- Ampliação do repertório cultural dos estudantes, abordando diversos gêneros musicais.

Buscamos, dessa forma, desenvolver as habilidades da BNCC referentes à música. As orientações didáticas ao longo do livro demarcam os momentos específicos em que essas habilidades são trabalhadas.

## Linguagem teatral

Para Viola Spolin<sup>40</sup>, o objetivo do trabalho com a linguagem teatral na escola não é o de fazer do estudante um ator, mas abrir caminho para que cada um descubra a si próprio e reconheça a importância da arte em sua vida. O teatro ajuda o aluno a desenvolver maior domínio do tempo, do corpo e da verbalização e a se tornar mais expressivo. Porém, longe de ser ape-

nas instrutivo, o teatro é, sobretudo, uma forma de arte que deve ser explorada por seu caráter estético. Como arte, o teatro em sala de aula põe o aluno em contato com uma das mais antigas manifestações culturais, que sempre discute as questões essenciais dos seres no mundo. Nessa perspectiva, o teatro tem função estética, catártica, questionadora, social e política. Existem, então, algumas facetas do teatro que podemos explorar, como a criação do personagem, o espaço cênico e a ação teatral, que estão presentes nos jogos teatrais, desenvolvidos por Viola Spolin e trazidos ao Brasil pela professora Ingrid Koudela. Baseados na improvisação, os jogos teatrais constituem um recurso interessante para desenvolver capacidades como atenção, concentração e observação.

Nas produções teatrais em sala de aula, é essencial que se compreenda a diferença entre improvisação e dramatização. A improvisação caracteriza-se pela espontaneidade e jogo de regras. Já a dramatização se caracteriza pela construção intencional de uma peça de teatro, com todos os elementos que lhe são próprios: espaço cênico (cenário, figurino, maquiagem, iluminação), personagens e ação teatral.

Assim, o trabalho com teatro na escola articula o discurso falado e o escrito, a expressão corporal, as expressões plástica, visual e sonora na elaboração de dramatizações; contribui para o desenvolvimento da comunicação e expressão; ajuda os estudantes a desenvolver suas próprias potencialidades; coloca-os em contato com um novo gênero literário; e favorece a produção coletiva de conhecimento da cultura.

Na coleção, para sistematizar o ensino de teatro, propomos, tanto no material do aluno quanto nas orientações didáticas:

- Atividades de apreciação de teatro;
- Experimentação de jogos teatrais;
- Atividades de improvisação, atuação e encenação;
- Atividades de reconhecimento de elementos da linguagem teatral;
- Ampliação gradativa do repertório cultural dos estudantes, abordando a variedade de formas de teatro presentes em nossa sociedade.

Buscamos, dessa forma, cumprir todas as habilidades listadas na BNCC relacionadas ao teatro. As orientações didáticas ao longo do livro demarcam os momentos específicos em que essas habilidades são trabalhadas.

<sup>39</sup> KATER, Carlos. *Música Viva e H. J. Koellreutter: movimentos em direção à modernidade*. São Paulo: Musa/Atravez, 2001.

<sup>40</sup> SPOLIN, Viola. *Improvisação para o teatro*. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.; Idem. *Jogos teatrais: o fichário de Viola Spolin*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.; Idem. *O jogo teatral no livro do diretor*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

## Linguagens integradas

As linguagens integradas são a forma de expressão infantil mais característica. Ao desenhar, o corpo da criança se movimenta. Ao dançar, ela canta. Ao contar um fato, a encenação se faz. Ao brincar de faz de conta, imagina e cria. Por isso, ao abordar essas formas de arte que mesclam as linguagens durante a educação em arte dos estudantes, ganhamos a oportunidade de aproximá-los mais ainda dos saberes da arte.

Além disso, as artes contemporâneas, ou as artes que são criadas, produzidas e expostas por artistas vivos, caracterizam-se quase sempre por essa integração. A arte contemporânea nasceu da ruptura com os valores da arte tradicional ocidental, por isso atualmente temos obras de arte que podem nos causar sensações diversas. Existem muitas vertentes e tendências da arte contemporânea, por isso é muito difícil defini-la de maneira a dar conta de toda essa variedade. Mas uma coisa que podemos afirmar acerca das transformações que ocorreram na arte durante o século XX e continuam a se desenrolar no século XXI é que noções como as de beleza, imitação do real, obra-prima, talento e, principalmente, o papel e o valor da arte passaram a ser amplamente discutidos e revistos. Por isso, a arte tem estado em permanente mudança e muitas das produções artísticas atuais nos causam sensações de estranhamento, curiosidade e, por vezes, rejeição.

Muitas vezes o senso comum e os mecanismos de legitimação da arte, como os museus, as galerias, os livros e os críticos de arte, apresentam ideias que o público considera contraditórias. Um exemplo disso é o fato de muitos museus possuírem em seu acervo algumas obras de arte clássicas e outras contemporâneas que, embora discordem do ideal clássico, estão expostas na mesma instituição.

Nesse sentido a arte contemporânea caracteriza-se por:

- questionar o sistema de circulação das artes;
- incorporar as artes das periferias urbanas;
- ocupar as ruas e os espaços públicos;
- mesclar as culturas populares brasileiras e as artes que são fruto do ensino formal;
- valorizar, ver e ouvir quem somos nós.

Além disso, segundo Ana Mae Barbosa<sup>41</sup>, os seguintes elementos estruturam a arte contemporânea:

- diálogo entre as linguagens artísticas;
- uso inusitado de materiais e meios;
- estranhamento que causa no público;
- ludicidade e integração entre obra e espectador;
- uso de tecnologias de comunicação e informação.

Por isso, na coleção, de acordo com a BNCC, o ensino das artes integradas é sistematizado com atividades de apreciação e de produção. Gradativamente, apresentamos os elementos presentes nessa forma de arte, ampliando, assim, o repertório cultural dos estudantes. Buscamos, dessa forma, cumprir todas as habilidades listadas na BNCC relacionadas às artes integradas, em especial a habilidade **EF15AR23**, que prevê o reconhecimento e a experimentação das relações processuais entre as linguagens artísticas em projetos temáticos. As orientações didáticas ao longo do livro demarcam os momentos específicos em que essas habilidades são trabalhadas.

## III. Ambiente de aprendizagem e acesso aos espaços de divulgação cultural

### 1. O ambiente de aprendizagem

O ambiente de aprendizagem em Arte é muito importante, pois auxilia o professor a conduzir os estudantes à experiência estética, estimulando sensações e pensamentos. Para tanto, é importante que o espaço destinado às atividades do fazer artístico seja minimamente adequado. Independentemente da situação física da sala, o cuidado com a preparação do espaço e com a recepção das crianças é fundamental.

Para a realização de atividades de arte visual, é importante haver acesso fácil a pias e a itens de higiene, como papel toalha, além da disponibilidade de mesas grandes (ou a possibilidade de juntar pequenas mesas ou carteiras). Observe a disposição dos materiais que serão utilizados e que devem ser previamente separados.

Os alunos devem utilizar aventais (ou camisetas velhas) e aprender a se comportar adequadamente diante de materiais e instrumentos – algo que precisa de sua mediação paciente, afinal, as crianças quase sempre ficam eufóricas ao mexer com tintas, argila, sucata, etc.

Se a escola dispuser dos recursos e do profissional, as atividades de arte audiovisual devem ser realizadas com equipamentos eletrônicos, como computadores

<sup>41</sup> Disponível em: <<http://old-portalic.icnetworks.org/materiacontinuum/marco-abril-2009-afinal-o-que-e-arte-contemporanea/>>. Acesso em: 10 out. 2017.

e câmeras de vídeo, por exemplo, em parceria com o professor de Informática Educativa, no laboratório de informática.

Uma sala com algum tipo de isolamento acústico ou outro ambiente mais afastado deve ser reservada para as experimentações musicais. É importante separar com antecedência recursos como CDs e DVDs, instrumentos musicais e aparelhos de som e de gravação, quando necessário.

Se houver auditório na escola, ele deve ser utilizado para as atividades de teatro. Do contrário, pode-se utilizar a própria sala de aula, desde que as carteiras e as cadeiras sejam afastadas para abrir um espaço adequado para as atividades, que deve ser limpo e sem obstáculos.

As atividades de dança podem ser realizadas na quadra esportiva, no pátio da escola ou em uma sala de aula livre de carteiras e cadeiras. Como as crianças farão exercícios de apoio e de contato corporal no chão, se possível, utilize tatames ou tapetes emborrachados.

É importante lembrar que os alunos com deficiência podem e devem participar das atividades a seu modo, com ou sem a sua ajuda ou dos colegas, sempre tendo suas limitações respeitadas e suas conquistas valorizadas. Sempre faça as adaptações necessárias para que eles possam participar efetivamente das atividades propostas.

## 2. Visitas culturais

Além do ambiente escolar, outro importante recurso que favorece a ampliação do repertório cultural dos alunos são as visitas culturais. O estudo do meio, entre outras vantagens, possibilita a reintegração da escola ao meio físico, social e cultural em que está inserida e leva à compreensão e ao reconhecimento da importância dos processos e fatos históricos, conscientizando alunos e professores da responsabilidade ética de sua participação cidadã.

As visitas culturais têm como objetivos aprofundar um tema ou conteúdo trabalhado em sala de aula e, também, estimular o olhar investigativo e o desejo de pesquisar. Elas têm um papel importante no processo de construção de conceitos e do pensamento crítico dos alunos sobre arte, pois auxiliam no desenvolvimento da capacidade de observar, descobrir, documentar, analisar, criticar e utilizar diferentes meios de expressão. As visitas propiciam, também, o desenvolvimento das

habilidades **EF15AR07** e **EF15AR25**, presentes na BNCC, que preveem, respectivamente, o reconhecimento pelos alunos de algumas categorias do sistema das artes visuais (como museus, galerias, instituições, etc.) e o conhecimento e valorização do patrimônio cultural, material e imaterial.

Portanto, fique atento às opções que sua cidade oferece. Você pode planejar visitas culturais a praças, parques, fábricas, centros culturais, teatros, cinemas e, até, passeios por bairros inteiros, por exemplo. Além disso, podem ser consideradas estudo do meio cultural as visitas a ateliês de artistas e artesãos, espaços de arte urbana (como a produzida pela cultura *hip hop*), feiras populares, coleções particulares, espaços culturais comunitários, aldeias indígenas, quilombos, entre outros.

Lembre-se de que para realizar uma visita cultural significativa, ou que tenha sentido para estudantes e professores, é preciso relacionar o lugar a ser visitado à temática e ao conteúdo que estão sendo trabalhados em sala de aula. Também é importante ressaltar que, nessas visitas, deve-se ter o cuidado de não podar a curiosidade das crianças, já que elas poderão agir de forma a interagir com a obra ou o artista. Quando isso couber, não é preciso pedir silêncio ou cercear a espontaneidade dos alunos<sup>42</sup>.

### Preparando a visita

É seu papel estimular os estudantes a participar ativamente da visita cultural, conversando sobre o local a ser visitado e tendo em mente a relação que você quer que eles estabeleçam entre o conteúdo que está sendo estudado em sala e as informações e conhecimentos que a visita ajudará a construir.

É importante, também, que haja uma atividade prévia de busca de imagens, reportagens, folhetos ou vídeos com informações sobre o objeto da visita. Se alguém da turma já visitou o lugar, aproveite para explorar suas impressões e observações, sem censura.

Providencie as autorizações dos pais ou responsáveis para sair com os alunos da escola. Caso necessário, explique a eles os objetivos dessa saída cultural.

Peça a ajuda da direção da escola em relação ao transporte que os levará até o local. Lembre-se de visitá-lo antes de levar os alunos e se informar sobre possíveis regras e restrições, como a proibição de fotografar ou filmar. Caso seja uma visita longa, pense também na alimentação e no vestuário das crianças.

<sup>42</sup> Indicamos a leitura de um texto produzido por Ingrid Koudela sobre a ida das crianças ao teatro junto com o professor: KOUDELA, Ingrid. *A ida ao teatro*. Programa Cultura e Currículo. São Paulo, 2010. (Disponível em: <<http://culturaecurriculo.fde.sp.gov.br/administracao/Anexos/Documentos/420090630140316A%20ida%20ao%20teatro.pdf>>. Acesso em: 16 nov. 2017.)

Verifique se o local possui monitores ou arte-educadores que possam auxiliá-lo durante a visitação. Converse com eles para planejar a apreciação conforme seus objetivos pedagógicos. Se a visita for a uma casa de espetáculos, averigüe se os artistas podem conversar com os alunos ao final da apresentação.

É também seu papel indicar aos alunos que material deve ser utilizado durante a visita, como caderno de anotações, papel e prancheta, caneta, lápis de cor, máquina fotográfica, câmera de vídeo, etc. Para que tudo corra bem, promova um bate-papo antes de sair e combine com os alunos algumas regras de convivência e comportamento. Registre o combinado na lousa como uma forma de contrato didático, regulando o conteúdo escrito à progressão da alfabetização dos alunos.

### Durante a visita

Estimule os alunos a questionar aquilo que veem, ouvem, percebem e sentem, conversando e fazendo perguntas tanto a você como aos artistas e/ou monitores do local.

Se a visita for a alguma manifestação cultural popular, como um festejo, deixe que as crianças dançam e cantem livremente. Essas manifestações são muito envolventes e será uma experiência inesquecível para os alunos!

Em todas as situações, sua participação como mediador das informações advindas da visita cultural e do conteúdo trabalhado em sala de aula é muito importante. Registre a visita em vídeo e, se tiver permissão, também o diálogo das crianças com os artistas e/ou monitores. Esse registro é essencial para que você possa avaliar a experiência e verificar se os objetivos foram alcançados. Ele também pode compor o portfólio de cada aluno, sendo uma fonte diversificada de aprendizagem para a turma, inclusive, fora da escola.

### Depois da visita

Em uma roda de conversa, discuta com os alunos as impressões e descobertas realizadas durante o passeio. Faça uma síntese do que foi aprendido, registrando por escrito ou gravando em vídeo.

### Comunicando o que foi aprendido

As visitas culturais sempre suscitam muita expectativa e animação nas crianças, que se envolvem completamente nessa atividade. Por isso, aproveite para fechá-la com chave de ouro!

Sugerimos, por exemplo, que você ajude os alunos a produzir um jornal-mural sobre a visita, com imagens e, a partir do segundo ano do Ensino Fundamental, pequenas notas acompanhando-as, o que também será de grande valor para o processo de alfabetização. Dessa forma, eles reconhecerão a importância de comunicar aos outros suas descobertas e aprendizados.

Essas visitas são importantes para desenvolver nos alunos o gosto pela cultura e despertar neles o desejo de realizá-las autonomamente. Incentive-os sempre a levar os familiares ao local visitado por vocês!

## IV. Avaliação

A avaliação é um recurso importante, não só para definir aprovação ou retenção do estudante, mas para acompanhar sua aprendizagem durante um Projeto de Trabalho. Além disso, a avaliação constante serve, também, para que o professor avalie suas estratégias de ensino. Por isso, os processos e instrumentos avaliativos não devem aparecer somente no final do percurso, como se a aprendizagem fosse um produto pronto que se pode medir e avaliar com um gabarito. Lembramos que essa avaliação deve ser formativa e constante.

Para tanto, é preciso que o professor crie uma rotina de registro, em um **diário de bordo**, das falas, comportamentos e atitudes das crianças, sua relação com os diversos conhecimentos e seu envolvimento nas atividades propostas. Esse diário pode ser um caderno ou um registro digital em que você relate o que aconteceu durante as aulas e onde possa arquivar fotografias e vídeos que fizer de suas aulas.

Além disso, é preciso recorrer sempre ao **portfólio**<sup>43</sup> de cada estudante, para verificar o desenvolvimento deles. O portfólio se constitui em uma pasta ou caixa em que são colocados, em ordem cronológica, os registros dos trabalhos realizados ao longo do ano letivo, como desenhos, fotografias, CDs, DVDs, textos escritos, etc. Vale ressaltar que mobilizar recursos tecnológicos como forma de registro é uma das competências específicas de Arte na BNCC.

O portfólio é tanto um instrumento de avaliação como de autoavaliação e registro. Ao selecionar os trabalhos que farão parte desse instrumento, professores e alunos devem fazer uma avaliação crítica e cuidadosa dos objetivos estabelecidos e dos propósitos de cada atividade.

<sup>43</sup> Sobre o portfólio como recurso avaliativo do processo de desenvolvimento da criança, sugerimos a leitura da dissertação de Mestrado de Cassiana Raizer, *Portfólio na Educação Infantil: desvelando possibilidades para a avaliação formativa*. (Disponível em: <[www.uel.br/pos/mestrededu/images/stories/downloads/dissertacoes/2007/2007%20-%20RAIZER,%20Cassiana%20Magalhaes.pdf](http://www.uel.br/pos/mestrededu/images/stories/downloads/dissertacoes/2007/2007%20-%20RAIZER,%20Cassiana%20Magalhaes.pdf)>. Acesso em: 16 nov. 2017.)

## 1. Sugestão de fichas de acompanhamento do portfólio dos estudantes

As fichas a seguir foram pensadas com o intuito de auxiliar o professor no acompanhamento do portfólio, sugerindo diferentes aspectos que podem ser avaliados e o que pode guiar essa análise e avaliação. É muito importante que cada docente possa refletir sobre sua prática e a realidade de sua sala de aula, para então escolher quais fichas usar, como usá-las e verificar a necessidade de criar novas fichas que contemplem aspectos diferentes das apresentadas nesta seção.

É importante ressaltar que o exame do portfólio a partir das fichas trará um recorte do desenvolvimento do aluno naquele momento, ou seja, é fundamental retomar fichas que já foram vistas para que haja a construção de um histórico do desenvolvimento de cada aluno, destacando as evoluções e mesmo as maiores dificuldades de cada um, o que pode guiar o conteúdo a ser trabalhado ou reforçado para cada estudante.

As fichas sugeridas se relacionam diretamente com algumas competências que constam na BNCC, por exemplo, agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários; Pesquisar e conhecer distintas matrizes estéticas e culturais – especialmente aquelas manifestas na arte e nas culturas que constituem a identidade brasileira –, sua tradição e manifestações contemporâneas, reelaborando-as nas criações em Arte.

### Consciência da construção de seu percurso em relação aos processos vivenciados nas aulas

#### Indicador

Capacidade do aluno de se perceber, se colocar, produzir e estabelecer uma relação de autonomia com seu processo de aprendizagem.

#### Perguntas orientadoras

Quanto o aluno se apropria da produção dele? Que significado a produção do aluno tem para ele mesmo? Que significado seu trabalho tem para ele mesmo? Ele se sente representado pelo seu trabalho? Ele tem escolhas conscientes e marcas de autoria? O aluno manifesta interesse ou vontade de construir sua marca pessoal? Ele busca isso? Ou ele está querendo só repetir? O aluno tem consciência do que é autoria na

linguagem que ele está trabalhando? O aluno identifica/reconhece marcas pessoais no trabalho do outro? Identifica/reconhece marcas pessoais de artistas daquela linguagem?

1	O aluno precisa ser estimulado para se envolver nas atividades e não aponta para a construção de seu percurso pessoal. Ele tem dificuldade de estabelecer pontes entre sua individualidade e o coletivo, não compartilhando descobertas e dificuldades provenientes do processo.
2	O aluno se engaja em algumas empreitadas (produção, pesquisa, troca de ideias e experiências) em seu processo na sala. Ele apresenta algumas características próprias em seu trabalho resultantes de suas descobertas, mesmo que sem consciência disso.
3	O aluno tem consciência do que constitui o fator autoral na linguagem artística que ele está trabalhando, a partir disso, reconhece seu processo criativo e se sente representado pelo seu trabalho.
4	O aluno tem consciência da importância de ser o autor/protagonista de seu processo de aprendizagem e, a partir disso, interage com o grupo, cria e compartilha suas experiências de maneira crítica, colaborativa e dialógica. Ele reconhece sua pesquisa artística como fator necessário (indispensável e integrado) em sua interação com seu contexto sociocultural.

### Pesquisa pessoal

#### Indicador

Interesse do aluno pela busca de referências para produção e desenvolvimento de estratégias de pesquisa e reflexão acerca da produção artística.

#### Perguntas orientadoras

O aluno se sente estimulado a procurar referências artísticas além das que ele trouxe consigo? Na linguagem que está estudando, o aluno está revendo conceitos preestabelecidos? O aluno está relativizando o conceito que ele tem de gosto? Ele entende que o gosto pode ser alterado?

1	O aluno não reconhece como novas referências artístico-culturais podem contribuir para suas concepções sociais e visão de mundo. Chega a apresentar preconceitos e pré-concepções a respeito de diferentes manifestações artísticas e culturais, ou seja, está orientado por referências externas e aceita sem elaborar, sem critérios.
---	---

2	O aluno manifesta interesse pelos temas e conteúdos, pela diversidade cultural que é apresentada nas atividades, mas ainda não se engaja na construção de sua própria pesquisa de ampliação de repertório. Ele não legitima a escola como um espaço de troca e criação de repertório.
3	O aluno reconhece, identifica e estabelece que seu repertório cultural pode ser ampliado de diversas maneiras e alimentado pelos conhecimentos que ele constrói das linguagens artísticas. O aluno compreende a diversidade de seu repertório e subsidia sua produção artística.
4	Ao se relacionar com o gosto e as referências do outro, o aluno aceita indicações, dicas, etc. e contribui para a ampliação de repertório dos colegas, realiza pesquisas pessoais fora da escola, aponta e compartilha suas fontes de pesquisa.

## Construção de sua postura de aluno na escola

### Indicador

Compreensão, reconhecimento e envolvimento nas dinâmicas da atividade e grau de iniciativa e participação na rotina estabelecida para o grupo.

### Perguntas orientadoras

Que papel o aluno exerce no grupo que participa? Como ele manifesta o significado da aula de arte na vida dele? Ele fala sobre isso? De que forma ele participa das atividades propostas? De que forma ele se relaciona com os colegas? Qual a assiduidade e participação dele?

1	O aluno recorrentemente não está implicado na atividade proposta (ele não sabe quais são os objetivos da atividade). O aluno não reconhece vários dos elementos da rotina estabelecida para o grupo e ele não participa, ou participa pouco, dessas atividades.
2	Quando chamado a participar, o aluno geralmente se envolve com as propostas da aula de Arte. Sua colaboração se dá porque ele reconhece que está inserido em um contexto de aprendizagem e assume o papel de responder aos estímulos que recebe para se integrar.
3	O aluno participa ativamente das rotinas de trabalho de seu grupo. Identifica e expressa a sua relação com a aula de Arte, e, nesse contexto, sabe do seu papel no grupo e tem consciência de sua responsabilidade sobre sua própria formação.

4	O aluno se compromete com a rotina de suas atividades por reconhecer o papel que elas desempenham na sua formação integral. Por identificar a aula de Arte como um espaço coletivo, ele trabalha tentando envolver pessoas com laços familiares e de amizade.
---	---

## Troca de experiências e participação em uma situação de partilha

### Indicador

Iniciativa/disposição em compartilhar, isto é, saber falar e saber ouvir (escuta ativa), os conhecimentos construídos acerca das linguagens artísticas, ciente da importância da contribuição individual nos processos coletivos de pesquisa e criação.

### Perguntas orientadoras

De que forma o aluno participa das situações coletivas, discussões e conversas acerca dos temas trazidos pelos educadores? O aluno considera a participação dos colegas na sua fala? O aluno muda de ideia a partir da escuta e consideração da fala do outro? Como o aluno lida com a mudança de ideia do colega? O aluno respeita opiniões diferentes das suas? O aluno participa ativamente dos diálogos no grupo ou só assiste à discussão? Ele respeita os períodos de silêncio e concentração? O aluno respeita o tempo do outro? Participa de situações de troca? Ele respeita a produção do outro? O aluno manifesta sua opinião de forma respeitosa e colaborativa?

1	O aluno não participa das situações coletivas de troca e discussão, ou, quando participa, é apenas para apontar seus próprios processos. Ele não reconhece ou não identifica relações entre seu processo e o processo dos colegas. Não manifesta interesse em falar sobre seu processo e compartilhá-lo, tampouco demonstra curiosidade no trabalho dos colegas.
2	O aluno se envolve e participa das situações coletivas de troca e discussão. Estabelece relações de coleguismo e de companheirismo com os outros aprendizes e, em parte de seu processo, é possível identificar poucas conexões com os processos e pesquisas dos colegas e os interesses coletivos do grupo.
3	O aluno participa ativamente das situações coletivas de troca e discussão. Sabe falar sobre seu processo e apresenta uma escuta cuidadosa em relação aos colegas. É um indivíduo ativo no desenvolvimento dos interesses coletivos do grupo.

4 O aluno tem consciência da importância da construção coletiva de conhecimentos e saberes e busca criar situações de integração de processos com os colegas, inclusive aprendizes de outras atividades e projetos. Em muitas situações exerce papel de liderança e é propositor de situações de troca de experiência e de coletividade.

## Produção artística e aprimoramento técnico

### Indicador

Grau de domínio dos procedimentos técnicos, materiais, suportes, meio de produção e expressão na linguagem artística.

### Perguntas orientadoras

Em que grau o aluno se apropria e sabe usar (domina) os procedimentos que são ensinados e como os incorpora em suas produções individuais? Como o aluno relaciona seu aprendizado técnico com o que ele quer fazer? As escolhas são diversificadas? Considera alternativas técnicas e poéticas? O aluno se disponibiliza a aprender novas técnicas e procedimentos?

1	O aluno precisa de ajuda técnica, só produz com orientação e/ou acompanhamento do educador, com ajuda total.
2	O aluno apresenta facilidade em trabalhar com meios e suportes, mas ainda precisa de alguma orientação.
3	O aluno consegue se apropriar e trabalhar com os procedimentos, meios e materiais propostos sem necessidade de supervisão ou de acompanhamento direto.
4	O aluno explora e pesquisa os materiais e suportes a partir da apropriação que ele tem dos procedimentos desenvolvidos na atividade.

## Ampliação de repertório

### Indicador

Curiosidade pela produção artístico-cultural na sua relação com o contexto social, identificação do próprio repertório e como incorpora essas referências na sua pesquisa pessoal.

### Perguntas orientadoras

De que forma a ampliação do repertório reflete na produção do aluno? O aluno tem uma postura investigativa que o leva a ampliar suas possibilidades de produção? Ele aceita o que é apresentado nas atividades? Ele faz produções em grupo que consideram a diver-

sidade de competências? Ele tem interesse em outras linguagens artísticas e busca trazer aspectos destas no trabalho dele? Ele elabora um discurso sobre sua produção que revela seu percurso investigativo, suas descobertas e pesquisas?

1	O repertório apreendido se restringe a nenhum ou poucos aspectos formais, técnicos e procedimentais apresentados nas atividades. O aluno não reflete acerca de suas referências artístico-culturais e não legitima o papel desse processo no seu aprendizado.
2	O aluno se apropriou de aspectos formais, técnicos e procedimentais apresentados nas atividades. Demonstra interesse por referências fora do seu campo de interesse original, mas ainda sem organizar ou sistematizar essas novas referências na relação com sua pesquisa e produção pessoal.
3	O aluno incorpora as referências apresentadas nas vivências da aula de arte em sua produção e se dedica a pesquisas pessoais para ampliar seu repertório.
4	O aluno identifica que seu repertório artístico-cultural foi ampliado, reconhece a importância desse processo e colabora para a ampliação do repertório do grupo.

## Participação e envolvimento

### Indicador

Envolvimento e resposta do aluno às atividades propostas, atenção às dinâmicas individuais e do grupo e dedicação à própria produção.

### Perguntas orientadoras

O aluno aceita os desafios ou o que é apresentado como atividade? Ele vai até o final? Ele estabelece seus próprios objetivos? Ele se dispersa? Ele experimenta diferentes respostas ao que lhe é proposto?

1	O aluno costuma desviar a atenção e precisa recorrentemente ser chamado de volta a participar da atividade. Não parece ter consciência de suas vontades e desejos em relação às aulas de Arte.
2	O aluno mantém atenção nas propostas e participação nas atividades e se compromete com os objetivos e conteúdos que são compartilhados – o que está explícito pelo educador.
3	O aluno tem suas próprias metas e desejos em relação a seu aprendizado artístico-cultural, tem atenção e dedicação ao seu processo de aprendizagem e participa ativamente das propostas de trabalho, contribuindo para a configuração de um trabalho de grupo baseado na troca de experiências.



4

Ao longo do processo o aluno amplia e constrói novas metas e objetivos para sua formação artístico-cultural e estabelece planos de como alcançá-los. O aluno amplia suas perspectivas e campos de pesquisa e contribui na elaboração de novas propostas de trabalho para o grupo.

## 2. Avaliação das sequências didáticas

Diferentemente do Projeto de Trabalho, que é uma forma de organização do currículo, a sequência didática pode ser definida como uma série de aulas concatenadas, com um ou mais objetivos e que não necessariamente tem uma produção final. Uma sequência didática é um trabalho organizado de forma sequencial durante um tempo determinado e estruturado pelo professor a fim de focar conteúdos relacionados ao projeto. Podemos afirmar, portanto, que dentro de um Projeto de Trabalho podem ocorrer diversas sequências didáticas.

Procure analisar o processo de construção do conhecimento em Arte dos estudantes antes, durante e depois de cada sequência didática, visando um processo de ensino e aprendizagem significativo.

A avaliação constante pode desvendar o processo de trabalho do professor de Arte durante todo o ano letivo, promovendo transformação das práticas pedagógicas com base na reflexão sobre a experiência vivida. Os momentos avaliativos ao longo do processo podem ser distintos e, em cada um deles, você deve procurar elaborar instrumentos como debates, questionários escritos e trabalhos práticos que possam fornecer dados para responder algumas questões importantes sobre a aprendizagem dos alunos. Há várias formas de elaborar instrumentos de avaliação em Arte. Podem ser trabalhos, provas, testes, relatórios, interpretações, questionários e outros que sejam mais sensíveis ao estágio de desenvolvimento específico dos estudantes.

O processo de avaliação pode ser individual ou em grupo e não deve se restringir a atitudes e valores. Por meio dele, todos os alunos devem refletir sobre os avanços em relação às suas aprendizagens específicas.

A estrutura geral desta coleção foi pensada como sequências didáticas. Cada unidade tem uma abertura, dois capítulos e um fechamento, que serão detalhados na próxima seção deste Manual. Cada uma dessas partes da unidade se constitui em uma sequência didática, ou seja, a abertura é uma sequência, o Capítulo 1 é outra, o Capítulo 2 até o fechamento,

também. Para a avaliação desses e de outros conteúdos, sugerimos os seguintes momentos de avaliação.

### Avaliação inicial

- O que os alunos conhecem sobre arte (artes visuais, música, dança, teatro, cinema, etc.)?
- Com quais tipos de arte convivem no cotidiano?
- Frequentam algum tipo de aula de Arte fora da escola? Quais e em quais espaços essas aulas são realizadas?
- Conhecem as práticas culturais e artísticas que ocorrem na comunidade? Como adquiriram esse conhecimento?
- Costumam frequentar os espaços culturais da cidade (museus, galerias de arte, centros culturais, teatros, cinemas, etc.)? Quais? Com que frequência?

### Avaliação processual

#### Antes da sequência didática

- O que os alunos conhecem sobre o objeto cultural que será estudado?
- O tema da sequência didática faz parte ou tem alguma relação com o cotidiano dos alunos?
- Que experiências os estudantes têm com a linguagem artística que será estudada?
- Conhecem algum artista que trabalhe com o mesmo tipo de produção cultural que será estudado na sequência?

#### Durante a sequência didática

- Os alunos demonstram interesse pela produção apresentada no capítulo? Que pontos despertam mais curiosidade?
- O tema abordado no capítulo é significativo para sua turma? Que relações existem entre esse tema e o cotidiano das crianças?
- Como os alunos compreendem o contexto sócio-histórico-cultural que envolve o objeto cultural que está sendo estudado?
- O objeto cultural que está sendo estudado é acessível a todos ou é dirigido apenas a determinado grupo social?
- Como os alunos compreendem os elementos das linguagens artísticas implicados na produção do que está sendo estudado e como se apropriam deles?

#### Depois da sequência didática

- Depois dos estudos, o conhecimento dos alunos sobre o objeto cultural estudado mudou? Procure

identificar como eles se apropriaram dos conteúdos estudados.

- Os alunos identificam em seu cotidiano a presença do tipo de objeto cultural e da(s) linguagem(ns) artística(s) estudados(a)? Procure exemplos.
- Como os estudantes se relacionaram com sua própria produção artística durante as atividades? Ficaram satisfeitos? Apropriaram-se dos procedimentos trabalhados? Envolveram-se em pesquisas e experimentações com os materiais? Consideram que sua produção artística expressa suas opiniões/sentimentos/emoções?
- Consideram importante expor/divulgar seu trabalho artístico e se envolver em eventuais montagens e apresentações de seus trabalhos?
- Quais foram as maiores dificuldades ao longo do projeto?

### Avaliação final para o professor

- Você realizou o mapeamento cultural? De que forma o mapeamento cultural auxiliou em seu plano de ensino?
- Foi possível abordar mais de uma linguagem artística na mesma atividade?
- Qual linguagem foi mais bem-aceita pelos alunos?
- Os recursos materiais existentes na escola foram disponibilizados para o seu trabalho com os estudantes? Quais recursos foram utilizados com êxito? Dê exemplos.
- Os espaços físicos da escola foram disponibilizados e estavam preparados para ser utilizados nas aulas de Arte?
- Você realizou a avaliação processual? Como utilizou a avaliação processual nas atividades de ensino?
- Até que ponto sua prática educativa foi alterada a partir da avaliação processual? Reflita se, ao longo do processo, você mudou de estratégia, elaborou novas atividades ou alterou alguma que já estava em andamento ao observar que os alunos estavam com dificuldades ou, então, se mudou o planejamento porque as crianças se entusiasmaram e aderiram à proposta, envolvendo-se mais do que o esperado.
- Elenque as alterações que realizou em seus procedimentos de ensino a partir da avaliação processual.
- Essas alterações resultaram na melhoria da aprendizagem dos alunos? Justifique.
- Você permitiu que os estudantes realizassem uma autoavaliação sobre as produções?

- Você promoveu visitas culturais? Os objetivos planejados foram alcançados?
- Conseguiu realizar mostras/exposições/festivais de arte? Comente.

### 3. Avaliação do produto final do Projeto de Trabalho

A avaliação do trabalho final dos alunos, seja ele uma produção individual, seja em grupo, envolve a verificação do aprendizado de técnicas e também da ampliação do repertório cultural dos estudantes. Essa produção, portanto, deve refletir o aprendizado dos conteúdos estudados ao longo do Projeto de Trabalho e deve, principalmente, refletir o processo de elaboração e de planejamento dessa produção final.

Nesse sentido, é importante que os estudantes registrem o processo de elaboração e de construção da obra por meio de fotografias, desenhos, vídeos, gravação de voz, textos.

No mundo da arte, esse registro se chama **memorial descritivo**. O memorial descritivo artístico é uma pequena redação sobre o processo de trabalho, da prática artística e de outras preocupações mais amplas. Ele serve de explanação, em linhas gerais, dos conceitos, motivações e processos de um trabalho de arte.

Essa forma de registro auxilia na avaliação do produto final de um Projeto de Trabalho, pois ajuda na racionalização de um processo tipicamente subjetivo. Para auxiliá-lo na avaliação de produtos finais, elencamos algumas questões que podem dirigir tanto a sua crítica quanto a dos próprios alunos:

- Quais temas, ideias e preocupações vocês consideraram em seu trabalho?
- Existem quaisquer influências externas ou ideias, talvez fora do universo das artes, que têm influência sobre seu trabalho?
- Há uma “intenção” por trás do trabalho, o que você quer que o trabalho alcance?
- Existem teorias, culturas ou artistas ou escolas de pensamento que são relevantes para seu trabalho?
- Com que materiais e recursos vocês trabalharam? O que interessa a vocês sobre esses tipos de material?
- Por que você trabalha com esses materiais? Existe uma relação entre eles e as suas ideias?
- Que processos estão envolvidos no seu trabalho e como eles se relacionam com as suas ideias?

No caso do trabalho com crianças em fase de alfabetização, é possível dialogar com elas em uma roda de conversa. Assim, você poderá verificar quanto as crianças conseguiram absorver em relação aos conteúdos abordados e qual a relação deles com o produto final.

## V. Estrutura geral da coleção

Para cumprir a proposta de trabalhar com Projetos de Trabalho, tendo como fundamento teórico a Arte-educação baseada na cultura visual e a Abordagem Triangular, cada livro desta coleção possui duas unidades temáticas que se configuram como Projetos de Trabalho e que duram um semestre letivo.

Essas duas unidades/projetos buscam trabalhar as quatro linguagens artísticas do componente curricular e, também, as diferentes linguagens integradas apontadas na BNCC e que contextualizam o estudo das linguagens.

Assim, cada projeto parte de uma questão disparadora que busca provocar o interesse dos estudantes. O trabalho desenvolvido a partir da pergunta busca levá-los a refletir sobre um *tema contemporâneo* (como direitos da criança e do adolescente, educação ambiental, vida familiar e social, educação para o consumo, trabalho, ciência e tecnologia e diversidade cultural), aliado ao estudo de uma *manifestação das artes integradas*, ou das artes que exploram as relações e as articulações entre as diferentes linguagens e suas práticas, inclusive aquelas possibilitadas pelo uso das novas tecnologias de informação e comunicação, indicadas na BNCC:

Ainda que, na BNCC, as linguagens artísticas das Artes visuais, da Dança, da Música e do Teatro sejam consideradas em suas especificidades, as experiências e vivências dos sujeitos em sua relação com a Arte não acontecem de forma compartimentada ou estanque. Assim, é importante que o componente curricular Arte leve em conta o diálogo entre essas linguagens, o diálogo com a literatura, além de possibilitar o contato e reflexão acerca das formas estéticas híbridas, tais como as artes circenses, o cinema e a *performance*.

Atividades que facilitem um trânsito criativo, fluido e desfragmentado entre as linguagens artísticas podem construir uma rede de interlocução,

inclusive, com a literatura e com outros componentes curriculares. Temas, assuntos ou habilidades afins de diferentes componentes podem compor projetos nos quais saberes se integrem, gerando experiências de aprendizagem amplas e complexas.<sup>44</sup>

Assim, cada unidade de cada volume da coleção possui:

1. *Abertura do Projeto*, que apresenta a questão disparadora e envolve os estudantes com imagens e textos instigantes e experimentações artísticas;
2. Dois *Capítulos*, que abordam de forma mais aprofundada linguagens artísticas que fazem parte do componente curricular e que ajudam na coleta de informações e em vivências que vão servir de fonte de pesquisa para resolver a questão disparadora do projeto;
3. *Fechamento do Projeto*, que apresenta de forma aprofundada a linguagem integrada ou híbrida estudada para que o produto final do projeto seja realizado.

A *Abertura do Projeto* traz textos e imagens que provocam a discussão e o debate acerca da questão disparadora, de forma reflexiva e contextualizada. Como os estudantes do 1º ao 5º ano são crianças, essa sensibilização busca ser lúdica, respeitando a faixa etária e as culturas infantis, e dialógica, por meio de uma roda de conversa inicial.

Nessa roda, professor e estudantes dialogam, o que permite que você desvele o que as crianças sabem sobre o problema, que outras questões ele abarca e que caminhos ele abre. Além disso, nesse momento, os estudantes vivenciam experimentações que desenvolvem competências e habilidades artísticas ao mesmo tempo que despertam seu interesse.

Cada um dos dois *Capítulos* que compõem uma unidade traz uma sequência didática relacionada ao aprendizado de uma linguagem artística por meio de atividades inspiradas na Abordagem Triangular desenvolvida por Ana Mae Barbosa e que também abarcam as seis dimensões do conhecimento presentes na BNCC, a saber: criação, crítica, estesia, expressão, fruição e reflexão.

Ressaltamos que o Projeto de Trabalho dialoga com a Abordagem Triangular. Ainda que a Abordagem Triangular proposta por Ana Mae Barbosa seja

<sup>44</sup> BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. p. 196.

voltada para o ensino das artes visuais e não oriente uma ordem ou sequência didática específica de organização dos vértices do triângulo, na coleção, nos apropriamos dessa proposta para o ensino de todas as linguagens.

Por isso, as atividades estão organizadas de modo que os estudantes aprendam arte de forma contextualizada e permeada de sentido. Além disso, o estudo dos capítulos garante o desenvolvimento das competências e habilidades presentes na BNCC, mas permite que você amplie o trabalho, trazendo outros procedimentos e pesquisas, além de outros saberes/linguagens que quiser e considerar relevantes, de acordo com o Projeto Político-Pedagógico da escola e rede de ensino de que participa.

Cada capítulo começa com a apresentação de uma obra de arte especialmente escolhida para que os estudantes continuem a refletir e construir respostas para o problema do projeto e, também, para apresentar alguns dos conteúdos obrigatórios da área de Arte.

A partir da apreciação e da contextualização da obra, o capítulo traz uma seção com conceitos estéticos, elementos da linguagem ou saberes artísticos, mesclada a experimentações artísticas, que promovem a vivência necessária para a construção de seu percurso criador e autoral e, também, a construção de um olhar sensível e crítico, que busca desvelar o que há “por trás” da obra apresentada no livro, de acordo com o referencial teórico que embasa a coleção.

Além disso, o capítulo também apresenta outros trabalhos do artista que conheceram no início e traz uma seção de ampliação do repertório cultural dos estudantes, apresentando o trabalho de outros artistas, outras linguagens e outras culturas, estimulando a pesquisa e o trabalho coletivo, também de acordo com o referencial teórico.

O final de cada um dos dois capítulos propõe uma atividade de criação e produção artística com foco na linguagem estudada e que se relaciona à preparação do produto final do projeto.

Optamos por organizar as seções dos capítulos nessa ordem por acreditarmos que, quanto mais os estu-

dantes conhecerem e relacionarem o trabalho de artistas e grupos apresentados com seu contexto e a própria produção artística, mais serão capazes de criar e produzir arte.

O *Fechamento do Projeto* traz, também, a apresentação de uma obra e uma sequência de atividades que promove o aprendizado da linguagem artística integrada ou híbrida que se relaciona à pergunta apresentada na abertura, além de uma proposta de criação e produção que resultará no principal produto do projeto.

Desse modo, ao longo de um ano letivo, os estudantes entrarão em contato com artistas e obras de arte de diferentes linguagens, tempos e culturas, além de vivenciarem experimentações e criações que garantem um percurso criador e autoral com um repertório ampliado e uma visão crítica que permite a criação artística autônoma.

Por fim, vale destacar que em um Projeto de Trabalho é preciso mobilizar a curiosidade e o interesse dos estudantes para que o aprendizado aconteça. Assim, os cinco volumes da coleção trazem uma proposta de progressão das aprendizagens que visa tornar o estudo das linguagens artísticas sempre instigante.

A cada ano letivo, propomos temas de projetos, obras de arte, atividades, pesquisas, reflexões e produção de produtos cada vez mais complexos e desafiadores, estimulando as descobertas dos alunos e a construção de novos conhecimentos. Ainda assim, de acordo com aquilo que está previsto na BNCC, essas aprendizagens não estão propostas de maneira rígida<sup>45</sup>, mas se relacionam com as anteriores e as posteriores na aprendizagem em Arte. Assim, sempre que julgar necessário, você pode adaptar a abordagem às necessidades e aos interesses da turma e também ao desenvolvimento do projeto, fazendo movimentos de retomada ou de antecipação de conteúdos, adaptando a complexidade do material e dos processos para o momento em que os alunos se encontram.

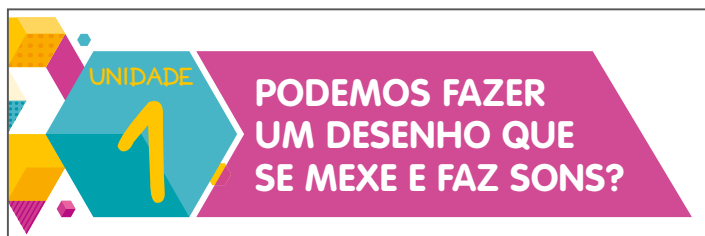
Com esse trabalho, a coleção busca desenvolver as competências específicas da área de Arte para os anos iniciais do Ensino Fundamental presentes na BNCC.

<sup>45</sup> BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. p. 197.

## 1. Seções e boxes da coleção

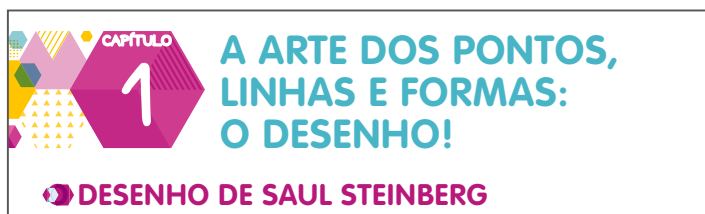
A seguir, apresentamos um esquema visual das seções e dos boxes que compõem cada volume da coleção. Os boxes fixos são apresentados dentro da seção em que aparecem. Os demais boxes são apresentados logo após as seções.

### 1. Introdução da unidade



É a abertura do Projeto de Trabalho. Nas duas primeiras páginas, apresenta uma imagem e a pergunta disparadora. Em seguida, há imagens e textos de sensibilização e, por fim, uma experimentação artística para que os alunos comecem a explorar o tema.

### 2. Abertura do capítulo



Cada capítulo aborda de forma mais aprofundada uma das quatro linguagens da arte, a partir da obra de um artista ou de um grupo em especial.

#### Para iniciar



O box “Para iniciar” traz perguntas para despertar o interesse do estudante e direcionar ao tema do capítulo.

### 3. Que obra é essa?



Seção que apresenta e promove a apreciação da obra do artista eleito para a construção do conteúdo do capítulo.

### 4. Como a obra foi feita?



Seção que desvela o produto artístico, mostrando que há um processo de construção da obra.

### 5. Conteúdos artísticos



Seção com conceitos estéticos, elementos da linguagem e saberes artísticos apresentados a partir da apreciação e da contextualização da obra principal do capítulo.

### 6. Atividade prática



Momento privilegiado para a criança “colocar a mão na massa”, ou seja, experimentar, a partir de um dos vetores do trabalho conhecido, uma criação. É importante ressaltar que, nas primeiras atividades práticas, as crianças podem ter pouca familiaridade com o modo de fazer arte proposto, mas a continuidade, o incentivo e as suas proposições possibilitarão ao aluno desenvolver autonomia e desfrutar cada vez mais do processo de criação em arte.

### 7. Outros trabalhos de



Apresenta outros trabalhos do artista para que os alunos possam conhecer mais de sua produção e de sua poética.

#### Sobre o artista



Breve biografia do artista ou grupo que aproxima o artista do ser humano comum, desmistificando para a criança o imaginário do artista inacessível.

#### Assim também aprendo



Seção que auxilia o estudante a verbalizar suas aproximações e repulsas ao trabalho do artista/grupo e é uma forma de auxiliá-lo a construir seu senso estético.

## 8. Ampliando o repertório cultural

### AMPLIANDO O REPERTÓRIO CULTURAL

Oportunidade de trazer obras de outros artistas e linguagens que dialogam com o conceito estético desenvolvido no capítulo.

## 9. Experimentação

### EXPERIMENTAÇÃO

Vivência de experimentações artísticas que desenvolvem competências e habilidades de arte ao mesmo tempo que despertam o interesse dos alunos.

## 10. O que estudamos

### O QUE ESTUDAMOS

Momento em que o aluno revê o conteúdo desenvolvido ao longo do capítulo ou da unidade, tira dúvidas e reforça conceitos. Você pode aproveitar a seção para visitar algumas atividades que despertaram mais interesse nas crianças.

### Dica de visitação

#### DICA DE VISITAÇÃO

Sugestões de visitas culturais que podem aproximar um artista/grupo local da escola e da construção do saber em Arte das crianças.

### É hora de retomar o portfólio

#### É HORA DE RETOMAR O PORTFÓLIO

Construção passo a passo do produto final que os estudantes terão no fim do ano letivo: o portfólio.

## 11. Encerramento da unidade

PODEMOS FAZER  
UM DESENHO QUE  
SE MEXE E FAZ SONS!

É o fechamento do Projeto de Trabalho. Apresenta uma obra relacionada à pergunta proposta inicialmente e trabalhada ao longo dos capítulos, auxiliando os alunos a respondê-la.

## 12. Fazendo arte

### FAZENDO ARTE

Proposta de criação e de produção que resultará no principal produto do Projeto de Trabalho.

### I. Saiba mais

#### SAIBA MAIS >>

Boxe que traz uma curiosidade ou mais informações sobre algum aspecto interligado à obra em questão ou ao tema abordado.

### II. Arte e...

#### ARTE & MATEMÁTICA

Boxe que busca promover a interdisciplinaridade do conteúdo artístico com outro componente curricular.

### III. Glossário

**INSTALAÇÃO:**  
TIPO DE ARTE VISUAL QUE CRIA  
OU MODIFICA UM AMBIENTE.

Apresenta conceitos para os alunos. Se julgar conveniente, você pode adotar o procedimento de escrever as palavras glossariadas na lousa e, quando pertinente, explorá-las no processo de alfabetização.

### IV. Sugestão de...

#### SUGESTÃO DE...

Indicações de sites, vídeos, livros e filmes selecionados para os alunos.

## 2. Principais competências, objetos de conhecimento e habilidades da coleção

A seguir, apresentamos as principais competências, objetos do conhecimento e habilidades trabalhados na coleção.

1º ano
<b>Unidade 1 - Podemos fazer um desenho que se mexe e faz sons?</b>
<b>Abertura e Fechamento do Projeto</b>
<b>Temas contemporâneos</b>
Trabalho, ciência e tecnologia
<b>Competências gerais</b>
Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.
Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.
<b>Competência de Linguagens</b>
Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao diálogo, à resolução de conflitos e à cooperação.
<b>Competência de Arte</b>
Desenvolver a autonomia, a crítica, a autoria e o trabalho coletivo e colaborativo nas artes.
<b>Unidade temática</b>
Artes integradas – Desenho animado
<b>Objeto do conhecimento</b>
Arte e tecnologia
<b>Habilidade</b>
(EF15AR26) Explorar diferentes tecnologias e recursos digitais (multimeios, animações, jogos eletrônicos, gravações em áudio e vídeo, fotografia, <i>softwares</i> , etc.) nos processos de criação artística.

Capítulo 1
<b>Unidade temática</b>
Artes visuais – Desenho
<b>Objeto do conhecimento</b>
Elementos da linguagem
<b>Habilidade</b>
(EF15AR02) Explorar e reconhecer elementos constitutivos das artes visuais (ponto, linha, forma, cor, espaço, movimento, etc.).
Capítulo 2
<b>Unidade temática</b>
Música – Paisagem sonora
<b>Objeto do conhecimento</b>
Elementos da linguagem
<b>Habilidade</b>
(EF15AR14) Perceber e explorar os elementos constitutivos da música (altura, intensidade, timbre, melodia, ritmo, etc.), por meio de jogos, brincadeiras, canções e práticas diversas de composição/criação, execução e apreciação musical.
<b>Unidade 2 - Brincar é importante?</b>
<b>Abertura e Fechamento do Projeto</b>
<b>Temas contemporâneos</b>
Direitos da criança e do adolescente
<b>Competências gerais</b>
Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.
Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

### Competências de Arte

Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, dos povos indígenas, das comunidades tradicionais brasileiras e de diversas sociedades, em distintos tempos e espaços, para reconhecer a arte como um fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos e dialogar com as diversidades.

Compreender as relações entre as linguagens da Arte e suas práticas integradas, inclusive aquelas possibilitadas pelo uso das novas tecnologias de informação e comunicação, pelo cinema e pelo audiovisual, nas condições particulares de produção, na prática de cada linguagem e nas suas articulações.

#### Unidade temática

Artes integradas – Filme documentário

#### Objetos do conhecimento

Matrizes estéticas culturais

Arte e tecnologia

#### Habilidades

(EF15AR24) Caracterizar e experimentar brinquedos, brincadeiras, jogos, danças, canções e histórias de diferentes matrizes estéticas e culturais.

(EF15AR26) Explorar diferentes tecnologias e recursos digitais (multimeios, animações, jogos eletrônicos, gravações em áudio e vídeo, fotografia, softwares etc.) nos processos de criação artística.

### Capítulo 3

#### Unidade temática

Dança – Dança contemporânea

#### Objetos do conhecimento

Contextos e práticas

Processos de criação

#### Habilidades

(EF15AR08) Experimentar e apreciar formas distintas de manifestações da dança presentes em diferentes contextos, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório corporal.

(EF15AR11) Criar e improvisar movimentos dançados de modo individual, coletivo e colaborativo, considerando os aspectos estruturais, dinâmicos e expressivos dos elementos constitutivos do movimento, com base nos códigos de dança.

### Capítulo 4

#### Unidade temática

Teatro – Pantomima literária

### Objeto do conhecimento

Processos de criação

#### Habilidades

(EF15AR20) Experimentar o trabalho colaborativo, coletivo e autoral em improvisações teatrais e processos narrativos criativos em teatro, explorando desde a teatralidade dos gestos e das ações do cotidiano até elementos de diferentes matrizes estéticas e culturais.

(EF15AR21) Exercitar a imitação e o faz de conta, ressignificando objetos e fatos e experimentando-se no lugar do outro, ao compor e encenar acontecimentos cênicos, por meio de músicas, imagens, textos ou outros pontos de partida, de forma intencional e reflexiva.

(EF15AR22) Experimentar possibilidades criativas de movimento e de voz na criação de um personagem teatral, discutindo estereótipos.

## 2º ano

### Unidade 1 - A arte faz pensar?

#### Abertura e Fechamento do Projeto

#### Tema contemporâneo

Educação ambiental

#### Competências gerais

Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.

Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

#### Competência de Linguagens

Conhecer e explorar diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) em diferentes campos da atividade humana para continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades de participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.

#### Competência de Arte

Desenvolver a autonomia, a crítica, a autoria e o trabalho coletivo e colaborativo nas artes.



<b>Unidade temática</b>
Artes integradas – Intervenção artística
<b>Objeto de conhecimento</b>
Processos de criação
<b>Habilidade</b>
(EF15AR23) Reconhecer e experimentar, em projetos temáticos, as relações processuais entre diversas linguagens artísticas.
<b>Capítulo 1</b>
<b>Unidade temática</b>
Teatro – Teatro de manipulação
<b>Objeto de conhecimento</b>
Elementos da linguagem
<b>Habilidade</b>
(EF15AR19) Descobrir teatralidades na vida cotidiana, identificando elementos teatrais (variadas entonações de voz, diferentes fisicalidades, diversidade de personagens e narrativas etc.).
<b>Capítulo 2</b>
<b>Unidade temática</b>
Dança – Dança contemporânea
<b>Objeto de conhecimento</b>
Elementos da linguagem
<b>Habilidades</b>
(EF15AR09) Estabelecer relações entre as partes do corpo e destas com o todo corporal na construção do movimento dançado.
(EF15AR10) Experimentar diferentes formas de orientação no espaço (deslocamentos, planos, direções, caminhos etc.) e ritmos de movimento (lento, moderado e rápido) na construção do movimento dançado.
<b>Unidade 2 - Brinquedo pode ser arte?</b>
<b>Abertura e Fechamento do Projeto</b>
<b>Temas contemporâneos</b>
Vida familiar e social
Educação para o consumo

<b>Competências gerais</b>
Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.
<b>Competência de Linguagens</b>
Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais.
<b>Competência de Arte</b>
Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, dos povos indígenas, das comunidades tradicionais brasileiras e de diversas sociedades, em distintos tempos e espaços, para reconhecer a arte como um fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos e dialogar com as diversidades.
<b>Unidade temática</b>
Artes integradas – Criação de exposição interativa
<b>Objetos de conhecimento</b>
Processos de criação
Matrizes estéticas e culturais
<b>Habilidades</b>
(EF15AR23) Reconhecer e experimentar, em projetos temáticos, as relações processuais entre diversas linguagens artísticas.
(EF15AR24) Caracterizar e experimentar brinquedos, brincadeiras, jogos, danças, canções e histórias de diferentes matrizes estéticas e culturais.
<b>Capítulo 3</b>
<b>Unidade temática</b>
Artes visuais – escultura
<b>Objetos de conhecimento</b>
Processos de criação
Sistemas de linguagem

## Habilidades

(EF15AR05) Experimentar a criação em artes visuais de modo individual, coletivo e colaborativo, explorando diferentes espaços da escola e da comunidade.

(EF15AR06) Dialogar sobre a sua criação e as dos colegas, para alcançar sentidos plurais.

(EF15AR07) Reconhecer algumas categorias do sistema das artes visuais (museus, galerias, instituições, artistas, artesãos, curadores etc.).

## Capítulo 4

### Unidade temática

Música – Música de concerto

### Objetos de conhecimento

Elementos da linguagem

Notação e registro musical

### Habilidades

(EF15AR14) Perceber e explorar os elementos constitutivos da música (altura, intensidade, timbre, melodia, ritmo etc.), por meio de jogos, brincadeiras, canções e práticas diversas de composição/criação, execução e apreciação musical.

(EF15AR16) Explorar diferentes formas de registro musical não convencional (representação gráfica de sons, partituras criativas etc.), bem como procedimentos e técnicas de registro em áudio e audiovisual, e reconhecer a notação musical convencional.

## 3º ano

### Unidade 1 - A arte pode ser feita com tudo?

#### Abertura e Fechamento do Projeto

### Temas contemporâneos

Educação ambiental

Educação para o consumo

### Competências gerais

Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

## Competência de Linguagens

Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.

## Competência de Arte

Experienciar a ludicidade, a percepção, a expressividade e a imaginação, ressignificando espaços da escola e de fora dela no âmbito da Arte.

### Unidade temática

Artes integradas – Criar uma instalação sonora com materiais inusitados.

### Objeto de conhecimento

Processos de criação

### Habilidade

(EF15AR23) Reconhecer e experimentar, em projetos temáticos, as relações processuais entre diversas linguagens artísticas.

## Capítulo 1

### Unidade temática

Artes visuais – Assemblagem e fotografia

### Objeto de conhecimento

Materialidades

### Habilidade

(EF15AR04) Experimentar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia etc.), fazendo uso sustentável de materiais, instrumentos, recursos e técnicas convencionais e não convencionais.

## Capítulo 2

### Unidade temática

Música – Música experimental

### Objetos de conhecimento

Materialidades

Notação e registro musical

<b>Habilidades</b>
(EF15AR15) Explorar fontes sonoras diversas, como as existentes no próprio corpo (palmas, voz, percussão corporal), na natureza e em objetos cotidianos, reconhecendo os elementos constitutivos da música e as características de instrumentos musicais variados.
(EF15AR16) Explorar diferentes formas de registro musical não convencional (representação gráfica de sons, partituras criativas etc.), bem como procedimentos e técnicas de registro em áudio e audiovisual, e reconhecer a notação musical convencional.
<b>Unidade 2 - A arte pode fazer a gente se sentir bem?</b>
<b>Abertura e Fechamento do Projeto</b>
<b>Tema contemporâneo</b>
Saúde
<b>Competências gerais</b>
Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.
<b>Competência de Linguagens</b>
Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais.
<b>Competência de Arte</b>
Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, dos povos indígenas, das comunidades tradicionais brasileiras e de diversas sociedades, em distintos tempos e espaços, para reconhecer a arte como um fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos e dialogar com as diversidades.
<b>Unidade temática</b>
Artes integradas – Festival de <i>clowns</i>

<b>Objeto de conhecimento</b>
Processos de criação
<b>Habilidade</b>
(EF15AR23) Reconhecer e experimentar, em projetos temáticos, as relações processuais entre diversas linguagens artísticas.
<b>Capítulo 3</b>
<b>Unidade temática</b>
Teatro – Palhaçaria
<b>Objeto de conhecimento</b>
Processos de criação
<b>Habilidades</b>
(EF15AR20) Experimentar o trabalho colaborativo, coletivo e autoral em improvisações teatrais e processos narrativos criativos em teatro, explorando desde a teatralidade dos gestos e das ações do cotidiano até elementos de diferentes matrizes estéticas e culturais.
(EF15AR21) Exercitar a imitação e o faz de conta, ressignificando objetos e fatos e experimentando-se no lugar do outro, ao compor e encenar acontecimentos cênicos, por meio de músicas, imagens, textos ou outros pontos de partida, de forma intencional e reflexiva.
(EF15AR22) Experimentar possibilidades criativas de movimento e de voz na criação de um personagem teatral, discutindo estereótipos.
<b>Capítulo 4</b>
<b>Unidade temática</b>
Dança – Dança e o Novo Circo
<b>Objeto de conhecimento</b>
Processos de criação
<b>Habilidades</b>
(EF15AR11) Criar e improvisar movimentos dançados de modo individual, coletivo e colaborativo, considerando os aspectos estruturais, dinâmicos e expressivos dos elementos constitutivos do movimento, com base nos códigos de dança.
(EF15AR12) Discutir, com respeito e sem preconceito, as experiências pessoais e coletivas em dança vivenciadas na escola, como fonte para a construção de vocabulários e repertórios próprios.

## 4º ano

### Unidade 1 - A arte pode unir as pessoas?

#### Abertura e Fechamento do Projeto

##### Tema contemporâneo

Diversidade cultural

Respeito e valorização do idoso

##### Competências gerais

Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.

Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

##### Competências de Linguagens

Conhecer e explorar diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) em diferentes campos da atividade humana para continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades de participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.

Utilizar diferentes linguagens para defender pontos de vista que respeitem o outro e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, atuando criticamente frente a questões do mundo contemporâneo.

##### Competência de Arte

Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, dos povos indígenas, das comunidades tradicionais brasileiras e de diversas sociedades, em distintos tempos e espaços, para reconhecer a arte como um fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos e dialogar com as diversidades.

##### Unidade temática

Artes integradas – Organizar uma apresentação na escola

##### Objeto de conhecimento

Patrimônio cultural

##### Habilidade

(EF15AR25) Conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo-se suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas.

#### Capítulo 1

##### Unidade temática

Música – Música brasileira

##### Objetos de conhecimento

Contexto e práticas

Notação e registro musical

##### Habilidades

(EF15AR13) Identificar e apreciar criticamente diversas formas e gêneros de expressão musical, reconhecendo e analisando os usos e as funções da música em diversos contextos de circulação, em especial, aqueles da vida cotidiana.

(EF15AR16) Explorar diferentes formas de registro musical não convencional (representação gráfica de sons, partituras criativas etc.), bem como procedimentos e técnicas de registro em áudio e audiovisual, e reconhecer a notação musical convencional.

#### Capítulo 2

##### Unidade temática

Dança – Danças afro-brasileiras

##### Objeto de conhecimento

Contextos e práticas

##### Habilidade

(EF15AR08) Experimentar e apreciar formas distintas de manifestações da dança presentes em diferentes contextos, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório corporal.

### Unidade 2 - A arte pode construir lugares?

#### Abertura e Fechamento do Projeto

##### Tema contemporâneo

Diversidade cultural

Vida familiar e social

<b>Competências gerais</b>
Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.
<b>Competências de Linguagens</b>
Conhecer e explorar diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) em diferentes campos da atividade humana para continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades de participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.
Utilizar diferentes linguagens para defender pontos de vista que respeitem o outro e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, atuando criticamente frente a questões do mundo contemporâneo.
<b>Competência de Arte</b>
Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, dos povos indígenas, das comunidades tradicionais brasileiras e de diversas sociedades, em distintos tempos e espaços, para reconhecer a arte como um fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos e dialogar com as diversidades.
<b>Unidade temática</b>
Artes integradas – Instalação interativa
<b>Objetos de conhecimento</b>
Patrimônio cultural
Arte e tecnologia
<b>Habilidades</b>
(EF15AR25) Conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo-se suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas.
(EF15AR26) Explorar diferentes tecnologias e recursos digitais (multimeios, animações, jogos eletrônicos, gravações em áudio e vídeo, fotografia, <i>softwares</i> etc.) nos processos de criação artística.

<b>Capítulo 3</b>
<b>Unidade temática</b>
Teatro – Musical
<b>Objeto de conhecimento</b>
Contextos e práticas
<b>Habilidade</b>
(EF15AR18) Reconhecer e apreciar formas distintas de manifestações do teatro presentes em diferentes contextos, aprendendo a ver e a ouvir histórias dramatizadas e cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório ficcional.
<b>Capítulo 4</b>
<b>Unidade temática</b>
Artes visuais – Gravura e relevo
<b>Objetos de conhecimento</b>
Contextos e práticas
Matrizes estéticas e culturais
<b>Habilidades</b>
(EF15AR01) Identificar e apreciar formas distintas das artes visuais tradicionais e contemporâneas, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético.
(EF15AR03) Reconhecer e analisar a influência de distintas matrizes estéticas e culturais das artes visuais nas manifestações artísticas das culturas locais, regionais e nacionais.

<b>5º ano</b>
<b>Unidade 1 - A arte tem raiz?</b>
<b>Abertura e Fechamento do Projeto</b>
<b>Temas contemporâneos</b>
Diversidade cultural
Educação em direitos humanos
<b>Competências gerais</b>
Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.

Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

### Competências de Linguagens

Conhecer e explorar diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) em diferentes campos da atividade humana para continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades de participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.

Utilizar diferentes linguagens para defender pontos de vista que respeitem o outro e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, atuando criticamente frente a questões do mundo contemporâneo.

### Competência de Arte

Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, dos povos indígenas, das comunidades tradicionais brasileiras e de diversas sociedades, em distintos tempos e espaços, para reconhecer a arte como um fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos e dialogar com as diversidades.

### Unidade temática

Artes integradas – Criar um festejo na escola

### Objeto de conhecimento

Patrimônio cultural

### Habilidade

(EF15AR25) Conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo-se suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas.

## Capítulo 1

### Unidade temática

Música e artes integradas – Música indígena

### Objetos de conhecimento

Materialidades

Patrimônio cultural

### Habilidades

(EF15AR15) Explorar fontes sonoras diversas, como as existentes no próprio corpo (palmas, voz, percussão corporal), na natureza e em objetos cotidianos, reconhecendo os elementos constitutivos da música e as características de instrumentos musicais variados.

(EF15AR25) Conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo-se suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas.

## Capítulo 2

### Unidade temática

Artes visuais e artes integradas – Azulejaria

### Objetos de conhecimento

Matrizes estéticas e culturais

Patrimônio cultural

### Habilidades

(EF15AR03) Reconhecer e analisar a influência de distintas matrizes estéticas e culturais das artes visuais nas manifestações artísticas das culturas locais, regionais e nacionais.

(EF15AR25) Conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo-se suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas.

## Unidade 2 - Arte é patrimônio?

### Abertura e Fechamento do Projeto

### Temas contemporâneos

Diversidade cultural

Educação em direitos humanos

### Competências gerais

Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.

Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

### Competências de Linguagens

Conhecer e explorar diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) em diferentes campos da atividade humana para continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades de participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.

Utilizar diferentes linguagens para defender pontos de vista que respeitem o outro e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, atuando criticamente frente a questões do mundo contemporâneo.

### Competência de Arte

Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, dos povos indígenas, das comunidades tradicionais brasileiras e de diversas sociedades, em distintos tempos e espaços, para reconhecer a arte como um fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos e dialogar com as diversidades.

### Unidade temática

Artes integradas – Criação de filme usando a técnica *stop-motion*

### Objetos do conhecimento

Patrimônio cultural

Arte e tecnologia

### Habilidades

(EF15AR25) Conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo-se suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas.

(EF15AR26) Explorar diferentes tecnologias e recursos digitais (multimeios, animações, jogos eletrônicos, gravações em áudio e vídeo, fotografia, *softwares*, etc.) nos processos de criação artística.

## Capítulo 3

### Unidade temática

Dança e artes integradas – Danças africanas

### Objetos de conhecimento

Contextos e práticas

Patrimônio cultural

### Habilidades

(EF15AR08) Experimentar e apreciar formas distintas de manifestações da dança presentes em diferentes contextos, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório corporal.

(EF15AR25) Conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo-se suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas.

## Capítulo 4

### Unidade temática

Teatro - Mamulengo

### Objeto de conhecimento

Contextos e práticas

### Habilidade

(EF15AR18) Reconhecer e apreciar formas distintas de manifestações do teatro presentes em diferentes contextos, aprendendo a ver e a ouvir histórias dramatizadas e cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório ficcional.

## 3. Material Digital do Professor

Complementa o trabalho desenvolvido no material impresso, com o objetivo de organizar e enriquecer o trabalho docente, contribuindo para sua contínua atualização e oferecendo subsídios para o planejamento e o desenvolvimento de suas aulas. Neste material, você encontrará:

- Orientações gerais para o ano letivo.
- Quadros bimestrais com os objetos de conhecimento e as habilidades que devem ser trabalhados em cada bimestre.
- Sugestões de atividades que favoreçam o trabalho com as habilidades propostas para cada ano.
- Orientações para a gestão da sala de aula.
- Proposta de projetos integradores para o trabalho com os diferentes componentes curriculares.
- Sequências didáticas para ampliação do trabalho em sala de aula.

## VI. Referências para aprofundamento do professor

### Arte-educação

BARBOSA, Ana Mae. *A imagem no ensino da Arte*. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

\_\_\_\_\_. *Arte-educação: conflitos e acertos*. São Paulo: Max Limonad, 1984.

\_\_\_\_\_. *Arte-educação no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

\_\_\_\_\_. (Org.). *Inquietações e mudanças no ensino da Arte*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

\_\_\_\_\_. *John Dewey e o ensino da Arte no Brasil*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2015.

\_\_\_\_\_. *O pós-modernismo*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

\_\_\_\_\_. *Redesenhando o desenho: educadores, política e história*. São Paulo: Cortez, 2015.

\_\_\_\_\_. *Teoria e prática da educação artística*. São Paulo: Cultrix, 1975.

\_\_\_\_\_. *Tópicos utópicos*. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.

\_\_\_\_\_.; COUTINHO, Rejane. *Arte-educação como mediação cultural e social*. São Paulo: Ed. da Unesp, 2009.

\_\_\_\_\_.; CUNHA, F. (Org.). *Abordagem Triangular no Ensino das Artes e Culturas Visuais*. São Paulo: Cortez, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica*. Brasília, 2013.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais – Arte*. Brasília, 2000.

DEWEY, John. *A arte como experiência*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2010.

EFLAND, Arthur D.; FREEDMAN, Kerry; STUHR, Patricia. *La educación en el arte posmoderno*. Barcelona: Paidós, 2003.

FERREIRA, Sueli (Org.). *O ensino das artes: construindo caminhos*. 10. ed. Campinas: Papirus, 2015.

FUSARI, Maria R.; FERRAZ, Maria H. *Arte na educação escolar*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

\_\_\_\_\_. *Metodologia do ensino de Arte*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

GEERTZ, Clifford. A Arte como um sistema cultural. In: \_\_\_\_\_. *O saber local: novos ensaios em Antropologia interpretativa*. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

GIROUX, Henry. *Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem*. Porto Alegre: Penso, 1997.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia radical: subsídios*. São Paulo: Autores Associados/Cortez, 1983.

GRANT, N. *Multicultural Education in Scotland*. Edinburgh: Dunedin Academic Press, 2000.

GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. 16. ed. Campinas: Papirus, 2005.

\_\_\_\_\_.; ROLNIK, Sueli. *Micropolítica: cartografias do desejo*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

HERNÁNDEZ, Fernando. *Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

\_\_\_\_\_.; VENTURA, Montserrat. *A organização do currículo por projetos de trabalho*. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2017.

HUIZINGA, Johan. *Homo ludens*. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

LAYTON, Robert. *A Antropologia da Arte*. Lisboa: Edições 70, 2001.

MARQUES, Isabel; BRAZIL, Fábio. *Arte em questões*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2014.

MCLAREN, Peter. *Multiculturalismo revolucionário: pedagogia do dissenso para o novo milênio*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

READ, Herbert. *A educação pela arte*. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

RICHTER, Ivone M. *Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino das artes visuais*. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

RIZZI, Maria Cristina de S. Caminhos metodológicos. In: BARBOSA, Ana Mae (Org.). *Inquietações e mudanças no ensino da Arte*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

SACRISTÁN, José G. A educação que temos, a educação que queremos. In: IMBERNÓN, F. (Org.). *A educação no século XXI: os desafios do futuro imediato*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

\_\_\_\_\_. Currículo e diversidade cultural. In: SILVA, Tomaz T.; MOREIRA, Antônio F. (Org.). *Territórios contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais*. Petrópolis: Vozes, 1995.

SILVA, Tomaz T. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

### Interdisciplinaridade

BOCHNIAK, Regina. *Questionar o conhecimento: interdisciplinaridade na escola*. São Paulo: Loyola, 1998.

EAGLETON, Terry. *A ideia de cultura*. 2. ed. São Paulo: Ed. da Unesp, 2011.

FAZENDA, Ivani C. A. *Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro*. São Paulo: Loyola, 2002.

\_\_\_\_\_. *Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa*. 18. ed. Campinas: Papirus, 2016.

\_\_\_\_\_. (Org.). *Práticas interdisciplinares na escola*. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

JAMESON, Fredric. *A virada cultural: reflexões sobre o pós-moderno*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

JANTSCH, Ari P.; BIANCHETTI, Lucídio. *Interdisciplinaridade: para além da filosofia do sujeito*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

MATURANA, Humberto R.; VARELA, Francisco J. *A Árvore do conhecimento: as bases biológicas para a compreensão humana*. São Paulo: Palas Athena, 2004.



MORIN, Edgar. *O problema epistemológico da complexidade*. Portugal: Europa-América, 1996.

NICOLESCU, Basarab. *O manifesto da transdisciplinaridade*. 3. ed. São Paulo: Triom, 2017.

PAVIANI, Jayme. *Interdisciplinaridade: conceitos e distinções*. 3. ed. Caxias do Sul: Educs, 2014.

SANTOS, Boaventura S. (Org.). *Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências revisitado*. São Paulo: Cortez, 2004.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

SANTOS, Vivaldo P. *Interdisciplinaridade na sala de aula*. São Paulo: Loyola, 2007.

SENGE, Peter M. *A quinta disciplina: arte e prática da organização que aprende*. Rio de Janeiro: BestSeller, 2009.

SOMMERMAN, Américo. *Inter ou transdisciplinaridade?* São Paulo: Paulus, 2006.

## Artes visuais

AGUILAR, Nelson (Org.). *Bienal Brasil século XX*. São Paulo: Fundação Bienal, 1994.

ARGAN, G. C. *Arte moderna: do iluminismo aos movimentos contemporâneos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ARNHEIM, Rudolf. *Arte e percepção visual*. 2. ed. São Paulo: Cengage, 2016.

BERGER, John. *Modos de ver*. São Paulo: Rocco, 1999.

CAUQUELIN, Anne. *Arte contemporânea: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CHIPP, Herschel. *Teorias da Arte moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

DANTO, Arthur. *Após o fim da Arte: a Arte contemporânea e os limites da História*. São Paulo: Edusp, 2006.

DONDIS, Donis A. *Sintaxe da linguagem visual*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

GOMBRICH, Ernst. H. *A história da Arte*. 16. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

HARRISON, Hazel. *Técnicas de desenho e pintura*. Rio Grande do Sul: Edelbra, 1994.

HAYES, Colin. *Guia completo de pintura y dibujo, técnicas y materiales*. Barcelona: Herman Blume, 1992.

KANDINSKY, Wassily. *Ponto e linha sobre plano*. Lisboa: Edições 70, 2006.

OSTROWER, Fayga. *Criatividade e processos de criação*. 24. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

## Audiovisual

BARBERO, Jesus. M. *Dos meios às mediações*. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2009.

BARBOSA FILHO, André. *Mídias digitais: convergência tecnológica e inclusão social*. São Paulo: Paulinas, 2005.

CITELLI, Adilson. *Outras linguagens na escola: publicidade, cinema e TV, rádio, jogos, informática*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

COELHO, Raquel. *A arte da animação*. 3. ed. Rio de Janeiro: Formato, 2012.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

ESPERON, T. M. Educação para mídia. *Pedagogia da Comunicação: Caminhos e desafios*. In: PENTEADO, Heloísa D. (Org.). *Pedagogia da Comunicação*. São Paulo: Cortez, 2001.

FERRÉS, Joan. *Televisão e educação*. Porto Alegre: Artmed, 1996.

GALLIMARD, Jeunesse. *A imagem*. São Paulo: Melhoramentos, 2001.

GIACOMANTONIO, Marcello. *O ensino através dos audiovisuais*. São Paulo: Summus, 1981.

GRAÇA, Marina E. *Entre o olhar e o gesto: elementos para uma poética da imagem animada*. São Paulo: Senac, 2009.

HAMANN, Fernanda P.; SOUZA, Solange J.; PIRES, Cecília C. *Juro que vi... Lendas brasileiras: adultos e crianças na criação de desenhos animados*. Rio de Janeiro: Multirio/Núcleo de Publicações, 2004.

KUNSCH, Margarida (Org.). *Comunicação e educação: caminhos cruzados*. Rio de Janeiro: Loyola, 2002.

LUCENA JÚNIOR, Alberto. *Arte da animação: técnica e estética através da história*. 2. ed. São Paulo: Senac, 2005.

SILVA, Salete. T. A. Desenho animado e educação. In: CITELLI, Adilson. *Outras linguagens na escola: publicidade, cinema e TV, rádio, jogos, informática*. São Paulo: Cortez, 2008.

## Música

ANDRADE, Mário de. *Dicionário musical brasileiro*. São Paulo: IEB/Edusp, 1989.

BEYER, Esther. *Ideias em educação musical*. Porto Alegre: Mediação, 1999.

\_\_\_\_\_; KEBACH, Patrícia (Org.). *Pedagogia da Música: experiências de apreciação musical*. Porto Alegre: Mediação, 2015.

CAGE, John. *De segunda a um ano*. São Paulo: Cobogó, 2013.

FONTEERRADA, Marisa. *De tramas e fios: um ensaio sobre música e educação*. São Paulo: Ed. da Unesp, 2005.

KEBACH, Patrícia Fernanda Carmem (Org.). *Expressão Musical na Educação Infantil*. Porto Alegre: Mediação, 2013.

MARIZ, Vasco. *História da música no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

MOURA, Ieda C.; BOSCARDIN, Maria T.; ZAGONEL, Bernadete. *Musicalizando crianças: teoria e prática da educação musical*. São Paulo: InterSaberes, 2013.

SCHAFER, Murray. *Le paysage sonore*. Marseille: Wildproject, 2010.

\_\_\_\_\_. *O ouvido pensante*. 3. ed. São Paulo: Ed. da Unesp, 2013.

TINHORÃO, José R. *Pequena história da música popular: da modinha à canção de protesto*. 7. ed. São Paulo: 34, 2013.

WISNIK, José M. *O som e o sentido: uma outra história das músicas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

## Dança

BARRETO, Débora. *Dança... ensino, sentidos e possibilidades na escola*. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2008.

BREGOLATO, Roseli. *Cultura corporal da dança*. 3. ed. São Paulo: Ícone, 2007.

CORTES, Gustavo. *Dança, Brasil! Festas e danças populares*. Belo Horizonte: Leitura, 2000.

FERREIRA, Táis; FALKEMBACH, Maria T. *Teatro e Dança nos anos iniciais*. Porto Alegre: Mediação, 2012.

KATZ, Helena. *Brasil descobre a dança, a dança descobre o Brasil*. São Paulo: DBA, 1994.

LABAN, Rudolf. *Dança educativa moderna*. São Paulo: Ícone, 1990.

\_\_\_\_\_. *Domínio do movimento*. 5. ed. São Paulo: Summus Editorial, 1978.

MARQUES, Isabel. *A dança no contexto*. São Paulo: Ícone, 1999.

\_\_\_\_\_. *Interações: crianças, dança e escola*. São Paulo: Blucher, 2012.

OSSONA, Paulina. *A educação pela dança*. 6. ed. São Paulo: Summus Editorial, 1988.

VIANNA, Klaus. *A dança*. São Paulo: Summus, 2005.

## Teatro

CABRAL, Beatriz. *Drama como método de ensino*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2012.

\_\_\_\_\_. *Ensino do teatro: experiências interculturais*. Florianópolis: Imprensa Universitária, 1998.

CHACRA, Sandra. *Natureza e sentido da improvisação teatral*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

COURTNEY, Richard. *Jogo, teatro e pensamento*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

DESGRANGES, Flávio. *Pedagogia do Teatro: provocação e diálogo*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2012.

JAPIASSU, Ricardo. *Metodologia do ensino do teatro*. 9. ed. Campinas: Papirus, 2001.

KOUDELA, Ingrid. *Brecht na pós-modernidade*. São Paulo: Perspectiva, 2012.

\_\_\_\_\_. *Brecht: um jogo de aprendizagem*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.

\_\_\_\_\_. *Jogos teatrais*. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

\_\_\_\_\_. *Texto e jogo*. São Paulo: Perspectiva, 2010.

NOVELLY, Maria C. *Jogos teatrais: exercícios para grupos e sala de aula*. Campinas: Papirus, 1994.

SANTANA, Arão P. de. *Teatro e formação de professores*. São Luís: EDUFMA, 2009.

SANTOS, Vera Lúcia Bertoni dos. *Brincadeira e conhecimento: do faz de conta à representação teatral*. Porto Alegre: Mediação, 2004.

SILVA, Isabel de Oliveira e; SILVA, Ana Paula Soares da; MARTINS, Aracy Alves (Org.). *Infâncias do Campo*. São Paulo: Autêntica, 2013.

SPOLIN, Viola. *Improvisação para o teatro*. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.

\_\_\_\_\_. *Jogos teatrais: o fichário de Viola Spolin*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

\_\_\_\_\_. *O jogo teatral no livro do diretor*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

STANISLAVSKI, Constantin. *A criação de um papel*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.



Ensino Fundamental – Anos Iniciais  
Componente curricular: Arte

**Eliana Pougy**

Bacharel em Comunicação Social pela  
Fundação Armando Álvares Penteado (Faap)  
Especialista em Linguagens da Arte pelo  
Centro Universitário Maria Antônia da Universidade de São Paulo (Ceuma-USP)  
Mestra em Educação pela Universidade de São Paulo (USP)  
Doutora em Teoria Política com foco em Educação na  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)  
Autora de livros didáticos e paradidáticos sobre Arte

**André Vilela**

Licenciado em Educação Artística pela  
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp-SP)  
Coordenador pedagógico do programa Fábricas de Cultura de São Paulo  
Professor de cursos de capacitação e de formação de professores em Arte  
Professor de História da Arte  
Autor de livros didáticos sobre Arte

2ª edição

São Paulo, 2017

Atualizado de acordo com a BNCC.

**ea**  
editora ática



editora ática

**Direção geral:** Guilherme Luz  
**Direção editorial:** Luiz Tonolli e Renata Mascarenhas  
**Gestão de projeto editorial:** Tatiany Renó  
**Gestão e coordenação de área:** Alice Silvestre e Camila De Pieri Fernandes  
**Edição:** Fabiana Marsaro e Renato Malkov (editores), André Saretto (assist.)  
**Gerência de produção editorial:** Ricardo de Gan Braga  
**Planejamento e controle de produção:** Paula Godo, Roseli Said e Marcos Toledo  
**Revisão:** Hélia de Jesus Gonsaga (ger.), Kátia Scaff Marques (coord.), Rosângela Muricy (coord.), Ana Paula C. Malfa, Diego Carbone, Flávia S. Vênezio, Gabriela M. Andrade, Heloisa Schiavo, Larissa Vazquez, Marília Lima, Maura Lória e Vanessa P. Santos  
**Arte:** Daniela Amaral (ger.), Claudio Faustino (coord.), Yong Lee Kim (edição de arte), Jacqueline Ortolan e Lívia Vitta Ribeiro (edit. arte)  
**Iconografia:** Silvio Klugin (ger.), Denise Durand Kremer (coord.), Thaisi Albarracin Lima (pesquisa iconográfica)  
**Licenciamento de conteúdos de terceiros:** Cristina Akisino (coord.), Liliâne Rodrigues (licenciamento de textos), Erika Ramires e Claudia Rodrigues (análises adm.)  
**Tratamento de imagem:** Cesar Wolf e Fernanda Crevin  
**Ilustrações:** Andrea Ebert, Galvão e Joana Resek  
**Cartografia:** Eric Fuzii (coord.)  
**Design:** Gláucia Correa Koller (ger. e proj. gráfico) e Talita Guedes da Silva (proj. gráfico e capa)  
**Ilustração de capa:** ArtefatoZ

**Todos os direitos reservados por Editora Ática S.A.**

Avenida das Nações Unidas, 7221, 3ª andar, Setor A  
Pinheiros – São Paulo – SP – CEP 05425-902  
Tel.: 4003-3061  
[www.atica.com.br](http://www.atica.com.br) / [editora@atica.com.br](mailto:editora@atica.com.br)

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Pougy, Eliana  
Ápis arte, 4º ano : ensino fundamental, anos iniciais / Eliana Pougy, André Vilela. -- 2. ed. -- São Paulo : Ática, 2017.

Suplementado pelo manual do professor.  
Bibliografia.  
ISBN 978-85-08-18815-4 (aluno)  
ISBN 978-85-08-18816-1 (professor)

I. Arte (Ensino fundamental) I. Vilela, André.  
II. Título.

17-11326

CDD-372.5

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Arte : Ensino fundamental 372.5

**2017**

Código da obra CL 713455  
CAE 624427 (AL) / 624428 (PR)  
2ª edição  
1ª impressão

Atualizado de acordo com a BNCC.

Impressão e acabamento





# APRESENTAÇÃO

Brincar é importante? A arte faz pensar? Brinquedo pode ser arte? A arte pode ser feita de tudo? A arte pode unir as pessoas? Arte é patrimônio?

Essas e muitas outras perguntas fazem parte dos nossos pensamentos desde que nós tínhamos a sua idade!

Para responder a essas questões, estudamos arte na escola e também fora dela.

Assim, fomos aprendendo e organizando ideias, elaborando outras perguntas e ordenando pensamentos.

Afinal, nós só aprendemos quando fazemos perguntas e vamos atrás de respostas, não é mesmo?

Por esse motivo, procuramos trazer neste livro de arte diversos questionamentos...

E é por isso que propomos a você que, ao longo dos estudos, busquemos, juntos, respostas para eles!

Vamos refletir sobre o fazer artístico, experimentar linguagens, apreciar as mais diversas obras, conhecer a vida e o trabalho de diferentes artistas e produzir muita arte.

Dessa maneira, esperamos que você chegue a algumas conclusões, faça várias descobertas e proponha muitas novas perguntas sobre arte!

Bom aprendizado!

Os autores



# CONHEÇA SEU LIVRO

Ao folhear este livro, você vai ver que ele contém ilustrações, fotografias, imagens de obras de arte, textos e atividades.

Vamos entender como ele está organizado?

## Unidade

O livro tem duas unidades, com uma introdução, dois capítulos e um encerramento cada uma delas.

A introdução apresenta uma imagem de página dupla e uma pergunta que vai conduzir o estudo de toda a unidade. Em seguida, há uma sensibilização e uma experimentação para você começar a explorar o tema.



## Capítulo

Cada capítulo aborda uma linguagem artística. Além de aprender mais sobre as artes visuais, o teatro, a dança e a música, você realizará atividades e experimentações que vão auxiliá-lo a responder à pergunta da unidade.



## Conhecendo obras e artistas

Cada capítulo começa com a apresentação do trabalho de um artista ou grupo, com exemplos de obras e informações sobre ele e as técnicas que utiliza. Em seguida, você vai conhecer mais sobre as linguagens artísticas, por meio de textos e atividades práticas.



## Ampliando o repertório cultural

Você vai conhecer outras obras e artistas de diferentes linguagens artísticas que se relacionam com a obra do artista ou do grupo apresentado no início do capítulo.



## Experimentação

Você vai realizar atividades de vivência e de experimentação artística, testando técnicas e explorando os elementos das linguagens da arte.

### EXPERIMENTAÇÃO


- Para finalizar este capítulo, imprimido no trabalho da Companhia de Aquarelas, vamos dançar e improvisar para recriar o jongo e o samba de roda?
- Em um grupo de até dez integrantes, você vai criar coreografias com base nos passos colhidos no jongo e no samba de roda.
- Com o professor e os colegas de grupo, assiste a vídeos de pessoas dançando o jongo e o samba de roda para conhecer os passos principais das duas danças.
- Divida com os colegas as alterações que quiserem fazer nessas passagens básicas.
- O grupo também vai selecionar uma música para acompanhar a coreografia.
- Escolha com os colegas um integrante que ficará responsável por memorizar a sequência de passos. Ele pode escrever ou desenhar a sequência.
- Com a ajuda do professor, você e os colegas podem também produzir o figurino que será usado pelas dançarinas na apresentação.
- Ensaie algumas vezes antes da apresentação!

#### Apresentando

- Com os colegas e a orientação do professor, escolham uma data para a apresentação do espetáculo e planejem o evento, convidando os membros da escola, família e da comunidade. Vai ser um sucesso!

#### Registrando

- Guarde, no portfólio, foto, gravação, vídeo, ensaio e de apresentação da coreografia criada por seu grupo.



### O QUE ESTUDAMOS

- O espetáculo de dança **Fazendo Arte** registra, divulga e ensina danças tradicionais brasileiras.
- O jongo e o samba de roda são danças tradicionais brasileiras que devem originar-se ambas modernas.
- As partes do corpo humano se movimentam juntas, formando um todo.
- A dança é uma arte em que o corpo e a forma de expressão.
- Cada um de nós movimenta o corpo de maneira única, mas nosso jeito de dançar pode estar ligado às nossas tradições culturais.
- Os festejos brasileiros são comemorações muito antigas, que se originaram de tradições portuguesas, africanas, indígenas e de povos imigrantes.
- O Carnaval é um festejo que surge a partir do entulho, uma comemoração participativa.

#### Dica de visitação

Na cidade onde você mora também existem grupos que divulgam e ensinam danças tradicionais brasileiras! Eles permitem a participação do público; em sua comunidade? Procure descobrir onde e quando esses grupos se apresentam e faça uma visita para conhecer o trabalho deles.

#### 1 hora de retomar o portfólio

Depois de que vimos neste capítulo, o que você aprendeu e respeito da dança? Justifique sua resposta em um breve parágrafo.

Você ficou satisfeito com as suas produções artísticas? Considere que elas expressam suas opiniões, seus sentimentos e suas emoções? Por quê? Escreva um pequeno comentário sobre uma de suas produções.

Quais foram suas maiores dificuldades ao longo do projeto, tanto na escola quanto em casa? Comente em um breve parágrafo.

## O que estudamos

Finalizando o capítulo, há uma síntese dos assuntos abordados, dicas de visitas culturais e uma retomada do seu portfólio.

## Fazendo arte


Para concluir a unidade retomamos a pergunta proposta inicialmente e trabalhada ao longo dos capítulos. Você vai realizar uma atividade de fazer artístico, inspirada nas obras dos artistas ou grupos estudados, que o ajudará a responder à pergunta inicial.

### FAZENDO ARTE

- Para encerrar esta unidade, que tal pintar toda a turma para dançar fevô?
- Para começar, vamos conhecer alguns dos passos dessa dança? Todos eles são rápidos e cheios de energia.


#### Tesoura

Para executar esse passo, o bailarino segura a sombrinha com a mão direita e abre um pouco os braços para os lados. Com as pernas levemente dobradas e cruzadas, dá um pulinho e desloca as pernas. Ao encostar no chão, a perna que estava atrás fica localizada para a frente, ao mesmo tempo em que o calcanhar apoiado. Com outro pulo, o bailarino refaz o encaixe das pernas, invertendo a perna que estava atrás. Depois repete o movimento para o outro lado.




#### Saci-pererê

Com a sombrinha na mão direita, o bailarino encaixa o pé direito atrás do pé esquerdo e, apoiado na perna esquerda, pula para a esquerda e para a direita. Depois repete o movimento invertendo as pernas.



#### Posta de pé e calcanhar

Para realizar esse passo, o bailarino tem de apoiar a ponta de um dos pés no chão, um pouco atrás do corpo, com o pé voltado para dentro. Na sequência, vira o pé para fora e toca o chão com o calcanhar. Depois o movimento deve ser repetido com a outra perna. E assim as pernas se alternam sucessivamente.



#### Material necessário

- tinta para tecido nas cores vermelha, amarela, verde e azul
- prato para colocar a tinta
- panela
- sobrinha plástica (de preferência, velha)
- pingo com água e pano velho para limpar o pincel

- Coloque a tinta no prato, uma cor de cada vez. Com o pincel, pinte cada gomo da sombrinha, alternando as cores.
- Antes de trocar a tinta, limpe o prato e o pincel com a água e o pano.
- Deixe a sombrinha na sombra para a tinta secar.

Além dessas seções, seu livro também apresenta alguns boxes:

### Arte e Geografia

Não é só a Arte que se dedica a pesquisar e a divulgar a arte tradicional brasileira. A Geografia também!

Com passos cheios de giro e requiebro, danças como o jongo e o samba de roda não só podem divertir e alegrar, mas também nos colocam em contato com elementos das culturas afro-brasileiras, indígenas, mestiças e migrantes.

Enquanto a Arte registra, reproduz e, por vezes, cria o repertório de danças que fazem parte de nossa cultura há muito tempo, a Geografia busca identificar e descrever as características das diferentes sociedades e dos lugares onde elas vivem, o que inclui entender melhor suas manifestações culturais.

Que danças são comuns no lugar onde você vive? Quais delas são mais conhecidas na sua família? Siga as orientações do professor para fazer uma pesquisa.

### Saiba mais


Um griot é uma **griote** são pessoas nascidas em famílias de griots e costumam se casar com pessoas do mesmo grupo. Quando esses grandes homens, têm o corpo sepultado dentro do tronco de um gigantesco baobá – árvore típica do continente africano. A ideia é que suas histórias e conselhos continuem brando, como os galhos da árvore!

Grave-se barba em água com baobá no fundo na reserva florestal Kinidy, em Madagascar, 2013.



### Sugestão de...

Para conhecer tradições, festas e músicas do continente africano, veja **Entre o rio e as nuvens: algumas histórias africanas**, de Kálla Cantine e Sidi Mouna Diel, 2008. Esta obra faz parte da coleção **Arte conta histórias**.



## Arte e...

Mostra como a arte se relaciona aos conteúdos e aos procedimentos de outros componentes curriculares.

## Saiba mais

Apresenta curiosidades e mais informações sobre assuntos e conteúdos abordados no livro.

## Sugestão de...

Apresenta uma seleção de sites, vídeos, livros e filmes para você.

Os ícones distribuídos em algumas páginas mostram como as atividades devem ser realizadas:



Atividade individual



Atividade em dupla



Atividade em grupo



Atividade oral



Atividade escrita



# SUMÁRIO

## **Unidade 1** A arte pode unir as pessoas? ..... 8

**A arte pode fazer a gente conhecer outros tempos! ..... 10**

**A arte pode fazer a gente conhecer outros lugares!..... 11**

**Experimentação ..... 12**

### **Capítulo 1** Música unindo gerações!.....14

**A música de Cláudia Braga ..... 14**

Para iniciar ..... 14

Que obra é essa?..... 16

Como a obra foi feita? ..... 18

Elementos da linguagem musical ..... 20

Propriedades do som..... 20

Notação musical ..... 24

Outros trabalhos de Cláudia Braga ..... 26

Ampliando o repertório cultural..... 28

Marlui Miranda..... 28

Heitor dos Prazeres ..... 29

**Experimentação ..... 30**

**O que estudamos..... 31**

### **Capítulo 2** Dançando e festejando!..... 32

**A dança da Companhia de Aruanda ..... 32**

Para iniciar ..... 32

Que obra é essa?..... 34

Como a obra foi feita? ..... 36

O movimento ..... 38

Corpo e dança ..... 40

Dança e cultura ..... 42

Outros trabalhos da Companhia de

Aruanda ..... 44

Ampliando o repertório cultural..... 46

Festejos brasileiros ..... 46

O Carnaval..... 47

**Experimentação ..... 48**

**O que estudamos..... 49**

### **A arte pode unir as pessoas!..... 50**

**O Carnaval do Brasil ..... 50**

Que festejo é esse?..... 50

Fazendo arte ..... 54

**O que estudamos..... 57**



As imagens não estão representadas em proporção.





A arte revela as histórias de um lugar! ... 60

A arte cria a memória de um lugar! ..... 61

Experimentação ..... 62

**Capítulo 3**

**Expressando um modo de viver e de conviver!..... 64**

**O teatro do grupo As Meninas do Conto ..... 64**

Para iniciar ..... 64

Que obra é essa?..... 66

Como a obra foi feita? ..... 68

Contar histórias para quê?..... 70

A tradição oral ..... 72

Quem conta um conto aumenta um ponto..... 74

Outros trabalhos do grupo As Meninas do Conto ..... 76

Ampliando o repertório cultural..... 78

Contadores africanos ..... 78

Instrumentos que acompanham a narração..... 79

Experimentação ..... 80

O que estudamos..... 81

**Capítulo 4**

**Gravando a diversidade da cidade! ..... 82**

**As gravuras e os relevos de Maria Bonomi ..... 82**

Para iniciar ..... 82

Que obra é essa?..... 84

Como a obra foi feita? ..... 86

Linguagem visual ..... 89

Figura e fundo..... 89

Relevo ..... 89

Gravura ..... 91

Outros trabalhos de Maria Bonomi ..... 95

Ampliando o repertório cultural..... 97

Sergio Cezar..... 97

J. Borges..... 98

Experimentação ..... 99

O que estudamos..... 101

**A arte pode construir lugares!..... 102**

**A instalação interativa de Ernesto Neto ..... 102**

Que instalação é essa?..... 104

Por que a instalação foi criada?..... 105

Fazendo arte..... 106

O que estudamos..... 109

**Bibliografia ..... 110**



Isby/Spencer/Photom /Magazine/Getty Images



Galvão/Arquivo da editora

## Unidade 1

### A arte pode unir as pessoas?

Cada unidade dos livros da coleção traz uma proposta de Projeto de Trabalho prevista para durar um semestre e busca criar um diálogo entre os interesses dos estudantes e o desenvolvimento das competências e habilidades presentes na BNCC, com vistas ao desenvolvimento de seus conhecimentos artísticos e estéticos e ao aprendizado da arte.

O projeto proposto na unidade 1 contempla os seguintes aspectos:

- **Questão norteadora:** A arte pode unir as pessoas?
- **Tema contemporâneo:** Diversidade cultural, com foco nos festejos e nas culturas brasileiras tradicionais.
- **Capítulo 1:** Elementos constitutivos da linguagem musical, em especial de canções tradicionais brasileiras.
- **Capítulo 2:** Elementos constitutivos da dança, em especial de danças brasileiras, como jongo e samba de roda.
- **Produto final:** Produção de um festejo.

As questões do boxe e a ilustração ajudam a iniciar e a apresentar as discussões da unidade 1, que traz um problema em forma de questão que se relaciona ao estudo dos festejos brasileiros tradicionais. Essas tradições, que podem ser inscritas no campo das artes integradas da BNCC, caracterizam-se pela mistura de várias linguagens artísticas, entre elas a música e a dança.

A diversidade cultural, com foco nos festejos e nas culturas brasileiras tradicionais, será explorada, ao longo do percurso dos capítulos, como exemplo de tema que pode ser pensado pela arte.

Converse sobre a diversidade de contextos em que a produção artística acontece e os diferentes papéis que ela pode assumir. Conduza uma discussão com questões como: "Por que vocês acham que as pessoas produzem arte?"; "Qual função a arte tem em diferentes culturas?".



Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

### Expectativas de aprendizagem desta unidade

- Identificar e reconhecer aspectos característicos das linguagens da música e da dança.
- Conhecer obras de diversas linguagens artísticas e identificar as possibilidades de integração entre elas, especialmente entre a música e a dança.
- Conhecer e experimentar atividades relacionadas à linguagem corporal e à expressividade gestual e coreográfica.
- Estabelecer relações entre as propriedades da música e os movimentos dançados.



Mesmo sem perceber, desde pequenos, convivemos com a arte por meio das cantigas, das encenações, dos festejos e das brincadeiras. O contato com a arte é uma forma única de diversão e de conhecimento! Além de nos divertir, as obras de arte podem nos levar a conhecer diferentes tempos e lugares. Você se lembra de algum festejo tradicional brasileiro? Você acha que uma criança que nunca veio para o Brasil consegue conhecer um pouco de nossa cultura ao ver esse festejo? Será que a arte também tem o poder de unir pessoas de vários lugares e de diferentes idades?

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

9

## Competências desta unidade

- Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
- Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.
- Conhecer e explorar diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) em diferentes campos da atividade humana para continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades de participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.
- Utilizar diferentes linguagens para defender pontos de vista que respeitem o outro e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, atuando criticamente frente a questões do mundo contemporâneo.
- Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, dos povos indígenas, das comunidades tradicionais brasileiras e de diversas sociedades, em distintos tempos e espaços, para reconhecer a arte como um fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos e dialogar com as diversidades.

## A BNCC nestas páginas

### Patrimônio cultural

**BNCC** EF15AR25

Neste momento, os estudantes terão oportunidade de começar a refletir sobre o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo-se suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas.

- Estabelecer relações entre valores de convivência e o papel da produção artística.
- Apreciar obras de arte musical e corporal e descrever o que vê e sente em relação a elas.
- Comunicar aos colegas sua apreciação, explicando o sentido que atribuiu às obras.
- Valorizar os artistas que realizaram as obras apreciadas, conhecendo aspectos de sua poética e alguns de seus trabalhos.
- Reproduzir uma dança ligada a um festejo tradicional brasileiro.

## A arte pode fazer a gente conhecer outros tempos!

Antes de iniciar a leitura do texto, você pode conversar com os alunos sobre suas experiências com músicas e canções tradicionais, especialmente em contextos que remetem a ancestralidades de um povo ou de um lugar. Pergunte a eles, por exemplo: “Vocês conhecem festas ou folguedos em que se cantam sempre músicas tradicionais, que todos conhecem e cantam juntos?”; “Vocês conhecem alguma música que costuma ser cantada em reuniões de família, festas e eventos de bairro ou da vizinhança em que vivem?”; “O que acontece nestes momentos?”; “Como as pessoas se comportam? Elas se emocionam?”; “O que as pessoas celebram juntas?”; “Como as crianças aprendem as canções? Apenas cantando junto ou há alguém que as ensine?”; “Há algum músico presente tocando algum instrumento?”. Procure apontar o papel integrador da música nas vivências conhecidas dos alunos, para que possam refletir sobre a função social da música em diferentes contextos.

Leia o texto e aprecie com a turma as imagens das apresentações do grupo Samba de Coco Raízes de Arcoverde. Converse com os alunos sobre o trabalho do grupo, procurando estabelecer relações com as experiências relatadas por eles na conversa inicial. Comente com eles que a tradição pode ser percebida nas letras das canções e na sonoridade dos instrumentos tradicionais da região, por exemplo.

Levante algumas perguntas, como: “O que está acontecendo nas imagens?”; “O que as pessoas estão fazendo?”; “Quais instrumentos elas estão tocando?”; “Em que lugares elas estão se apresentando?”. Destaque que o grupo realiza suas apresentações em proximidade com o público e retome as situações conversadas antes da leitura do texto, destacando o caráter integrador e participativo da música nesse contexto, ressaltando seu papel comunitário e de preservação e difusão das canções tradicionais.

## A arte pode fazer a gente conhecer outros tempos!

As músicas e as canções podem ser transmitidas de geração em geração, por meio da memória ou das **partituras** musicais. É por isso que os músicos de hoje podem aprender e executar composições de muito tempo atrás.

Além disso, atualmente também é possível utilizar a tecnologia para gravar essas músicas e canções em áudio e vídeo e deixá-las como herança para as próximas gerações.

**partitura:** registro gráfico das notas musicais usadas em uma composição.

Quando o público entra em contato com essas músicas e canções antigas, ele tem a oportunidade de viajar no tempo! Por meio das letras das canções e dos sons dos instrumentos musicais tradicionais, conhecemos um pouco mais a arte daqueles que viveram antes de nós. Por isso, ao ouvir e cantar composições de antigamente, podemos voltar ao passado!

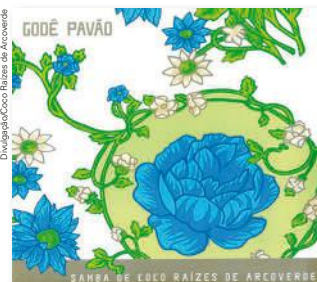


Silvério/Acervo Coco Raízes de Arcoverde

► O grupo pernambucano Samba de Coco Raízes de Arcoverde se apresenta em todo o Brasil. Seus integrantes tocam samba de coco, um gênero musical tradicional em seu estado e também em Alagoas e na Paraíba. Antigamente, as sambadas de coco, ou seja, as reuniões em que se canta ou dança samba de coco, aconteciam em várias situações. Uma das mais comuns era a reunião de amigos quando alguém se mudava para uma casa nova: os passos da dança ajudavam a assentar o piso de barro. Hoje, ainda se toca coco entre amigos, mas também são feitas apresentações para o grande público. Recife, Pernambuco, 2015.



► Grupo Samba de Coco Raízes de Arcoverde se apresentando ao ar livre. Podemos assistir a apresentações de grupos musicais como esse em ruas e em espaços públicos. Arcoverde, Pernambuco, 2012.



► Capa do CD **Godê Pavão** (Via Som Music, 2003), do grupo Samba de Coco Raízes de Arcoverde. Atualmente, as músicas e as canções também podem ser registradas em gravações de áudio e de vídeo, para serem acessadas quando quisermos.

### 10 UNIDADE 1

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

## A BNCC nestas páginas

### Contextos e práticas

BNCC EF15AR08

### Contexto e práticas

BNCC EF15AR13

### Patrimônio cultural

BNCC EF15AR25

Neste momento, os estudantes terão oportunidade de identificar e apreciar formas e gêneros da expressão musical, reconhecendo e analisando os usos e as funções da música em diversos contextos de circulação. Além disso, poderão apreciar algumas formas de manifestação da dança, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório corporal. Assim, será possível que conheçam e valorizem o patrimônio cultural de culturas diversas, em especial a brasileira.

## ▶ A arte pode fazer a gente conhecer outros lugares!

A dança também pode fazer parte da nossa vida desde cedo. Quando pequenos, podemos nos movimentar ao som das cantigas, participar de quadrilhas nas festas juninas, dançar em festejos e até mesmo em casa.

Também podemos ver pessoas dançando em coreografias na TV, em apresentações de balé, em espetáculos apresentados em teatros. Dessa forma, nós nos transportamos para os locais de origem dessas danças, mesmo sem sair do lugar!

Nessas ocasiões, descobrimos que cada local pode ter suas danças próprias e que existem muitas maneiras de dançar: sozinhos, formando pares, em grupo, em roda. Como se dança no lugar onde você vive?



▶ Apresentação do grupo de danças do Centro de Tradições Gaúchas Ronda Charrua. Santa Maria, Rio Grande do Sul, 2015.



▶ Indígenas da etnia Pankararu dançam durante o ritual do Toré. Tacaratu, Pernambuco, 2014.



▶ Fiéis do candomblé dançam durante a Festa de Iemanjá. Cachoeira, Bahia, 2014.

## ▶ A arte pode fazer a gente conhecer outros lugares!

Converse com os alunos sobre o papel da dança em diferentes contextos e situações, tanto na vida cotidiana como em momentos de celebração nas comunidades, por exemplo festas e folguedos. Pergunte: “Quando as pessoas costumam dançar?”; “As pessoas dançam sempre em grupo?”; “Vocês costumam dançar? Como? Em que momentos?”. Procure destacar as diferenças entre a dança como brincadeira, seja sozinho ou com os amigos; a dança como lazer, por exemplo quando se dança em uma festa; as danças como parte de celebrações tradicionais, com passos que são transmitidos de geração em geração e fazem parte dos costumes de um povo; e a dança profissional.

Questione-os sobre as formas de apresentação da dança e suas características: “Quem são as pessoas que dançam nestas situações?”; “Como se aprende a dançar cada uma dessas danças?”. Levante com os alunos curiosidades acerca da dança e suas diversas formas de se manifestar. Estabeleça relações com a questão central da unidade: “A arte pode unir as pessoas?”. Discuta sobre como a dança se insere em momentos de celebração e integração das pessoas em diversas situações.

Ao promover a leitura coletiva do texto e das imagens referentes às diversas maneiras de se observar a dança em nosso cotidiano, para aproximar o tema das experiências dos alunos, levante algumas questões: “Vocês conhecem as danças representadas nas fotos?”; “Vocês sabem executar alguma dessas danças?”; “O que apreciamos quando assistimos a apresentações desse tipo?”; “Como o corpo pode se expressar por meio dos nossos movimentos, gestos e expressões corporais?”; “Quando vocês estão conversando com uma pessoa, vocês usam partes do corpo na conversa? Fazem caretas, movem as mãos?”; “É possível se comunicar sem a fala? De que maneira?”; “Qual o principal elemento de manifestações artísticas como a dança e o teatro?”.

## Experimentação

Essa é uma atividade que envolve diferentes saberes. É importante conduzir atentamente as várias etapas para a confecção do figurino e o ensaio da coreografia com os alunos.

Auxilie-os quando necessário durante a customização das roupas, especialmente no trabalho com a cola quente. Deixe que enfeitem os trajes como acharem mais conveniente.

Pesquise e leve uma música de siriri para a sala de aula. Coloque para os alunos ouvirem e pergunte como eles imaginam que seria uma dança para essa música: “Como os pés e as mãos se moveriam?”; “De que maneira os bailarinos se movimentariam?”.

Para a turma vivenciar os elementos da coreografia do siriri (como a ida ao centro da roda para dançar) e aguçar outros sentidos para sentir a música e a dança, faça uma atividade de aquecimento: coloque uma música de siriri para tocar; organize os alunos em uma grande roda; peça a dois deles que fiquem vendados no centro da roda dançando como se sentirem melhor a partir da música que estiverem ouvindo, seguindo o ritmo, as pulsações, a melodia; oriente-os na roda para que comecem a girar; em determinado momento, um integrante da roda deverá dizer uma palavra qualquer, para que os alunos vendados no centro tentem descobrir quem falou, para isso eles têm três tentativas. Quando conseguirem acertar, eles saem do centro para aquele que pronunciou a palavra entrar em seu lugar. Ele então convida outro colega da roda para ir junto, os dois são vendados, e a brincadeira recomeça.

Ajude os alunos a escolher uma música para acompanhar a apresentação, seguindo as orientações apresentadas no Livro do Estudante. Ao final, organize uma roda de conversa sobre as etapas desenvolvidas para a dança. Pergunte, por exemplo, se essa dança é diferente da ciranda que eles brincavam quando eram pequenos. Faça ainda questões que provoquem nos alunos uma reflexão sobre a dimensão que tem a dança na cultura brasileira.

# EXPERIMENTAÇÃO

Agora, que tal usar a música e a dança para viajar para o Mato Grosso do Sul? Vamos conhecer o cururu e o siriri? Ao terminar a experimentação, compartilhe os resultados com os colegas e o professor. Depois, guarde um registro no **portfólio**.

## Saiba mais

O portfólio é uma pasta ou caixa onde você deve guardar as suas produções. Ele serve para ajudar a lembrar do que foi estudado nas aulas de Arte!

O siriri é uma dança tradicional brasileira, típica do estado de Mato Grosso do Sul. Ele é dançado por crianças, homens e mulheres em rodas ou fileiras formadas por pares.

A música que acompanha o siriri é o cururu. Tradicionalmente, esse é um gênero musical cantado somente por homens. As letras são improvisadas e os **cantadores** desafiam uns aos outros.

Os figurinos são uma parte importante dessa dança. As mulheres e as meninas usam saias longas. Ao dançar, batem os pés descalços no chão. Os homens e os meninos usam sapatos. Eles também batem os pés no chão, como em um **sapateado**, e usam palmas para marcar o ritmo.

### cantador:

poeta que canta versos improvisados ao som da viola ou rabeca.

### sapateado:

dança em que são usados sapatos específicos, com saltos ou solas que fazem barulho ao bater no chão.

▶ Pessoas dançando o siriri durante festejo. Corumbá, Mato Grosso do Sul, 2015.



Renê Mattos Carneiro/Prefeitura de Corumbá


12

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

## Sugestão de...

### Vídeo

Se possível, apresente para a turma o vídeo de uma apresentação de siriri realizada pelo grupo Flor Ribeirinha no Festival Mundial de Danças de Cheonan, na Coreia do Sul. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mato-grosso/noticia/2017/04/jovens-aprendem-dancar-siriri-e-levam-adiante-cultura-cuiabana.html>>. Acesso em: 27 nov. 2017.

 Vamos criar figurinos de siriri e depois ensaiar os passos da dança para fazer um grande baile?

- 1 Antes de começar a criar seu figurino para dançar siriri, com os colegas e o professor, pesquise alguns exemplos na internet.
- 2 Planeje como você vai enfeitar as peças de roupa. Você pode utilizar fitas e papéis coloridos, lantejoulas e o que mais quiser!
- 3 Com a ajuda do professor, use a cola quente para fixar os enfeites nas peças.
- 4 As fitas coloridas podem ser amarradas no braço ou enfeitar os chapéus.

#### Material necessário

- camiseta sem estampa
- saia longa
- calça colorida
- chapéu de palha
- papel crepom, lantejoulas e outros materiais para enfeitar
- cola quente
- fitas coloridas

 Agora que o figurino está pronto, vamos dançar o siriri?

- 1 Com os colegas, forme duas filas: uma só de meninas e outra só de meninos, que devem ficar de frente uns para os outros.
- 2 Quando começar a música, os cavalheiros devem ir até as damas dançando e formando pares, um de cada vez.
- 3 Um par de cada vez passa entre as duas filas sem dar as mãos, saltitando de lado ao ritmo da música.
- 4 Quando esse par chegar à outra ponta da fila, a dupla seguinte sai dançando.
- 5 Os demais dançarinos batem os pés e usam palmas para marcar o ritmo, enquanto esperam sua vez de atravessar o corredor.
- 6 Depois de aprender a coreografia, escolha com os colegas uma música típica para acompanhar o siriri e divirta-se bastante!

Vimos que o contato com a arte permite que a gente vá para outros tempos e outros lugares. Essa é uma maneira de conhecer outras culturas e nos relacionar com pessoas diferentes de nós. Mas será que a arte é capaz de unir as pessoas? Juntos, vamos tentar responder a essa pergunta enquanto aprendemos mais sobre música e dança.

13

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Ao concluir a abertura da unidade, é importante conversar com os alunos sobre os caminhos e as relações que devem ser estabelecidos no estudo dos capítulos 1 e 2. Neles, os alunos verão conteúdos importantes sobre duas linguagens artísticas – a música e a dança – e poderão entender como elas podem ajudar a unir as pessoas.

Antes de iniciar o trabalho com o capítulo 1, retome com os alunos a conversa anterior sobre como a arte pode nos fazer conhecer outros tempos e lugares. Em seguida, apresente o título do primeiro capítulo, “Música unindo gerações!”, e, então, faça algumas perguntas como: “Do que será que fala este capítulo?”; “Vocês acham que a música é um bom jeito para transmitir tradições? Por quê?”; “Vocês acham que um tipo de música pode agradar pessoas de idades diferentes?”.

Depois, junto com a turma, redija uma lista com tópicos relativos a conteúdos e atividades que eles imaginam que serão trabalhados durante o bimestre. A proposta é que os alunos levantem o que será necessário fazer para responder à pergunta colocada: “A arte pode unir as pessoas?”. Abaixo, há uma primeira lista de tópicos que pode ser usada como base para o que será trabalhado nos capítulos que seguem. Acate as sugestões deles, caso surjam, e extrapole a sugestão de tópicos relacionados a seguir, promovendo mais atividades, como visitas culturais e técnicas, convidando profissionais para irem à escola serem entrevistados pelos alunos, entre outras possibilidades.

- Conhecer um ou mais artistas que usem a música para resgatar a memória de um lugar.
- Descobrir mais sobre a música e seus elementos constitutivos.
- Experimentar jogos musicais explorando as propriedades dos sons e os elementos constitutivos da música.
- Conhecer outras formas de arte e outras culturas que utilizam referências musicais para valorizar suas manifestações.
- Aprender e interpretar canções tradicionais brasileiras.

## A BNCC nestas páginas

### Contextos e práticas

BNCC EF15AR08

### Contexto e práticas

BNCC EF15AR13

### Patrimônio cultural

BNCC EF15AR25

Neste momento, os estudantes terão oportunidade de experimentar o siriri como forma de manifestação da dança, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório corporal. Além disso, poderão valorizá-lo como um patrimônio cultural brasileiro, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos à dança.

## Unidade 1 – Capítulo 1

### Música unindo gerações!

Ao iniciar os estudos do capítulo 1, retome com os estudantes a questão norteadora da unidade: “A arte pode unir as pessoas?”. É sempre bom retomar, também, a lista de tópicos relativos aos conteúdos e atividades trabalhados durante o bimestre, disponível na página anterior. Assim ninguém perde o fio da meada!

### A música de Cláudia Braga

#### Para iniciar

Neste capítulo, os alunos vão conhecer o trabalho desenvolvido no espetáculo **Pitocando: um espetáculo de música para crianças**, que apresenta músicas tradicionais do cancioneiro brasileiro interpretadas com diferentes arranjos e abordagens.

Um dos objetivos é que os estudantes percebam a importância da música em momentos e situações de celebração e coletividade, além de trabalhar algumas propriedades do som (altura, intensidade, timbre e duração) e a notação musical.

Faça a leitura das questões do box junto com os alunos e proporcione um primeiro momento para que comentem livremente sobre elas. Incentive-os a dizerem as músicas que gostam de ouvir e, se possível, faça uma lista na lousa para que percebam se há gostos em comum na turma. Se achar pertinente, pesquise algumas das músicas citadas na internet e realize um momento de escuta.

Em seguida, peça que observem a imagem e, além da questão proposta no livro, levante algumas outras: “O que vocês acham das expressões faciais das artistas enquanto cantam?”; “Vocês já experimentaram cantar em frente ao espelho? Como ficam suas expressões faciais?”; etc.

Leia com os estudantes a letra de “Mulher rendeira”. Pergunte se eles a conhecem. Se possível, pesquise por uma gravação desta canção para mostrar a eles. Há diversas versões disponíveis na internet.



# Música unindo gerações!

## A música de Cláudia Braga

A música pode unir as pessoas, resgatando a memória de um lugar, de um povo, de um país. Vamos conhecer um grupo musical que faz isso?

### Para iniciar

1. Você gosta de ouvir música? E de cantar?
2. Que tipo de música você costuma ouvir?
3. Você acha que existem músicas que duram para sempre?
4. Você já aprendeu alguma música com seus familiares mais velhos?
5. Que músicas você pode ensinar aos colegas e ao professor?

Descreva o que você vê na imagem a seguir.



► Cena de **Pitocando: um espetáculo de música para crianças** no Centro Municipal de Cultura de Porto Alegre, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2016. Na imagem, Nise Franklin, Cláudia Braga e Ursula Collischonn.

14 UNIDADE 1

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

### Expectativas de aprendizagem deste capítulo

- Reconhecer elementos da linguagem musical.
- Apreciar músicas tradicionais brasileiras.
- Refletir sobre o papel da música em contextos de coletividade e integração.
- Descrever o que ouve e sente em relação às obras apreciadas.
- Comunicar aos colegas sua apreciação, explicando o sentido que atribuiu às obras.



A foto mostra as **instrumentistas** e cantoras gaúchas Cláudia Braga, Nise Franklin e Ursula Collischonn apresentando o espetáculo **Pitocando: um espetáculo de música para crianças**.

No palco, em volta delas, vemos diversos instrumentos musicais que são usados para tocar músicas e canções tradicionais brasileiras e que foram transmitidas de geração em geração durante brincadeiras e festejos.

 Que instrumentos musicais você identifica na imagem? Escreva o nome deles.

Resposta pessoal. É possível que os alunos mencionem o violão, o cavaquinho e o pandeiro meia-lua, que são os instrumentos mais visíveis na imagem.

Para começar a explorar esse importante trabalho de valorização das tradições, conheça a letra de uma das canções executadas no espetáculo.

### Mulher rendeira

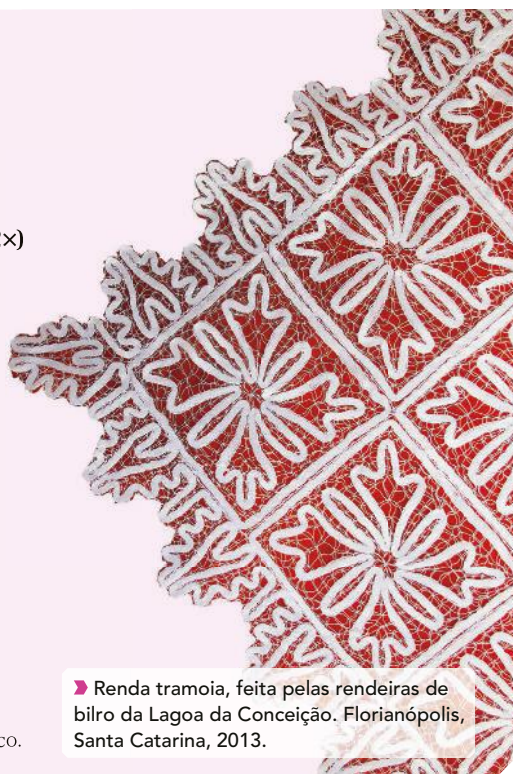
Olê, mulher rendeira,  
Olê, mulher renda,  
Tu me ensina a fazer renda,  
Que eu te ensino a namorar (2x)

Lampião desceu a serra  
Deu um baile no Cajazeiras  
Botou as moças donzelas  
Para cantar “mulher rendeira”

As moças de Vila Bela  
Não têm mais ocupação  
Só querem ficar na janela  
Namorando Lampião

(Refrão)

Domínio público.



► Renda tramoia, feita pelas rendeiras de bilro da Lagoa da Conceição, Florianópolis, Santa Catarina, 2013.

► CAPÍTULO 1 15

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

- Valorizar os artistas que realizaram as obras apreciadas, conhecendo aspectos da poética deles.
- Compreender os valores estéticos dos artistas que realizaram as obras apreciadas.
- Participar de experimentações musicais.
- Ler e escrever sobre a temática investigada.
- Produzir música inspirando-se no trabalho apresentado.

## Competências deste capítulo

- Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
- Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.
- Utilizar diferentes linguagens para defender pontos de vista que respeitem o outro e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, atuando criticamente frente a questões do mundo contemporâneo.
- Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.
- Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, dos povos indígenas, das comunidades tradicionais brasileiras e de diversas sociedades, em distintos tempos e espaços, para reconhecer a arte como um fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos e dialogar com as diversidades.

### Linguagem

Música.

### Dimensões do conhecimento

Fruição; reflexão.

## A BNCC nestas páginas

### Contexto e práticas

BNCC EF15AR13

### Patrimônio cultural

BNCC EF15AR25

Neste momento, os estudantes terão oportunidade de identificar e apreciar formas de expressão musical, reconhecendo e analisando os usos e as funções da música em diversos contextos de circulação, em especial, naqueles da vida cotidiana. Além disso, poderão conhecer uma canção tradicional que faz parte da cultura brasileira.

## Que obra é essa?

Leia o texto com os alunos e promova a apreciação das imagens. Ressalte que as canções tradicionais brasileiras que fazem parte do repertório do espetáculo que estamos estudando também podem estar presentes em momentos de integração e coletividade, como festejos e brincadeiras.

Dê atenção ao glossário e converse com os estudantes sobre a palavra ali apresentada, perguntando se entenderam seu significado. Pode ser interessante exemplificar o que é melodia: peça a um aluno que cante um trecho de uma canção conhecida por todos. Em seguida, peça a outro aluno que tente assobiar a música. Diga a eles que quando assobiamos, sem cantar as palavras, escutamos as notas musicais. Explique que isso é uma melodia: as notas musicais em uma sequência específica. Você pode perguntar se lembram de outras canções, e se podem assobiar ou cantarolar (sem a letra) suas melodias.

Comente com a turma que a canção “Marinheiro só” também é uma cantiga de roda. Faça a leitura compartilhada da letra e converse com os alunos: “Sobre o que a canção nos fala?”; “Que história ela nos conta?”; “O que acham da letra?”; “É uma canção fácil de decorar?”. Se possível, promova um momento de escuta. Há diversas versões da música disponíveis na internet. Como se trata de uma canção tradicional, pode haver variações na letra, dependendo da região ou do intérprete.

Durante a escuta, oriente a turma a acompanhar a letra no livro e prestar atenção no ritmo da música e no timbre dos instrumentos utilizados. Se achar pertinente, toque a música algumas vezes e peça que cantem junto. Depois, se possível, leve os alunos para a quadra ou o pátio e proponha que dançam uma ciranda cantando a canção.

Após a leitura do texto, das imagens e da letra da canção, promova a conversa proposta no livro sobre outras canções tradicionais brasilei-

## Que obra é essa?

O espetáculo **Pitocando: um espetáculo de música para crianças** foi criado em 2007 por Cláudia Braga, que também é a responsável pela direção-geral da apresentação, e Nise Franklin.

A intenção das artistas foi resgatar músicas e canções tradicionais brasileiras, que geralmente são executadas em festejos e também durante brincadeiras infantis, como as cantigas de roda.

Essas composições caracterizam-se por sua **melodia** simples, o que facilita a memorização. Por isso, várias delas são passadas de geração em geração, oralmente ou por meio de partituras, e fazem parte da memória de muitos de nós.

► **melodia:** sequência de notas ou de sons que se relacionam de modo a formar um conjunto.



► Cena de **Pitocando: um espetáculo de música para crianças**, no Centro Municipal de Cultura de Porto Alegre, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2016.



► Apresentação de **Pitocando: um espetáculo de música para crianças**, no Teatro de Câmara Tulio Piva, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2013. Na cena, Mateus Mapa, Juliana Dariano e Cláudia Braga realizam uma atividade de adivinhas.

16

UNIDADE 1

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

ras que os alunos conhecem e peça que cantem algumas delas. Este levantamento do repertório é importante para que os alunos possam identificar que há canções que fazem parte de um repertório comum a muitas pessoas – integrando festejos, folguedos, celebrações e brincadeiras infantis, por exemplo.

É possível que alguns se lembrem de “Ciranda, cirandinha”, por exemplo. Explique que a ciranda é uma dança de roda tradicional da cultura brasileira, que é realizada de diferentes maneiras de acordo com a região do país, e que “Ciranda, cirandinha” é apenas uma das canções que podem acompanhar essa dança.

O repertório de **Pitocando: um espetáculo de música para crianças** é composto de dezesseis músicas brasileiras tradicionais, além de nove composições especialmente criadas para o espetáculo.


Ao longo da apresentação, as artistas também contam lendas brasileiras e convidam a plateia a participar tocando clavas coloridas e caxixis, cantando, respondendo adivinhas e dançando para valer!

Conheça o trecho de mais uma canção tradicional que faz parte do repertório do espetáculo.

### Marinheiro só

Eu não sou daqui	Ô, marinheiro, marinheiro
Marinheiro só	Marinheiro só
Eu não tenho amor	Ô, quem te ensinou a nadar
Marinheiro só	Marinheiro só
Eu sou da Bahia	Ou foi o tombo do navio
Marinheiro só	Marinheiro só
De São Salvador	Ou foi o balanço do mar
Marinheiro só	Marinheiro só.
	[...]

Domínio público.

 Que outras canções tradicionais brasileiras você conhece? Conte para os colegas e o professor. **Resposta pessoal.**

## Saiba mais

Algumas canções tradicionais apresentadas no espetáculo **Pitocando: um espetáculo de música para crianças** são cirandas. Mas a ciranda não é só uma brincadeira de crianças. Ela faz parte de uma tradição que teve origem na região Nordeste, principalmente no estado de Pernambuco, em que os brincantes da roda são adultos.

Essa tradição começou entre os trabalhadores rurais da Zona da Mata pernambucana, mas também ficou muito famosa no litoral do estado, principalmente na Ilha de Itamaracá.

Os brincantes da ciranda são os cirandeiros e as cirandeiças. Eles formam uma grande roda e vão girando de mãos dadas, ao mesmo tempo que dão passos para trás e para os lados.

▶ CAPÍTULO 1 17

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

## A BNCC nestas páginas

### Contexto e práticas

**BNCC** EF15AR13

Neste momento, os estudantes terão oportunidade de identificar e apreciar canções de roda como formas e gêneros da expressão musical, reconhecendo e analisando os usos e as funções da música em contextos de celebrações, festejos e brincadeiras tradicionais.

## Texto complementar

### Ciranda

Dança de conjunto com formação em círculo que ocorre em Pernambuco e na Paraíba. A coreografia é bastante simples: no compasso da música, dão-se quatro passos para a direita, começando-se com o pé esquerdo, na batida forte do bombo, balançando os ombros de leve no sentido da direção da roda. Pode-se destacar três passos mais conhecidos: a onda, o sacudidinho e o machucadinho. [...] A zabumba, o mineiro ou ganzá, maracá, caracaxá (espécie de chocalho), a caixa ou tarol formam o instrumental mais comum de uma ciranda, podendo também ser utilizados a cuíca, o pandeiro, a sanfona ou algum instrumento de sopro.

### Quadrilha

Dança de pares de origem europeia que no Brasil passou a ser dançada nas festas do mês de junho em louvor a São João, Santo Antônio e São Pedro. Em virtude talvez de rápida popularização, a quadrilha ganhou numerosas variantes – no interior de São Paulo surgiu a quadrilha caipira, e em Campos, RJ, a mana-chica. Muitas danças do fandango empregam a marcação da quadrilha, a exemplo do que ocorre em bailes gaúchos. [...] A música, geralmente de ritmo marcado, é executada com o acompanhamento tradicional da sanfona.

### Pau de fita

Dança de pares de origem portuguesa, que ocorre ao redor de um mastro encimado por um conjunto de largas fitas multicores. Os participantes formam dois grupos que, dançando, entrelaçam fitas, formando um trançado em volta do mastro. Não possui música exclusiva. À semelhança da quadrilha, são executadas peças autônomas, desde que possuam cadenciamento que favoreça o andamento dos pares na execução do trançado. São frequentes conjuntos musicais compostos por violão, cavaquinho, pandeiro e acordeão.

TESAURO de Folclore e Cultura Popular Brasileira. Disponível em: <[www.cnfcp.gov.br/tesauro](http://www.cnfcp.gov.br/tesauro)>. Acesso em: 28 nov. 2017.

## Como a obra foi feita?

Promova a leitura do texto e observe as imagens com os estudantes. Peça que comentem sobre os instrumentos apresentados nas fotos: “Vocês conhecem estes instrumentos?”; “Como será o som que eles produzem?”; “De que materiais eles são feitos?”; “Vocês imaginam como eles são tocados?”. Promova, dessa forma, uma conversa inicial acerca da variedade de timbres e sonoridades que os mais diversos instrumentos musicais nos oferecem.

Os instrumentos musicais se dividem em **famílias** e são organizados de acordo com o material de que são feitos e o tipo de som que produzem. Prepare uma sequência de imagens para ilustrar as famílias de instrumentos e verifique o conhecimento dos alunos sobre o assunto.

Destaque também os materiais dos instrumentos apresentados nas imagens, como o hidrofone, lembrando aos estudantes que podemos obter sons musicais a partir das mais variadas fontes sonoras.

## A BNCC nestas páginas

### Materialidades

**BNCC** EF15AR15

Neste momento, os estudantes terão oportunidade de ampliar seu repertório de exploração de fontes sonoras diversas, como as existentes na natureza e em objetos cotidianos, reconhecendo características de instrumentos musicais variados.

### Sugestão de...

#### Site

Se possível, acesse a página sobre instrumentos no *site* do **Instituto Musica Brasilis**. Lá é possível conhecer mais detalhes sobre as famílias dos instrumentos por meio de textos, fotos e vídeos que retratam alguns exemplos de instrumentos de cada categoria. Disponível em: <<http://musica.brasilis.org.br/instrumentos>>. Acesso em: 28 nov. 2017.

## Como a obra foi feita?

O espetáculo **Pitocando: um espetáculo de música para crianças** é resultado de uma longa pesquisa sobre **materiais sonoros** realizada por Cláudia Braga e Nise Franklin.

### material sonoro:

qualquer objeto natural ou manufaturado que emita som.

Durante a apresentação, as artistas utilizam quarenta instrumentos musicais de origens variadas: indianos, indígenas, africanos e portugueses, por exemplo.



► Alguns dos instrumentos musicais usados no espetáculo **Pitocando: um espetáculo de música para crianças**.

Também são usados instrumentos não convencionais confeccionados com materiais alternativos, como garrafas plásticas e tampinhas. As artistas não utilizam instrumentos elétricos.

18 UNIDADE 1 ►

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

### Texto complementar

- **Instrumentos de cordas:** instrumentos geralmente feitos de madeira cujo som é produzido por cordas, como violino, violão, violoncelo, viola e contrabaixo, por exemplo.
- **Instrumentos de sopro:** instrumentos cujo som é produzido por meio do sopro, como: flauta, oboé, fagote e clarinete (madeiras); trompa, trompete, trombone e tuba (metais). Hoje em dia, alguns desses instrumentos de sopro são fabricados com outros materiais, como a resina.
- **Instrumentos de percussão:** instrumentos que precisam ser percutidos para extrair o som, ou seja, batidos, agitados, raspados. Por exemplo: tímpano, xilofone, pratos e tambor.

Elaborado pelos autores.

Veja abaixo imagens de alguns instrumentos usados no espetáculo.



▶ Hidrofone, instrumento feito com garrafas plásticas cheias de água.



▶ Clavas, instrumento composto de duas barras de madeira.

As imagens não estão representadas em proporção.



▶ Sitar, instrumento de cordas de origem indiana.



▶ Caxixi, tipo de chocalho de origem africana.



▶ Metalofone, instrumento de percussão.

## Arte e Língua Portuguesa

O espetáculo **Pitocando: um espetáculo de música para crianças** é um exemplo de como a arte pode se dedicar a pesquisar e a divulgar as tradições brasileiras. Nesse trabalho, as artistas Cláudia Braga, Nise Franklin e Ursula Collischonn resgatam, reproduzem e recriam o repertório de canções e de músicas que fazem parte de nossa cultura há muito tempo.

Mas não é só de canções que a tradição oral é feita. Ela é composta de outros textos também! Em Língua Portuguesa, estudamos vários textos que são transmitidos de geração em geração, seja em versos, como as adivinhas, as parlendas e os trava-línguas, seja em prosa, como as fábulas, os mitos e as lendas.

▶ CAPÍTULO 1 19

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

## Arte e Língua Portuguesa

Promova a leitura do box e converse com os estudantes sobre o valor das manifestações e produções artísticas tradicionais tanto para a literatura quanto para a arte, especialmente a música. Retome as discussões que já foram realizadas acerca do resgate de canções tradicionais que o espetáculo **Pitocando: um espetáculo de música para crianças** faz e comente que na literatura existe o mesmo procedimento.

Converse com eles sobre os mitos e lendas do Brasil. Assim como as canções tradicionais, essas histórias não têm um autor conhecido e definido, mas passam de geração em geração, e assim são preservadas como elementos importantes da cultura brasileira, ainda que apresentem variações regionais. Pergunte: “Quais mitos ou lendas vocês conhecem?”; “Como são essas histórias? Elas são divertidas?”; “Vocês costumam brincar de trava-língua? Quais vocês conhecem?”; “E adivinhas, quais vocês conhecem?”; “Vocês se lembram de alguma fábula? Qual?”; “Quem costumam ser os personagens de uma fábula, bichos ou seres humanos?”.

Se achar pertinente, proponha uma atividade para a turma. Organize os alunos em grupos de quatro ou cinco integrantes e peça que escolham uma das histórias mencionadas por eles durante a conversa (entre lendas, mitos e fábulas) para ilustrar. Para isso, você pode disponibilizar livros ou materiais selecionados e impressos previamente. Ao final, peça que cada grupo conte a história que escolheu, apresentando as ilustrações.

### Interdisciplinaridade: Arte e Língua Portuguesa na BNCC

Produção de texto oral; Escrita compartilhada

BNCC EF12LP05 BNCC EF01LP19

A recriação e o relato de histórias tradicionais, em apresentações orais ou escritas, possibilitam o diálogo com habilidades

previstas para os anos iniciais do Ensino Fundamental na BNCC de Língua Portuguesa. Por meio desses procedimentos, os estudantes terão a oportunidade de compartilhar em sala de aula textos de tradição oral (em versos – cantigas de roda, adivinhas, parlendas, quadrinhas, trava-línguas, etc. – e em prosa – contos populares, fábulas, mitos, lendas, etc.).

## Elementos da linguagem musical

### Propriedades do som

Promova a leitura do texto e utilize as questões propostas no livro como ponto de partida para os estudos que serão realizados. Pergunte, também: "Que propriedades dos sons vocês já conhecem?"; "Como podemos perceber essas propriedades?". Se achar pertinente, selecione alguma música para que a turma escute e tente enumerar características dos sons que eles conseguem identificar.

#### Altura

Converse com a turma sobre as questões propostas no livro e ajude-os a pensar em exemplos de sons graves (como o som de um trovão ou de um contrabaixo) e agudos (como o som do pio de um pássaro ou de um violino). Peça que tentem vocalizar os sons que mencionarem, ou mesmo que explorem a percussão corporal ou de objetos da sala de aula.

Se possível, selecione previamente e execute exemplos de sons graves e agudos para que os alunos escutem. Eles podem ser encontrados facilmente na internet. Também pode ser interessante levar alguns instrumentos para tocar na sala de aula.

#### Intensidade

Leia e discuta com a turma as questões propostas no livro. Depois, estimule os alunos a levantar exemplos de sons fortes (como buzina de carro, sirene de fábrica, motor de trator, turbina de avião, etc.) e fracos (como piar de passarinhos, miado de gato, garoa, brisa, etc.). Peça que tentem vocalizar os sons mencionados.

Se possível, selecione previamente e execute exemplos de sons fortes e fracos para que os alunos escutem. Eles podem ser encontrados facilmente na internet.

## Elementos da linguagem musical

### Propriedades do som

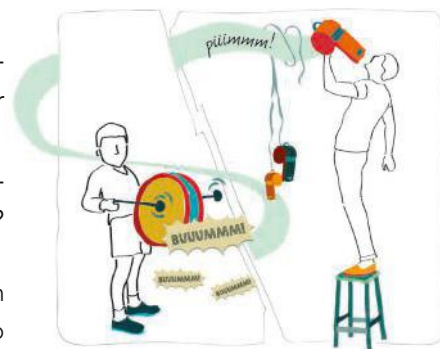
Alguns sons específicos já fazem você lembrar de uma pessoa ou imaginar um lugar? Isso acontece porque o som pode mexer com a nossa memória e com os nossos afetos! Vamos lembrar as propriedades que caracterizam os sons e os tornam tão poderosos?

#### Altura

A altura é aquilo que define um som como grave ou agudo. Um som pode variar do mais grave ao mais agudo.

O que você sente ao ouvir um som grave, profundo? E um som agudo, estridente?

Com o professor e os colegas, pense em exemplos de som grave e de som agudo e registre a seguir.



Resposta pessoal.

#### Intensidade

Podemos dizer que a intensidade é a força de um som. Um som pode variar do mais forte ao mais fraco.

O que você sente ao ouvir um som forte? E um som fraco?



20 UNIDADE 1

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

### Sugestão de...

#### Site

Se possível, visite o portal **Dia a Dia Educação**, da Secretaria da Educação do Paraná. Lá é possível ter acesso a áudios com exemplos de sons de diferentes intensidades (disponível em: <[www.educadores.diaadia.pr.gov.br/modules/debaser/singlefile.php?id=17042](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/modules/debaser/singlefile.php?id=17042)>. Acesso em: 28 nov. 2017.) e alturas (disponível em: <[www.educadores.diaadia.pr.gov.br/modules/debaser/singlefile.php?id=17044](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/modules/debaser/singlefile.php?id=17044)>. Acesso em: 28 nov. 2017.).

Com o professor e os colegas, pense em exemplos de sons com diferentes intensidades e registre a seguir.

Resposta pessoal.

## Atividade prática

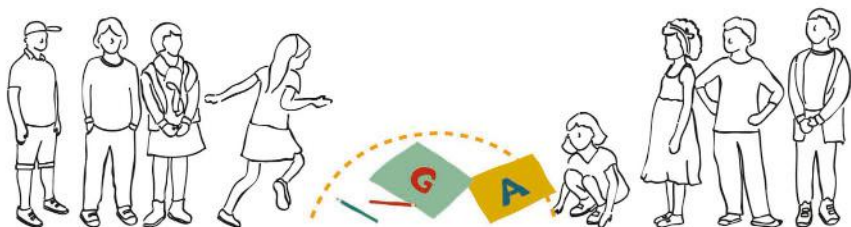
Nas atividades práticas deste capítulo, que tal participar de alguns jogos musicais?

Nesta atividade, você vai apostar corrida de uma maneira muito diferente.

### Material necessário

- meia folha de cartolina
- canetinhas

- 1 O professor vai selecionar dois instrumentos, um com som agudo e outro com som grave. Ele vai tocar os instrumentos antes do início da competição.
- 2 Cada aluno vai usar meia folha de cartolina para fazer um cartão: metade da turma vai escrever, com canetinha, a letra **A**, de "agudo", e a outra metade, a letra **G**, de "grave". Essas letras precisam ser bem grandes.
- 3 A turma vai ser dividida em dois grupos. Todos devem ficar enfileirados, lado a lado, na quadra ou no pátio da escola. O professor vai desenhar um círculo com giz do lado oposto ao das fileiras e colocar os cartões dentro dele.
- 4 Assim que o professor der a largada ao tocar um dos instrumentos, o primeiro estudante de cada fila deve correr até o círculo para pegar o cartão que corresponde ao tipo de som: agudo ou grave.
- 5 Quem acertar a resposta guarda o cartão, que corresponde a um ponto.
- 6 O professor vai mudar os instrumentos a cada rodada.



» CAPÍTULO 1 21

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

## Sugestão de...

### Livro

FERNANDES, Iveta M. B. A. F. (Coord.). *Brincando e aprendendo: um novo olhar para o ensino da música*. São Paulo: Cultura Acadêmica/Unesp, 2011. Disponível em: <[www.culturaacademica.com.br/catalogo-detalle.asp?ctl\\_id=159](http://www.culturaacademica.com.br/catalogo-detalle.asp?ctl_id=159)>. Acesso em: 28 nov. 2017.

O livro, disponível gratuitamente para *download* no site da editora, reúne jogos, materiais didáticos e composições musicais, visando desenvolver conhecimentos em música. O conteúdo multimídia que acompanha o livro também está disponível *on-line*. Um exemplo é o jogo "Bingo sonoro", no qual é possível ouvir e fazer o *download* de vários tipos de sons. Disponível em: <[www.unesp.br/prograd/eLivros/Iveta/CD/setup/06-Bingo-sonoro.html](http://www.unesp.br/prograd/eLivros/Iveta/CD/setup/06-Bingo-sonoro.html)>. Acesso em: 28 nov. 2017.

## Atividade prática

As atividades práticas propostas neste capítulo exploram diversos elementos da linguagem musical, como intensidade, altura, timbre e duração. Durante a realização delas, é importante que os estudantes mantenham a escuta atenta em si mesmos, nos colegas e, especialmente, no grupo todo. Ao final de cada atividade, conduza uma discussão a respeito dos resultados coletivos alcançados.

Se houver instrumentos musicais na escola, reúna os estudantes para tocá-los e ouvi-los, escolhendo os mais adequados para a atividade de acordo com a altura (grave e agudo). Se não houver instrumentos musicais, selecione objetos que podem ser percutidos, como garrafas, galões, utensílios de metal, peças de madeira, etc. O importante é que a diferença de altura entre as fontes sonoras seja facilmente identificável pelos estudantes, que farão a mesma dinâmica de divisão dos sons entre graves e agudos.

## A BNCC nestas páginas

### Elementos da linguagem

BNCC EF15AR14

### Materialidades

BNCC EF15AR15

Neste momento, os estudantes terão oportunidade de explorar fontes sonoras diversas, como as existentes no próprio corpo (palmas, voz, percussão corporal), na natureza e em objetos cotidianos, reconhecendo as características de instrumentos musicais variados. Além disso, poderão perceber e explorar os elementos constitutivos da música, como altura e intensidade, por meio de um jogo de execução e apreciação musical.

## Timbre

O timbre é o elemento que diferencia a qualidade de sons (complexos) de igual intensidade e frequência devido à presença maior ou menor de determinados harmônicos e sua relação com a nota fundamental. De maneira mais empírica, é por meio do timbre que podemos distinguir as vozes dos nossos familiares, por exemplo: dois irmãos tendem a ter timbres de voz parecidos, contudo, aqueles que convivem com esses dois irmãos conseguem distinguir as vozes por meio das características mais específicas do timbre de cada um.

A constituição dos instrumentos musicais determina seus timbres, sendo também uma maneira de agrupá-los, formando, por exemplo, as famílias de instrumentos de uma orquestra. Abaixo, listamos alguns instrumentos de famílias diferentes organizando-os do mais grave para o mais agudo.

- **Cordas:** contrabaixo, violoncelo, viola, violino.
- **Sopro (madeiras):** fagote, clarinete, oboé, flauta.
- **Sopro (metais):** tuba, trombone, trompa, trompete.
- **Percussão:** bumbo, tímpano, caixa-clara, triângulo.

Se possível, selecione previamente e execute exemplos de sons de timbres diferentes para que os alunos escutem. Eles podem ser encontrados facilmente na internet ou em CDs e DVDs musicais. Também é possível propor que eles atentem para os timbres das vozes da turma, ou mesmo trazer alguns instrumentos para serem tocados na sala de aula.

## Duração

Incentive os alunos a relacionar a duração do som a determinadas sensações. Um som longo pode causar ansiedade e nervosismo. Um som curto e repetido pode causar sensação de rapidez e desconforto, por exemplo.

Se possível, selecione previamente e execute exemplos de sons com durações diferentes para que os alunos escutem. Eles podem ser encontrados facilmente na internet. Outra possibilidade é propor que os alunos vocalizem ou percussionem objetos da sala de aula para produzir sons de curta e de longa duração.

## Timbre

O timbre é a identidade sonora. Cada som tem apenas um timbre, que o diferencia dos demais.

Pense no som que um gato ou um pássaro fazem. Eles são bem diferentes entre si. Conseguimos distinguir um som do outro por causa do timbre de cada som.



## Duração

A duração é o tempo que um som permanece soando. Um som pode ser curto ou longo.

O que você sente ao ouvir um som muito longo? E que sensação lhe causa uma série de sons curtos?



22 UNIDADE 1 ▶

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

## Sugestão de...

### Site

Se possível, visite o portal **Dia a Dia Educação**, da Secretaria da Educação do Paraná. Lá é possível ter acesso a áudios com exemplos de sons de diferentes timbres (disponível em: <[www.educadores.diaadia.pr.gov.br/modules/debaser/singlefile.php?id=17041](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/modules/debaser/singlefile.php?id=17041)>. Acesso em: 29 nov. 2017.) e durações (disponível em: <[www.educadores.diaadia.pr.gov.br/modules/debaser/singlefile.php?id=17046](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/modules/debaser/singlefile.php?id=17046)>. Acesso em: 29 nov. 2017.).



## Atividade prática

É possível produzir sons graves ou agudos, mais ou menos intensos, com maior ou menor duração a partir de materiais do cotidiano? Esta atividade vai ajudá-lo a responder a essa pergunta!

As imagens não estão representadas em proporção.



### Material necessário

- folhas de papéis variados (sulfite, celofane, crepom, etc.)
- canos de PVC de diversos tamanhos e espessuras
- garrafas PET
- retalhos de tecido
- molas de aço
- tampas de panela

1 Organizados em círculo, você e os colegas devem escolher alguém para começar a atividade.

2 O primeiro participante escolhe um dos materiais e faz um som qualquer com ele. Depois, passa o material para o colega da direita. Vale chacoalhar, esticar, amassar, assoprar, bater com a mão, com um pedaço de madeira, no chão. Enfim, o que a imaginação mandar!



3 O aluno que recebeu o material deve tentar produzir com ele um som diferente do anterior. Depois, deve passá-lo para o próximo colega e assim sucessivamente, até que todos executem algum som diferente com esse material.

4 Essa sequência deve ser repetida com todos os materiais disponíveis.



## Atividade prática

Para realizar essa atividade, organize todos os materiais disponíveis de modo que a turma toda possa acessá-los facilmente. Antes de iniciar, faça algumas perguntas: “Vocês já produziram som com algum desses materiais?”; “Como são esses sons?”.

Se preferir, divida a turma em grupos e peça que cada integrante leve para a sala de aula, antecipadamente, objetos de madeira, metal, plástico, etc. que possam ser usados na atividade.

Certifique-se de que todos possam experimentar os materiais disponibilizados e, ao final, realize uma conversa. Pergunte: “O que vocês acharam dos sons produzidos?”; “Qual material produz sons mais agudos? E mais graves?”; “Há materiais que produzem sons parecidos?”. Se achar pertinente, peça aos alunos que fechem os olhos e percussione alguns dos materiais para que eles tentem descobrir quais são.

## Texto complementar

### Timbre

O timbre é a “cor” do som. Aquilo que distingue a qualidade do tom ou voz de um instrumento ou cantor, por exemplo, a flauta do clarinete, o soprano do tenor.

Cada objeto ou material possui um timbre que é único, assim como cada pessoa possui um timbre próprio de voz, tão individual quanto as impressões digitais.

### Duração

A duração é o tempo que o som permanece em nossos ouvidos, isto é, se o som é curto ou longo. É a característica que revela o tempo de emissão de um som. Depende do tempo que duram as vibrações do objeto que o produz. As diversas durações são utilizadas em combinação com uma regularidade básica chamada de pulso ou pulsação. Essas variações são comumente chamadas de ritmo.

COMPREENDENDO a música. *Dia a Dia Educação*, Secretaria da Educação do Paraná. Disponível em: <[www.arte.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=136](http://www.arte.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=136)>. Acesso em: 29 nov. 2017.

## A BNCC nestas páginas

### Elementos da linguagem

BNCC EF15AR14

### Materialidades

BNCC EF15AR15

Neste momento, os estudantes terão oportunidade de explorar fontes sonoras diversas, como as existentes na natureza e em objetos cotidianos, reconhecendo as características de instrumentos musicais variados. Além disso, poderão perceber e explorar os elementos constitutivos da música, como altura e intensidade, por meio de um jogo de execução e apreciação musical.

## Notação musical

Retome o que foi estudado até aqui sobre as propriedades do som e seu entendimento como elementos constitutivos da música. Construir a relação entre os sons e seus sinais gráficos é uma ação complexa, que deve ser ensinada e aprendida com paciência. Por isso, promova a leitura do texto e esclareça as dúvidas que surgirem. A duração, a altura e a intensidade das notas musicais são conceitos diretamente ligados à melodia de uma música, pois são suas características principais.

### Duração

Promova a leitura do texto e das representações das notas no pentagrama. Se achar necessário, releia algumas vezes as definições dos conceitos apresentados para elaborar a representação das notas. Também é possível compor um pentagrama na lousa e reproduzir as durações das notas apresentadas no livro, uma a uma, para que os alunos se familiarizem.

Se possível, selecione previamente e execute exemplos de áudios em que uma nota musical é tocada em diferentes durações. Eles podem ser encontrados facilmente na internet. Outra possibilidade é trazer um instrumento para ser tocado na sala de aula.

## A BNCC nestas páginas

### Elementos da linguagem

BNCC EF15AR14

### Notação e registro musical

BNCC EF15AR16

Neste momento, os estudantes terão oportunidade de perceber e explorar os elementos constitutivos da música, como altura, duração, timbre e intensidade, por meio de apreciação musical. Além disso, poderão reconhecer como as propriedades sonoras são representadas na notação musical convencional.

## Notação musical

Na escrita musical, a partitura é o conjunto formado pelas pautas ou **pentagramas** e pelos símbolos usados para representar graficamente uma composição musical.

### pentagrama:

palavra que vem do grego "penta" (cinco) e "grama" (escrita) e nomeia o conjunto de cinco linhas paralelas onde são escritas as notas musicais.

Quando cria uma composição musical, o compositor define um ritmo e organiza uma sequência de notas musicais. Para isso, é preciso que ele decida quanto tempo cada nota vai durar, qual vai ser a intensidade usada para reproduzi-la e qual vai ser a sua altura.

Além disso, ele também escolhe o timbre das notas musicais quando seleciona os instrumentos e os tipos de voz que serão usados para reproduzir a música. Por isso, as notas musicais possuem propriedades como duração, altura, timbre e intensidade.

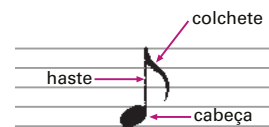
Vamos conhecer os elementos básicos usados para representar graficamente essas propriedades na escrita musical?

### Duração

Cada nota musical é representada no pentagrama por uma figura circular que se chama cabeça.

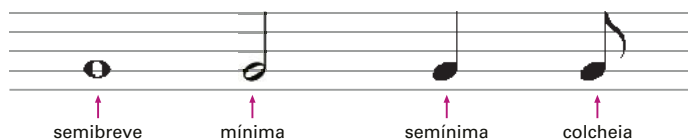


Para indicar a duração das notas musicais no pentagrama, pode-se preencher a cabeça, desenhar uma haste ou colchetes nela.



As durações mais comuns das notas musicais são:

- **semibreve**: tempo normal da nota;
- **mínima**: metade do tempo de uma nota semibreve;
- **semínima**: metade do tempo de uma nota mínima;
- **colcheia**: metade do tempo de uma nota semínima.



24

UNIDADE 1

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

### Sugestão de...

#### Site

Para saber um pouco mais sobre a notação musical, acesse a página **Breve história da notação musical**, no site da Universidade Federal do Maranhão. Disponível em: <[http://musica.ufma.br/bordini/not\\_mus/hist.htm](http://musica.ufma.br/bordini/not_mus/hist.htm)>. Acesso em: 29 nov. 2017.

## Altura

A altura é representada pela posição da nota nas linhas e nos espaços do pentagrama. Contamos essas linhas e esses espaços sempre de baixo para cima:



Para indicar qual deverá ser a altura das notas musicais escritas em uma partitura, é preciso usar um símbolo chamado clave, que significa "chave", no início do pentagrama.

Assim, cada instrumento deve se adequar a uma altura: instrumentos mais agudos, geralmente, usam a clave de sol, enquanto os instrumentos mais graves usam a clave de fá.

Veja o lugar de cada nota musical em ambas situações:



▶ Clave de sol.



▶ Clave de fá.

Uma composição escrita em clave de sol indica que os sons registrados na partitura são mais agudos do que se ela fosse escrita em clave de fá.

## Timbre

Para indicar o timbre das notas musicais em uma partitura, é necessário anotar antes da clave, no lado esquerdo do pentagrama, o instrumento ou tipo de voz que deve reproduzir a composição.



## Intensidade

Para indicar qual é a intensidade das notas musicais em uma composição, é preciso usar as letras *p* (suave) e *f* (forte) acima delas.



▶ CAPÍTULO 1 25

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

## Altura, timbre e intensidade

Realize a leitura do texto com a turma e esclareça os conceitos apresentados, caso surjam dúvidas. Peça que observem com atenção as reproduções dos pentagramas no livro, para que possam compreender as representações das claves e das anotações de timbre. Sobre a intensidade, esclareça que as letras *p* e *f* vêm do italiano e significam, respectivamente, *piano* (suave) e *fortissimo* (forte).

Se possível, selecione previamente e execute exemplos de áudios em que uma nota musical é tocada em diferentes claves, com diferentes instrumentos musicais. Uma possibilidade é trazer instrumentos para serem tocados na sala de aula.

## Texto complementar

### Notação musical

O sistema de notação musical utilizado mais comumente é constituído de sinais que indicam altura, duração e intensidade das notas e que podem ser usados para todos os instrumentos musicais.

As **notas musicais** que conhecemos são designações para sons emitidos em determinadas frequências, reconhecidos pelos ouvidos humanos. Na cultura ocidental, as notas musicais são agrupadas em uma sequência crescente de oito sons, sendo que o último é a repetição do primeiro, uma oitava acima, ou seja, oito notas mais alto. É isso que chamamos de escala musical, cuja sequência varia do mais grave (baixa frequência) para o mais agudo (alta frequência), organizada da seguinte forma: dó; ré; mi; fá; sol; lá; si; dó.

Essa sequência de notas musicais recebe o nome de **escala harmônica**. Além dela, há a escala de semitons, ou meios-tons, isto é, as notas que estão entre um tom e outro. No exemplo da escala de dó, o intervalo entre dó e ré é chamado de tom. Entre essas duas notas, existe o dó sustenido (ou ré bemol); entre dó e dó sustenido, ou entre dó sustenido e ré, há um intervalo de meio-tom, ou um semitom. Cada escala harmônica tem um conjunto de notas diferentes que determina o que chamamos de **campo harmônico**.

*Elaborado pelos autores.*

## Outros trabalhos de Cláudia Braga

Antes de iniciar a leitura compartilhada do texto e de conduzir a apreciação das imagens, é interessante criar um estímulo, uma provocação aos estudantes para que se sintam incentivados a investigar as obras, a trajetória e as características dos trabalhos da musicista Cláudia Braga. Levante perguntas sobre o trabalho dela e suas demais produções: “O que podemos mencionar como características do trabalho musical de Cláudia Braga pelo que estudamos até agora?”; “Qual o tipo de música com o qual Cláudia Braga trabalha?”; “Será que ela sempre trabalha com esse tipo de música?”; “Como ela criou o espetáculo que estudamos?”; “De que forma ela teve a ideia?”; “Como ela escolheu as músicas do espetáculo?”; “Que tipo de instrumentos ela utiliza?”; “Ela fez o espetáculo sozinha?”. Anote as observações da turma na lousa ou em um cartaz e peça que copiem para registrar em seus portfólios.

Depois de elencar as perguntas, dúvidas e curiosidades acerca da artista, inicie a leitura compartilhada do texto e das imagens. Durante a leitura, retome o que foi conversado anteriormente com os alunos sempre que aparecer uma informação relacionada.

Leia as informações sobre um trabalho de cada vez, enquanto faz a apreciação das imagens correspondentes. Peça que observem os figurinos, por exemplo, e comparem com os do espetáculo **Pitocando: um espetáculo de música para crianças**. Pergunte: “Os figurinos são parecidos?”; “Como são estes figurinos?”; “Como é o cenário desse espetáculo?”.

Ao abordar o espetáculo do grupo **Maria Vai com as Outras**, por exemplo, destaque o uso da iluminação e as sombras dos artistas projetadas ao fundo, mostrando que são utilizados diferentes recursos em cada espetáculo do qual Cláudia Braga participou.

## Outros trabalhos de Cláudia Braga

Além de criar e dirigir a apresentação **Pitocando: um espetáculo de música para crianças**, Cláudia Braga já participou de outros espetáculos com os grupos Maria Vai com as Outras, Vocal Mandrialis e com a banda Os Relógios de Frederico.

Um de seus trabalhos mais recentes é o espetáculo **Cirandô**, realizado com Nise Franklin e Marta Schmitt. Essa apresentação foi inspirada nos poemas de Adélia Prado e na prosa de Guimarães Rosa.

No show, canções da tradição oral se misturam a composições de músicos como José Miguel Wisnik e Luiz Gonzaga. Ritmos como a congada, o samba e o baião são tocados com cavaco, violão, acordeão, teclado e percussão.



► Cena do espetáculo **Cirandô**, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2017.



► Apresentação do grupo Maria Vai com as Outras, no Teatro Renascença, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2008.

26

UNIDADE 1

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.



Divulgação/Casa Elétrica

▶ Grupo Vocal Mandrialis durante a estreia do espetáculo **Tangos, boleros y otras cositas más**, no Teatro do Sesc, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2000.

### Sobre a artista

Cláudia Braga é mestre em Saúde da Criança e do Adolescente pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), formada em Música pela mesma universidade e em Nutrição pelo Instituto Metodista de Educação e Cultura do Rio Grande do Sul. Atualmente está finalizando a graduação em Musicoterapia pela Faculdade EST.

Seu interesse pela saúde das crianças e dos jovens a influenciou na decisão de ser educadora musical. Por isso, estudou musicalização de bebês e, desde 2004, dirige a Casa Elétrica, centro de saúde, educação e cultura.

Na casa, Cláudia desenvolve os projetos **Pitocando, Pitocando nas férias e Férias na Elétrica**, nos quais ministra oficinas de música, culinária e contação de histórias para bebês e crianças, aulas de música para adolescentes e adultos, oficinas de educação alimentar, além de atividades de produção cultural.

Ela também atuou como professora no curso de extensão Música para Bebês, no Instituto de Artes da UFRGS, em 2010.



Divulgação/Casa Elétrica

▶ Cláudia Braga.

### Assim também aprendo

Para realizar a reflexão proposta e ajudar os alunos na avaliação da obra de Cláudia Braga, retome com eles o que viram, leram, ouviram e conversaram a esse respeito. Para isso, você pode lançar questões como: “Que tipo de música Cláudia Braga faz?”; “Que instrumentos ela utiliza em suas apresentações?”; “Como são suas apresentações?”; “Que tipo de música ela toca?”; “O que mais chamou a atenção de vocês no trabalho dela?”; “Do que vocês se lembram a respeito da história de Cláudia Braga?”.

### ▶ A BNCC nestas páginas

#### Contexto e práticas

**BNCC EF15AR13**

Neste momento, os estudantes terão oportunidade de identificar e apreciar outras formas de expressão musical, reconhecendo e analisando os usos e as funções da música em contextos de manifestações culturais diversas.

### Assim também aprendo

▶ Você gostou do trabalho de Cláudia Braga? Com os colegas e com a ajuda do professor, crie um texto coletivo contando se vocês gostaram da obra e por quê.

## Ampliando o repertório cultural

### Marlui Miranda

Ao conversar sobre o trabalho de Marlui Miranda com os estudantes, destaque que, no contexto de diversas culturas indígenas, a música exerce papel integrador da coletividade, relacionando-se, por exemplo, ao lazer, às festas e aos rituais religiosos. Ressalte que, muitas vezes, a música se manifesta com a dança, como uma forma de celebração e de culto das crenças indígenas.

Os instrumentos musicais constituem uma parte essencial da música indígena, pois cada um possui uma história, uma razão, uma finalidade, ou seja, um significado que determina sua importância. Do ponto de vista da utilização, esses instrumentos podem servir para a comunicação ou para funções propriamente musicais. Dessa forma, para os indígenas, a obtenção e a produção de sons têm diversos fins.

Cada etnia indígena possui seus próprios instrumentos, que são utilizados de maneiras diferentes pelas comunidades. Apesar de confeccionados basicamente com os mesmos materiais, eles apresentam particularidades, diferenciando-se pela aparência ou por complementos e ornamentações, por exemplo, que refletem características próprias da cultura de cada povo a que estão associados.

## Ampliando o repertório cultural

### Marlui Miranda

Por meio da música também é possível valorizar as manifestações dos diferentes povos indígenas brasileiros.

Nascida em Fortaleza, no Ceará, a cantora e compositora Marlui Miranda (1949-) é uma grande pesquisadora das músicas e das canções indígenas. Ao interpretar músicas de diversas **etnias**, seu principal objetivo é divulgar a cultura indígena do Brasil.

Além de fazer *shows* e gravar CDs, a artista elabora partituras das músicas indígenas para deixar um registro da rica produção musical desses povos para as próximas gerações.

#### etnia:

grupo que se distingue por hábitos culturais comuns, como o uso da mesma língua, por exemplo.



▶ Marlui Miranda, durante apresentação no 23º Festival de Música Sacra, na cidade de Fez, Marrocos, 2017.

#### Sugestão de...

##### CD

No CD *Ihu: todos os sons* (Pau Brasil, 1995), Marlui Miranda apresenta 16 músicas e canções de 11 etnias indígenas, como os Jaboti, de Rondônia; os Yanomami, de Roraima; e os Kayapó, do Pará. O trabalho é fruto de mais de 17 anos de pesquisa e também é composto de um livro com as partituras.

#### Sugestão de...

##### Leitura complementar

CONCLI, Raphael. As transformações da música indígena e de quem a ouve de perto. *Jornal da USP*, São Paulo, 8 ago. 2017. Disponível em: <<http://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-humanas/as-transformacoes-da-musica-indigena-e-de-quem-a-ouve-de-perto>>. Acesso em: 29 nov. 2017.

A matéria, publicada no **Jornal da USP**, apresenta mais informações sobre o trabalho de Marlui Miranda e conta também com áudios de algumas de suas músicas.

##### Site

Para saber mais sobre a música indígena, acesse a página **Sons indígenas**, da Fundação Nacional do Índio. Disponível em: <[www.funai.gov.br/index.php/indios-no-brasil/sons-indigenas](http://www.funai.gov.br/index.php/indios-no-brasil/sons-indigenas)>. Acesso em: 29 nov. 2017.

## Heitor dos Prazeres

Não é só na música que as tradições do Brasil são homenageadas: as artes visuais também valorizam a vida cotidiana do povo brasileiro. Um artista que se dedicou a mostrar o dia a dia dos brasileiros foi Heitor dos Prazeres.

Heitor dos Prazeres nasceu em 1898, no Rio de Janeiro, e cresceu na área central dessa cidade. Seu pai era marceneiro e clarinetista e sua mãe era costureira. Aos 7 anos de idade, depois da morte do pai, teve de trabalhar como ajudante de marceneiro, engraxate e jornaleiro, ao mesmo tempo em que começou a tocar clarinete.

Frequentou as primeiras rodas de samba na casa da **Tia Ciata** e foi um dos fundadores das escolas de samba Mangueira e Portela, que ainda se chamava Vai Como Pode. Também foi tocador de cavaquinho e dançava samba muito bem!

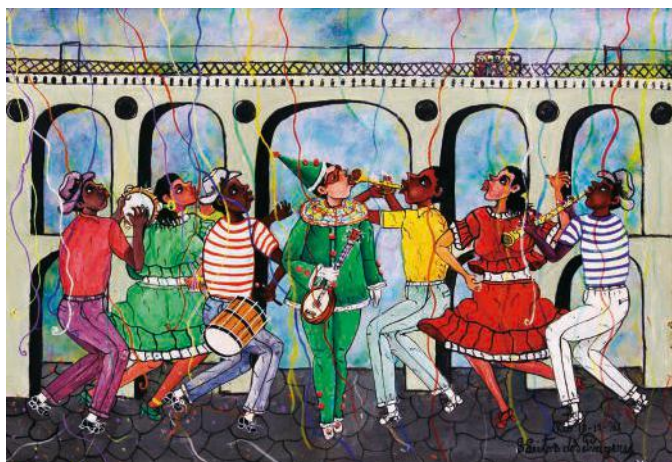
Além de músico e dançarino, Heitor dos Prazeres pintava. Suas obras mostram o dia a dia do carioca que morava nas favelas do início do século XX, especialmente nos momentos de festa e de samba!



▶ Heitor dos Prazeres em 1963.

### Tia Ciata:

apelido de Hilária Batista de Almeida (1854-1924), cozinheira e mãe de santo que foi uma das responsáveis pelo surgimento do samba no Brasil.



▶ **Carnaval nos Arcos da Lapa**, de Heitor dos Prazeres, 1961 (óleo sobre placa de madeira industrializada, de 37 cm x 52 cm).

Se você tivesse de pintar cenas de sua vida, o que deixaria registrado?

▶ CAPÍTULO 1 29

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

## Heitor dos Prazeres

Ao realizar a leitura do texto e a apreciação da reprodução da obra de Heitor dos Prazeres, converse com os alunos sobre os festejos brasileiros: “Que cenas, personagens e eventos Heitor dos Prazeres retrata?”; “São retratadas características de que lugar do Brasil?”.

Estimule-os a falar se costumam participar das festas, do que mais gostam, o que mais lhes chama a atenção, se conhecem as origens desses festejos, como são essas festas na região onde moram, etc. Valorize o conhecimento que eles têm a respeito dessas manifestações tradicionais. Incentive-os a relatar suas memórias e experiências em relação às linguagens artísticas envolvidas nos festejos que mencionarem: “Há danças nesses festejos?”; “Como são essas danças?”; “Como são as roupas usadas pelos participantes?”; “Como são as músicas?”; “Que instrumentos são utilizados?”; “Vocês se lembram das canções?”; “Há teatro nesses festejos?”; “Como são os personagens?”; “Há desenhos, pinturas ou esculturas nessas celebrações? O que eles representam?”; “Que cores são usadas?”.

Ao estudar os festejos brasileiros, é importante evidenciar suas relações com a história do país, seu papel social e suas características estéticas. É fundamental, também, apontar como os elementos dessas manifestações se tornam referências para as linguagens artísticas (artes visuais, dança, teatro e música) na produção cultural do país, configurando, assim, uma identidade de estética.

### Sugestão de...

#### Site

Se possível, acesse com os alunos a página do verbete “Heitor dos Prazeres” na **Enciclopédia Itaú Cultural**. Lá é possível conhecer mais detalhes sobre sua vida e obra, além de ver algumas reproduções de seus trabalhos. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa10428/heitor-dos-prazeres>>. Acesso em: 29 nov. 2017.

## ◆ A BNCC nestas páginas

### Contextos e práticas

BNCC EF15AR01

### Contexto e práticas

BNCC EF15AR13

### Patrimônio cultural

BNCC EF15AR25

Neste momento, os estudantes terão oportunidade de identificar e apreciar formas e gêneros da expressão musical das culturas indígenas brasileiras, reconhecendo e analisando os usos e as funções da música em contextos de integração, celebração e culto desses povos. Além disso, poderão identificar e apreciar pinturas como forma das artes visuais. Dessa forma, será possível conhecer e valorizar manifestações do patrimônio cultural brasileiro.

## Experimentação

Para a realização desta atividade, além das canções apresentadas no Livro do Estudante, se preferir, reproduza outras canções para a turma, privilegiando aquelas que sejam mais populares no local onde vocês vivem. Depois que os alunos tomarem contato com essas canções, converse com eles para que escolham coletivamente as que farão parte da apresentação.

Se possível, pesquise e execute para os alunos as canções escolhidas para ajudá-los a se familiarizar. Esse tipo de material pode ser encontrado na internet e também em CDs e DVDs. Você também pode usar algum instrumento para tocar as músicas ou convidar familiares dos alunos ou artistas locais para participarem do evento. Ensaie com a turma o quanto for necessário.

### Apresentando

Combine com os alunos uma data para a apresentação. Ajude-os a preparar os figurinos, pensando na temática das manifestações artísticas tradicionais brasileiras. O mais importante é organizar e realizar uma apresentação que conjugue o conteúdo temático tratado no capítulo.

Organize-se com antecedência, pensando na preparação do espaço onde será realizada a apresentação. É importante compartilhar essa tarefa com os estudantes, explicando a eles quais são suas responsabilidades, quais as etapas do trabalho, etc.

### Registrando

Ajude os estudantes a fazerem o registro da apresentação. Para isso, disponha de uma câmera filmadora ou de um aparelho de celular que possua a função de gravação de vídeo. Se achar pertinente, peça que um ou dois alunos se voluntariem para essa tarefa.

Se for possível, peça ajuda ao professor de Informática Educativa para, por meio de um computador, transferir o vídeo da apresentação para um CD ou DVD e distribua cópias para que todos guardem nos portfólios.

# EXPERIMENTAÇÃO

Até aqui, você conheceu duas canções brasileiras tradicionais. Que tal aprender mais uma e depois preparar uma apresentação?

### Balaio

**Balaio, meu bem, balaio, sinhá**

**Balaio do coração**

**Moça que não tem balaio, sinhá**

**Bota a costura no chão**

Eu queria ser balaio,

Balaio eu queria ser

Para andar dependurado

Na cintura de você

**(Refrão)**

Eu mandei fazer balaio

Para guardar meu algodão

Balaio saiu pequeno

Não quero balaio não

**(Refrão)**

Domínio público.

1 Leia a letra da canção com atenção para aprendê-la.

2 Com os colegas e o professor, cante a canção algumas vezes.

3 Se quiser, você pode usar instrumentos para acompanhar a canção.

### Apresentando

Depois de aprender a canção, é hora de organizar a apresentação.

1 Com os colegas e o professor, escolha as canções que serão apresentadas e ensaie bastante.

2 O professor vai combinar com você e os colegas uma data para o evento. Convide familiares e colegas de outras turmas para assistir.

3 Com os colegas, prepare o figurino para a apresentação. Ele deve ser inspirado na temática das artes tradicionais brasileiras.

### Registrando

Com a orientação do professor, grave a apresentação em vídeo para guardá-la no portfólio.

30

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

### Sugestão de...

#### Vídeo

Se possível, assista com os alunos ao vídeo da música "Balaio", executada pelos artistas do programa de TV **Quintal da Cultura**. Disponível em: <[http://tvcultura.com.br/videos/39206\\_quintal-musical-balaio-13-03-14.html](http://tvcultura.com.br/videos/39206_quintal-musical-balaio-13-03-14.html)>. Acesso em: 29 nov. 2017.



# O QUE ESTUDAMOS

- As músicas podem ser transmitidas de geração em geração.
- O espetáculo **Pitocando: um espetáculo de música para crianças** resgata e valoriza músicas tradicionais brasileiras.
- Textos em verso e em prosa também fazem parte da tradição oral.
- Os sons têm propriedades que os caracterizam, como altura, intensidade, timbre e duração.
- Podemos registrar graficamente uma composição musical usando partituras.
- Os artistas podem buscar inspiração para suas criações nas culturas tradicionais, como as manifestações africanas e indígenas.
- As artes visuais também podem valorizar e manter vivas as tradições brasileiras.



## Dica de visitação

Se na cidade onde você mora existir algum local que divulgue e valorize as artes tradicionais brasileiras, não deixe de frequentá-lo com os colegas!

## É hora de retomar o portfólio

1. Depois do que vimos neste capítulo, seu conhecimento a respeito da música mudou? Justifique sua resposta em um breve parágrafo.
2. Você ficou satisfeito com suas produções artísticas? Por quê?
3. Você considera que suas produções artísticas expressam suas opiniões, seus sentimentos e suas emoções? Por quê? Faça um pequeno texto comentando uma de suas produções.
4. Quais foram suas maiores dificuldades ao longo do projeto, tanto na escola quanto em casa? Comente em um breve parágrafo.

» O QUE ESTUDAMOS

31

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

## A BNCC nestas páginas

### Elementos da linguagem

BNCC EF15AR14

### Processos de criação

BNCC EF15AR17

### Patrimônio cultural

BNCC EF15AR25

Neste momento, os estudantes terão oportunidade de experimentar composições utilizando a voz e instrumentos musicais de modo coletivo e colaborativo. Além disso, poderão explorar os elementos constitutivos da música, por meio da execução e da apreciação de canções tradicionais. Dessa forma, será possível conhecer e valorizar essas canções como parte do patrimônio cultural brasileiro.

## O que estudamos

Leia com os alunos a síntese daquilo que foi estudado no capítulo e esclareça possíveis dúvidas.

Promova uma reflexão sobre a obra de Cláudia Braga. Destaque a importância do resgate das canções tradicionais nos espetáculos da artista. Neste momento, estimule os alunos a pensarem também nas propriedades dos sons (altura, intensidade, timbre, duração, etc.) como elementos constitutivos da música, e também em suas representações na notação musical.

## É hora de retomar o portfólio

Oriente os estudantes a responderem às questões propostas. Retome com eles a lista que foi feita no início do bimestre, para que tenham mais condições de perceber o que foi aprendido. Verifique, também, o aprendizado dos alunos analisando seus portfólios e a participação em sala a partir dos seguintes critérios observáveis:

- O aluno reconhece e distingue os elementos da música estudados?
- O aluno utiliza elementos constitutivos da música em suas produções, de maneira consciente?
- O aluno avalia o uso das propriedades da música em suas produções, reconhecendo suas estratégias de composição?
- O aluno compara e avalia os resultados de suas pesquisas e experimentações com música, na busca de soluções para expressar suas ideias e sentimentos?  
Além disso, avalie se o aluno:
  - precisa de ajuda para identificar e reconhecer os elementos da música;
  - apresenta facilidade em trabalhar com as propriedades sonoras e os diversos elementos constitutivos da música, mas ainda precisa de alguma orientação;
  - consegue se apropriar e trabalhar com os elementos da música explorados, sem necessidade de supervisão ou acompanhamento direto;
  - explora e pesquisa os elementos constitutivos da música, a partir da apropriação que ele tem dos procedimentos desenvolvidos nas atividades.

## Unidade 1 – Capítulo 2

### Dançando e festejando!

No capítulo 2, continuamos o trabalho com a questão norteadora da unidade: “A arte pode unir as pessoas?”. É importante destacar que a dança também pode exercer um papel importante nesse contexto, especialmente por meio dos festejos e das celebrações tradicionais de que faz parte.

Antes de iniciar o trabalho, retome com os alunos a lista feita ao final da introdução da unidade e atualize-a. Pergunte a eles se o que foi listado se concretizou e se há outros elementos para adicionar. Retome a questão norteadora do projeto e pergunte o que os alunos imaginam que precisam saber sobre a dança para respondê-la. Pergunte, também, o que imaginam que vão estudar partindo do título do capítulo. Sugira, então, alguns itens para compor a lista com a turma:

- Conhecer um ou mais artistas que se expressam por meio da linguagem da dança.
- Descobrir mais sobre a dança e seus elementos.
- Experimentar exercícios de consciência corporal.
- Conhecer outras formas de arte e outras culturas que valorizam as artes tradicionais.
- Criar uma obra coletiva que mostre o que aprendemos sobre dança.

### A dança da Companhia de Aruanda

#### Para iniciar

Neste capítulo, os alunos vão conhecer o trabalho desenvolvido pela Companhia de Aruanda, que apresenta danças tradicionais brasileiras, evidenciando o papel desta linguagem artística para a nossa cultura.

As questões do boxe buscam fazer com que os estudantes levantem hipóteses a respeito do trabalho da Companhia de Aruanda. Sugira que, em duplas, observem as imagens e pensem nas respostas às questões propostas.



## Dançando e festejando!

### A dança da Companhia de Aruanda

No capítulo anterior, vimos como um espetáculo de música resgata e valoriza a arte brasileira tradicional. Vamos conhecer um espetáculo de dança que faz algo parecido?

#### Para iniciar

1. Descreva o que você vê na imagem.
2. Que local é esse?
3. Observe o cenário e o figurino. Eles fazem você se lembrar de algum evento?
4. Que tipo de música você acha que está tocando?



▶ Apresentação do espetáculo de dança **Fuzuezinho**, da Companhia de Aruanda, Rio de Janeiro, 2014.

32 UNIDADE 1 ▶

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

#### Expectativas de aprendizagem deste capítulo

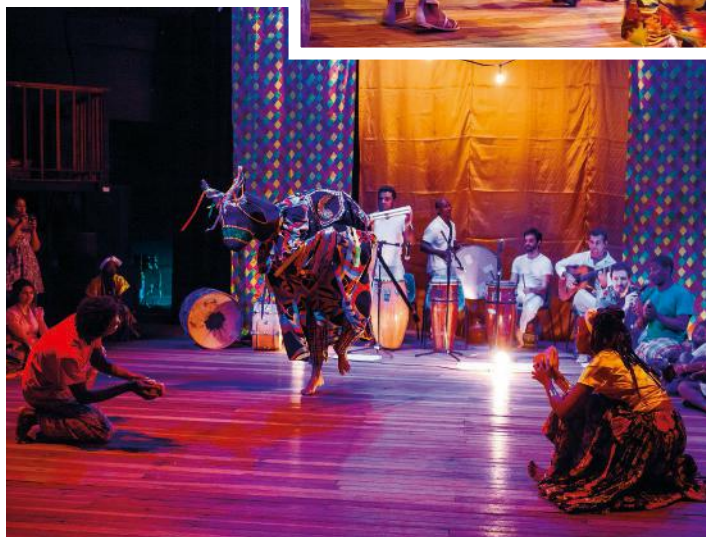
- Reconhecer elementos da linguagem da dança.
- Participar de exercícios de consciência corporal.
- Apreciar espetáculos de dança.
- Descrever o que vê e sente em relação às obras apreciadas.
- Comunicar aos colegas sua apreciação, explicando o sentido que atribuiu às obras.

A imagem da página anterior e as desta página mostram cenas do espetáculo de dança **Fuzuezinho**, da Companhia de Aruanda. As criações desse grupo formado no Rio de Janeiro são inspiradas na cultura afro-brasileira. O que você conhece sobre as manifestações culturais brasileiras de origem africana?

► Público de todas as idades durante a apresentação do espetáculo de dança **Fuzuezinho**, da Companhia de Aruanda, Rio de Janeiro, 2014.



Fotos: Wilkens Martins/Aruanda da Fotografia



► Temas da cultura tradicional brasileira são retratados no espetáculo de dança **Fuzuezinho**, da Companhia de Aruanda, Rio de Janeiro, 2014.

Em **Fuzuezinho**, a Companhia de Aruanda leva para o palco muita dança, música, dramatização e contação de histórias. No espetáculo, crianças, jovens e adultos experimentam diversas manifestações da cultura brasileira.

Será que essa experiência é divertida?

► CAPÍTULO 2 33

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

- Valorizar os artistas que realizaram as obras apreciadas, conhecendo aspectos de sua poética e suas principais obras.
- Compreender os valores estéticos dos artistas que realizaram as obras apreciadas.
- Criar e produzir uma coreografia inspirada no trabalho da Companhia de Aruanda, de forma a se apropriar desses saberes em suas próprias produções.

## ◆ Competências deste capítulo

- Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.
- Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.
- Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

## Linguagem

Dança.

## Dimensões do conhecimento

Fruição; reflexão.

## ◆ A BNCC nestas páginas

### Contextos e práticas

BNCC EF15AR08

### Patrimônio cultural

BNCC EF15AR25

Neste momento, os estudantes terão oportunidade de apreciar uma manifestação da dança, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório corporal. Além disso, poderão conhecer e valorizar o patrimônio cultural brasileiro de matriz africana, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos, especialmente, à dança.

## Que obra é essa?

Promova a leitura do texto e das imagens da seção. Converse com os estudantes sobre ocasiões em que a dança faz parte de celebrações e momentos de integração coletiva: “Em que manifestações culturais a dança está presente?”; “Vocês acham que a dança ou os momentos de celebração e de festa unem as pessoas? Por quê?”.

Como este capítulo trata de arte e manifestações populares ligadas à herança cultural africana, é importante valorizar a contribuição e o papel dessas referências na formação cultural do povo brasileiro. Converse com os alunos a respeito da diversidade cultural do Brasil e como alguns ritmos musicais e danças tradicionais podem representar a história e a cultura de um povo ou comunidade. Pergunte se eles conhecem algum ritmo musical ou dança que faça parte de alguma festa tradicional da região onde vivem.

Se achar pertinente, proponha uma conversa para sondar os conhecimentos dos alunos sobre a grande diversidade cultural brasileira. Pergunte quais tradições, mitos, lendas e costumes brasileiros eles conhecem e o que sabem sobre a cultura tradicional de outras regiões do país.

## A BNCC nestas páginas

### Contextos e práticas

BNCC EF15AR08

### Patrimônio cultural

BNCC EF15AR25

Neste momento, os estudantes terão oportunidade de apreciar uma manifestação da dança, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório corporal. Além disso, poderão conhecer e valorizar o patrimônio cultural brasileiro de matriz africana, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos, especialmente, à dança.

## Que obra é essa?

O espetáculo **Fuzuezinho** foi criado para levar ao palco danças que geralmente acontecem em meio a festejos, nas praças e nas ruas. Diferentemente da maioria dos espetáculos, em que a plateia fica sentada, nessa apresentação todo mundo é convidado a entrar na dança!



► Público participa de apresentação do espetáculo de dança **Fuzuezinho**, da Companhia de Aruanda, Rio de Janeiro, 2014.

O nome **Fuzuezinho** vem de **Fuzuê d’Aruanda**, outro projeto da Companhia de Aruanda que promove encontros mensais embaixo de um **viaduto** no bairro de Madureira, no Rio de Janeiro. Nesses encontros, o público também pode participar e aprende danças brasileiras tradicionais, como o jongo e o samba de roda.

**viaduto:**  
tipo de ponte que passa sobre ruas ou rodovias.

## 34 UNIDADE 1

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

## Texto complementar

### Samba (dança)

Dança de umbigada presente em todo o território brasileiro, que adquire feições particulares e marcantes nos estados da Bahia, do Rio de Janeiro e de São Paulo. Na Bahia apresenta formas variadas cujos nomes remetem às coreografias e aos ritmos musicais – samba de roda, samba da chave, samba partido-alto, sam-

ba-corrido, batido, chulado, baiano, bate-pau, etc. [...] Em geral os instrumentos musicais que a acompanham são violão, chocalho, pandeiro e atabaques.

No Rio de Janeiro, inicialmente dançado em roda, ganhou as ruas e pode ser dança individual, de pares e de conjunto, com solista exibin-



► Encontro do projeto **Fuzuê d'Aruanda**, da Companhia de Aruanda, embaixo de viaduto no bairro de Madureira, Rio de Janeiro, 2015.

## Saiba mais

O jongo, além de uma dança de roda, é um ritmo de origem africana que se desenvolveu no Vale do Paraíba, entre os estados do Rio de Janeiro e de São Paulo. A letra cantada no jongo se chama ponto, uma espécie de desafio ou enigma, e é acompanhada de três tipos de tambor.

O samba de roda é um tipo antigo de samba executado até hoje. Enquanto os membros da roda batem palmas, os músicos tocam tambor, pandeiro, viola e outros instrumentos. Ele foi criado na Bahia, na região do Recôncavo Baiano, pelos africanos escravizados e seus descendentes. A partir do final do século XIX, muitas pessoas dessa região migraram para o Rio de Janeiro, levando o samba de roda com elas.

Você gosta de samba? Costuma escutar esse gênero musical? Os estudiosos do samba consideram que ele se formou principalmente do encontro desses dois gêneros musicais.

do passos miúdos e ligeiros, requebrados e gingados. Em São Paulo há três modalidades principais: samba de roda, círculo com destaque de solista ou de instrumentistas; samba rural ou samba de bumbo, duas fileiras que se movimentam em conjunto, com a presença do instrumento que lhe dá nome; samba-lenço, fileiras que se defrontam com cada participante trazendo um lenço que orienta a coreografia dos pares.

É dança que esteve presente nas celebrações mais diversas. Atualmente a interação entre o moderno e o tradicional faz com que o samba se mantenha na contemporaneidade, casa, rua e palcos compartilhando o espaço de suas práticas.

TESAURO de Folclore e Cultura Popular Brasileira. Disponível em: <[www.cnfcp.gov.br/tesouro/00001671.htm](http://www.cnfcp.gov.br/tesouro/00001671.htm)>. Acesso em: 29 nov. 2017.

## Saiba mais

Promova a leitura do texto do boxe e converse com a turma para verificar seus conhecimentos a respeito do samba. Se possível, execute algumas músicas deste gênero e exiba vídeos de pessoas dançando. Esse tipo de material pode ser encontrado facilmente na internet. Se algum estudante souber passos de samba, peça que mostre aos colegas.

Ao tratar do jongo e do samba de roda, é importante ressaltar a função comunitária das danças e folguedos. Em suas comunidades de origem, essas reuniões festivas não são apenas espetáculos, mas também ocasiões de encontro e união de seus membros e de rememoração de sua história.

Se possível, reproduza para os alunos exemplos de jongo e de samba de roda. Esse tipo de material pode ser encontrado na internet. Caso existam grupos de jongo ou de samba de roda no local onde vocês vivem, verifique a possibilidade de convidá-los para uma apresentação na escola.

## Sugestão de...

### Leitura complementar

IPHAN. *Jongo no Sudeste*. Brasília: Iphan, 2005. Disponível em: <[www.cnfcp.gov.br/pdf/Patrimonio\\_Imaterial/Dossie\\_Patrimonio\\_Imaterial/Dossie\\_Jongo.pdf](http://www.cnfcp.gov.br/pdf/Patrimonio_Imaterial/Dossie_Patrimonio_Imaterial/Dossie_Jongo.pdf)>. Acesso em: 29 nov. 2017.

O dossiê elaborado pelo Iphan apresenta mais informações sobre o jongo.

IPHAN. *Samba de roda do Recôncavo Baiano*. Brasília: Iphan, 2004. Disponível em: <[www.cnfcp.gov.br/pdf/Patrimonio\\_Imaterial/Dossie\\_Patrimonio\\_Imaterial/Dossie\\_Samba\\_de\\_Roda.pdf](http://www.cnfcp.gov.br/pdf/Patrimonio_Imaterial/Dossie_Patrimonio_Imaterial/Dossie_Samba_de_Roda.pdf)>. Acesso em: 29 nov. 2017.

O dossiê elaborado pelo Iphan apresenta mais informações sobre o samba de roda do Recôncavo Baiano.

## Como a obra foi feita?

Promova a leitura compartilhada do texto com os alunos, chamando a atenção para as imagens que ilustram e complementam o conteúdo apresentado. Dessa forma eles poderão conhecer mais sobre o espetáculo **Fuzuezinho**, da Companhia de Aruanda, que, para criar suas coreografias e apresentações, teve a influência de ritmos como o jongo e o samba de roda.

Ao conduzir a leitura, comente que o texto fala em danças tradicionais. Pergunte: “Que tipos de dança o texto apresenta?”; “Algum de vocês conhece essas danças?”; “Elas são antigas?”; “Como se aprende essas danças?”; “São danças que só dançarinos profissionais sabem dançar?”; “Onde estas danças costumam acontecer?”; “Quando elas acontecem?”; “Quem participa dessas danças?”. A partir das reflexões sobre essas questões, os estudantes poderão perceber características das danças tradicionais e o que as diferencia de outras categorias de dança.

Ao apreciar a imagem do espetáculo **Fuzuezinho** com os alunos, chame a atenção para o cenário e os figurinos, para que percebam que estes elementos e recursos evocam justamente os contextos em que se inserem as danças e manifestações tradicionais. Peça que observem e destaquem as cores, materiais e objetos que reconhecem. Pergunte: “O que o cenário e os figurinos têm a ver com as danças tradicionais de que falamos?”; “Esses elementos fazem lembrar de alguma característica da nossa cultura? Ou mesmo de alguma região do país?”.

## Como a obra foi feita?

Em **Fuzuezinho**, a Companhia de Aruanda apresenta música, contação de histórias e diversas danças, como coco, ciranda, boi-bumbá e jongo. O espetáculo é educacional e interativo, ou seja, todo mundo pode participar. Assim, todos aprendem juntos a dançar e a manter vivas as tradições brasileiras, contribuindo para a preservação do patrimônio cultural.



► Cena do espetáculo de dança **Fuzuezinho**, da Companhia de Aruanda, Rio de Janeiro, 2014.

Para realizar as coreografias do espetáculo, os dançarinos aprenderam os passos do jongo e do samba de roda. Vamos conhecer mais sobre eles?

O **jongo** é uma dança de roda em que os dançarinos se movimentam em sentido **anti-horário**. Eles fazem movimentos como pulos para a frente e giros em torno do próprio corpo.

No meio da roda ficam um ou dois dançarinos. Para sair do centro da roda, o dançarino deve dar uma **umbigada** na pessoa que vai substituí-lo.

- **anti-horário:** contrário ao movimento dos ponteiros do relógio.
- **umbigada:** espécie de esbarrão usando o umbigo.



► Integrantes do grupo Jongo de Piquete dançando jongo, Piquete, São Paulo, 2007.

## 36 UNIDADE 1

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

## A BNCC nestas páginas

Contextos e práticas

BNCC EF15AR08

Patrimônio cultural

BNCC EF15AR25

Neste momento, os estudantes terão oportunidade de apreciar manifestações de dança, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório corporal. Além disso, poderão conhecer e valorizar o patrimônio cultural brasileiro de matriz africana, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos, especialmente, à dança.

No **samba de roda** os participantes também formam um círculo e no centro dele ficam dançarinos solo ou pares. Os integrantes dos pares não se abraçam: eles dançam um em frente do outro, dando giros. Nessa dança, os pés e as pernas dos dançarinos se mexem conforme a música, em passos não muito amplos.



► Samba de roda Raízes de Acupe, Santo Amaro, Bahia, 2017.

## Arte e Geografia

Não é só a Arte que se dedica a pesquisar e a divulgar a arte tradicional brasileira. A Geografia também!

Com passos cheios de giros e requebros, danças como o jongo e o samba de roda não só podem divertir e alegrar, mas também nos colocam em contato com elementos das culturas afro-brasileiras, indígenas, mestiças e migrantes.

Enquanto a Arte resgata, reproduz e, por vezes, recria o repertório de danças que fazem parte de nossa cultura há muito tempo, a Geografia busca identificar e descrever as características das diferentes sociedades e dos lugares onde elas vivem, o que inclui entender melhor suas manifestações culturais.

Que danças são comuns no lugar onde você vive? Quais delas são mais conhecidas na sua família? Siga as orientações do professor para fazer uma pesquisa.

### ► CAPÍTULO 2 37

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

### Sugestão de...

#### Sites

- Para saber mais sobre as danças tradicionais brasileiras, sugerimos os seguintes sites:
- **Pesquisa Escolar Fundaj**, da Fundação Joaquim Nabuco. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar>>. Acesso em: 30 nov. 2017.
- **Tesouro de Folclore e Cultura Popular Brasileira**, o Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: <[www.cnfcp.gov.br/tesouro](http://www.cnfcp.gov.br/tesouro)>. Acesso em: 30 nov. 2017.

## Arte e Geografia

Quando trabalhamos a interdisciplinaridade, um aspecto importante é mostrar similaridades e diálogos entre procedimentos ou objetos de estudos. Neste capítulo, estamos estudando a dança e também as tradições regionais brasileiras, especialmente as danças tradicionais. Muitas dessas danças são típicas de regiões específicas, nas quais nasceram e se desenvolveram. O mapeamento de territórios e regiões pode ser uma forma de conversar com os alunos acerca de pontos de encontro entre a Geografia e a Arte.

Proponha uma pesquisa para que os alunos identifiquem, em seus lugares de vivência e em suas histórias familiares, danças que trazem componentes de culturas afro-brasileiras, indígenas e migrantes.

Organize os alunos em grupos de quatro a cinco integrantes e peça que pesquisem sobre uma dança brasileira típica ou tradicional. Você pode escolher danças de diferentes regiões e atribuir uma para cada grupo pesquisar. Reúna o grupo para a apresentação das pesquisas. Projete ou pendure um mapa do Brasil na parede e, com fitas adesivas coloridas, à medida que os grupos apresentam as danças que pesquisaram, marque no mapa as regiões de origem e de tipicidade destas danças.

Ao final das apresentações, observe o mapa com os alunos, destacando a variedade de danças que temos em todo o Brasil. Retome a interdisciplinaridade com Geografia, comentando como as manifestações culturais também podem ser estudadas levando em conta os territórios.

### Interdisciplinaridade: Arte e Geografia na BNCC

#### Território e diversidade cultural

BNCC EF04GE01

O trabalho proposto dará aos estudantes a oportunidade de selecionar, em seus lugares de vivência e em suas histórias familiares, elementos de culturas afro-brasileiras, indígenas, mestiças e migrantes, especialmente os ligados à dança.

## O movimento

Peça aos estudantes que voltem às páginas 32, 33, 34 e 36 e observem novamente as imagens do espetáculo **Fuzuezinho**. Em seguida, conduza a leitura e a conversa a partir das perguntas propostas no livro.

Ao abordar os conceitos relativos ao movimento, explore as imagens com os alunos procurando mobilizar as experiências que eles têm por meio de perguntas, por exemplo: “Como movimentamos o corpo quando temos pressa?”; “E quando estamos passeando?”; “Quais são as direções que o corpo pode tomar no espaço?”.

As atividades propostas neste capítulo foram elaboradas tendo como referência os estudos realizados pelo professor e coreógrafo Rudolf Laban (1879-1958), que percebeu e determinou que o movimento de qualquer parte do nosso corpo deve ser entendido em relação ao todo corporal.

### Sugestão de...

#### Livro

LABAN, Rudolf. *Domínio do movimento*. São Paulo: Summus Editorial, 1978.

O livro apresenta os estudos desenvolvidos por Rudolf Laban e conta com exercícios e uma seleção de cenas mímicas para sensibilização intelectual, emocional e física.

## O movimento

Observe novamente as imagens do espetáculo **Fuzuezinho**, da Companhia de Aruanda. Que movimentos você acha que as pessoas estão fazendo?

Você já reparou que, quando nos movimentamos, cada parte do corpo também se move? Isso acontece porque o corpo humano é um conjunto de partes que atuam ao mesmo tempo, formando um todo.

Vamos ver um exemplo?

### ▶ Enquanto caminhamos



Kornenasky, Konstantin / Shutterstock.com Images

O corpo todo se mexe, mas os braços se movimentam mais livremente do que as outras partes, criando uma **fluência** entre os gestos.

Chirayee/Shutterstock.com Images

Art Family e Oshii / Shutterstock



Podemos nos deslocar em diferentes velocidades: mais rápido ou devagar, conforme o **tempo** que levamos para mover pés, pernas e braços.

Podemos ter uma atitude mais relaxada ou firme, dependendo do **peso** que imprimimos aos gestos.

Jeremir, Chahidaleq / Shutterstock



Além disso, podemos nos mover no **espaço** de forma direta ou de modo mais flexível.

Petar Petrovic/Shutterstock



### Texto complementar

#### Dinâmica de Laban

Estudando o movimento do corpo humano, Laban afirmou que realizamos oito movimentos básicos: chicotear, pressionar, flutuar, socar, pontuar (apontar), sacudir, torcer e deslizar. Laban apontou também as propriedades ou atribuições que os movimentos podem ter.

Em relação à direção, podem ser para o alto ou para baixo, para a esquerda ou para a direita, além das diagonais. Isso quer dizer que os movimentos ocupam espaço. Em rela-



## Atividade prática

Para continuar pensando sobre os nossos movimentos, que tal participar de exercícios de consciência corporal? Ao terminar cada atividade prática deste capítulo, faça registros dos resultados e compartilhe-os com os colegas antes de guardá-los no **portfólio**.

 Vamos relaxar e perceber nossos movimentos?

- 1 Deite-se no chão, com a barriga para cima e os braços e as pernas esticados e relaxados. Procure não contrair nenhuma parte do corpo.
- 2 Sinta os dedos dos pés, os tornozelos, os joelhos, o quadril, os dedos das mãos, os punhos, os cotovelos, os ombros, a coluna e o pescoço.
- 3 De olhos fechados, permaneça em silêncio e mantenha-se atento aos sinais do professor. A cada sinal, tente movimentar alternadamente cada uma das articulações.



- 4 Depois, reflita sobre quais articulações do seu corpo permitem movimentos circulares e quais delas apenas dobram e esticam.



ção à força e à velocidade, eles podem, ainda, ser feitos com mais ou menos força – ou peso –, e com mais ou menos velocidade – ou tempo.

À passagem de um movimento a outro Laban deu o nome de fluxo, ou fluência, que pode ser gradual, mudando de lugar e acelerando aos poucos, ou repentino.

Essas ações ocorrem em três áreas principais: área alta, área média e área baixa. Os movimentos da dança exploram essas três áreas, criando com isso efeitos expressivos.

*Elaborado pelos autores.*

## Atividade prática

Para realizar as atividades de consciência corporal, deixe o ambiente o mais livre possível. Para tanto, peça auxílio aos alunos para que as cadeiras e mesas sejam afastadas, liberando uma boa área da sala – ou, então, realizem as propostas no pátio ou na quadra de esportes. Para mais orientações sobre o ambiente de aprendizagem, consulte o **Manual do Professor – Orientações Gerais**.

Conduza a atividade indicando para os alunos a parte do corpo que devem movimentar. Procure explorar todas as partes mencionadas no **item 2**, por exemplo. Quanto mais calmo você estiver, mais as crianças entram no clima de relaxamento necessário. Dê ao menos um minuto para o movimento de cada uma das articulações entre os sinais dados aos alunos. É o tempo necessário para aquecê-las e para que explorem os movimentos, reconhecendo possibilidades do corpo. Esse exercício favorece o relaxamento, a concentração e a percepção dos movimentos, que podemos controlar de acordo com nossas necessidades.

É interessante que dois ou três alunos voluntários demonstrem o exercício antes que todos participem. Cheque se ainda há dúvidas, pois uma interrupção no meio da atividade quebra o clima de concentração. Termine a atividade com uma roda de conversa.

## A BNCC nestas páginas

### Elementos da linguagem

**BNCC EF15AR09**

### Processos de criação

**BNCC EF15AR12**

Neste momento, os estudantes terão oportunidade de estabelecer relações entre as partes do corpo e destas com o todo corporal. Além disso, poderão discutir experiências pessoais e coletivas em dança, construindo vocabulários e repertórios próprios.

## Corpo e dança

Promova a leitura compartilhada do texto e das imagens. Permita que os estudantes manifestem sua opinião e esclareça as possíveis dúvidas que surgirem. É importante mapear essas dúvidas, que podem ser sobre conceitos, elementos estéticos e procedimentos da dança, ou mesmo sobre o significado de algumas palavras.

Comente que, quando dançamos, realizamos uma série de movimentos corporais, como pular, rodopiar, esticar as pernas, arcar os braços, abaixar os ombros. Esses movimentos devem ser cuidadosamente executados a fim de expressar ideias e sentimentos, o que não significa que todos dançam da mesma maneira.

Ao orientar a leitura das imagens, explore com os alunos o contexto das danças retratadas, ou seja, os momentos e lugares nos quais estão presentes. Converse sobre as perguntas propostas no livro e levante algumas outras: "Onde as pessoas estão dançando?"; "Que danças são essas?"; "Vocês acham que essas pessoas estão dançando para comemorar? Para se divertir? Como parte de uma tradição?"; "Ou estão se apresentando para uma plateia?". Estimule-os a levantar hipóteses sobre o contexto de cada dança e sobre o significado dela nesse contexto.

Explore também os gestos, as expressões e os movimentos dos dançarinos registrados em cada imagem. Pergunte, por exemplo: "Que elementos das imagens indicam que os bailarinos estão dançando?".

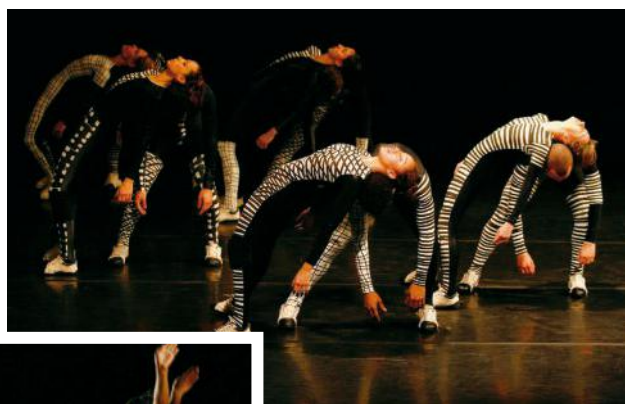
## Corpo e dança

Quando dançamos, realizamos uma série de movimentos corporais, como pular, rodopiar, esticar uma perna, levantar os braços, abaixar os ombros. Podemos realizar esses movimentos de maneira forte ou fraca, direta ou flexível, rápida ou lenta, relaxada ou firme.

Os movimentos da dança podem ser cuidadosamente escolhidos e executados para expressar ideias e sentimentos, para contar histórias e para emocionar. Ao fazer isso, os dançarinos elaboram verdadeiras composições corporais, selecionando determinados movimentos que levarão a outros movimentos.

Mas isso não significa que todos os dançarinos dançam da mesma maneira. Cada um de nós tem um jeito próprio de se movimentar e de se expressar por meio da dança, o que faz toda a diferença!

► Foto de ensaio do espetáculo **Breu**, apresentado pelos bailarinos do grupo de dança contemporânea **Corpo**, com coreografia de Rodrigo Pederneiras, Belo Horizonte, Minas Gerais, 2007.



Marcus Desimoni/Agência Niro



► Dançarinos em apresentação da Companhia de Dança David Parsons, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2006.

Como os bailarinos se posicionam em cada uma das imagens? Como eles estão vestidos? Que tipo de música você acha que está tocando enquanto eles estão dançando? O que você sente ao ver essas imagens?

40

UNIDADE 1 ►

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

## Sugestão de...

### Site

Se achar pertinente, acesse com os alunos a página do grupo **Corpo** para conhecer mais detalhes sobre o espetáculo **Breu**. Disponível em: <[www.grupo.corpo.com.br/obras/breu](http://www.grupo.corpo.com.br/obras/breu)>. Acesso em: 30 nov. 2017.

## Atividade prática

🍷 Agora, vamos atar e desatar um grande “nó de colegas”?

1 Dê as mãos para os colegas a fim de formar uma roda.



2 Sem soltar as mãos, tente passar por baixo dos braços dos colegas. É importante que cada um se movimente na sua vez.



4 Atenção! Não faça movimentos bruscos para não se machucar nem machucar os colegas.

3 Quando a roda se transformar em um verdadeiro nó, tentem desfazê-lo e voltar à posição original.



## Atividade prática

Leia com os alunos as etapas da atividade para que se familiarizem com a proposta. Peça que observem atentamente as imagens do Livro do Estudante. Se achar pertinente, pesquise e exiba vídeos de pessoas brincando de “nó humano”. É possível encontrar esse tipo de material na internet.

Proponha que realizem os movimentos uma primeira vez, bem devagar, prestando bastante atenção. Depois, prossiga com a proposta. Lembre-os de que não devem fazer movimentos bruscos, pois isso pode machucar os colegas.

Ao final, converse com a turma sobre essa experiência. Pergunte: “O que vocês acharam dessa brincadeira?; “Conseguiram perceber os movimentos que fizeram durante a atividade?; “Foi difícil desatar o nó?”.

## 🍷 A BNCC nestas páginas

### Contextos e práticas

BNCC EF15AR08

### Elementos da linguagem

BNCC EF15AR10

### Processos de criação

BNCC EF15AR12

Neste momento, os estudantes terão oportunidade de apreciar formas de manifestação da dança contemporânea, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório corporal. Além disso, poderão experimentar formas de orientação no espaço e discutir experiências pessoais e coletivas em dança, construindo vocabulários e repertórios próprios.

## Dança e cultura

Antes de iniciar a leitura, procure aproximar os alunos do tema por meio de perguntas como: “Para vocês, existe um jeito certo de dançar?”; “O que os nossos movimentos podem dizer de nós mesmos?”; “Vocês conhecem alguma dança típica do nosso município, estado ou país?”. Depois que todos se manifestarem, faça a leitura compartilhada do texto e das imagens, incentivando os alunos a expressar suas opiniões e dúvidas.

Ao observar as imagens de bharatanatyam, tango e cumbia colombiana, permita que os alunos explorem as imagens e verifique se conhecem algo a respeito de cada uma dessas danças e ritmos. É importante ressaltar que, ainda que típica de um país, pode haver variações em diferentes lugares para a mesma dança. Além disso, o fato de ser típica não significa que é amplamente executada naquele país. Ressaltar isso ajuda a mudar visões estereotipadas, como a de que todo brasileiro gosta de samba e sabe sambar.

Peça que os estudantes relacionem as imagens às suas legendas: “Na imagem que mostra o tango, é possível perceber que nessa dança os movimentos são fortes e dramáticos, como se lê na legenda?”; “É possível perceber a posição dos joelhos dos dançarinos de bharatanatyam?”; “Vocês conseguem perceber os movimentos dos pés e do quadril na cumbia colombiana?”.

Ressalte para a turma que cada um de nós tem um jeito próprio de se movimentar e de se expressar por meio da dança.

Nos últimos tempos, a dança ganhou espaço também em programas de TV. Algumas das coreografias apresentadas nesses programas são elaboradas por profissionais comprometidos com a arte. Entretanto, há também uma expressiva veiculação de danças que trazem concepções negativas de gênero, etnia, sexualidade, etc. Assim, é importante diversificar as referências dos alunos, estimulando-os a assistir a espetáculos de dança e a festejos, especialmente àqueles relacionados à sua cultura (infantil e regional).

## Dança e cultura

Mesmo que cada um de nós se movimente de maneira única, nosso jeito de dançar está muito relacionado às tradições culturais a que pertencemos. Isso porque aprendemos a dançar com nossos familiares, amigos e professores, por exemplo, que compartilham conosco valores, costumes e tradições de uma mesma cultura.

Ao sambar, por exemplo, executamos movimentos de pés e de quadril que passaram de geração em geração para chegar até nós, ou seja, que foram transmitidos culturalmente.

Observe mais alguns exemplos.



► A bharatanatyam é uma dança clássica da Índia, em que os dançarinos ficam com os joelhos dobrados e fazem movimentos firmes com as pernas e os pés. Dacca, Bangladesh, 2016.

► O tango, de origem argentina, é uma dança executada por pares, caracterizada por movimentos fortes e dramáticos. Buenos Aires, Argentina, 2015.



► A cumbia colombiana é uma dança inspirada nas danças africanas e espanholas, em que os dançarinos giram, movem os pés para a frente e para trás e balançam o quadril no ritmo da música. Cartagena, Colômbia, 2010.

### 42 UNIDADE 1

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Ajude-os também a perceber que a dança não se resume a coreografias concebidas para a apresentação em espetáculos e que cada um pode criar sua própria dança simplesmente para se expressar, com ou sem intenção de alcançar determinados padrões de exibição.

## Atividade prática

Vamos dançar samba no pé? Siga os passos.

### Passo 1

- 1 Primeiro movimento: o pé direito desliza um pouco para trás, de modo que seu arco encoste no calcanhar do pé esquerdo.



- 2 Segundo movimento: o pé esquerdo desliza um pouco para a frente.

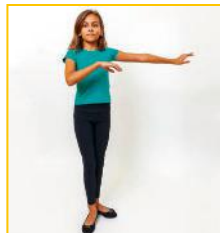


- 3 Terceiro movimento: o pé direito desliza de volta para a frente até que seu arco encoste de novo no calcanhar do pé esquerdo.



### Passo 2

- 1 Primeiro movimento: o pé esquerdo desliza para trás, de modo que seu arco encoste no calcanhar do pé direito.



- 2 Segundo movimento: o pé direito desliza um pouco para a frente.



- 3 Terceiro movimento: o pé esquerdo desliza de volta para a frente até que seu arco encoste de novo no calcanhar do pé direito. E assim sucessivamente!



## Atividade prática

Leia com os estudantes as etapas de cada passo descrito no Livro do Estudante. Peça que observem as imagens e tentem reproduzir os movimentos, com calma e atenção.

Conforme se familiarizarem com os movimentos individualmente, oriente-os para que os executem em sequência para formar os dois passos, que também devem ser realizados em sequências que se repetem. Proponha que variem a velocidade de execução, para que trabalhem a coordenação e o ritmo do movimento (lento, moderado e rápido).

Se houver na turma algum aluno, ou mesmo algum familiar ou membro da comunidade escolar, que saiba os passos do samba no pé, combine que faça uma demonstração à turma. Se possível, pesquise e exiba alguns vídeos de dançarinos executando os passos de samba no pé. É possível encontrar esse tipo de material com facilidade na internet.

Ao final, pergunte o que acharam dos passos que praticaram: “São passos difíceis de se executar?”; “Vocês perceberam os movimentos que o pé faz?”; “Em que situações as pessoas dançam samba no pé?”.

## A BNCC nestas páginas

### Contextos e práticas

BNCC EF15AR08

### Elementos da linguagem

BNCC EF15AR10

### Processos de criação

BNCC EF15AR12

Neste momento, os estudantes terão oportunidade de apreciar o samba no pé como uma forma de manifestação da dança, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório corporal. Além disso, poderão experimentar ritmos de movimento (lento, moderado e rápido) e discutir experiências pessoais e coletivas em dança, construindo vocabulários e repertórios próprios.

## Sugestão de...

### Leitura complementar

MARQUES, Mariana Garcia. Consciência corporal: o que é? *Ensaio Geral*, Belém, v. 1, n. 1, jan.-jun. 2009. Disponível em: <[www.revistaeletronica.ufpa.br/index.php/ensaio\\_geral/article/viewFile/98/28](http://www.revistaeletronica.ufpa.br/index.php/ensaio_geral/article/viewFile/98/28)>. Acesso em: 30 nov. 2017.

O artigo pode ser um subsídio para aprofundar a reflexão sobre consciência corporal e sua relação com a dança.

## Outros trabalhos da Companhia de Aruanda

Promova a leitura do texto e peça aos alunos que observem as imagens com atenção. Converse com eles sobre os efeitos visuais que podem ser obtidos por meio dos movimentos e das coreografias da dança. Chame a atenção para os detalhes das cenas retratadas, fazendo perguntas como: "Conseguimos ver todas as partes do corpo de todos os dançarinos nas imagens?"; "O que conseguimos ver?"; "O que lembram as cores e as estampas das roupas?"; "Vocês acham que os dançarinos ficaram parados nessa posição ou estavam em movimento?"; "Que tipos de movimento poderiam estar fazendo?".

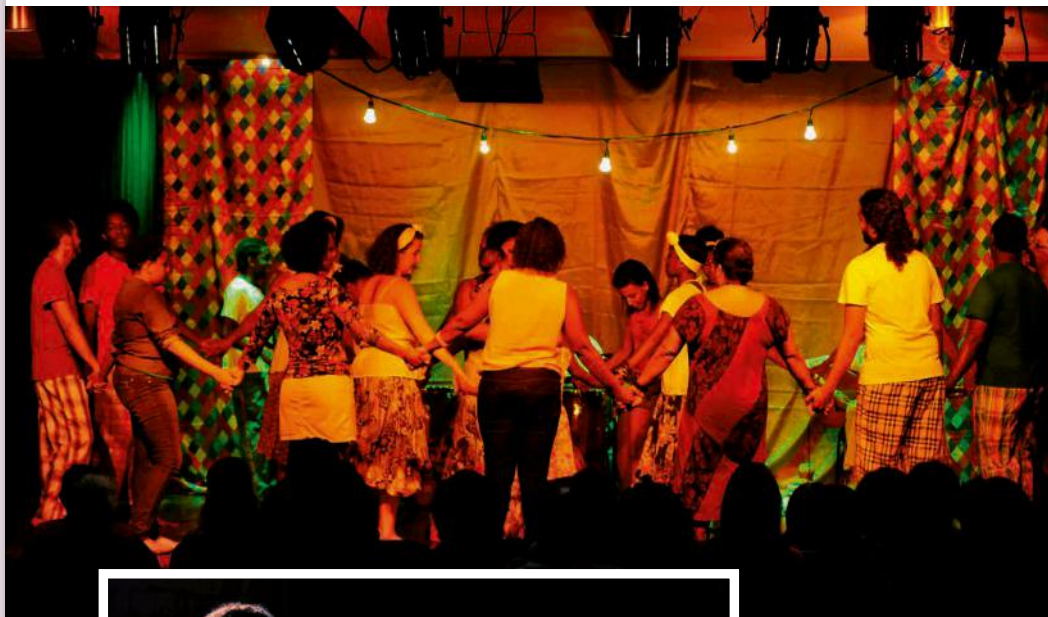
Destaque para os alunos o fato de a Companhia de Aruanda realizar suas apresentações tanto em espaços fechados como ao ar livre, embaixo de um viaduto. Faça algumas perguntas: "Vocês acham que as danças apresentadas pelo grupo em um espaço fechado são diferentes das apresentadas embaixo do viaduto? Por quê?"; "Como vocês imaginam que seja a experiência de assistir a uma apresentação nesses dois ambientes?"; "Como vocês acham que são esses espetáculos?"; "Eles contam histórias, como as peças de teatro?"; "Será que os dançarinos falam, interpretam personagens?".

Ao longo do capítulo, os estudantes entraram em contato com tradições, costumes, conhecimentos e saberes que são passados de geração em geração de forma espontânea e cotidiana. Nesta seção, no entanto, eles podem conhecer um pouco mais sobre o trabalho da Companhia de Aruanda, que transmite estas tradições de forma institucionalizada e com apropriação artística (se possível, acesse com eles a página do grupo indicada no Livro do Estudante). Essa é uma excelente oportunidade para apontar como, atualmente, existem novas formas de preservação da identidade cultural.

## Outros trabalhos da Companhia de Aruanda

Além de espetáculos como **Fuzuezinho**, criado especialmente para o público infantil, a Companhia de Aruanda também promove oficinas, palestras e *shows* abertos ao público em geral para divulgar e ensinar danças tradicionais, como o jongo e o samba de roda.

Outro espetáculo do grupo é **Fuzuê d'Aruanda**, que nasceu dos encontros mensais que o grupo promove embaixo de um viaduto em Madureira, no Rio de Janeiro, e atualmente também é apresentado em palcos de teatros.



Paula Eleni/Arquivo da Fotografia



Paula Eleni/Arquivo da Fotografia

Imagem do espetáculo **Fuzuê d'Aruanda**, da Companhia de Aruanda, Rio de Janeiro, 2014.

Imagem do espetáculo **Fuzuê d'Aruanda**, da Companhia de Aruanda, Rio de Janeiro, 2015.

44

UNIDADE 1

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

## Assim também aprendo

Este é um bom momento para propor aos estudantes uma conversa a respeito da importância da preservação do patrimônio cultural para a formação da identidade cultural. Aproveite a oportunidade para apontar que a preservação da identidade cultural não significa que ela é imutável nem que está condenada a ser desfigurada pelas rápidas transformações dos tempos atuais.

Estimule os alunos a expressar seus conhecimentos e impressões livremente para compor o texto coletivo. Retome com eles o que viram, ouviram e leram acerca do grupo Companhia de Aruanda. É importante também revisitarem os conteúdos trabalhados e retomarem as conversas, leituras e apreciações pelas quais passaram durante os estudos do capítulo, bem como os registros das atividades realizadas. Ressalte as etapas que podem seguir para construir esse tipo de texto:

- Identificar aspectos que os fizeram gostar ou não do trabalho da Companhia de Aruanda e escrever sobre isso.
  - Argumentar em defesa de seu ponto de vista, explicando as razões pelas quais gostaram ou não da obra.
  - Criar um título adequado ao texto que ajude o leitor a antecipar o tipo de crítica que encontrará.
- Conforme forem emitindo suas ideias e opiniões, construa o texto na lousa. Depois, peça aos alunos que copiem o texto em uma folha à parte para ser arquivada no portfólio.

### Sobre o grupo

A Companhia de Aruanda foi criada em 2007 por jovens moradores de comunidades do subúrbio da cidade do Rio de Janeiro e da Baixada Fluminense, na região metropolitana carioca.

Os integrantes da companhia têm experiência em áreas como dança contemporânea, danças afro-brasileiras, música e teatro. Juntos, eles pesquisam, divulgam e mantêm vivas diversas danças e tradições da cultura tradicional brasileira por meio de oficinas, palestras, eventos e espetáculos.

Parte desse trabalho é realizado junto às escolas municipais e estaduais do bairro de Madureira, zona norte da cidade. Cerca de mil e quinhentos alunos do Ensino Fundamental e Médio participam, no contraturno escolar, de aulas de tradições da cultura brasileira.



Integrantes da Companhia de Aruanda. Rio de Janeiro, 2014.

### Sugestão de...

#### Site

Visite a página da Companhia de Aruanda e conheça mais sobre o trabalho do grupo. Disponível em: <<http://companhiadearuanda.blogspot.com.br>>. Acesso em: 31 out. 2017.

## Assim também aprendo

O que você achou do trabalho da Companhia de Aruanda? Com a ajuda do professor, você vai criar com os colegas um texto coletivo contando por que gostaram ou não gostaram da obra do grupo. Levem em consideração o fato de ele valorizar a arte e a cultura afro-brasileiras.

## A BNCC nestas páginas

### Contextos e práticas

BNCC EF15AR08

### Patrimônio cultural

BNCC EF15AR25

Neste momento, os estudantes terão oportunidade de apreciar formas de manifestações da dança presentes nos trabalhos da Companhia de Aruanda, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório corporal. Além disso, poderão valorizar o patrimônio cultural brasileiro, especialmente de matriz africana, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos à dança.

## Ampliando o repertório cultural

### Festejos brasileiros

Promova a leitura e faça algumas perguntas: “Vocês conhecem as festas retratadas?”; “Alguém já participou de alguma dessas festas? Como foi?”. Pergunte também se já participaram de outras festas e folguedos, como cirandas, quadrilhas, etc. Destaque o papel de integração que as danças e as tradições podem desempenhar nas comunidades.

### Texto complementar

#### Boi-bumbá

O boi-bumbá, ou bumba meu boi, é uma das festas populares mais importantes do folclore brasileiro. Trata-se de uma brincadeira de rua que acontece em vários estados do Brasil, especialmente no Norte e no Nordeste. Ela surgiu a partir de uma lenda nordestina da época do ciclo do gado, nos séculos XVII e XVIII. [...]

O enredo da encenação do boi-bumbá varia um pouco, mas o tema central é a morte e a ressurreição de um boi. Um homem representa o boi. Ele veste uma armação de madeira com pano e usa uma cabeça do animal feita à mão. Às vezes, dois homens ficam embaixo dessa armação, um na frente, outro atrás.

[...]

No Amazonas existe até um bumbódromo, na cidade de Parintins, com capacidade para 35 mil pessoas. Há grupos criados apenas para fazer apresentações do boi-bumbá no bumbódromo. Os mais famosos são o Garantido, caracterizado pela cor vermelha e um coração na testa do boi, e o Caprichoso, reconhecido pela cor azul e as estrelas. Todo ano, no final de junho, eles disputam o Festival Folclórico de Parintins. Durante três noites, os dois grupos mostram temáticas regionais — lendas, rituais indígenas e costumes dos ribeirinhos — por meio de carros alegóricos, encenações, cantos e danças.

BRITANNICA Escola.

Boi-bumbá. *Enciclopédia Escolar Britannica*. Disponível em: <<https://escola.britannica.com.br/levels/fundamental/article/boi-bumbá/483119>>. Acesso em: 30 nov. 2017.

## Ampliando o repertório cultural

### Festejos brasileiros

Festejar é muito bom, não é mesmo? No Brasil, os festejos ou folias vieram de tradições muito antigas e quem participa deles é chamado de **brincante**.

Cada região do Brasil realiza seus festejos de um jeito diferente, o que contribui para a formação da identidade nacional. A diversidade dessas festas enriquece a cultura brasileira de maneira única!



▶ Levantador de toada Sebastião Jr. e Boi Garantido, no Festival Folclórico de Parintins, Amazonas, 2010.

▶ Os reis magos, em Folia de Reis no Distrito dos Maias, Inhaúma, Minas Gerais, 2006.



Os festejos do Brasil são resultado de muitas influências e misturas. Várias datas comemorativas no país têm origem nas tradições europeias e cristãs dos colonizadores portugueses.

Essa influência foi combinada com as tradições dos povos indígenas que habitavam o Brasil e dos povos africanos que chegaram aqui escravizados há muito tempo, além da contribuição de muitos outros povos imigrantes, que têm vindo para o país desde a época da colonização até hoje.

Você já participou de algum festejo? Como essas comemorações acontecem em sua região?

### 46 UNIDADE 1 ▶

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

### Texto complementar

#### Folia de Reis

A manifestação cultural e festiva, celebrada anualmente por católicos, ocorre geralmente no dia 6 de janeiro. Esta data, na tradição cristã, marca o aniversário da visita dos três reis magos ao recém-nascido Jesus Cristo. [...]

É também nesta data que os católicos de algumas regiões do Brasil se mobilizam na Folia de Reis, chamada ainda de Reisado ou Festa de San-

to Reis, entre outros nomes. Os participantes dessa manifestação cultural e festiva entoam diversas canções e rezas em homenagem aos três viajantes santificados. Os foliões passam de casa em casa em coro e são recebidos em cada uma delas com comes e bebes típicos e outras oferendas.

RODRIGUES, Leo. Folia de Reis é declarada patrimônio cultural imaterial de Minas Gerais. *Agência Brasil*, Belo Horizonte, 6 jan. 2017. Disponível em: <<http://goo.gl/P2HKvX>>. Acesso em: 30 nov. 2017.



## O Carnaval

O Carnaval é um festejo muito antigo que acontece em vários países do mundo, incluindo o Brasil, entre fevereiro e março.



► Desfile da escola de samba União da Ilha do Governador, no Sambódromo do Rio de Janeiro, na avenida Marquês de Sapucaí, Rio de Janeiro, 2016.

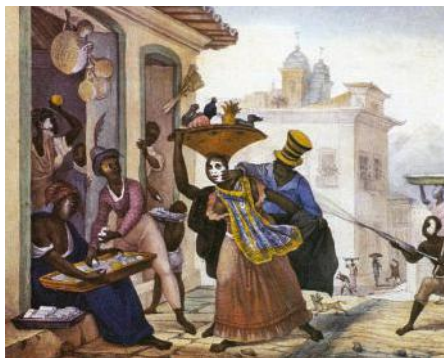
No Brasil, o Carnaval surgiu com a colonização, no século XVI. Foram os portugueses que trouxeram para cá o costume de comemorar o **entrudo**, uma festa que acontecia já naquela época em Portugal, em que as pessoas jogavam água, ovos e farinha umas nas outras.

Veja na aquarela do pintor francês Jean-Baptiste Debret (1768-1848) uma representação do entrudo. Observe como um folião passa farinha no rosto de uma **transeunte**, enquanto outro espirra água e um terceiro se abastece da “munição” retirada de um tabuleiro.

Com o passar do tempo, ritmos musicais e danças tradicionais afro-brasileiras, como o samba e o frevo, passaram a ser incorporados ao entrudo, transformando essa festa no típico Carnaval brasileiro que conhecemos.

Você gosta dessa festa? Como ela é comemorada em sua região?

► **transeunte:** pessoa que anda a pé.



► **Cena de Carnaval**, de Jean-Baptiste Debret, 1823 (aquarela sobre papel, de 18 cm x 23 cm), reproduzida do álbum **Viagem pitoresca e histórica ao Brasil**, publicado em Paris, em 1834.

► CAPÍTULO 2 47

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

### Sugestão de...

#### Leitura complementar

Entre Parintins e SP: Metade da mão de obra das escolas vem do Amazonas. *Agência Estado*, 24 fev. 2017. Disponível em: <<https://carnaval.uol.com.br/2017/noticias/agencia-estado/2017/02/24/entre-parintins-e-sp-metade-da-mao-de-obra-das-escolas-vem-do-amazonas.htm>>. Acesso em: 1 dez. 2017.

A matéria fala sobre como os desfiles de escolas de samba estão se aproximando cada vez mais do Festival de Parintins.

## O Carnaval

Para começar a falar do Carnaval, mobilize os conhecimentos que os alunos já têm acerca desse festejo. Incentive-os a falar de suas experiências e a trocar informações e opiniões sobre elas. A respeito dos bailes carnavalescos, por exemplo, indague: “Quem já foi a um baile de Carnaval?”; “Como era esse baile?”; “Que tipo de roupa as pessoas usavam?”; “Que tipo de música tocava?”; “Como as pessoas dançavam e brincavam?”; “Você participou dessas danças e brincadeiras? Como se sentiu?”.

Explore as experiências da turma com outras formas de festejar o Carnaval, como os cortejos, os blocos e os desfiles de escolas de samba: “Alguém já viu um desfile de escolas de samba?”; “Ao vivo ou na televisão?”; “Como são esses desfiles?”; “O que vemos neles?”; “E as fantasias, como são?”; “E a música?”. Comente com eles que os desfiles de escolas de samba guardam muitas semelhanças com os festejos do Festival de Parintins, por conta das alegorias, por exemplo.

Ao conduzir a leitura da reprodução da aquarela de Debret, incentive-os, por meio de perguntas, a estabelecer relações entre o passado e o presente, procurando identificar diferenças e semelhanças: “Na cena retratada, onde as pessoas estão?”; “Como são os seus trajetes?”; “O que elas estão fazendo?”; “Para vocês, o Carnaval retratado na imagem é diferente do Carnaval de hoje em dia? Em que aspectos?”; “E em que aspectos vocês acham que eles são parecidos?”.

## ► A BNCC nestas páginas

### Patrimônio cultural

BNCC EF15AR25

Neste momento, os estudantes terão oportunidade de conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial da cultura brasileira de diferentes épocas, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas.

## Experimentação

Para criar a coreografia, divida a turma em grupos, conforme indicado nas orientações do Livro do Estudante.

Mobilize os conhecimentos dos alunos sobre o jongo e o samba de roda, estudados ao longo do capítulo. Pesquise e exiba vídeos de apresentações dessas danças. É possível encontrar esse tipo de material na internet. Peça a eles que tentem reproduzir alguns movimentos enquanto assistem aos vídeos, para que possam se familiarizar.

Depois, oriente-os para que definam os movimentos que farão parte da coreografia e a música que vai acompanhá-la. Peça que registrem as ideias, por meio de desenho e/ou por escrito, para que possam ensaiar e apresentar sua criação coreográfica. Lembre-os de que podem utilizar movimentos e gestos do dia a dia, dos esportes, das brincadeiras, e não somente da dança na elaboração de suas coreografias.

No momento de criar o figurino, comente com a turma que em grupos como a Companhia de Aruanda, em geral, as mulheres usam blusas coloridas e saias rodadas floridas e os homens vestem calças claras enroladas até o joelho e camisetas. Os alunos podem decidir por esses trajes ou outros que acharem adequados à dança, conforme se sentirem mais confortáveis. Nessas danças, tradicionalmente, não se usam sapatos, ou seja, eles também podem escolher não usá-los.

### Registrando

Lembre-os da importância de registrar os ensaios por meio de fotos, usando câmeras fotográficas ou telefones celulares com câmera. Esses registros podem ser feitos por você, ou mesmo por alunos que se voluntariem para essa tarefa. Oriente-os a guardar os registros em seus portfólios.

## A BNCC nestas páginas

### Elementos da linguagem

BNCC EF15AR10

### Processos de criação

BNCC EF15AR11

# EXPERIMENTAÇÃO

Para finalizar este capítulo, inspirados no trabalho da Companhia de Aruanda, vamos dançar e improvisar para recriar o jongo e o samba de roda?

- 1 Em um grupo de até dez integrantes, você vai criar coreografias com base nos passos utilizados no jongo e no samba de roda.
- 2 Com o professor e os colegas de grupo, assista a vídeos de pessoas dançando o jongo e o samba de roda para conhecer os passos principais das duas danças.
- 3 Decida com os colegas as alterações que quiserem fazer nesses passos básicos.
- 4 O grupo também vai selecionar uma música para acompanhar a coreografia.
- 5 Escolha com os colegas um integrante que ficará responsável por memorizar a sequência de passos. Ele pode escrever ou desenhar a sequência.
- 6 Com a ajuda do professor, você e os colegas podem também produzir o figurino que será usado pelos dançarinos na apresentação.
- 7 Ensaiem algumas vezes antes da apresentação!

## Apresentando

Com os colegas e a orientação do professor, escolham uma data para a apresentação do espetáculo e planejem o evento, convidando os membros da escola, da família e da comunidade. Vai ser um sucesso!

## Registrando

Guarde, no portfólio, fotografias dos ensaios e da apresentação da coreografia criada por seu grupo.



48

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Neste momento, os estudantes terão oportunidade de experimentar diferentes formas de orientação no espaço (deslocamentos, planos, direções, caminhos, etc.) e ritmos de movimento (lento, moderado e rápido) na construção do movimento dançado. Além disso, poderão criar e improvisar movimentos dançados de modo coletivo e colaborativo, considerando os aspectos estruturais, dinâmicos e expressivos dos elementos constitutivos do movimento, com base nos códigos de dança.

# O QUE ESTUDAMOS

- O espetáculo de dança **Fuzuezinho** resgata, divulga e ensina danças tradicionais brasileiras.
- O jongo e o samba de roda são danças tradicionais brasileiras que deram origem ao samba moderno.
- As partes do corpo humano se movimentam juntas, formando um todo.
- A dança é uma arte em que o corpo é a forma de expressão.
- Cada um de nós movimenta o corpo de maneira única, mas nosso jeito de dançar pode estar ligado às nossas tradições culturais.
- Os festejos brasileiros são comemorações muito antigas, que se originaram de tradições portuguesas, africanas, indígenas e de povos imigrantes.
- O Carnaval é um festejo que surgiu a partir do entrudo, uma comemoração portuguesa.



## Dica de visitação

Na cidade onde você mora também existem grupos que divulgam e ensinam danças tradicionais brasileiras? Eles permitem a participação do público em seus encontros? Procure descobrir onde e quando esses grupos se apresentam e faça uma visita para conhecer o trabalho deles.

## É hora de retomar o portfólio

1. Depois do que vimos neste capítulo, o que você aprendeu a respeito da dança? Justifique sua resposta em um breve parágrafo.
2. Você ficou satisfeito com as suas produções artísticas? Considera que elas expressam suas opiniões, seus sentimentos e suas emoções? Por quê? Escreva um pequeno comentário sobre uma de suas produções.
3. Quais foram suas maiores dificuldades ao longo do projeto, tanto na escola quanto em casa? Comente em um breve parágrafo.

» O QUE ESTUDAMOS

49

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

## O que estudamos

Leia com os alunos a síntese daquilo que foi estudado no capítulo e esclareça possíveis dúvidas. Depois, converse com eles sobre as questões apresentadas no box **É hora de retomar o portfólio**. Com base nessas questões e no exame dos trabalhos arquivados no portfólio, incentive-os a re-

fletir sobre seu desempenho nos estudos e a compartilhar as avaliações que fizeram. Faça uma roda com todos os alunos sentados no chão. Eles podem estar com seus livros, o que os ajudará a se lembrar do que estudaram. Peça a eles que digam aquilo que de mais importante estudaram e aprenderam no capítulo. Por fim, faça um registro coletivo dessa conversa.

## É hora de retomar o portfólio

Antes de orientar os alunos a responder às questões propostas, converse com eles sobre o percurso que fizeram durante o estudo deste capítulo. Retome a lista que foi feita no início do bimestre, junto com a turma; assim os alunos terão mais condições de perceber o que foi aprendido até agora. Verifique, também, o aprendizado deles analisando seus portfólios e a participação em sala a partir dos seguintes critérios observáveis:

- O aluno reconhece e distingue os elementos da linguagem da dança estudados?
- O aluno utiliza elementos constitutivos da linguagem da dança em suas produções de maneira consciente?
- O aluno avalia o uso dos elementos da linguagem da dança em suas produções?
- O aluno compara e avalia os resultados de suas pesquisas e experimentações com a linguagem da dança, na busca de soluções para expressar suas ideias e sentimentos?  
Além disso, avalie se o aluno:
  - precisa de ajuda para identificar e reconhecer os elementos da linguagem da dança.
  - apresenta facilidade em trabalhar com os diversos elementos constitutivos da linguagem da dança, mas ainda precisa de alguma orientação.
  - consegue se apropriar e trabalhar com os elementos da linguagem da dança explorados, sem necessidade de supervisão ou acompanhamento direto.
  - explora e pesquisa os elementos constitutivos da linguagem da dança e reconhece suas propriedades, a partir da apropriação que tem dos procedimentos desenvolvidos nas atividades.

## A arte pode unir as pessoas!

### O Carnaval do Brasil

A última parte da unidade tem como propósito fechar o projeto proposto em seu início, a partir da pergunta “A arte pode unir as pessoas?”. Para começar, retome a lista com tópicos relativos às atividades realizadas com os alunos antes de iniciar os capítulos 1 e 2. Pergunte se os itens que propuseram se concretizaram e se outros itens que inicialmente não estavam listados foram trabalhados ao longo da unidade, já que a proposta do projeto abre espaço para novas investigações.

Então, questione o que acham que farão nesse encerramento e como pensam em resolver a situação-problema proposta, criando uma nova lista, para a qual sugerimos os seguintes tópicos:

- Conhecer um festejo brasileiro.
- Descobrir mais sobre os festejos.
- Aprender passos de dança, letras de canções e figurinos de um festejo.
- Participar de um festejo na escola.

### Que festejo é esse?

Promova a leitura do texto e das imagens sobre o Carnaval. Faça algumas perguntas: “Que tipo de comemorações de Carnaval vocês reconhecem nessas imagens?”; “Que tipo de músicas vocês acham que estava tocando em cada situação representada?” “Alguma dessas comemorações é comum em sua região?”.

Depois dessa discussão introdutória, verifique se algum aluno já teve a oportunidade de assistir ou participar de um desfile de escolas de samba, por exemplo. Aproveite o momento para estimular que compartilhem suas experiências.

Se tiver tempo e interesse, pesquise com a turma mais informações sobre o Carnaval, pois há muito a ser conhecido sobre a história dessa festa (os blocos, as escolas de samba, os corsos, as marchinhas, etc.) e sobre sua relação com as culturas regionais.

## A arte pode unir as pessoas!

### O Carnaval do Brasil

Ao longo do trabalho nesta unidade, vimos que a arte pode unir as pessoas para resgatar, valorizar e divulgar as tradições brasileiras!

Aprendemos que a música tradicional brasileira pode estar presente na vida cotidiana e nos palcos, unindo gerações. Também vimos que as danças tradicionais do Brasil podem unir as pessoas pela alegria e pela festa.

Para finalizar, vamos conhecer melhor um festejo tradicional brasileiro que une muitas pessoas no Brasil todo?

### Que festejo é esse?

O Carnaval é festejado no Brasil todo, mas cada lugar comemora essa festa de uma forma diferente. Essa comemoração costuma arrastar multidões e atrair muitos turistas para as cidades nessa época do ano.

No Rio de Janeiro e em São Paulo são comuns os grandes desfiles das escolas de samba. Embora sejam menos divulgados, também ocorrem desfiles de escolas de samba em outros estados brasileiros, como Mato Grosso do Sul, Paraná e Rio Grande do Sul.



▶ Desfile da escola de samba Imperatriz Leopoldinense, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2013.

Contextos e práticas

BNCC EF15AR08

Contexto e práticas

BNCC EF15AR13

Patrimônio cultural

BNCC EF15AR25

Neste momento, os estudantes terão oportunidade de apreciar formas de manifestação da dança e da música presentes no contexto do Carnaval, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório corporal, reconhecendo e analisando também os usos e as funções da música. Além disso, poderão conhecer e valorizar o Carnaval como um patrimônio cultural brasileiro, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas.

Na região Nordeste, o Carnaval apresenta outros ritmos e passos de dança. No Recife, em Pernambuco, por exemplo, predominam os clubes de frevo e os blocos de **pau e corda**.

Em Salvador, na Bahia, são famosos os trios elétricos e os blocos de afoxé que puxam desfiles nos quais a participação popular é livre e enche as ruas.

◆ **pau e corda:** bloco de frevo com orquestra composta de instrumentos de madeira e de cordas, como violão, cavaquinho e banjo.



▶ Passista de frevo dançando durante o Carnaval, Recife, Pernambuco, 2012.



▶ Desfile com trio elétrico, Salvador, Bahia, 2014.

Já o festejo comemorado em Olinda, também em Pernambuco, é famoso por seus bonecos gigantes, que passeiam pelas ruas durante os dias de Carnaval.



▶ Bonecos gigantes passeando pelas ruas na terça-feira de Carnaval, Olinda, Pernambuco, 2014.

Você já comemorou o Carnaval em algum desses lugares?

## “Frevendo”

Promova a leitura do texto e chame a atenção para a imagem que o ilustra, analisando-a com a turma. Pergunte: “Que tipo de adereços os dançarinos retratados na imagem estão usando?”; “A que tipo de dança e música a imagem lhes remete?”; “Vocês sabem em que local do Brasil essa forma de comemoração de Carnaval acontece?”. Comente que o Carnaval de Pernambuco é famoso mundialmente.

Depois dessa discussão introdutória, verifique se algum aluno já teve a oportunidade de assistir a uma festa de Carnaval em Pernambuco ou de participar dela. Aproveite o momento para compartilhar experiências: “Alguém da turma sabe dançar ou cantar um frevo?”.

Se possível, assista com os alunos a vídeos de apresentação de frevo e conduza uma discussão sobre sua importância para a criação da identidade cultural. Esse tipo de material pode ser encontrado com facilidade na internet.

Pergunte se eles conhecem algum outro tipo de dança ou tradição que é executado em sua comunidade ou família. Durante a pesquisa, peça para consultarem os familiares.

## Música para ferver

Verifique se os alunos sabem como é uma fanfarra do frevo. Procure relacionar os instrumentos tocados no frevo com os que são usados pelas escolas de samba, perguntando, por exemplo: “Vocês reconhecem algum desses instrumentos?”; “Como eles são tocados?”; “Que sons eles fazem?”; “Quais são de sopro e quais são de percussão?”; “Vocês acham que pode existir alguma semelhança musical entre os frevos e os sambas-enredo? Por quê?”; “E será que também podem existir diferenças? Quais?”; etc. Destaque que todos os instrumentos da fanfarra são portáteis e podem ser tocados pelos músicos enquanto caminham.

## “Frevendo”

O frevo é um ritmo carnavalesco de música e dança contagiantes! Os foliões dançam esbanjando alegria e vitalidade. Não é à toa que a palavra “frevo” se originou do verbo “fervor”!

Esse ritmo surgiu no século XIX nas ruas da cidade do Recife, em Pernambuco, como resultado da mistura das culturas africana e europeia, tão característica do Brasil.

A contribuição africana vem da capoeira, pois inicialmente muitos passistas do frevo eram capoeiristas. Para acompanhar as marchas militares tocadas pelas bandas de música, como era costume naquela época, os capoeiristas criaram uma dança que utilizava os movimentos da capoeira em um ritmo de marcha.

Com o passar do tempo, o frevo ganhou coreografias e músicas próprias, embora tenha mantido a agilidade dos passos da capoeira e o encanto das marchinhas.



► Foliões dançando frevo durante o Carnaval, Recife, Pernambuco, 2013.

## Música para ferver

A banda que toca frevo é chamada **fanfarra**. A música tocada pela fanfarra é marcada pela mesma rapidez e energia contagiantes que caracterizam a dança.

Além do tarol e do surdo, que são instrumentos de percussão, a maioria das fanfarras utiliza instrumentos de sopro, como o clarinete, a **requinta**, o saxofone, o trompete, o trombone e a tuba.



► Tarol.



► Surdo.

► **requinta:** espécie de pequeno clarinete cuja principal característica é o som muito agudo.

As imagens não estão representadas em proporção.

52 UNIDADE 1 ►

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

## ► A BNCC nestas páginas

### Contextos e práticas

BNCC EF15AR08

### Contexto e práticas

BNCC EF15AR13

### Patrimônio cultural

BNCC EF15AR25

Neste momento, os estudantes terão oportunidade de apreciar formas de manifestação da dança e da música presentes no contexto do Carnaval. Além disso, poderão conhecer e valorizar o frevo como um patrimônio cultural brasileiro.

Os frevos que animam os foliões podem ter letra ou não. Quando têm letra, são chamados de frevo-canção e muitos deles agitam os carnavais há quase cem anos!



► Músicos do bloco de frevo Inocentes do Rosarinho, Recife, Pernambuco, 2014.

## Roupas e adereços

O principal adereço do frevo é a sombrinha colorida. Quando o frevo surgiu, os passistas usavam sombrinhas velhas. Com o passar do tempo, as sombrinhas ganharam cores fortes e ficaram bem pequenas. Hoje são o símbolo da festa.

As roupas usadas para dançar o frevo são coloridas e confortáveis, para permitir os movimentos da coreografia. Em geral, os homens vestem bermudas ou calças com enfeites nas canelas e pequenos coletes sem mangas, e as mulheres usam saias bufantes e muitos adereços coloridos.



► Passista com sombrinha na praça Barão do Rio Branco, Recife, Pernambuco, 2013.

53

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

## Texto complementar

### Frevo

O frevo – inscrito no **Livro de Registro das Formas de Expressão**, em 2007 – é uma forma de expressão musical, coreográfica e poética densamente enraizada em Recife e Olinda, no Estado de Pernambuco. Surgiu no final do século XIX, no Carnaval, em um momento de transição e efervescência social, como expressão das classes populares na configuração dos espaços públicos e das relações sociais nessas cidades. [...]

Manifestação artística da cultura pernambucana, desempenha importante papel na formação da música brasileira, sendo uma das suas raízes.

A riqueza melódica, criatividade e originalidade proveniente da grande mescla com gêneros diversos, somadas à inventividade e capacidade criadora dos seus compositores, engrandecem e legitimam as múltiplas identidades, assim como a diversidade cultural do povo brasileiro. As bandas militares e suas rivalidades, os escravos recém-libertos, os capoeiras, a nova classe operária e os novos espaços urbanos foram elementos definidores da configuração do Frevo.

[...] Simultaneamente à música, foi-se inventando o passo, isto é, a dança frenética característica do frevo. Improvisada na rua, liberta e vigorosa, criada e recriada por passistas, a dança de jogo de braços e de pernas é atribuída à ginga dos capoeiristas, que assumiam a defesa de bandas e blocos, ao mesmo tempo em que criavam a coreografia. Produto desse contexto sócio-histórico singular, desde suas origens, o Frevo expressa um protesto político e uma crítica social em forma de música, de dança e de poesia, constituindo-se em símbolo de resistência da cultura pernambucana e em expressão significativa da diversidade cultural brasileira.

IPHAN. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/62>>.

Acesso em: 1<sup>a</sup> nov. 2017.

## Fazendo arte

### Primeira etapa

Antes de iniciar a atividade, levante o que os alunos sabem sobre o frevo e seus passos. Incentive-os a compartilhar seus conhecimentos por meio de perguntas como: "Vocês conhecem essa dança?"; "Já viram alguém dançando com a sombrinha e esse tipo de vestimenta, seja ao vivo ou na TV?"; "Quem sabe como são os passos do frevo?"; etc.

Oriente os alunos na realização e prática dos passos de frevo. Para isso, promova a leitura das imagens e das orientações do Livro do Estudante e esclareça eventuais dúvidas. Se possível, apresente a eles vídeos disponíveis na internet para que possam observar os brincantes de frevo em ação e visualizar como são executados alguns passos.

### Sugestão de...

#### Livro

IPHAN. *Frevo*. Brasília: Iphan, 2016. Disponível em: <[http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossielphan14\\_Frevo\\_web.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossielphan14_Frevo_web.pdf)>. Acesso em: 2 dez. 2017.

O dossiê elaborado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional apresenta mais informações sobre o frevo.

#### Leitura complementar

Se quiser conhecer e apresentar outros passos do frevo, leia o texto "Dobradora, tesoura... os passos básicos do frevo", publicado no site oficial do **Carnaval de Olinda**. Disponível em: <<http://carnaval.olinda.pe.gov.br/historia/homenagem-ao-frevo/dobradora-tesoura-os-passos-basicos-do-frevo>>. Acesso em: 2 dez. 2017.

#### Vídeo

Se possível, acesse com os alunos as *playlists* sobre Carnaval da Prefeitura do Recife, que contam com diversos vídeos que exploram o frevo como expressão artística e cultural. Disponível em: <[www.youtube.com/user/prefrecife/playlists](http://www.youtube.com/user/prefrecife/playlists)>. Acesso em: 2 dez. 2017.

## FAZENDO ARTE

- Para encerrar esta unidade, que tal juntar toda a turma para dançar frevo? Para começar, vamos conhecer alguns dos passos dessa dança? Todos eles são rápidos e cheios de energia.

### Tesoura

Para executar esse passo, o folião segura a sombrinha com a mão direita e abre um pouco os braços para os lados. Com as pernas levemente dobradas e cruzadas, dá um pulinho e descruza as pernas. Ao encostar no chão, a perna que estava atrás fica esticada para o lado, só com o calcanhar apoiado. Com outro pulo, o dançarino refaz o cruzamento das pernas, invertendo a perna que estava atrás. Depois repete o movimento para o outro lado.



➤ O passo da tesoura.

### Saci-pererê

Com a sombrinha na mão direita, o dançarino encaixa o pé direito atrás do joelho esquerdo e, apoiado na perna esquerda, pula para a esquerda e para a direita. Depois repete o movimento invertendo as pernas.



➤ O passo do saci-pererê.



## Ponta de pé e calcanhar

Para realizar esse passo, o dançarino tem de apoiar a ponta de um dos pés no chão, um pouco atrás do corpo, com o joelho voltado para dentro. Na sequência, vira o joelho para fora e toca o chão com o calcanhar. Depois o movimento deve ser repetido com a outra perna. E assim as pernas se alternam sucessivamente.



Sergio Dotta Jr./Arquivo da editora



Sergio Dotta Jr./Arquivo da editora

► O passo de ponta de pé e calcanhar.

👤 O próximo passo é fazer uma sombrinha para dançar frevo!

### Material necessário

- tinta para tecido nas cores vermelha, amarela, verde e azul
- prato para colocar a tinta
- pincel largo
- sombrinha pequena (de preferência, velha)
- pote com água e pano velho para limpar o pincel

- 1 Coloque a tinta no prato, uma cor de cada vez. Com o pincel, pinte cada gomo da sombrinha, alternando as cores.
- 2 Antes de trocar a tinta, limpe o prato e o pincel com a água e o pano.
- 3 Deixe a sombrinha na sombra para a tinta secar.

55

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

## Segunda etapa

Para a produção da sombrinha, providencie um espaço com acesso fácil a pias e itens de higiene, como papel toalha. Também é interessante que os alunos tenham mesas grandes a sua disposição, ou mesmo que juntem mesas menores. Para mais orientações sobre o ambiente de aprendizagem consulte o **Manual do Professor – Orientações Gerais**.

Prepare o ambiente e providencie os materiais necessários para a produção das sombrinhas que serão confeccionadas. Siga as instruções presentes no Livro do Estudante e inicie a construção junto com os alunos. Esclareça eventuais dúvidas e ajude os estudantes sempre que necessário. É importante supervisioná-los enquanto manipulam a sombrinha, a fim de evitar que se machuquem com as varetas de metal.

A confecção das sombrinhas é importante para que os alunos realizem as atividades de prática dos passos de frevo. Oriente-os para que tragam de casa sombrinhas velhas, pequenas, que são mais leves e fáceis de manipular.

## 👤 A BNCC nestas páginas

### Materialidades

BNCC EF15AR04

### Contextos e práticas

BNCC EF15AR08

### Patrimônio cultural

BNCC EF15AR25

Neste momento, os estudantes terão a oportunidade de conhecer e valorizar o frevo como um patrimônio cultural brasileiro, experimentando-o e apreciando-o como forma de manifestação da dança presente, especialmente, no contexto do Carnaval, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório corporal. Além disso, poderão experimentar a criação artística por meio da confecção das sombrinhas, fazendo uso sustentável de materiais, instrumentos, recursos e técnicas.

### Terceira etapa

Converse com os alunos para realizar um processo colaborativo de coleta dos materiais para a confecção dos trajes. Recomende que usem roupas de tecidos maleáveis. Cuide para que sigam as orientações dadas no Livro do Estudante.

### Quarta etapa

Para ensaiarem a coreografia, deixe o ambiente o mais livre possível. Peça auxílio aos alunos para que as cadeiras e mesas sejam afastadas, ou leve-os ao pátio ou à quadra.

Ajude-os a escolher um frevo para acompanhar a dança que será realizada. Sugira que criem uma sequência de gestos e movimentos simples, que se repitam ao longo da dança. Reveja com eles os passos do frevo já estudados.

Ensaie com eles e ajude-os em suas dificuldades. Ressalte que não é necessário seguir uma coreografia rígida. Cuide para que, ao elaborar suas coreografias, os alunos explorem possibilidades cênicas dos passos, movimentos e gestos.

### Apresentando

Combine com a turma uma data e um local para as apresentações, a ordem dos grupos e decida se convidarão familiares, colegas e outros membros da comunidade escolar para assisti-las.

### Registrando

Oriente os estudantes para que façam os registros em foto e/ou vídeo. Depois, com auxílio do professor de Informática Educativa, reúna os materiais e ajude-os a gravá-los em CD ou DVD, e peça que guardem uma cópia no portfólio.

### Sugestão de...

#### Site

Se possível, acesse com os alunos o **site Frevos de Pernambuco**, para conhecer os principais compositores e arranjadores das músicas que embalam esse festejo, bem como letras, partituras e alguns áudios. Disponível em: <[www.frevo.pe.gov.br](http://www.frevo.pe.gov.br)>. Acesso em: 2 dez. 2017.

✎ Agora, que tal escolher as roupas para a apresentação?

- 1 Procure usar roupas leves e bem coloridas.
- 2 Os meninos podem colar faixas coloridas de tecido ou papel crepom nos ombros e na canela.
- 3 As meninas podem fazer saias bufantes com papel crepom.
- 4 Nos pés, todos devem usar sapatos confortáveis, como sapatilhas e tênis.



João Carlos Menezes/Fotografia

▶ Passistas de frevo, Olinda, Pernambuco, 2014.

✎ Escolhendo o frevo e ensaiando a coreografia.

- 1 Forme com os colegas um grupo de até cinco integrantes.
- 2 Cada grupo vai fazer uma pesquisa para escolher um frevo e depois criar uma sequência de gestos e movimentos a partir dos passos básicos já estudados.
- 3 Se o frevo tiver letra, o grupo deve memorizá-la e cantar bem alto durante a apresentação. Lembre-se de que o frevo tem de “fazer ferver” quem participa e quem assiste à apresentação!
- 4 O grupo deve escolher um dos integrantes para ser o coreógrafo. A função dele é registrar a sequência dos movimentos para que todos consigam dançar juntos.

### Apresentando

✎ Combine com o professor e os colegas os detalhes da apresentação: dia e local, se haverá convidados e a ordem de entrada dos grupos.

### Registrando

✎ Que tal usar uma câmera ou o telefone celular para registrar o que você viveu ao produzir e criar o espetáculo de frevo? Guarde uma cópia do material gravado no portfólio.

56

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

### ✎ A BNCC nestas páginas

**Materialidades**

BNCC EF15AR04

**Contextos e práticas**

BNCC EF15AR08

**Processos de criação**

BNCC EF15AR23

Neste momento, os estudantes terão a oportunidade de experimentar e apreciar o frevo

como forma de manifestação da dança presente, especialmente, no contexto do Carnaval, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório corporal. Além disso, poderão experimentar a criação artística por meio da confecção dos figurinos, fazendo uso sustentável de materiais, instrumentos, recursos e técnicas. Dessa forma, será possível que reconheçam e experimentem, em um projeto temático, as relações processuais entre diversas linguagens artísticas, como dança, música e artes visuais.

# O QUE ESTUDAMOS

- O Carnaval é um festejo tradicional brasileiro.
- Ele é comemorado em todo o país, mas possui diversas formas, dependendo do local onde acontece.
- A música e a dança estão muito presentes nos festejos brasileiros.
- O frevo é uma das manifestações artísticas presentes no Carnaval brasileiro.
- A arte pode unir as pessoas!



## Dica de visitação

Na cidade em que você mora são realizados festejos ou folias? Se sim, não deixe de frequentá-los com seus responsáveis!

## É hora de retomar o portfólio

1. Depois do que vimos nesta unidade, o que você aprendeu a respeito das artes tradicionais brasileiras? Qual é a importância da preservação dessa forma de arte? Justifique sua resposta em um breve parágrafo.
2. Você ficou satisfeito com as suas produções artísticas? Considera que elas expressam suas opiniões, seus sentimentos e suas emoções? Por quê? Faça um pequeno comentário a respeito de uma de suas produções.
3. Quais foram suas maiores dificuldades ao longo do projeto, tanto na escola quanto em casa? Comente em um breve parágrafo.

Vimos que as artes tradicionais brasileiras unem as pessoas com muita festa e alegria por meio da música e da dança. Que tal continuar pensando em outras formas de valorizar e de divulgar as tradições do Brasil?

## É hora de retomar o portfólio

Avalie o trabalho do semestre a partir do portfólio dos alunos, do seu diário de bordo e do produto final do projeto. Oriente-os a responder as perguntas do box. As questões a seguir o ajudarão na avaliação:

- De que forma a ampliação do repertório reflete na produção do aluno?
- O aluno tem uma postura investigativa nas atividades de experimentação e de produção?
- Ele faz produções em grupo que consideram a diversidade de competências, ideias e expectativas de todos os membros?
- Ele apresenta compreensão e interesse na diversidade de referências e de linguagens artísticas?
- Ele elabora um discurso sobre sua produção que revela seu percurso investigativo, suas descobertas e pesquisas?
- O aluno aceita os desafios ou o que é apresentado como atividade? Ele vai até o final?
- Ele estabelece seus próprios objetivos?
- Ele se dispersa?
- Ele experimenta diferentes respostas ao que lhe é proposto?
- Que papel o aluno exerce no grupo do qual participa?
- Como ele manifesta o significado da aula de Arte na vida dele? Ele fala sobre isso?
- De que forma ele participa das atividades propostas?
- De que forma ele se relaciona com os colegas?
- Qual a assiduidade e a participação dele?

## O que estudamos

Para encerrar a unidade, retome a questão inicial com os alunos: "A arte pode unir as pessoas?". Neste momento, é interessante destacar como as manifestações e produções artísticas que estudamos nos dois capítulos desta unidade estão relacionadas a momentos de celebração e integração. Peça que voltem aos seus portfólios e observem tudo o que foi realizado para responder a essa questão e que resultou

na produção final: as apresentações de frevo. É importante que os estudantes percebam as frentes nas quais trabalharam para chegar a esse resultado. Ao longo dos capítulos, eles investigaram várias possibilidades, elementos e recursos das linguagens musical e da dança, aprofundaram sua compreensão sobre os festejos e celebrações tradicionais. Nesse percurso, entraram em contato com diversos conteúdos e mobilizaram habilidades e competências importantes para sua formação.

## Unidade 2

### A arte pode construir lugares?

Cada unidade dos livros da coleção traz uma proposta de Projeto de Trabalho que dura um semestre e busca criar um diálogo entre os interesses dos estudantes e o desenvolvimento das competências e habilidades presentes na BNCC, com vistas ao desenvolvimento de seus conhecimentos artísticos e estéticos e ao aprendizado da arte.

O projeto proposto para a unidade 2 contempla os seguintes aspectos:

- **Questão norteadora:** A arte pode construir lugares?
- **Tema contemporâneo:** Diversidade cultural, com foco nas culturas caipira e urbana.
- **Capítulo 3:** Elementos constitutivos do teatro, em especial da contação de histórias.
- **Capítulo 4:** Elementos constitutivos da linguagem visual, em especial da gravura.
- **Produto final:** Instalação interativa.

As questões do boxe e a ilustração ajudam a iniciar e apresentar as discussões da unidade 2, que traz um problema em forma de questão que se relaciona ao estudo da instalação. Essa forma de arte, indicada na BNCC como uma das Artes Integradas, relaciona-se à mistura de várias linguagens artísticas. Nesse momento procura-se, também, desvelar o conhecimento prévio e a experiência dos alunos sobre o assunto. Deixe-os livres para expressar o que pensam e registre uma síntese das respostas em um diário de bordo. Apresente essa síntese para a turma e sugira a produção de um texto coletivo, que deve ser arquivado no portfólio.

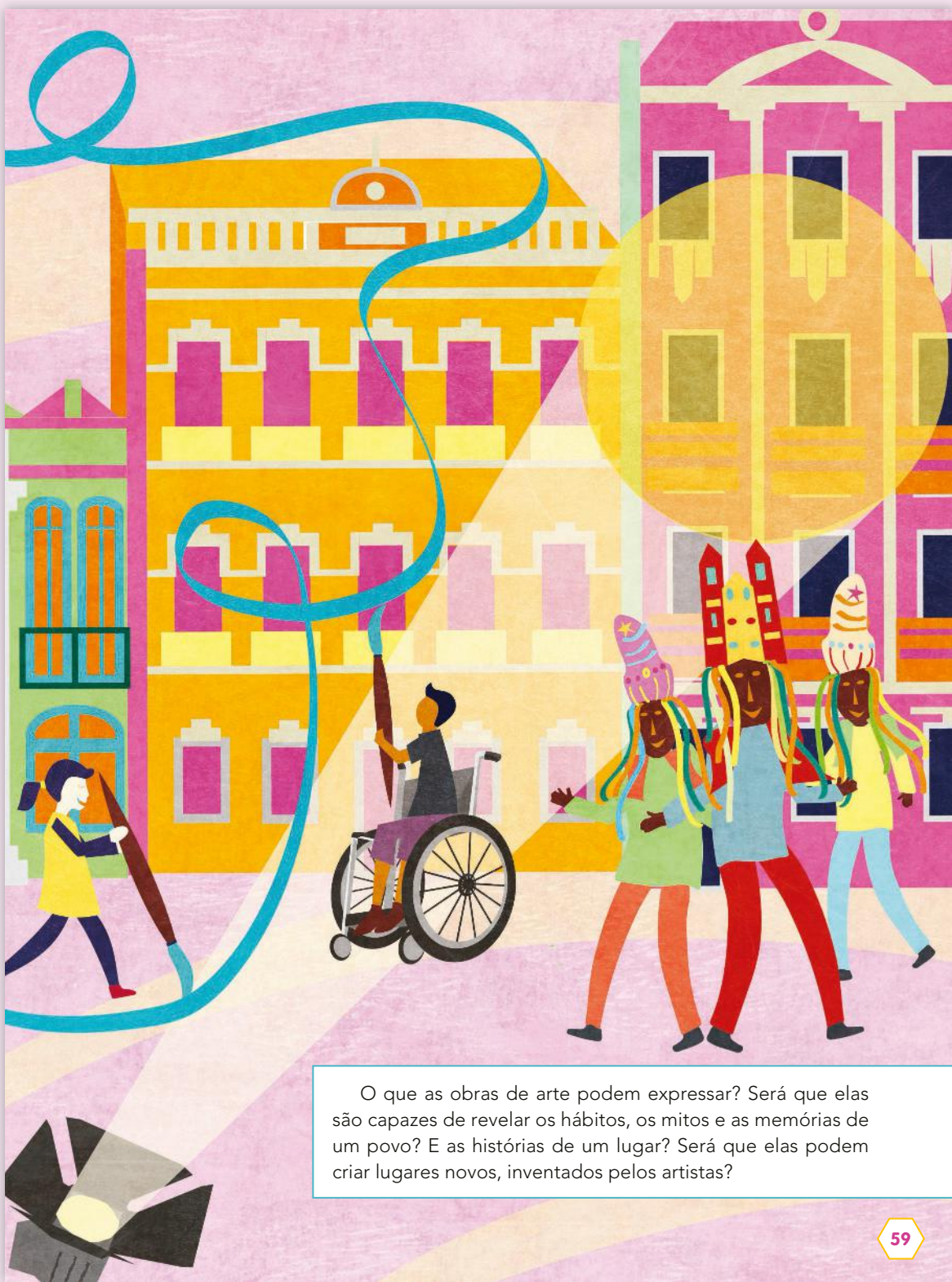
A diversidade cultural, com foco nas culturas caipira e urbana, será explorada, ao longo dos capítulos, por meio da abordagem das produções artísticas estudadas.



Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

### Expectativas de aprendizagem desta unidade

- Identificar e reconhecer aspectos característicos das linguagens teatral e visual.
- Conhecer obras de diferentes linguagens artísticas e identificar as possibilidades de integração entre elas.
- Conhecer e experimentar atividades relacionadas ao teatro e às artes visuais e integrar procedimentos dessas linguagens em um projeto coletivo.
- Estabelecer relações entre os elementos da linguagem teatral em produções individuais e coletivas.



O que as obras de arte podem expressar? Será que elas são capazes de revelar os hábitos, os mitos e as memórias de um povo? E as histórias de um lugar? Será que elas podem criar lugares novos, inventados pelos artistas?

59

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

## Competências desta unidade

- Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
- Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.
- Conhecer e explorar diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) em diferentes campos da atividade humana para continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades de participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.
- Utilizar diferentes linguagens para defender pontos de vista que respeitem o outro e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, atuando criticamente frente a questões do mundo contemporâneo.
- Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, dos povos indígenas, das comunidades tradicionais brasileiras e de diversas sociedades, em distintos tempos e espaços, para reconhecer a arte como um fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos e dialogar com as diversidades.

## A BNCC nestas páginas

### Processos de criação

**BNCC** EF15AR23

Neste momento, os alunos terão a oportunidade de começar a reconhecer e a experimentar as relações entre o teatro e as artes visuais no contexto do projeto proposto.

- Estabelecer relações entre os elementos da linguagem visual em produções individuais e coletivas.
- Estabelecer relações entre diversidade cultural e produção artística.
- Apreciar obras, manifestações culturais e produções artísticas e descrever o que vê, sente e compreende em relação a elas.
- Comunicar aos colegas sua apreciação, explicando o sentido que atribuiu às obras.
- Valorizar os artistas que realizaram as obras apreciadas, conhecendo aspectos de sua poética e alguns de seus trabalhos.

## ◆ A arte revela as histórias de um lugar!

Nesta unidade, buscamos propor uma reflexão sobre o papel da arte no reconhecimento do outro e no diálogo com a diversidade. Oriente a leitura do texto e das imagens apresentadas na dupla de páginas, incentivando os alunos a explorar os elementos retratados e a estabelecer relações entre eles e o eixo temático do capítulo.

Explore a imagem dos animais pintados na caverna e incentive os estudantes a observar os detalhes e a levantar hipóteses sobre as intenções de quem a produziu. Pergunte, por exemplo: “Que figuras vemos nessa imagem?”; “O que parece estar acontecendo?”; “Na opinião de vocês, por que essa pintura foi feita?”; “Será que seu autor ou seus autores pretendiam dar um aviso ou transmitir uma informação aos membros de seu grupo?”; “Ou será que a intenção era registrar e contar um acontecimento?”; “Por que vocês acham isso?”.

Feita a interpretação oral, proponha aos alunos narrar e registrar por escrito a história que a imagem reproduzida na página poderia contar. A atividade pode ser realizada por pequenos grupos com três ou quatro integrantes. Depois, cada grupo deverá indicar um representante para contar sua história em voz alta para a turma.

Os temas e as obras apresentadas nesta unidade favorecem a discussão sobre o preconceito e o respeito pelas diferenças. É preciso ressaltar que todos os povos produzem uma cultura própria e que todas elas têm o mesmo valor e a mesma importância. Em outras palavras, é necessário promover uma ação afirmativa em relação às culturas historicamente excluídas, e estudar sua arte configura-se em excelente estratégia para esse fim.

Conhecer melhor a arte produzida por todas as culturas nos faz ver que somos todos humanos. Lembre-se de que esse é um assunto que precisa ser tratado com muita delicadeza, sem tentar moralizar ou culpabilizar as crianças.

## ◆ A arte revela as histórias de um lugar!

As manifestações artísticas são capazes de nos transportar para outros lugares, diferentes daquele de que fazemos parte.

Por exemplo, as pessoas que habitavam a Terra há milhares de anos antes de nós registravam suas histórias nas paredes das cavernas em que viviam por meio de desenhos e pinturas.

É provável que essas pessoas também narrassem histórias umas para as outras por meio de gestos, expressões faciais e sons.

A imagem a seguir mostra um desses registros. Que animais você reconhece nela?



► Cena de caça na caverna de Lascaux, sudoeste da França, pintada entre 15 mil e 17 mil anos atrás. Foto tirada em 2010.

Esses desenhos e pinturas podem nos ajudar a conhecer a história daqueles que viveram muito antes de nós e a imaginar como era viver naquela época. Da mesma forma, ao assistir a peças de teatro, filmes, programas de TV, ou mesmo ao participar de encenações, por exemplo, podemos aprender mais sobre outro lugar, outra cultura, outras maneiras de sermos humanos.

## 60 UNIDADE 2 ►

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

### Sugestão de...

#### Livro

GUSMÃO, Neusa Maria M. (Org.). *Diversidade, cultura e educação: olhares cruzados*. São Paulo: Biruta, 2013.

O livro reúne textos que discutem as concepções de diferença e de pluralidade cultural conforme a Lei de Diretrizes e Bases e os Parâmetros Curriculares Nacionais.

## ▶ A arte cria a memória de um lugar!

A arte pode revelar a história de um lugar, como vimos nos desenhos feitos há milhares de anos na caverna de Lascaux. Isso significa também que, ao criar arte, as memórias de um lugar podem ser expressas pelos artistas e ficar registradas. Você já pensou nisso?

Veja o seu portfólio de Arte. Você consegue se lembrar de quando fez cada uma das obras que estão lá? Em que cada uma delas faz você pensar?

Participar de um evento artístico ou criar artisticamente permite a construção e a elaboração das memórias de quem participou e também pode ser um registro capaz de revelar um pouco do contexto da obra para as pessoas no futuro.



▶ Trabalho artístico sendo feito por moradoras nos muros do bairro Jardim Santo André, em Santo André, 2008.

Na foto, um muro do bairro Jardim Santo André, em Santo André, São Paulo, é pintado por moradoras utilizando a técnica de **estêncil**. Essa foi uma ação do projeto Paredes Pinturas, promovido pelo Jardim Miriam Arte Clube.

Quem observar os muros do bairro vai saber que ali aconteceu um momento de convívio e de muita arte!

### estêncil:

técnica de impressão que utiliza um papel com recortes de figuras como molde para aplicar a tinta.

## ▶ A arte cria a memória de um lugar!

Continue a discussão proposta na introdução da unidade lendo o texto e a imagem com os alunos. Pergunte o que é memória para eles. Se julgar conveniente, discuta com a turma algumas definições que esse termo pode ter, consultando diferentes dicionários, por exemplo.

Em seguida, questione como eles acham que a arte pode criar a memória de um lugar. Em um primeiro momento, deixe os estudantes se expressarem livremente. Procure estabelecer relações entre os comentários da turma e a discussão proposta no Livro do Estudante. Feito isso, conduza a conversa a fim de que eles problematizem essas primeiras impressões e cheguem a novas reflexões.

Conclua essa sensibilização conversando com os alunos sobre o fato de que as artes visuais permitem que as imagens, os objetos e os espaços ganhem vida e revelem um mundo ao mesmo tempo igual e diferente do nosso. Quando os artistas nos convidam a interagir na criação e na produção de suas obras, essa experiência nos envolve e comprova que, embora diferentes, todos participamos do mesmo tempo, do mesmo espaço, da mesma vida.

## ▶ A BNCC nestas páginas

### Contextos e práticas

BNCC EF15AR01

### Patrimônio cultural

BNCC EF15AR25

Neste momento, os alunos terão a oportunidade de apreciar formas distintas de artes visuais, iniciando a reflexão sobre o patrimônio cultural material e imaterial das diversas culturas.

## Experimentação

O objetivo da experimentação é continuar a sensibilização dos alunos em relação ao trabalho proposto na unidade. A ideia é que, por meio de jogos teatrais, a turma tenha a possibilidade de vivenciar outras histórias e outros lugares.

Planeje-se para a realização da atividade, prevendo o tempo necessário para executá-la. Os comandos devem ser lidos calmamente por você. Repita as instruções sempre que achar necessário e ajude os alunos a não perderem o foco, orientando-os no que for preciso.

Depois que os jogos forem realizados, você pode distribuir lápis de cor, canetinha e folha de papel sulfite e pedir que desenhem o que pensam e sentem quando participam desse tipo de exercício. As produções devem ser socializadas e, depois, arquivadas no portfólio.

Em seguida, sente-se em roda com a turma e faça uma avaliação da experimentação. Nesse momento, procure discutir algumas ideias relacionadas à prática de jogos teatrais. Comente, por exemplo, que a imaginação é muito importante para participar de atividades cênicas e apreciar apresentações de teatro. Fale também que a imaginação está ligada à memória e à fantasia e, ainda, que o treino e a prática são essenciais para desenvolver a capacidade de improvisação.

Em rodas de conversa como essa, é natural que todos queiram dar a sua opinião e falem ao mesmo tempo. Procure organizar a discussão, mas deixe que os alunos expressem livremente o que pensam. Se tiver uma classe numerosa, faça pequenas rodas de quatro ou cinco alunos, por exemplo, e circule na sala de aula durante a discussão, prestando atenção àquilo que vai sendo dito pelos alunos.

Para finalizar, com os estudantes, registre o resultado da conversa em pequenos cartazes, que poderão ser afixados no mural da sala de aula, acompanhados dos desenhos produzidos pela turma.

# EXPERIMENTAÇÃO

🎭 Agora vamos fazer um exercício de concentração!

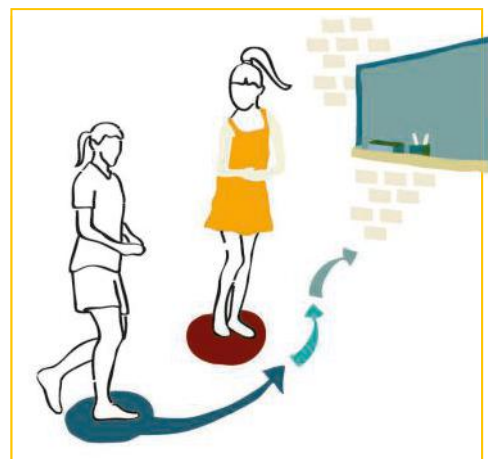
- 1 Comece a caminhar livremente pela sala, de preferência, descalço.
- 2 O professor vai começar a bater palmas. Neste momento, passe a caminhar acompanhando o ritmo das palmas.



Joana Besseli/Arquivo da editora

- 3 Concentre-se em si mesmo e tome cuidado para não esbarrar nos colegas. Imagine que está em algum lugar bem movimentado. Quando encontrar alguém em seu caminho, desvie ou pare e deixe-o passar.

- 4 Converse com os colegas sobre a experiência. Foi fácil ou difícil fazer essa caminhada coletiva? Você conseguiu acompanhar o ritmo das palmas?



Joana Besseli/Arquivo da editora

62

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

## A BNCC nestas páginas

### Elementos da linguagem

BNCC EF15AR19

### Processos de criação

BNCC EF15AR21

Neste momento, os alunos terão a oportunidade de exercitar a imitação e o faz de conta, descobrindo teatralidades na vida cotidiana e vivenciando alguns elementos teatrais.



 Que tal experimentar o jogo do lugar?

- 1 Reúna-se com mais quatro ou cinco colegas.
- 2 Cada grupo deverá escolher um lugar a ser descrito para a plateia. Pode ser uma igreja, uma escola, um supermercado, um parque de diversões, um estádio de futebol, etc. Vocês só não podem repetir o lugar: cada grupo deve escolher um local diferente!
- 3 A descrição deverá ser feita com movimentos, gestos e sons improvisados, mas não vale falar!
- 4 A plateia será formada pelos outros grupos e pelo professor.
- 5 Ganha o jogo o grupo que fizer a descrição mais precisa na opinião da plateia, com a maior diversidade de movimentos, gestos e sons.



Joana Rêssel/Arquivo da editora

Como vimos, a arte pode nos transportar para diversos espaços. Ela pode revelar e criar a história de um lugar. Mas será que a arte pode nos ajudar a vivenciar outras histórias e lugares? Ela pode nos fazer experimentar outra cultura ou outro modo de ser? A arte pode construir um lugar? Vamos descobrir nos próximos capítulos.

63

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Ao finalizar a abertura da unidade, retome com os estudantes a pergunta "A arte pode construir lugares?". Discuta com eles os sentidos que o verbo "construir" assume nessa pergunta. "Construir", nesse contexto, pode ser o mesmo que "conceber", "criar", "imaginar", "organizar", "planejar", "preparar", "estruturar", "fabricar", dentre outras possibilidades. Tendo essa multiplicidade de sentidos em vista, discuta com os alunos como a arte pode construir lugares e quais seriam esses lugares.

Explique que, nos capítulos desta unidade, vamos conhecer algumas manifestações artísticas que expressam diferentes modos de viver e de conviver e que vão levá-los a refletir sobre a diversidade.

Depois, com a turma, redija uma lista com tópicos relativos às atividades que serão realizadas durante o bimestre. A proposta é que os alunos levantem o que será necessário fazer para responder à pergunta colocada: "A arte pode construir lugares?". Abaixo há uma primeira lista de tópicos que pode ser usada como base para o que será trabalhado nos capítulos que seguem. Acate as sugestões deles, caso surjam, e extrapole a sugestão de tópicos relacionados a seguir, promovendo mais atividades, como visitas culturais e técnicas, convidando profissionais para irem à escola serem entrevistados pelos alunos, entre outras possibilidades.

- Conhecer um ou mais artistas que nos permitem entrar em contato com diferentes lugares e modos de vida.
- Conhecer um ou mais artistas que constroem lugares de diversas maneiras.
- Descobrir mais sobre a relação entre arte e diversidade.
- Participar de jogos teatrais.
- Realizar produções em artes visuais.
- Criar uma obra coletiva que mostre o que aprendemos sobre teatro e artes visuais.

## Unidade 2 – Capítulo 3

### Expressando um modo de viver e de conviver!

Ao iniciar os estudos do capítulo 3, estabeleça relações com a questão central da unidade, “A arte pode construir lugares?”. Neste capítulo, apresentamos aos alunos o espetáculo **Caminho da roça**, do grupo As Meninas do Conto, que explora o universo rural por meio da contação de histórias.

### O teatro do grupo As Meninas do Conto

#### Para iniciar

As questões do boxe têm o objetivo de desvelar as primeiras impressões dos alunos sobre as motivações do grupo As Meninas do Conto. O espetáculo que os estudantes vão conhecer é baseado na contação de histórias e busca valorizar os mitos e as lendas do imaginário caipira.

Peça que observem a imagem da abertura e deixe-os comentá-la livremente. Oriente que identifiquem quais são os elementos que representam a roça no trabalho do grupo As Meninas do Conto. Estimule-os a citar elementos do cenário e do figurino que remetem às ideias que eles têm sobre o campo, a roça, a figura do caipira e do sertanejo, por exemplo.

Feito isso, conduza a discussão a fim de problematizar o que estão vendo e chegar a novas reflexões com perguntas como: “Vocês reconhecem essas roupas?”; “Os figurinos indicam quais são as características ou a origem das personagens? Por quê?”; “Vocês conhecem esse instrumento musical?”; “Em qual tipo de música ele costuma ser usado?”.

Aproveite esse momento para retomar as experiências dos alunos com o universo teatral. Pergunte quais deles costumam ir ao teatro e se já viram uma apresentação como a mostrada no Livro do Estudante.



## Expressando um modo de viver e de conviver!

### O teatro do grupo As Meninas do Conto

Existem músicas, pinturas, movimentos dançados, encenações, entre outras obras que podem revelar lugares diversos: uma cidade barulhenta, um campo cheio de flores, um lugar macio e aconchegante...

Neste capítulo, vamos conhecer o trabalho de um grupo de contadoras de histórias que criou um espetáculo que nos revela um lugar onde é possível sentir o cheiro de mato e ouvir o canto dos pássaros!

#### Para iniciar

1. Você costuma ouvir histórias? Quem as conta?
2. Há diferença entre ouvir e ler histórias? Qual?
3. E de contar histórias, você gosta?
4. Você conhece alguma história que seja contada em sua família há muitas gerações? Que história é essa?

Observe a imagem a seguir.



► Cena do espetáculo **Caminho da roça**, do grupo As Meninas do Conto. Teatro Alfa, São Paulo, 2016.

64

UNIDADE 2

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

### Expectativas de aprendizagem deste capítulo

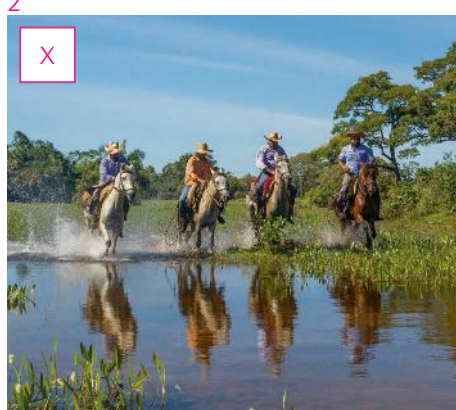
- Reconhecer elementos da linguagem teatral.
- Conhecer e apreciar um espetáculo de teatro que valoriza a cultura caipira.
- Compreender os valores estéticos dos artistas que realizaram a obra apreciada.
- Valorizar os artistas que realizaram a obra apreciada e conhecer alguns de seus trabalhos.

O grupo As Meninas do Conto criou e apresenta um espetáculo chamado **Caminho da roça**. O que é roça para você?

Resposta pessoal. Espera-se que os alunos associem roça ao campo, em oposição à cidade.

Observe as imagens a seguir e assinale aquelas que mais se relacionam com

a roça. **1:** Avenida Governador Agamenon Magalhães, Recife, Pernambuco, 2016. **2:** Pantaneiros trabalhando em fazenda de gado, Poconé, Mato Grosso, 2017. **3:** Trabalhadores colhendo frutos de pequi na Comunidade de Pedras, Januária, Minas Gerais, 2017. **4:** Linha de montagem de ônibus, Resende, Rio de Janeiro, 2015.



O espetáculo **Caminho da roça** conta histórias sobre a roça, um lugar muito diferente dos grandes centros urbanos. Ao apresentá-lo, o grupo As Meninas do Conto revela aspectos desse lugar para o público. Vamos conhecer um pouco mais sobre esse espetáculo?

- Comunicar aos colegas sua opinião, explicando o sentido que atribuiu à obra.
- Refletir sobre as relações entre arte, cultura, diversidade e patrimônio cultural material e imaterial.
- Ler e escrever sobre a temática investigada.
- Criar uma produção inspirada na obra do grupo As Meninas do Conto.

## Competências deste capítulo

- Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
- Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.
- Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, dos povos indígenas, das comunidades tradicionais brasileiras e de diversas sociedades, em distintos tempos e espaços, para reconhecer a arte como um fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos e dialogar com as diversidades.
- Pesquisar e conhecer distintas matrizes estéticas e culturais – especialmente aquelas manifestas na arte e nas culturas que constituem a identidade brasileira –, sua tradição e manifestações contemporâneas, reelaborando-as nas criações em Arte.

### Linguagem

Teatro.

### Dimensões do conhecimento

Fruição; reflexão.

## A BNCC nestas páginas

### Contextos e práticas

BNCC EF15AR18

Neste momento, os alunos terão a oportunidade de apreciar e reconhecer uma manifestação do teatro, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório ficcional.

## Que obra é essa?

Promova a leitura do texto e das imagens levantando com os estudantes quais são as concepções que eles têm da vida no campo e da figura do caipira e/ou do sertanejo. Esse é um momento importante também para discutir e desconstruir ideias preconcebidas, preconceitos e estereótipos.

Converse com os alunos sobre os hábitos e costumes geralmente atribuídos aos povos do campo: os tipos de roupa, a comida, as receitas, os festejos, a música. É importante que os estudantes compreendam e aprendam mais sobre a cultura e as tradições caipiras e sertanejas, reconhecendo a importância desse repertório para a formação da cultura brasileira.

### Texto complementar

O texto das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica afirma que, hoje, o campo

[...] tem um significado que incorpora os espaços da floresta, da pecuária, das minas e da agricultura, mas os ultrapassa ao acolher em si os espaços pesqueiros, caiçaras, ribeirinhos e extrativistas. O campo, nesse sentido, mais do que um perímetro não urbano, é um campo de possibilidades que dinamizam a ligação dos seres humanos com a própria produção das condições da existência social e com as realizações da sociedade humana (p. 267).

O documento explica, ainda, que

[...] o campo hoje não é sinônimo de agricultura ou de pecuária. Há traços do mundo urbano que passam a ser incorporados no modo de vida rural, assim como há traços do mundo camponês que resgatam valores sufocados pelo tipo de urbanização vigente. Assim sendo, a inteligência sobre o campo é também a inteligência sobre o modo de produzir as condições de existência em nosso país. (p. 280).

BRASIL. Ministério da Educação. *Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica*. Brasília: MEC, 2013. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=15548-d-c-n-educacao-basica-nova-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=15548-d-c-n-educacao-basica-nova-pdf&Itemid=30192)>. Acesso em: 30 nov. 2017.

## Que obra é essa?

**Caminho da roça** conta a história das personagens Maricota e Durvalina, que, depois de encontrarem uma viola encantada, começam uma viagem cheia de aventuras para devolvê-la a sua legítima dona!

O caminho a ser percorrido pelas personagens tem perigos e desafios, já que ronda por ele a mula sem cabeça. Você já ouviu falar na mula sem cabeça? Use o espaço a seguir para representá-la com um desenho e depois conte para os colegas e o professor o que sabe sobre ela.



► Cena do espetáculo **Caminho da roça**, do grupo As Meninas do Conto. Teatro Alfa, São Paulo, 2016.

Nessa jornada, Maricota e Durvalina não estão sozinhas: além dos poderes da viola mágica, contam com a ajuda do saci-pererê.

Em meio às aventuras que as personagens vivem, **Caminho da roça** revela para o público aspectos importantes da cultura caipira, como a culinária, as canções tradicionais, os mitos, além da própria tradição da contação de histórias.

66

UNIDADE 2 ►

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

## A BNCC nestas páginas

### Contextos e práticas

BNCC EF15AR18

### Patrimônio cultural

BNCC EF15AR25

Neste momento, os alunos terão a oportunidade de apreciar e reconhecer uma manifestação do teatro, além de conhecer elementos que fazem parte do patrimônio cultural material e imaterial brasileiro, principalmente dos povos do campo.



Roberto Oyá/Azevê As Meninas do Conto



► Cenas do espetáculo **Caminho da roça**, do grupo As Meninas do Conto. Teatro Alfa, São Paulo, 2016.

## Saiba mais

Todas as culturas possuem uma mitologia, ou seja, um conjunto de lendas e mitos com personagens que fazem parte do imaginário das pessoas.

A mitologia caipira é repleta de personagens fantásticos, muitas vezes vindos das mitologias dos diversos povos indígenas brasileiros.

O saci-pererê é um deles! Ele é um menino negro que tem apenas uma perna e um gorro vermelho que lhe dá poderes mágicos. Vive aprontando travessuras: gosta de espantar gado, queimar comida e esconder objetos das pessoas.

A palavra **caipira** vem da expressão do idioma indígena tupi *Kaai pira* e significa “o que vive afastado, no mato”. É por isso que essa palavra é popularmente usada quando se fala daqueles que vivem no campo. Você sabia disso?

### Sugestão de...

#### Livro

**O mais assustador do folclore: monstros da mitologia brasileira**, de Luciana Garcia (Caramelo, 2005), além de apresentar os fantásticos mitos do folclore brasileiro, traz uma moderna história-mistério, que o leitor terá de decifrar com a ajuda de pistas espalhadas nos mais variados lugares.



## ► CAPÍTULO 3 67

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

### Sugestão de...

#### Livro

**CANDIDO, Antonio. Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida.** 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

Nesta obra clássica, Antonio Candido analisa as relações entre literatura e sociedade a partir de uma pesquisa sobre a poesia tradicional do cururu. Embora os dados e a situação estudada tenham se alterado, o estudo descreve um processo e uma realidade humana característicos do fenômeno geral de urbanização no estado de São Paulo.

## Texto complementar

### Quem são os Povos e Comunidades Tradicionais

Caícaras, faxinalenses, povos de terreiros, quilombolas, indígenas, ciganos: o que estes e outros grupos têm em comum? São todos considerados povos e comunidades tradicionais, reconhecidos como “grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição” (PNPCT, 2007).

Os povos e comunidades tradicionais do Brasil estão presentes em praticamente todos os estados. De sua totalidade, 28 segmentos diferentes, que se agrupam de acordo com características sociais, culturais, econômicas e pelo critério da autodefinição, estão representados atualmente na Comissão Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (CNPCT).

Muitos destes povos e comunidades extraem da biodiversidade brasileira os recursos para sua manutenção e reprodução social e lutam para preservar sua identidade e territórios. A valorização de aspectos culturais como festas, religiosidade, os modos de vida e produção caminha lado a lado com o processo de organização social desses grupos, visando tratar de questões essenciais a esses segmentos como: o acesso ao território, à terra; o enfrentamento de processos discriminatórios e de ameaças à sua cultura e modo de viver.

POVOS e Comunidades Tradicionais. Disponível em: <<http://portalydade.mma.gov.br/povos-e-comunidades-tradicionais>>. Acesso em: 30 nov. 2017.

## Como a obra foi feita?

Promova a leitura compartilhada do texto com a turma. Pergunte aos estudantes o que sabem sobre a chamada música caipira.

A música caipira nasceu e se desenvolveu especialmente nas áreas rurais das regiões Centro-Oeste e Sudeste do Brasil. Geralmente, é cantada a duas vozes. Cada cantor canta uma melodia diferente, mas as duas se encaixam, no que chamamos de harmonização vocal: as notas cantadas por cada um são diferentes, mas estão em harmonia entre si e com o acompanhamento instrumental. Existem diversos tipos de música caipira, como a toada e a moda de viola. Procure apresentar alguns exemplos para os alunos, mostrando a diversidade desse tipo de criação musical.

Ao falar da viola e apreciar a imagem do instrumento com os estudantes, explique suas diferenças em relação ao violão. Se possível, leve os instrumentos para a sala de aula, para que os alunos possam observá-los mais de perto. A viola caipira tem o corpo menor que o do violão e é mais cinturada. O violão pode ter cordas de aço ou de náilon, já as violas só usam cordas de aço. O violão tem seis cordas. A viola caipira tem dez cordas, organizadas em cinco pares. Isso quer dizer que, na prática, cada par é tocado pelo violeiro sempre junto – como se fosse uma corda só.

A afinação refere-se às notas que cada corda do violão ou da viola soam. A afinação das seis cordas do violão é assim: (da mais fina para a mais grossa, ou de baixo para cima) Mi, Si, Sol, Ré, Lá, Mi. Já a viola pode ter várias afinações diferentes, dependendo da região. Uma das mais comuns é: (os pares de cordas, de baixo para cima) Ré, Lá, Fá#, Ré, Lá; ou ainda Mi, Si, Sol#, Mi, Si. Só o fato de as afinações serem diferentes já faz com que esses dois instrumentos, embora parecidos, sejam tocados de maneira diversa e produzam sons bastante distintos também.

## Como a obra foi feita?

Um elemento muito importante do espetáculo **Caminho da roça** é a viola. Você conhece esse instrumento musical?

A viola é um instrumento de cordas parecido com um violão. Observe a imagem de um violão e a de uma viola. Que diferenças você percebe entre esses instrumentos?



▶ Violão.



▶ Viola caipira.

**Resposta pessoal.** Comente com os alunos que a viola é menor, com a cintura mais acentuada e encordoada com dez cordas, agrupadas duas a duas, sendo algumas de aço e outras revestidas de metal, enquanto o violão tem seis cordas encordoadas individualmente.

Além de ser o objeto mágico que é encontrado pelas personagens, a viola também é usada para contar a história em diversas cenas de cantoria de músicas caipiras tradicionais. O espetáculo **Caminho da roça** valoriza a música caipira, apresentando-a como uma tradição que precisa ser preservada.

O que você pensa sobre isso?

68

UNIDADE 2 ▶

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

## Sugestão de...

### Livro

NEPOMUCENO, Rosa. *Música caipira: da roça ao rodeio*. São Paulo: Editora 34, 2001.

O livro traça um panorama sobre a história e os principais personagens da música caipira no Brasil, como Tonico e Tinoco, Cascatinha e Inhana, Inezita Barroso e Tião Carreiro.

## Saiba mais

A viola e a cultura caipiras são temas de diversas manifestações artísticas. Um exemplo bastante conhecido na história da arte no Brasil é a pintura **O violeiro**, do artista brasileiro Almeida Júnior (1850-1899). Descreva o que você está vendo: O que você acha das cores utilizadas pelo artista? Elas lhe transmitem alguma sensação? Que música você acha que o violeiro está tocando?

Também chamada de moda de viola, a música caipira se caracteriza pelos solos do instrumento e longos versos intercalados por refrões, contando fatos históricos ou acontecimentos marcantes da vida do compositor, em geral, ligados ao amor e à paixão.

Outra característica importante desse tipo de música é o canto a duas vozes.



► **O violeiro** (1899), de Almeida Júnior (óleo sobre tela, de 141 cm x 172 cm).

### Sugestão de...

#### Site

Visite a rádio Raiz Caipira, emissora na internet que toca somente músicas caipiras: <<http://raizcaipira.com/>>. Acesso em: 11 out. 2017.

As artistas utilizam a contação de histórias a fim de valorizar o vocabulário próprio dos caipiras e a importância da tradição oral.

Pessoas de todos os lugares contam histórias para divertir, entreter, relembrar, ensinar ou simplesmente conviver! Durante muito tempo, os povos transmitiram seus saberes e sua cultura por meio da contação de histórias, ou seja, pela tradição oral, já que não costumavam ter um registro escrito dos conhecimentos adquiridos ao longo do tempo.

Por meio das histórias, temos a possibilidade de conhecer diferentes culturas e também de mostrar aos outros quem somos, de onde viemos e quais são nossos desejos.

Portanto, contar histórias é uma das maneiras de afirmar a própria identidade!

## A BNCC nestas páginas

### Contexto e práticas

BNCC EF15AR13

### Contextos e práticas

BNCC EF15AR18

### Patrimônio cultural

BNCC EF15AR25

Neste momento, os alunos terão a oportunidade de apreciar e reconhecer uma manifestação do teatro, além de conhecer elementos que fazem parte do patrimônio cultural material e imaterial brasileiro, principalmente dos povos do campo, bem como elementos constitutivos e propriedades sonoras da música, por meio do estudo sobre a viola caipira e o violão.

## Texto complementar

### Viola

A história da viola começa com a chegada dos mouros à península Ibérica. Os árabes trouxeram consigo instrumentos até então desconhecidos do povo europeu: o *rebab*, que deu origem aos instrumentos de arco que utilizamos, e o *oud*, genitor, no Ocidente, de todos os instrumentos de cordas dedilhadas que possuam um braço em que as notas possam ser modificadas. Da mesma forma que os povos foram se misturando, suas culturas se amalgamaram de forma singular e no século XII há relatos da existência de uma guitarra latina, a mãe das violas portuguesas. Já na época dos grandes descobrimentos a viola era um instrumento de plena popularidade na expressão musical portuguesa da corte e também do povo. [...]

É com essa força que esse instrumento chega na terra de Pindorama e aos poucos vai criando sua personalidade brasileira a ponto de receber, hoje, inúmeros atributos da terra, como viola caipira, viola cabocla, viola nordestina, viola sertaneja, viola brasileira. Inventários revelam a presença do instrumento no Brasil desde o final do século XVI e é sabido que os jesuítas utilizavam a música como instrumento de catequese dos indígenas. [...]

À medida que essa mistura, originada da união dos portugueses com as índias, ia se configurando, uma nova maneira de sentir e entender o mundo ia surgindo. Culinária, percepção da terra, do tempo, música, etc. A rica musicalidade do povo português, suas cantigas, seus cantos de trabalho, foram se misturando a ritmos já existentes na terra. Lembremos que esses bastardos chamados caipiras foram ninados com melodias indígenas. Posteriormente é incorporada a potente musicalidade dos negros.

VILELA, Ivan. Na toada da viola. *Revista USP*, São Paulo, n. 64, p. 76-85, dez./fev. 2004-2005. Disponível em: <[www.revistas.usp.br/revusp/article/viewFile/13392/15210](http://www.revistas.usp.br/revusp/article/viewFile/13392/15210)>. Acesso em: 2 dez. 2017.

## Contar histórias para quê?

No espetáculo **Caminho da roça**, o grupo As Meninas do Conto valoriza a contação de histórias e o repertório de mitos, lendas e causos associado à cultura caipira. Aproveitamos essa característica da peça para abordar a figura do contador de histórias, que está na base de qualquer tipo de atuação.

Como de costume, leia o texto com os alunos e peça que observem as imagens, deixando-os falar livremente sobre o que veem. Permita que os estudantes manifestem sua opinião e esclareça as possíveis dúvidas que surgirem.

Em seguida, direcione a discussão propondo algumas questões: “Quantos modos diferentes de contar histórias são retratados nas imagens? Vocês conseguem descrevê-los?”; “Onde as pessoas estão em cada imagem? Como são suas vestimentas?”; “Que tipo de histórias vocês acham que estão sendo contadas?”; “Vocês acham que contar histórias é uma tradição antiga? Por quê?”; “Na opinião de vocês, a contação de histórias é uma tradição de diversas culturas? Por quê?”. Destaque que as cenas retratadas representam distintos lugares do mundo e estimule os alunos a compará-las, buscando identificar as semelhanças e as diferenças entre elas.

As histórias têm papel importante no desenvolvimento das crianças, pois enriquecem a imaginação delas e auxiliam na organização do discurso. A contação de histórias é, ainda, uma valiosa experiência de interação, que possibilita o resgate de memórias culturais e/ou afetivas. Ao longo deste capítulo é fundamental que os alunos estreitem o contato com esse universo.

É importante que eles tenham contato com outros contadores. Oriente-os em buscas de sites confiáveis na internet, sugira que assistam a programas infantis que apresentem quadros de contação e, sobretudo, convide membros da comunidade para contar histórias para a turma.

## Contar histórias para quê?

Contar histórias é uma prática muito antiga e surgiu da necessidade que os seres humanos têm de se expressar.

Você sabia que mesmo antes de a escrita ser inventada as pessoas tinham o costume de contar histórias? Por isso, dizemos que essa foi uma das primeiras formas encontradas para **perpetuar** as narrativas e os ensinamentos.

A contação de histórias não faz parte da cultura de um só povo. Ela é uma das tradições mais importantes de vários povos do mundo. Diversas maneiras de contar histórias surgiram ao longo do tempo e em diferentes lugares.

Vamos conhecer algumas formas de contar histórias?

**perpetuar:**  
fazer existir para sempre.



▶ Crianças acompanham uma contação de história durante a sexta edição dos Encontros Itinerantes das Artes da Palavra e da Linguagem. Brazzaville, Congo, 2013.



▶ Mulher refugiada conta histórias para crianças durante evento do Dia Mundial do Refugiado. Damasco, Síria, 2016.



▶ Indígena guarani conta histórias para crianças da aldeia Pindo-Te, Pariquera-Açu, São Paulo, 2010.



▶ Kamishibai, o tradicional teatro japonês de pinturas em papel. Quioto, Japão, 2013.

## 70 UNIDADE 2 ▶

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

### Sugestão de...

#### Site

Na página oficial da contadora Marina Bastos, são publicados vídeos com novas histórias toda semana. Disponível em: <[www.youtube.com/user/MarinaBastosAtriz/videos](http://www.youtube.com/user/MarinaBastosAtriz/videos)>. Acesso em: 2 dez. 2017.

## A BNCC nestas páginas

### Elementos da linguagem

**BNCC** EF15AR19

Neste momento, ao aprender mais sobre a contação de histórias e participar de jogos teatrais, os alunos terão a oportunidade de descobrir teatralidades na vida cotidiana, identificando elementos teatrais como a diversidade de personagens e narrativas, a gestualidade e as variadas entonações de voz.



## Atividade prática

Que tal experimentar participar de jogos teatrais? Vamos começar com o jogo da “blablação”.

1 Um aluno será o vendedor e o restante da turma será a plateia.



2 O objetivo do vendedor será convencer a plateia a comprar seu produto falando uma língua inventada, a “blablação”.

3 O vendedor deve usar expressões corporais e variar as sonoridades de sua fala, enfatizando alguns pontos para vender seu produto.



4 A plateia poderá se manifestar, fazendo perguntas sobre o produto.



## Atividade prática

Os jogos teatrais têm a função de promover a integração, a criatividade e a comunicação. Para a realização deles, é preciso que você esteja familiarizado com alguns dos pressupostos do trabalho de Viola Spolin.

### Texto complementar

#### O jogo

Viola acredita que ninguém ensina nada a ninguém e que aprender está relacionado a vivenciar. Nesse contexto, o jogo se configura em uma forma natural de atividade em grupo e propicia o envolvimento e a liberdade pessoal necessários para a experiência.

#### Talento

A ideia de talento ou falta dele não deve ser considerada em uma situação de jogo. Para Viola, ter talento significa apenas possuir maior capacidade individual para determinada experiência. Já potencial é algo que todos têm.

#### Apresentação

Não determine como deve ser o desenvolvimento do jogo esperando que os alunos apenas o cumpram. Caso não entendam a proposta, apenas os esclareça sobre o foco da ação.

#### Instrução

A instrução serve para que o aluno mantenha o foco no ponto de concentração do jogo. Você pode dar novas instruções sempre que necessário, mas as crianças devem escutá-las sem interromper o jogo.

#### Avaliação

A avaliação é sempre feita ao final de cada jogo, porém não existe certo e errado na experiência criativa. Todos podem e devem participar desse momento. Essa precisa ser uma situação de conversa, de troca de ideias, com o objetivo de construir coletivamente o entendimento e as observações do próprio jogo.

Elaborado pelos autores.

### Sugestão de...

#### Leitura complementar

OLIVEIRA, Mônica Ferreira Gaspar de. *Diversos dias: uma vivência teatral colaborativa da poética da plenitude do ser*. Monografia (Licenciatura em Artes Cênicas). Brasília: Universidade de Brasília, 2013. Disponível em: <[http://bdm.unb.br/bitstream/10483/7573/1/2013\\_MonicaFerreiraGaspardeOliveira.pdf](http://bdm.unb.br/bitstream/10483/7573/1/2013_MonicaFerreiraGaspardeOliveira.pdf)>. Acesso em: 2 dez. 2017.

O trabalho relata a construção colaborativa de um espetáculo teatral com a participação de pessoas com deficiência, mostrando o potencial inclusivo das artes cênicas e também dos jogos teatrais propostos por Viola Spolin.

## A tradição oral

Ao conversar com os alunos sobre a tradição oral, é fundamental destacar o papel da oralidade na formação do patrimônio cultural imaterial e sua importância na preservação de saberes, tradições, hábitos e histórias que caracterizam e marcam um povo ou uma comunidade.

Para introduzir o tema da oralidade e das histórias passadas de geração em geração, uma boa estratégia pode ser fazer com que os próprios estudantes percebam esse fenômeno em suas vidas e famílias. Pergunte a eles se há alguma história contada regularmente na família deles, como do nascimento de alguém, de migração, etc.

Você também pode usar como exemplo histórias da própria região ou da cidade, que todos conheçam e já tenham sido contadas várias vezes, por diferentes pessoas. É possível, neste momento, estabelecer relações com a pergunta “A arte pode construir lugares?”. Pergunte aos alunos de que forma, ao serem conhecidas por membros de uma mesma família ou comunidade, histórias como essas podem caracterizar ou representar um grupo de pessoas ou um lugar.

## Arte e Geografia

Peça aos estudantes que leiam o boxe e retome a pergunta “A arte pode construir lugares?”. Incentive uma discussão de modo que consigam identificar como uma narrativa pode representar um lugar ao tratar e tornar permanentes suas características, personagens, mitos e costumes.

Quando trabalhamos a interdisciplinaridade, um aspecto importante é mostrar similaridades e diálogos entre procedimentos ou objetos de estudos. Neste capítulo, estamos estudando o teatro, a música e também algumas tradições regionais brasileiras, especialmente as histórias e os costumes da cultura caipira. Muitas dessas histórias são típicas de regiões específicas nas quais se desenvolveram. O mapeamento de territórios e regiões pode ser uma forma de conversar com a turma sobre pontos de encontro entre a Arte e a Geografia.

## A tradição oral

Mesmo nos tempos atuais, com tantos livros, revistas, quadrinhos, filmes, programas de TV, jogos e sites, o ato de contar histórias oralmente se mantém – muitas vezes acompanhado por música, bonecos e **adereços**.

**adereço:** acessório cênico para vestir ou decorar.

O conjunto dessas histórias faz parte da tradição oral de um povo.



▶ Contação de história durante o Festival Pororoca de Contação de Histórias, Belém, Pará, 2015.

## Arte e Geografia

Assim como muitos artistas, que buscam resgatar e valorizar a cultura dos lugares, suas tradições e mitos, os geógrafos também estudam como as pessoas se identificam, conforme o lugar onde vivem.

O trabalho do geógrafo relaciona-se com a busca de práticas culturais diversas e características de cada local.

Por isso, estas duas formas de olhar o mundo se complementam: as pesquisas dos geógrafos ajudam os artistas a criar obras de arte inspiradas pelas culturas tradicionais!

## 72 UNIDADE 2 ▶

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

## Interdisciplinaridade: Arte e Geografia na BNCC

### Território e diversidade cultural

**BNCC EF04GE01**

Neste momento, os alunos poderão refletir sobre os componentes de culturas afro-brasileiras, indígenas, mestiças e migrantes em seus lugares de vivência e em suas histórias familiares.

## Atividade prática

### Expressando-se com o corpo!

#### 1 Boneco de pau.

- Ao comando do professor, ande como um boneco: peito para fora, barriga para dentro, ombros retos, passos regulares, joelhos altos, braços também com movimentos regulares, cabeça erguida e virada para a frente.
- Fixe o olhar em um ponto e vá até ele; ao atingi-lo, fixe-o em outro; ao chegar, busque um terceiro; e assim por diante.
- Não se distraia, não olhe para os lados nem se desvie do caminho.



#### 2 Enfim, em casa!

- Para continuar, imagine que está chegando em casa, cansado, depois de um dia frio.
- Faça de conta que está tirando o casaco, o gorro, a blusa, os sapatos e as meias, uma peça

depois da outra, rapidamente, e jogue tudo bem longe.



#### 3 O que é que eu fui fazer?!

- Por fim, faça de conta que está lavando louça e, de repente, uma pilha de pratos escorrega de suas mãos.
- Para piorar a situação, é a louça preferida da família!
- Reproduza o som dos pratos que se quebram na pia.
- Finalize a cena fazendo gestos aflitos e vigorosos, que demonstrem seu desespero e a impotência diante do desastre que está por vir.



## Atividade prática

Antes de começar, organize as carteiras em círculo ou encoste-as na parede, deixando um bom espaço no centro da sala. Os exercícios devem ser realizados nessa área. Os alunos vão participar como atores e também formarão a plateia. Você será o diretor. Sempre dê início às atividades com um exercício de concentração.

Oriente os alunos nestas primeiras atividades de experimentação com o teatro. Você pode, por exemplo, ditar o ritmo batendo palmas e caminhar com os alunos. Depois, pode ser o guia para os exercícios de aquecimento corporal. É interessante criar estímulos para que todos participem das atividades.

## Texto complementar

Sobre os jogos teatrais, vale ressaltar, como apontado pela professora Maria Lúcia de Souza Barros Pupo em resenha do livro **Jogos teatrais na sala de aula: um manual para o professor** (Perspectiva, 2007), de Viola Spolin, que eles:

[...] na contramão da ênfase na inventividade, interpretação ou dramaturgia – procuram promover a experiência do acordo tácito coletivo. Neles, a fábula não é ponto de partida, mas decorrência da ação e a “fiscalização” de objetos, lugares, emoções – eixos da aprendizagem teatral – está sempre vinculada à escuta cuidadosa do companheiro. Ao entrar em relação com o parceiro de jogo e com ele construir fisicamente uma ficção partilhada com os jogadores da plateia, aprende-se como se dá a significação no teatro. “Sem parceiro não há jogo”, a máxima recorrente da autora, ilustra bem o caminho proposto. De modo coerente com a premissa do “learning by doing” [aprender pelo fazer], o professor não é chamado a explicar ou demonstrar, mas sim a favorecer a autodescoberta.

PUPU, Maria Lúcia de Souza Barros. Jogos teatrais na sala de aula: um manual para o professor. In: *Sala Preta (USP)*, v. 7, p. 261-263, 2007.

## A BNCC nestas páginas

### Elementos da linguagem

BNCC EF15AR19

### Matrizes estéticas culturais

BNCC EF15AR24

### Patrimônio cultural

BNCC EF15AR25

Neste momento, ao tomar contato com a noção de tradição oral, os alunos terão a oportunidade de caracterizar histórias de diferentes matrizes estéticas e culturais, conhecendo e valorizando o patrimônio cultural imaterial. Eles também participarão de jogos teatrais, descobrindo teatralidades da vida cotidiana e identificando elementos teatrais.

## Quem conta um conto aumenta um ponto

Um aspecto importante ao se falar em tradição oral é ressaltar as modificações que dão origem às diferentes versões das histórias. Uma mesma narrativa pode variar de país para país, de região para região ou mesmo de contador para contador. Os nomes dos personagens, o cenário e o desfecho podem mudar, dependendo de onde e por quem a história está sendo contada.

Oriente os alunos na interpretação da imagem. Nesta narrativa visual, Bela Adormecida decide não viver “feliz para sempre” ao lado do príncipe que a acordou. Faça algumas perguntas aos alunos: “Quem é a contadora da história?”; “Quem é o seu ouvinte?”; “Vocês conhecem os personagens da história que ela está contando?”; “Quem são?”; “Como vocês descobriram isso?”; “Na opinião de vocês, por que a narradora mudou a história? Será que se esqueceu de um trecho dela? Será que quis deixar a história mais divertida?”; “O ouvinte percebeu que a história foi mudada? Por que vocês acham isso?”.

Ao final, proponha aos estudantes narrar e registrar por escrito a história visual apresentada na página. A atividade poderá ser realizada por pequenos grupos de três a quatro alunos. Depois, cada grupo pode indicar um representante para contar sua história para a turma.

### A BNCC nestas páginas

#### Contextos e práticas

BNCC EF15AR18

#### Elementos da linguagem

BNCC EF15AR19

Neste momento, os alunos terão a oportunidade de cultivar a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório ficcional em uma contação de histórias, além de descobrir teatralidades na vida cotidiana e identificar elementos do teatro por meio da participação em jogos teatrais.

## Quem conta um conto aumenta um ponto

Transmitidas de geração em geração, as histórias contadas oralmente podem ser transformadas a cada nova narração. Personagens, lugares e detalhes do enredo são alterados ou incorporados e as histórias vão se modificando.

Alguns contadores de história fazem essas mudanças de propósito, para aprimorá-las. Outros, no entanto, simplesmente não se lembram de todos os detalhes e inventam algumas partes!

Observe as imagens abaixo.



Que história é essa?

O que a contadora mudou na história?

74

UNIDADE 2 >

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

### Sugestão de...

#### Livros

ARRABAL, José. *Lendas Brasileiras – Norte, Nordeste e Sudeste*. São Paulo: Paulinas, 2001.

ARRABAL, José. *Lendas Brasileiras – Centro-Oeste e Sul*. São Paulo: Paulinas, 2004.

Em dois volumes, o autor recria lendas aterrorizantes, divertidas e encantadoras de todas as regiões do Brasil.

## Atividade prática

### Objetos viram história!

- 1 Para esta atividade, traga de casa um objeto de que goste muito. Todos os alunos da turma deverão justificar sua escolha.
- 2 O professor guardará todos os objetos em uma caixa e iniciará uma narrativa. Em seguida, escolherá alguém para dar continuidade à história.



- 3 O aluno escolhido para dar seguimento à história terá de introduzir em sua fala uma menção ao objeto retirado aleatoriamente da caixa. Quando terminar seu trecho, escolherá um colega para continuar.
- 4 O jogo continua dessa mesma forma até que todos tenham participado. É bom lembrar que cabe ao último narrador arrematar a história com um final interessante!



## Atividade prática

Para realizar esta atividade, peça com antecedência aos alunos que tragam de casa algum objeto de que gostem muito. Nos jogos teatrais, você pode estimular os estudantes a usar todos os sentidos. Ao vivenciar atividades de desenvolvimento das percepções visual, tátil, espacial, sonora e gestual, eles também aprimoram as técnicas de improviso e de contação de histórias.

Comece orientando os alunos sobre o que deve ser feito. Avise que é importante manter a atenção na narrativa desde o início, porque a qualquer momento eles podem ser escolhidos para continuar a história.

Ao terminar a atividade, sentem-se em roda para conversar e comentar o que acharam do jogo. O resultado dessa conversa pode ser sintetizado em uma história em quadrinhos roteirizada e desenhada por cada aluno, com canetinhas e papel sulfite, em que eles podem expor as sensações que experimentaram ao participar do jogo.

Para ajudá-los a refletir, faça perguntas como: "Quais eram suas expectativas antes do jogo?"; "Elas foram frustradas ou superadas? Por quê?"; "Que sensações vocês vivenciaram?"; "Foi divertido?"; "Foi fácil improvisar?".

Aproveite esse momento também para conversar com os alunos sobre alguns conceitos que podem ser mobilizados a partir do jogo. Ressalte que a arte de contar histórias está presente nas culturas de diversos povos e se mantém no decorrer do tempo e que para contar histórias oralmente usamos a imaginação e a criatividade ao improvisar.

## Texto complementar

[...] Os *jogos teatrais* são intencionalmente dirigidos para o outro. O processo em que se engajam os sujeitos que "jogam" se desenvolve a partir da ação improvisada e os papéis de cada jogador não são estabelecidos *a priori*, mas emergem a partir das interações que ocorrem durante o jogo. A finalidade do processo é o desenvolvimento cultural e o crescimento pessoal dos jogadores através do domínio e uso interativo da *linguagem teatral*, sem nenhuma preocupação com resultados estéticos cênicos preconcebidos ou artisti-

camente planejados e ensaiados. O princípio do *jogo teatral* é o mesmo da *improvisação teatral* e do *teatro improvisacional*, isto é, a comunicação que emerge a partir da criatividade e espontaneidade das interações entre sujeitos mediados pela linguagem teatral, que se encontram engajados na solução cênica de um problema de atuação.

JAPIASSU, Ricardo Ottoni Vaz. Jogos teatrais na escola pública. *Rev. Fac. Educ.*, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 81-97, jul. 1998.

Disponível em: <[www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010225551998000200005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010225551998000200005&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 2 dez. 2017.

## Outros trabalhos do grupo As Meninas do Conto

Antes de iniciar a leitura compartilhada do texto e de conduzir a apreciação das imagens, é interessante motivar os estudantes a investigar as obras, a trajetória e as características dos trabalhos do grupo As Meninas do Conto.

Inicie a conversa perguntando o que podemos elencar como características do trabalho teatral do grupo a partir do que já estudamos sobre ele. Para isso, faça perguntas como: "Que tipo de histórias As Meninas do Conto apresentam em seus espetáculos?"; "De onde vêm essas histórias?"; "Elas escrevem essas histórias?"; "Será que elas sempre trabalham com histórias desse tipo?"; "Como elas criaram o espetáculo que estudamos?"; "Quantas atrizes há no grupo?"; "Será que há mais atrizes nas outras peças do grupo?"; "Será que são sempre as mesmas atrizes?". Anote na lousa aquilo que os estudantes já sabem sobre o grupo e o que mais gostariam de saber.

Depois de elencar as perguntas, dúvidas e curiosidades acerca do grupo, inicie a leitura compartilhada do texto. Durante a leitura, retome as questões levantadas anteriormente com os alunos e chame a atenção deles sempre que aparecer uma informação que responda a alguma delas.

Leia as informações sobre um trabalho de cada vez e promova a apreciação das imagens correspondentes. Peça aos alunos que observem os figurinos, por exemplo, e os comparem com os utilizados no espetáculo **Caminho da roça**. Nesse momento, faça perguntas como: "Como são os figurinos desses outros espetáculos?"; "Eles se parecem com os figurinos do espetáculo **Caminho da roça**?".

Ao final, se julgar conveniente e houver interesse da turma, proponha uma pesquisa mais aprofundada sobre algum dos outros trabalhos do grupo.

## Outros trabalhos do grupo As Meninas do Conto

Além do espetáculo **Caminho da roça**, o grupo As Meninas do Conto tem outras peças em seu repertório. Vamos conhecer algumas delas?

► Cena do espetáculo **A princesa Jia**, do grupo As Meninas do Conto. São Paulo, 2002.



O primeiro espetáculo apresentado pelo grupo foi a encenação de um conto da tradição oral brasileira, registrado pelo escritor brasileiro Luís da Câmara Cascudo (1898-1986), um dos mais importantes folcloristas brasileiros. Entre as obras da narrativa oral que ele registrou está o conto **A princesa Jia**, que também dá nome ao espetáculo do grupo As Meninas do Conto.

A encenação tem poucas alterações no texto em relação ao conto original, que narra a história de um casal que tinha três filhos. Quando os filhos cresceram, foram procurar um trabalho e um caminho na vida. Enquanto os dois mais velhos foram morar em uma cidade vizinha, o filho mais novo foi para um castelo onde morava uma jia, que é outro nome para sapa. Só que o rapaz não sabia que essa sapa era uma princesa à espera de seu desencantamento!

Outra peça que faz parte do repertório do grupo é **As velhas fiandeiras**, que une elementos das tradições europeia e brasileira, uma vez que se baseia no conto **As fiandeiras**, dos irmãos Grimm, e no conto **As três velhas**, registrado por Câmara Cascudo. O espetáculo conta a história de uma menina que não gostava de fiar, mas um dia é levada ao palácio da Rainha, onde se vê obrigada a fiar uma enorme quantidade de lã. Com a ajuda de três velhas muito esquisitas, ela muda seu destino.



► Cena do espetáculo **As velhas fiandeiras**, do grupo As Meninas do Conto. São Paulo, 2012.

### 76 UNIDADE 2

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

## A BNCC nestas páginas

### Contextos e práticas

BNCC EF15AR18

Neste momento, ao conhecer outros trabalhos do grupo As Meninas do Conto, os alunos terão a oportunidade de reconhecer e de apreciar formas distintas de manifestações do teatro, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório ficcional.



O espetáculo **Bruxas, Bruxas... e mais Bruxas!** marcou os 15 anos de existência do grupo. Nele, bruxas de diferentes origens e tradições se dirigem a um encontro anual para trocar receitas, feitiços e histórias. O que você acha de um encontro como esse? O que será que acontece lá?

► Cena do espetáculo **Bruxas, Bruxas... e mais Bruxas!**, do grupo As Meninas do Conto. São Paulo, 2012.

### Sobre o grupo

Formado em 1995, o grupo As Meninas do Conto pesquisa as narrativas que fazem parte do imaginário brasileiro.

A forma de narrar histórias, mitos e lendas criada pelo grupo tornou-se referência na arte narrativa, pois valoriza o ator-narrador, ou seja, o ator que conta histórias.

O sucesso do grupo vem da comunicação com o público infantojuvenil.

O grupo ganhou muitos prêmios ao longo de sua trajetória, entre eles o da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA), nos anos de 2004, 2009 e 2012.

► Integrantes do grupo As Meninas do Conto. São Paulo, 2012.



### Assim também aprendo



O que você achou do trabalho do grupo As Meninas do Conto? Converse com os colegas e o professor e registre a opinião da turma sobre a obra do grupo em um texto coletivo.

### Sugestão de...

#### Leitura complementar

KOUDELA, Ingrid Dormien. A nova proposta de ensino do teatro. *Sala Preta (USP)*, v. 2, p. 233-239, 2002.

O artigo discute vários aspectos relacionados ao ensino do teatro na escola, dentre eles formas de apreciação e de análise de espetáculos teatrais pelos alunos.

### Assim também aprendo

Para ajudar os estudantes a formar e a expressar opiniões acerca de obras de arte, reveja com eles as imagens dos espetáculos do grupo As Meninas do Conto e incentive-os a identificar os aspectos que mais lhes chamaram a atenção em relação a essas montagens. Estimule-os a dar exemplos que justifiquem seu ponto de vista sobre a obra.

Proponha que conversem em pequenos grupos e, depois, promova a elaboração de uma síntese coletiva do que discutiram. Cada grupo pode falar a respeito das apreciações das imagens, das atividades que realizaram, procurando identificar o que aprenderam com os estudos do capítulo.

Antes de iniciar a escrita do texto coletivo, retome com a turma as etapas que podem seguir para construir um texto crítico:

- Identificar aspectos que reconhecem como características marcantes no trabalho do grupo As Meninas do Conto.
- Levantar as impressões que tiveram sobre o espetáculo **Caminho da roça** e sobre os outros trabalhos do grupo.
- Argumentar em defesa de seu ponto de vista, explicando as razões pelas quais gostaram ou não da obra.
- Criar um título adequado ao texto que ajude o leitor a antecipar o tipo de crítica que encontrará.

Em seguida, registre na lousa uma síntese do que foi discutido por toda a turma em cada etapa. Depois, peça aos alunos que copiem o texto em uma folha à parte para arquivá-lo no portfólio.

## Ampliando o repertório cultural

### Contadores africanos

Converse com os alunos sobre o que sabem a respeito do continente africano. Caso esse conteúdo ainda não tenha sido abordado por outros componentes curriculares, introduza-o por meio da exploração do mapa-múndi e das informações apresentadas no Livro do Estudante. O mapa reproduzido não tem o intuito de mostrar em detalhes cada um dos países, mas sim contextualizar a localização da África em relação aos outros continentes.

É importante lembrar que em várias regiões da África encontram-se grupos que buscam preservar modos de vida e valores tradicionais, mas que o continente não escapou do processo de mundialização da economia, que estabeleceu a padronização da produção e dos hábitos de consumo em escala planetária. As identidades locais encontram formas privilegiadas de afirmação nas várias modalidades artísticas – por exemplo, nas danças e nos ritmos musicais.

### Texto complementar

Os *griots* e as *griottes* são gente da palavra e da música; capazes de verdadeiras acrobacias linguísticas, eles são cantores, contadores, genealogistas, historiadores, trovadores e ao mesmo tempo loucos e bufões. Eles são acompanhados por numerosos instrumentos musicais [...]. Eles são, além disso, mediadores e mensageiros, indispensáveis dentro de uma sociedade na qual são os únicos a poder se expressar livremente. Vivem de louvores que endereçam aos poderosos, das narrações de histórias que declamam nas festas, dos contos morais que contam ou cantam por ocasião das cerimônias das quais participam, dos serviços que oferecem quando intervêm nos conflitos. (STAMM, 1999, p. 63, 64 apud BARBOZA, 2009, p. 44)

BARBOZA, Juliana Jardim. *Vestígios do dizer de uma escuta (repouso e deriva na palavra)*. Tese (Doutorado). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2009.

## Ampliando o repertório cultural

### Contadores africanos

Você sabe onde fica a África? O que você já estudou sobre esse continente e sua população?



Como você deve ter estudado em Geografia, a África é o segundo continente mais populoso do mundo, com mais de 1 bilhão de pessoas distribuídas em mais de cinquenta países.

Muitos povos africanos mantêm vivas sua identidade e suas tradições culturais por meio da narração de histórias.

Em vários países da África ocidental, como Burkina Faso e Níger, existem narradores, cantores e músicos que são responsáveis pela transmissão oral das tradições de seu povo.

Os *griots* e as *griottes*, como são chamados esses guardiões da cultura, são homens e mulheres considerados mestres na arte das palavras e detentores da memória de seu povo.



▶ *Griots* contando histórias ao som do *ngoni*, instrumento musical parecido com uma guitarra, mas com quatro cordas (a guitarra tem seis cordas).

78

UNIDADE 2 ▶

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

### Sugestão de...

#### Livro

BERNAT, Isaac. *Encontros com o griot Sotigui Kouyaté*. Rio de Janeiro: Pallas, 2013.

No livro, o ator, diretor e professor de teatro Isaac Bernat relata seus 10 anos de convivência com o *griot* Sotigui Kouyaté e repensa o ofício do ator a partir desses encontros.

#### Vídeo

Na página oficial do canal TV Brasil no YouTube é possível assistir a um vídeo em que o *griot* Toumani Kouyaté conta e canta uma história. Se possível, exiba-o para os alunos. Disponível em: <[www.youtube.com/watch?v=AWVeC6kbNH0](http://www.youtube.com/watch?v=AWVeC6kbNH0)>. Acesso em: 2 dez. 2017.



## Saiba mais

Um *griot* e uma *griotte* são pessoas nascidas em famílias de *griots* e costumam se casar com pessoas do mesmo grupo. Quando esses guardiões morrem, têm o corpo sepultado dentro do tronco de um gigantesco baobá – árvore típica do continente africano. A ideia é que suas histórias e canções continuem brotando, como os galhos da árvore!

► Garota se banha em açude com baobá ao fundo na reserva florestal Kirindy, em Madagascar, 2013.



Paul Souder/Corbis/Getty Images

## Instrumentos que acompanham a narração

Para contar histórias, os *griots* e as *griottes* utilizam instrumentos musicais como o *balafon*, as harpas e os djembês, todos característicos de sua cultura. Observe as imagens.



► **Balafon:** instrumento feito de madeira, parecido com o xilofone (instrumento de tradição europeia tocado em orquestras). Cada uma das barras de madeira produz uma nota específica quando percutida.



► **Harpa do povo Mangbetu,** habitante da República Democrática do Congo. Além de ser um instrumento musical, costuma ser esculpida ornamentalmente. Pode-se notar a representação de um rosto humano na extremidade do braço da harpa nessa imagem.



As imagens não estão representadas em proporção.

► **Djembê:** tambores feitos de uma única peça de madeira e cobertos com pele animal na parte a ser percutida.

Como você imagina o som de cada um desses instrumentos? Com que materiais eles são feitos? Você acha que o material usado influencia no som que o instrumento produz?

### Sugestão de...

#### Livro

Para conhecer tradições, festas e músicas do continente africano, leia **Entre o rio e as nuvens: algumas histórias africanas**, de Kátia Canton e Dudi Maia Rosa (DCL, 2003). Este livro faz parte da coleção Arte conta histórias.



Reprodução/Editora DCL

## ► CAPÍTULO 3 79

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

### Sugestão de...

#### Música

Se possível, ouça com os alunos a canção "África", do grupo Palavra Cantada, como forma de sensibilizar a turma para o trabalho com a seção. A cifra pode ser encontrada no site oficial do grupo. Disponível em: <<http://palavracantada.com.br/cifra/africa/>>. Acesso em: 1º dez. 2017.

## Instrumentos que acompanham a narração

Ao fazer a leitura das imagens, incentive a observação e a reflexão por meio de perguntas como: "Vocês já viram ou ouviram esses instrumentos musicais?"; "Conhecem instrumentos musicais parecidos com eles? Quais?"; "Vocês já ouviram pessoas contando histórias com música? Onde?"; "De que forma vocês acham que a música pode ajudar a contar uma história?".

Para que os alunos possam levantar suas hipóteses sobre os sons e materiais dos instrumentos apresentados, retome a leitura das imagens. Oriente-os a examinar detalhadamente as características de cada um dos instrumentos e a verificar se são de percussão, de cordas, de sopro ou elétricos. Incentive-os a identificar semelhanças com instrumentos que já conhecem, como o violão e o tambor, por exemplo. Retome conversas anteriores sobre os sons e os timbres dos materiais. Peça que respondam oralmente às questões, compartilhando suas hipóteses e opiniões.

## ◆ A BNCC nestas páginas

### Contexto e práticas

BNCC EF15AR13

### Contextos e práticas

BNCC EF15AR18

### Matrizes estéticas culturais

BNCC EF15AR24

### Patrimônio cultural

BNCC EF15AR25

Neste momento, ao conhecer os *griots* e *griottes* e alguns dos instrumentos musicais que eles utilizam, os alunos terão a oportunidade de apreciar formas distintas de expressão musical e do teatro, caracterizando histórias de diferentes matrizes estéticas e culturais e, assim, conhecendo e valorizando o patrimônio cultural e imaterial de matriz africana.

## Experimentação

Converse com os alunos sobre o que sabem a respeito de lendas e mitos. Para inspirá-los a pesquisar exemplos desses textos, leia para eles “A lenda do pirarucu”, reproduzida a seguir.

A contação de história aqui proposta vai requerer dos alunos a criação de acompanhamento musical, posturas e expressões corporais, gesticulação, recursos de suspense e modulações de voz de acordo com a cena ou com o personagem – ou seja, eles deverão encenar, de forma intencional, os acontecimentos míticos narrados.

Esclareça que modular a voz é a capacidade de falar baixo, alto, fino, grosso, rápido, devagar, imitar a voz de alguém, etc., de acordo com a intenção que se quer imprimir a cada personagem.

## A BNCC nestas páginas

### Elementos da linguagem


BNCC EF15AR19

### Processos de criação

BNCC EF15AR21

Neste momento, os alunos terão a oportunidade de encenar um acontecimento cênico tendo textos como ponto de partida, exercitando a imitação e o faz de conta e explorando elementos teatrais, como variadas entonações de voz e diferentes fisicalidades.

# EXPERIMENTAÇÃO


 Vamos narrar mitos da cultura brasileira? Podemos acompanhar a contação de histórias com música. Além de instrumentos musicais e de materiais sonoros inusitados, vale usar o corpo para produzir sons e tudo o mais que a imaginação mandar!

- 1 O primeiro passo é fazer um levantamento de mitos brasileiros. Para se inspirar, que tal conhecer a lenda do Pirarucu? O professor vai lê-la para a turma. Você também pode encontrar mais mitos em livros disponíveis na biblioteca da escola, em bibliotecas públicas e também na internet.
- 2 Forme um grupo com mais três colegas e escolha o mito que vão contar.
- 3 Decida com o grupo como farão a contação. Cada integrante pode contar uma parte da história ou um só aluno pode contar a história inteira. Com a ajuda dos colegas, pense nas alternativas possíveis e escolha a que preferir.
- 4 Decida quais sons farão parte da contação de história e quem vai produzi-los. Serão utilizados instrumentos musicais, sons do corpo ou voz? Mais de uma pessoa vai produzir os sons ou somente uma?
- 5 Escolha se farão alguma encenação do conto. Se sim, lembre-se dos jogos teatrais que foram realizados ao longo do capítulo e utilize os recursos de expressão do corpo, da voz e da improvisação para atuar na interpretação da história.

## Apresentando

- 1 Com os colegas e seguindo a orientação do professor, escolha uma data para a apresentação e planeje o evento.
- 2 Convide os colegas da escola, os professores, os familiares e a comunidade escolar. Vai ser um sucesso!

## Registrando

-  Com a ajuda do professor, grave a contação em vídeo e depois transfira o material para um CD ou DVD, para arquivar um registro dessa experiência em seu portfólio.

80

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

### A lenda do pirarucu

[...] Pirarucu era um índio que pertencia à tribo dos Uaiás, a qual habitava as planícies de Lábrea no sudoeste da Amazônia. Ele era um bravo guerreiro, mas tinha um coração perverso, mesmo sendo filho de Pindarô, um homem de bom coração e também chefe da tribo. Pirarucu era cheio de vaidades, egoísmo e excessivamente orgulhoso de seu poder.

Um dia, enquanto seu pai fazia uma visita amigável a tribos vizinhas, Pirarucu se aproveitou da ocasião para tomar como reféns os

índios da aldeia e executá-los sem nenhum motivo. Pirarucu também adorava criticar os deuses.

Tupã, o deus dos deuses, observou Pirarucu por um longo tempo, até que, cansado daquele comportamento, decidiu punir Pirarucu. Tupã chamou Polo e ordenou que ele espalhasse seu mais poderoso relâmpago na área inteira. Ele também chamou Iurururuçu, a deusa das torrentes, e ordenou que ela provocasse as mais fortes torrentes de chuva sobre Pirarucu, que estava pescando com outros índios às margens do rio Tocantins, não muito longe da aldeia.

# O QUE ESTUDAMOS

- A cultura caipira possui costumes, arte e mitologia próprios.
- A arte de contar histórias oralmente é comum a muitas culturas.
- Os contadores de histórias utilizam diversos recursos para narrar, como música, bonecos, adereços, entre outros.
- A África é um continente com mais de cinquenta países e centenas de povos diferentes.
- A arte, por meio do teatro e da música, por exemplo, pode manifestar hábitos e mitos de uma cultura.



## Dica de visitação

Na cidade em que você vive existem grupos de teatro que se inspiram nas culturas tradicionais? Se sim, procure descobrir quando esses grupos se apresentarão para que você possa conhecer o trabalho de um deles!



## É hora de retomar o portfólio



Guarde no portfólio um registro escrito do que você aprendeu neste capítulo. Para isso, responda às questões a seguir.

1. O que você descobriu a respeito da contação de histórias? Faça um desenho em uma folha à parte.
2. Você ficou satisfeito com as suas produções artísticas? Você considera que elas expressam suas opiniões, seus sentimentos e suas emoções? Por quê? Comente em um breve parágrafo.
3. Quais foram suas maiores dificuldades ao longo do projeto, tanto na escola quanto em casa? Comente em um breve parágrafo.

» O QUE ESTUDAMOS

81

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

O fogo de Tupã foi visto por toda a floresta. Quando Pirarucu percebeu as ondas furiosas do rio e ouviu a voz enraivecida de Tupã, ele somente as ignorou com uma risada e palavras de desprezo.

Então, Tupã enviou Xandoré, o demônio que odeia os homens, para atirar relâmpagos e trovões sobre Pirarucu, enchendo o ar de luz. Pirarucu tentou escapar, mas enquanto ele corria por entre os galhos das árvores um relâmpago fulminante enviado por Xandoré acertou o coração do guerreiro que, mesmo assim, recusou-se a pedir perdão.

Todos aqueles que se encontravam com Pirarucu correram para a selva, terrivelmente assustados. Depois o corpo de Pirarucu, ainda vivo, foi levado para as profundezas do rio Tocantins e transformado em um peixe gigante e escuro. Pirarucu desapareceu nas águas e nunca mais retornou, mas por um longo tempo ainda foi o terror da região.

PEREIRA, Maria Antonieta. *Lendas e mitos do Brasil*. Belo Horizonte: Programa de Pesquisa e Extensão da Faculdade de Letras da UFMG, 2007.

## O que estudamos

Inicie o trabalho com esta seção lendo com os alunos o boxe com a síntese dos conceitos estudados. Retome com eles os trabalhos do grupo As Meninas do Conto apresentados no Livro do Estudante e incentive-os a identificar aspectos que os fizeram gostar ou não das obras. Essa conversa pode ser feita coletivamente ou em pequenos grupos. Se julgar interessante, encerre a atividade registrando na lousa uma síntese coletiva do que foi discutido.

## É hora de retomar o portfólio

Retome com a turma a lista que foi feita no início do bimestre; assim os alunos terão mais condições de perceber o que foi aprendido até agora. Verifique, também, o aprendizado deles analisando seus portfólios e a participação em sala a partir dos seguintes critérios observáveis:

- O aluno reconhece e distingue os elementos fundamentais da linguagem teatral estudados?
- O aluno utiliza elementos constitutivos da linguagem teatral em suas produções (improvisações e composições) de maneira consciente?
- O aluno avalia o uso das propriedades cênicas em suas produções, reconhecendo suas estratégias de composição?
- O aluno compara e avalia os resultados de suas pesquisas e experimentações teatrais, na busca de soluções para expressar suas ideias e seus sentimentos?

## Unidade 2 – Capítulo 4

### Gravando a diversidade da cidade!

Neste capítulo, continuamos o trabalho com a questão norteadora da unidade: “A arte pode construir lugares?”. Neste momento vamos estudar a diversidade urbana a partir de uma obra de arte visual.

Antes de iniciar o estudo do capítulo, retome com os alunos a lista feita ao final da introdução da unidade e atualize-a. Pergunte a eles se o que foi listado se concretizou e se há outros elementos para adicionar. Volte à questão norteadora da unidade e pergunte o que os alunos imaginam que precisam saber sobre as artes visuais para respondê-la. Sugira, então, alguns itens para compor a lista com os alunos:

- Conhecer um ou mais artistas que se expressam por meio das artes visuais.
- Descobrir mais sobre as artes visuais e seus elementos.
- Conhecer outras formas de arte e outras culturas que valorizam a gravura e a expressão cultural de um lugar.
- Criar uma obra coletiva que mostre o que aprendemos sobre arte visual.

### As gravuras e os relevos de Maria Bonomi

#### Para iniciar

As questões que iniciam esta seção são uma forma de desvelar o que os alunos pensam sobre as motivações da artista visual Maria Bonomi. Deixe-os livres para respondê-las. Você pode voltar a elas depois de apresentar o trabalho da artista. Em um primeiro momento, peça que os estudantes se expressem espontaneamente sobre o texto e as imagens. Feito isso, conduza a discussão a fim de problematizar o que estão vendo e chegar a novas reflexões.

Antes de iniciar o trabalho, conheça mais sobre a obra de Maria Bonomi visitando o *site* oficial da artista (disponível em: <[www.maria-bonomi.com.br](http://www.maria-bonomi.com.br)>, acesso em: 3 dez. 2017). Há, também, entrevistas com ela disponíveis na internet.



## Gravando a diversidade da cidade!

### As gravuras e os relevos de Maria Bonomi

Vimos que os artistas podem expressar em suas obras diferentes modos de viver e de conviver. Para isso, resgatam práticas culturais e mitos presentes em culturas tradicionais, como a cultura caipira, por exemplo.

Agora, vamos conhecer o trabalho de uma artista que uniu técnicas e pessoas a fim de gravar a diversidade de uma cidade!

#### Para iniciar

1. Você gosta de desenhar? Em que momentos costuma fazer isso?
2. O que você mais gosta de desenhar? Costuma repetir um mesmo desenho?
3. Você gosta de mostrar seus desenhos para as pessoas?
4. Já participou da elaboração coletiva de uma obra de arte visual, como um desenho ou uma pintura? Como foi essa experiência?
5. Em sua opinião, uma obra de arte visual pode resgatar a memória de um lugar? De que maneira você acha que isso pode acontecer?

Muitas vezes, quando ouvimos falar de um artista visual em atividade, logo o imaginamos em seu ateliê, cercado por telas, tintas, pincéis e outros elementos que caracterizam esse tipo de linguagem artística, não é mesmo?

Carlos Luvizari/Acervo do fotógrafo/Estação da Luz, São Paulo, SP.



No entanto, assim como é diversa a quantidade de materiais que os artistas podem usar, também existem muitas formas de executar o trabalho! Observe nestas páginas a obra da artista italo-brasileira Maria Bonomi. Você consegue imaginar como ela foi feita?

► Detalhe do painel **Epopéia paulista**, da artista Maria Bonomi, 2004 (painel composto de placas de concreto moldadas a partir de gravuras, de 73 m x 3 m), Estação da Luz, São Paulo, 2014.

82 UNIDADE 2 ►

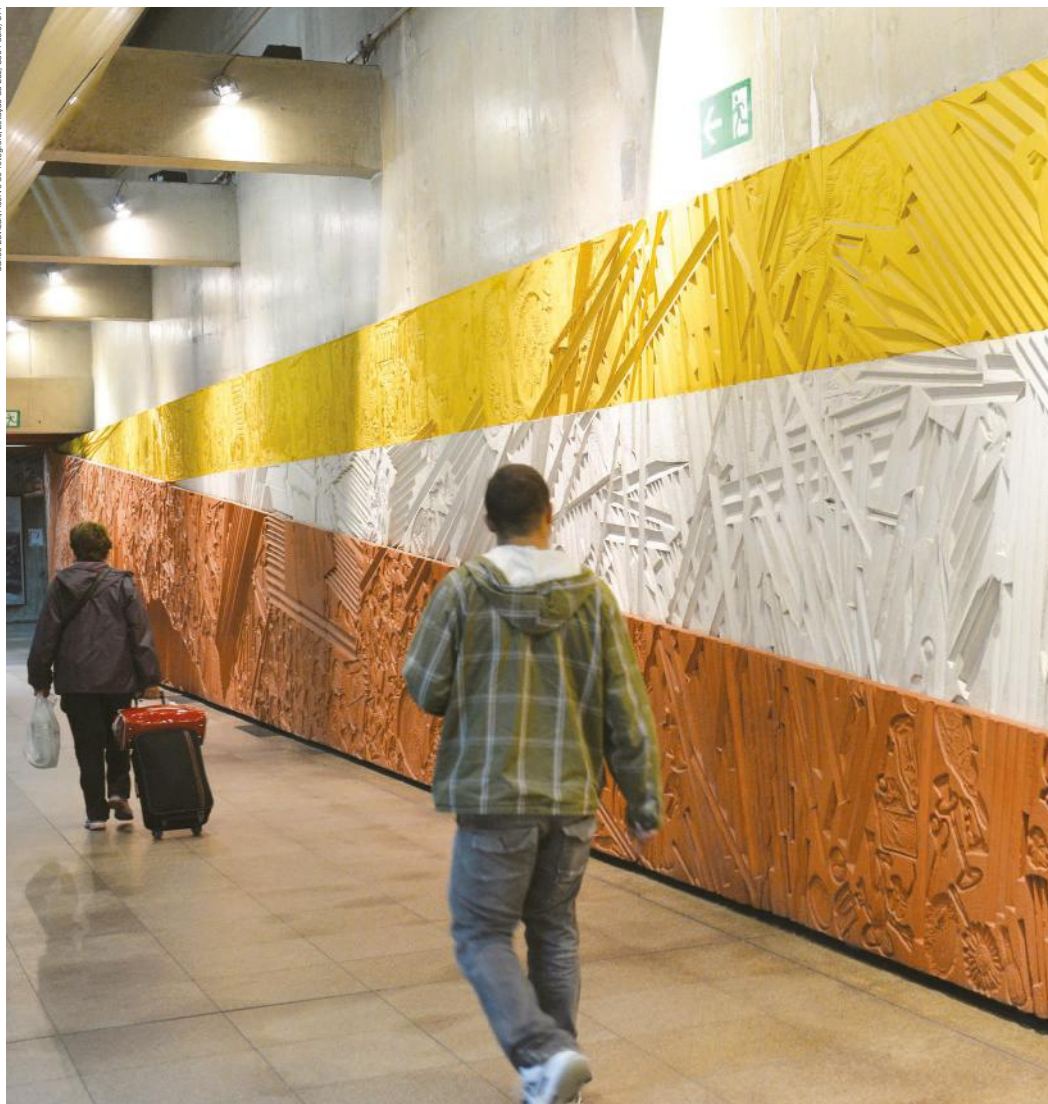
Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

### Expectativas de aprendizagem deste capítulo

- Apreciar obras de arte visual.
- Descrever o que vê e sente em relação às obras apreciadas.
- Reconhecer elementos da linguagem visual, como linhas e formas.
- Conhecer e realizar procedimentos das artes visuais (desenho, pintura, relevo e gravura).
- Relacionar as artes visuais aos conceitos de participação e de diversidade.

Você sabe o tipo de **relevo** que compõe esse painel?

**relevo:**  
alterações e acidentadas  
em uma superfície plana.



▶ Pessoas caminham ao lado do painel **Epopéia paulista**, de Maria Bonomi, Estação da Luz, São Paulo, 2014.

Você gostaria de ver esse painel pessoalmente? Ficou com vontade de tocá-lo?  
O que acha que sentiria se passasse a mão na superfície dele?

▶ CAPÍTULO 4 83

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

- Valorizar a autora das obras apreciadas, conhecendo aspectos de sua poética e suas principais produções.
- Compreender as motivações e os valores estéticos da autora das obras apreciadas.
- Ler e escrever sobre a temática investigada e as obras apreciadas.
- Produzir obras de arte utilizando suportes, materiais e procedimentos inspirados no trabalho de Maria Bonomi.

## Competências deste capítulo

- Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
- Conhecer e explorar diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) em diferentes campos da atividade humana para continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades de participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.
- Utilizar diferentes linguagens para defender pontos de vista que respeitem o outro e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, atuando criticamente frente a questões do mundo contemporâneo.
- Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, dos povos indígenas, das comunidades tradicionais brasileiras e de diversas sociedades, em distintos tempos e espaços, para reconhecer a arte como um fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos e dialogar com as diversidades.
- Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

### Linguagem

Artes visuais.

### Dimensões do conhecimento

Fruição; reflexão.

## A BNCC nestas páginas

### Contextos e práticas

**BNCC** EF15AR01

Neste momento, os alunos terão a oportunidade de apreciar a obra da artista Maria Bonomi, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético.

## Que obra é essa?

Promova a leitura compartilhada do texto e das imagens e esclareça eventuais dúvidas. Por meio da obra de Maria Bonomi, o capítulo aborda a intervenção artística no espaço urbano, o que pode levar à reflexão acerca do papel social e político da arte e sobre as formas de ocupação e de integração no espaço público. Procure conversar com os alunos sobre o direito à cidade e ao espaço público como exercício da cidadania, pensando nas possibilidades que cada um tem de ocupar espaços e de interagir com os demais cidadãos.

As intervenções artísticas realizadas nas cidades também são chamadas de intervenções urbanas. Essas manifestações interagem com o espaço preexistente. Ou seja, para realizá-las, os artistas precisam conhecer ou escolher o lugar onde o trabalho será realizado, estudá-lo e, a partir dele, criar uma proposta de interação com o espaço.

O fato de as intervenções modificarem, mesmo que temporariamente, os lugares por onde os habitantes da cidade circulam, faz com que os modos de agir nela também se transformem, o que dá a esse tipo de manifestação um caráter político, pois convida toda e qualquer pessoa a pensar e a discutir a arte e o lugar onde vive.

Para finalizar a proposta, retome a intervenção urbana realizada por Maria Bonomi em São Paulo. Procure dialogar com os estudantes, perguntando sobre a obra e as questões que ela suscita, convidando-os a interpretar a produção da artista.

## Que obra é essa?

Em 2001, em comemoração aos cem anos da Estação da Luz, em São Paulo, a Companhia Paulista de Trens Metropolitanos (CPTM) deu início a um projeto de reforma no local e convidou Maria Bonomi para criar um painel para homenagear esse ícone da cidade.

A artista, no entanto, achou que o painel deveria representar não só a memória da estação de trem, mas também a da própria cidade de São Paulo. Por isso, trabalhou intensamente para projetar e realizar a obra, até sua inauguração, em 2004.



▶ Vista frontal do painel **Epopéia paulista**, de Maria Bonomi, Estação da Luz, São Paulo, 2014.

Você conhece a cidade de São Paulo? Como ela é? Se não a conhece, como imagina que ela é? O que você pensa a respeito dela? Como você a representaria por meio de desenhos?

No início do século XX, muitos imigrantes desembarcaram em São Paulo em busca de trabalho. Mais tarde, com o avanço da industrialização, a capital do estado passou a receber migrantes de várias localidades do Brasil, principalmente da região Nordeste.

Uma grande porta de entrada para essa população foi a Estação da Luz, importante estação ferroviária localizada no bairro de mesmo nome.

## Texto complementar

### Estação da Luz

O histórico prédio da Estação da Luz [...] abriu ao público no dia 1º de março de 1901. Suas estruturas foram importadas da Inglaterra, e a obra demorou seis anos para ser concluída.

De um lado, onde hoje os passageiros acessam a estação de trem, as estruturas imitam o Big Ben de Londres, com um grande relógio no alto de uma torre. Na outra ponta do edifício, duas torres paralelas e quadradas, no estilo gótico de arquitetura, copiam a Abadia de Westminster, a igreja de Londres onde os monarcas são coroados.

Seu nome oficial, à época da inauguração, também remetia ao país de língua inglesa: São Paulo Railway Station. O projeto da estação é do britânico Charles Henry Driver, renomado arquiteto de estações ferroviárias.

A estação existe neste mesmo ponto desde 1867 e tinha papel importante na conexão da capital paulista às fazendas de café e ao Porto de Santos [...].

Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/memoria-predio-da-estacao-da-luz-tem-114-anos-de-historia-18348767>>. Acesso em: 3 dez. 2017.



► Estação da Luz, São Paulo, 2014.

Dado Barro/A7 Press/Politypress

Para Maria Bonomi, imigrante ítalo-brasileira que chegou ao Brasil na década de 1940, a criação do painel **Epopeia paulista** foi uma grande oportunidade de homenagear a história de milhares de imigrantes, o que inclui sua própria história.



Arquivo Iconographia/ReinholdKraus

► Vista da Estação da Luz na década de 1910.

## Arte e História

Não é só a Arte que se dedica a pesquisar sobre a memória das pessoas que formam uma cidade.

A História também estuda transformações e permanências nas trajetórias de grupos humanos, como os migrantes que saem de seus locais de origem para desbravar novas terras.

Os artistas, por sua vez, criam e recriam, com originalidade, obras que podem contar essas histórias e embelezar a vida!

► CAPÍTULO 4 85

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

### Sugestão de...

#### Livro

SANTOS, Regina Bega. *Migração no Brasil*. São Paulo: Scipione, 1997.

A partir da ideia de que migrante é aquele que não mora no lugar onde nasceu, a autora trata das transformações econômicas, sociais e políticas geradas pela migração em nosso país.

## Arte e História

O boxe oferece uma oportunidade para que se discuta com os alunos a importância da pesquisa e da contextualização histórica e social na criação de obras e trabalhos artísticos. Converse com eles sobre a pesquisa e o levantamento de dados históricos e de informações sobre a história e o desenvolvimento das cidades, por exemplo. Ressalte que um historiador pode trabalhar levantando informações para saber mais sobre os lugares, as pessoas que moram neles, suas origens e os processos que resultaram naquilo que existe no presente.

Retome, então, o texto sobre o trabalho de Maria Bonomi e converse com os estudantes a respeito da pesquisa que ela realizou para criar a obra, muito semelhante ao trabalho dos historiadores. Destaque o fato de que a obra de Maria Bonomi revela para as pessoas a memória e a história de um lugar.

### Interdisciplinaridade: Arte e História na BNCC

As dinâmicas internas de migração no Brasil a partir dos anos 1960

BNCC EF04HI11

Neste momento, a partir da apreciação da obra de Maria Bonomi, os alunos terão a oportunidade de analisar, na sociedade em que vivem, a existência ou não de mudanças associadas à migração.

### A BNCC nestas páginas

Contextos e práticas

BNCC EF15AR01

Neste momento, os alunos terão a oportunidade de apreciar o trabalho de Maria Bonomi, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético.

## Como a obra foi feita?

Faça a leitura compartilhada do texto e das imagens com os alunos e explore as questões propostas. Se possível, trabalhe com o professor de História para falar um pouco sobre o que motivou o grande movimento de migração interna de pessoas para a região Sudeste, principalmente para São Paulo e Rio de Janeiro. Assim, pode-se acrescentar mais dados para que os estudantes atribuam sentidos à obra.

Estimule-os a manifestar suas impressões e a trocar opiniões sobre o trabalho de Maria Bonomi. Conhecendo as motivações e intenções da artista, eles poderão apreciar sua obra com um olhar mais apurado e, assim, acrescentar ao seu repertório novas concepções e procedimentos.

É provável que alguns alunos já conheçam São Paulo ou tenham ouvido falar sobre a cidade. Por isso, ouça as opiniões e as experiências deles, mas chame atenção para o fato de a obra representar em grande parte o fruto do trabalho de muita gente, inclusive de quem deixou seu lugar de origem para construir uma nova vida nessa cidade.

Procure conversar com os alunos a respeito da cidade e a relação que estabelecem com ela. Pergunte, por exemplo, se eles tiveram experiências com lugares que marcaram suas histórias. Discuta com a turma o fato de essa obra de arte ser uma homenagem ao encontro de pessoas, memórias e histórias de vida. Pergunte-lhes o que pensam disso.

## Como a obra foi feita?

A intenção de Maria Bonomi de registrar a história da estação e da cidade foi concretizada no painel de 73 metros de comprimento por 3 metros de altura, composto de mais de uma centena de placas de concreto com desenhos em **alto** e em **baixo-relevo**.

O painel **Epopeia paulista** é feito de concreto pigmentado. As três cores escolhidas para compor o painel têm elementos e significados diferentes. Vamos conhecer um pouco mais sobre cada uma delas?

A cor que ocupa a base do painel é o vermelho, cor da terra rica e produtiva da região cafeeira. A parte do painel constituída por essas peças faz referência a objetos encontrados na seção “achados e perdidos” da CPTM. Ela retrata histórias de acontecimentos importantes e fatos corriqueiros ocorridos com pessoas anônimas que transitavam por ali. A artista resgata nessa parte do painel a memória da imigração europeia, representando, portanto, o passado.

A parte de cima do painel tem cor amarela. Essas peças remetem às terras nordestinas e registram a chegada do migrante nordestino a São Paulo, representando assim, o presente. Para isso, as peças foram gravadas com inspiração nas ilustrações dos folhetos de cordel, manifestação cultural tradicional do Nordeste brasileiro. Entalhadores especializados nessa técnica foram convidados a participar da produção dessa parte do painel.

### alto-relevo:

relevo em que as figuras estão acima da superfície.

### baixo-relevo:

relevo em que as figuras estão abaixo da superfície.



▶ Detalhe de **Epopeia paulista** na cor que representa a terra vermelha do Sudeste brasileiro.



▶ Detalhe da faixa de placas amarelas do painel **Epopeia paulista**, inspirada no cordel nordestino.

86

UNIDADE 2 ▶

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

## A BNCC nestas páginas

### Contextos e práticas

BNCC EF15AR01

### Matrizes estéticas e culturais

BNCC EF15AR03

Neste momento, os alunos terão a oportunidade de apreciar o trabalho de Maria Bonomi, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético, além de reconhecer e analisar a influência de distintas matrizes estéticas e culturais nessa manifestação artística.



Finalmente, a terceira faixa do painel é constituída de peças de concreto branco, representando o futuro, a história coletiva a ser construída. Essa parte mostra, além de objetos que podem ser identificados, linhas que atravessam as outras cores do painel. Para você, o que a artista quer dizer com essas linhas que atravessam futuro, passado e presente, como estão representados no painel?



► Detalhe da faixa de placas brancas do painel **Epopéia paulista**, representando a página da vida a ser criada, portanto em branco.

Para produzir esse imenso painel, Maria Bonomi coordenou uma equipe de dezenas de artistas voluntários, que vieram de diversas cidades brasileiras e de outros países.

Utilizando a técnica da **gravura**, esses artistas entalharam peças de madeira, que, mais tarde, serviram de **matrizes** para a impressão de baixos-relevos no painel de concreto, contando, também, com a ajuda dos operários responsáveis pela reforma da Estação da Luz.

► **gravura:**

técnica artística que permite que um mesmo desenho seja reproduzido várias vezes. O desenho ou figura é feito em uma matriz, que recebe uma camada de tinta para que, assim, possa ser impresso em muitos suportes diferentes.

► **matriz:**

peça usada para gravar o desenho.



► As imagens mostram o processo de criação da obra **Epopéia paulista**, em São Paulo, 2004.



**Sugestão de...**

**Livro**

LAUDANNA, Mayra. *Maria Bonomi: da gravura à arte pública*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2007.

Dividido em três partes, o livro documenta a produção de Maria Bonomi, desde seu início nos anos 1950 até os dias atuais.

**Texto complementar**

[...]

A arte hoje em dia tem que ser política. E é uma política de arte. E nós não podemos chegar tarde. O mundo inteiro está fazendo isso. Percebeu a dívida. Não podemos excluir pessoas de sua própria sensibilidade, ou negar meios a elas de se encontrarem num outro plano. Mesmo que elas optem por outras coisas, elas devem ter a chance. É como você ter acesso à saúde, à higiene, à alfabetização.

Eu sei de eventos que custam mais do que uma biblioteca, ou mais do que uma obra de arte pública, que são coisas que realmente transformam. Essa ideia de evento consome muita grana, e isso num país pobre onde é preciso que sejam feitas coisas que não conseguimos fazer. Na minha opinião, a gente teria que ter cada vez menos eventos e cada vez mais fatos culturais. As verbas deveriam ser dirigidas para coisas que permanecem.

Esforços para que as coisas acontecessem física e permanentemente. Sair do cultural-efêmero para o cultural-substância? Uma situação que até pode incluir o efêmero, mas não somente ele. Eu tenho muito medo da cultura efêmera, que é um pouco a tendência de Brasília hoje. Vamos fazer os grandes festivais. E daí? E depois? Por que não, então, mais espetáculos de longa temporada e mais salas de espetáculos? Por que não uma verba para bibliotecas, orquestras e longas temporadas de concertos populares?

Onde é que se pode falar disso? Na internet? Onde é que eu vou ser ouvida? Essas coisas são contradições muito grandes que são duras de digerir. Há um Brasil de costas para o Brasil. E é o Brasil cultural. É algo que sentimos na carne. Nós individualmente vamos além do que se poderia ir se as entidades estivessem participando.

BONOMI, Maria. Disponível em: <[www.mariabonomi.com.br/escritos\\_decenio\\_2000.asp](http://www.mariabonomi.com.br/escritos_decenio_2000.asp)>. Acesso em: 3 dez. 2017.

Leia o texto e observe a imagem com os alunos, procurando discutir com eles as particularidades do processo de produção dessa obra. Questione de que maneira a forma escolhida pela artista para produzir a obra dialoga com as ideias de arte pública e de arte coletiva. Retome com eles também a questão central da unidade e discuta que lugar foi construído pela artista com a produção de **Epopeia paulista**.

O texto complementar reproduzido nestas páginas fornece mais informações sobre o processo de produção da obra.

## ◆ A BNCC nestas páginas

### Contextos e práticas

BNCC EF15AR01

### Elementos da linguagem

BNCC EF15AR02

Neste momento, os alunos vão identificar e apreciar formas distintas das artes visuais e explorar elementos constitutivos dessa linguagem, como as noções de figura e fundo e de relevo.

Era preciso muito espaço para a produção de uma obra de tamanha proporção.

As matrizes, então, foram confeccionadas no Anexo do Museu de Arte Contemporânea de São Paulo (MAC-USP), onde a artista instalou um ateliê coletivo.

Durante o período de confecção da obra, Maria Bonomi ofereceu oficinas para grupos de crianças e de pessoas com deficiência, que, além de conhecerem o processo de trabalho dos artistas, também puderam contribuir com a produção de algumas partes do painel.

Com a participação de tantas pessoas, o processo criativo da obra acabou por espelhar o processo de construção da cidade de São Paulo, que reuniu gente de diversas partes do Brasil e do mundo.

Depois de pronto, o painel foi fixado na passagem entre as plataformas de trem e de metrô da Estação da Luz, presenteando, assim, milhares de pessoas que transitam por ali todos os dias com a possibilidade de ver e de sentir a obra.



▶ Processo de criação da obra **Epopeia paulista**, em São Paulo, 2004.

## ▶ Saiba mais ▶

Desde a década de 1960, muitos artistas questionam a relação entre as obras de arte e o público e não aceitam mais a ideia de tê-lo no lugar de mero espectador.

As pessoas passaram a ser convidadas, então, a interagir com as obras, tocando, vestindo ou mesmo construindo partes do trabalho com os artistas.

A arte passou também a fazer parte de locais públicos, não se restringindo a museus e a galerias, em uma tentativa de propor às pessoas novas maneiras de percepção e de interação com o espaço ao redor. Segundo Maria Bonomi:

Não dá mais para pensar em fazer uma obra na calma do teu quarto e dar para colecionador, por exemplo, que vai ficar olhando para ela. De repente, eu me aproximei muito de certas pessoas que procuravam o sonho, o convívio. Eu não acredito que o desenvolvimento da arte se dê de outra maneira que não por meio da arte pública. Eu acho que é o único caminho. Arte pública, arte coletiva.

Disponível em: <[www.mariabonomi.com.br/escritos\\_decenio\\_2000.asp](http://www.mariabonomi.com.br/escritos_decenio_2000.asp)>. Acesso em: 8 nov. 2017.

## ◆ Texto complementar

[...] No exercício de execução da obra, a memória também está presente e materializa-se em novos objetos, tais como as formas e os moldes que constituem o painel. A artista compartilha as suas experiências com muitas pessoas e juntas concebem cada parte da obra, transformando o trabalho ético e criador – último reduto do transformar a matéria em cultura.

[...] O ateliê-residência, instalado no Museu de Arte Contemporânea, recebe contribuições de diversas pessoas: uma “obra de mil mãos” (Leão, 2004, p. 7), como a artista gosta de denominar o painel.

Na oficina do Museu de Arte Contemporânea, o público pode vivenciar a obra de quatro formas:

- seção de trabalho livre: observação do processo de realização do painel, através de agendamento prévio;
- operário-artista: o Museu de Arte Contemporânea seleciona jovens xilogravadores, estudantes da Universidade, que se tornam colaboradores da equipe de Maria Bonomi nas atividades de gravação de matrizes;
- interlocutores: todos os dias, a artista ou sua equipe conversam com um pequeno grupo de pessoas interessadas na obra;

## Linguagem visual

Agora que você já conhece a obra **Epopéia paulista**, de Maria Bonomi, e aprendeu sobre a construção de um painel coletivo, que tal aprender mais sobre a linguagem visual e seus elementos?

### Figura e fundo

Em uma obra de arte visual, chamamos de **fundo** o entorno da **figura** que se pretende destacar, a figura principal.

Observe na imagem ao lado como o fundo do mosaico ressalta a figura do imperador retratado.

O que a cor dourada expressa para você?

### Relevo

Os **relevos** são figuras esculpidas em uma superfície plana. Assim, dizemos que as figuras estão em **alto-relevo** quando aparecem bem destacadas acima da superfície e em **baixo-relevo** quando são definidas por **sulcos** feitos na superfície.

Observe ao lado um exemplo de alto-relevo.

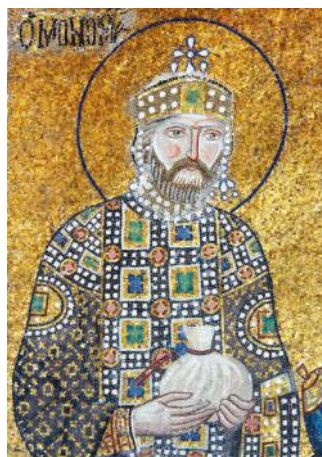
O que você identifica nessa imagem?

**sulco:**  
marca alongada e profunda feita em algum tipo de material.

Agora, veja ao lado um exemplo de baixo-relevo.

Como a cabeça das pessoas está posicionada? E o tronco? E os pés?

► Baixo-relevo em pedra no sarcófago da rainha Kawit, da 11ª dinastia egípcia (c. 2061-2010 a.C.).



► Neste mosaico bizantino da Basílica de Santa Sofia, em Istambul, na Turquia, a figura do imperador Constantino IX (governante de 1042 a 1055) é destacada pelo fundo dourado.



► Alto-relevo em mármore no Partenon (c. 447-432 a.C.), em Atenas, Grécia. As figuras esculpidas representam carregadores de água.



- público especial: como o painel proposto por Maria Bonomi para a Estação da Luz proporciona uma “leitura tátil” das gravações em alto e baixo relevo, a oficina do Museu de Arte Contemporânea atende o público portador de deficiências visuais.

Na oficina do Museu de Arte Contemporânea, as matrizes são desenhadas e escavadas. São cerca de 980 matrizes, entre objetos e gravuras de cordel: 185 placas são gravadas a partir de mais de 700 desenhos de objetos e imagens de cordel.

[...] Em etapa posterior ao ateliê do Museu de Arte Contemporânea, as matrizes transformam-se em formas de MDF.

OLIVEIRA, Alecsandra Matias de. *Epopéia paulista*: a experiência do ateliê-residência no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo. Disponível em: <<https://midas.revues.org/654>>. Acesso em: 3 dez. 2017.

## Linguagem visual

Faça a leitura em voz alta do texto sobre elementos da linguagem visual. Peça que os alunos acompanhem a leitura no livro. Chame a atenção para as imagens e analise-as com a turma, ressaltando os elementos mencionados no texto que aparecem em cada uma delas. Permita que eles manifestem suas opiniões e esclareça as possíveis dúvidas que surgirem.

Aproveite a ocasião para estimular os alunos a observar os elementos formais da linguagem visual presentes à sua volta, seja na sala de aula, no pátio ou no entorno da escola, por exemplo. Despertar a percepção é importante para o aprendizado das linguagens artísticas. Se possível, leve para a sala de aula exemplos de altos e baixos-relevos e matrizes de gravura para que os alunos possam conhecê-los e manipulá-los.

### Figura e fundo

Diferenciar figura e fundo é um recurso essencial para analisar qualquer obra de arte visual. Chamamos de fundo a parte da obra que parece mais afastada em relação aos elementos destacados em primeiro plano. Apresente a imagem do mosaico bizantino da Basílica de Santa Sofia e explique que a figura do imperador Constantino IX é destacada pelo fundo dourado.

### Relevo

Os dois relevos apresentados na seção são representativos da arte de diferentes épocas e culturas da Antiguidade. Peça aos alunos que descrevam as imagens e incentive-os a identificar as semelhanças e as diferenças entre elas. Em seguida, explique as diferenças entre as obras, ressaltando os conceitos de alto e de baixo-relevo.

As duas obras foram produzidas em pedra, com o uso de ferramentas que cortam, lixam e raspam. No alto-relevo, como em um entalhe, o artista lasca, raspa, lixa e arranha a pedra até que as figuras surjam. Já no baixo-relevo, o artista faz incisões na pedra, como se estivesse traçando as linhas de um desenho em um pedaço de papel.

## Atividade prática

Organize-se com antecedência para a atividade, planejando o tempo e os recursos necessários para realizá-la. A fim de evitar imprevistos, sugerimos que você faça um teste em casa e verifique aspectos como o ponto da massa.

No dia de executar a proposta, oriente os alunos a forrar as mesas. É importante que eles usem aventais ou camisas velhas e largas para não sujar o uniforme. Disponibilize materiais de higiene, como papel toalha ou pedaços de tecido para limpeza das mãos. Para mais orientações sobre o ambiente de aprendizagem, consulte o **Manual do Professor – Orientações Gerais**.

Se na escola houver cozinha com forno, utilize-a para a etapa de assar as placas. Se não for possível, peça que os estudantes tragam de casa as peças já prontas para pintar na escola. Nesse caso, lembre-se de avisar os responsáveis e familiares dos alunos com antecedência, para que possam se programar.

Ao término da atividade, você pode organizar uma exposição na sala de aula para que todos vejam as obras produzidas. Após a exposição, a turma pode realizar uma roda de discussão, a fim de comentar os trabalhos.

## A BNCC nestas páginas

### Contextos e práticas

BNCC EF15AR01

### Elementos da linguagem

BNCC EF15AR02

### Materialidades

BNCC EF15AR04

Neste momento, os alunos terão a oportunidade de identificar e apreciar formas distintas das artes visuais, explorar e reconhecer elementos constitutivos dessa linguagem e experimentar diferentes formas de expressão artística em uma atividade prática.

## Atividade prática

Vamos esculpir em baixo-relevo?

1 Primeiro, prepare a massa de modelar: dentro de um recipiente, misture a farinha, o sal e a água até obter uma massa homogênea que desprenda facilmente das mãos.



Paulo Marini/Arquivo da editora

2 Sobre uma superfície lisa, abra a massa e forme uma placa com aproximadamente 5 centímetros de espessura. Use o palito de sorvete para escavar essa placa, criando um desenho em baixo-relevo. Deixe secar.



Paulo Marini/Arquivo da editora

### Material necessário

- uma xícara de farinha de trigo
- meia xícara de sal
- um quarto de xícara de água
- palito de sorvete
- tinta plástica em diversas cores

3 Com a ajuda de um adulto, coloque a peça no forno (da cozinha de casa ou da escola) em temperatura bem alta e espere 15 minutos – a massa poderá crescer um pouco.



Paulo Marini/Arquivo da editora

4 Depois de retirar a peça do forno, outra vez com a ajuda de um adulto, deixe-a esfriar. Em seguida, você pode pintá-la com tinta plástica.



Paulo Marini/Arquivo da editora

## 90 UNIDADE 2

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

### Sugestão de atividade complementar

Você pode pedir aos alunos que produzam também uma peça em alto-relevo. Para isso, solicite que façam mais uma receita da massa e formem outra placa de aproximadamente 5 centímetros de espessura. Oriente que não usem toda a massa para compor a placa. Com a massa que sobrar, os estudantes devem modelar rolinhos, bolinhas, cubos e o que mais a imaginação mandar. O próximo passo é colar as modelagens na placa usando clara de ovo crua, aplicada com um pincel. Depois que a montagem secar, auxilie-os a colocar a peça no forno por 15 minutos, em temperatura alta. Quando a peça esfriar, os alunos deverão pintá-la usando tinta plástica.

## Gravura

A gravura é uma técnica artística que permite que um mesmo desenho seja reproduzido várias vezes. O desenho ou figura é feito em uma matriz, que recebe uma camada de tinta para que, assim, possa ser impresso em muitos suportes diferentes, como um carimbo.

As gravuras variam conforme o tipo da matriz, que pode ser uma placa de madeira (xilogravura), de metal (calcogravura), de pedra (litogravura), de argila (argilogravura), de isopor (isoporgravura), etc. No caso da xilogravura, da calcogravura e da litogravura, é necessário utilizar uma **prensa** para que a tinta da matriz seja transferida para o papel.

**prensa:**  
aparelho que pressiona a matriz sobre o papel.

### Saiba mais

Em geral, uma gravura é reproduzida muitas vezes, até que sua matriz fique gasta e seja inutilizada.

Do lado esquerdo inferior da reprodução, costumamos encontrar o número da cópia e a **tiragem** da série. Na imagem vemos a 22ª cópia de uma tiragem de sessenta gravuras. Do lado direito, o artista assina e, em geral, registra a data.

**tiragem:**  
quantidade de cópias.



► **Grassmann IX**, de Marcelo Grassmann, c.1960 (gravura em metal de 39 cm x 53,5 cm, reprodução 22/60).

## Gravura com figura em alto-relevo

Para fazer gravura em alto-relevo, a figura é gravada acima da superfície da placa. Assim, quando o artista passa a tinta na matriz, o alto-relevo a retém.

► Matriz de isopor esculpida em alto-relevo ao lado da respectiva gravura.



► CAPÍTULO 4 91

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

### Sugestão de...

#### Livro

CANTON, Katia. *Gravura aventura*. São Paulo: DCL, 2012.

No livro, por meio de textos e fotos, o leitor aprende mais sobre os diferentes tipos de gravuras e aprende a fazer uma.

## Gravura

Promova a leitura compartilhada do texto e esclareça eventuais dúvidas. A gravura é uma técnica que pode ser usada em diferentes contextos, não só na arte. Ressalte que uma de suas principais características é a reprodução de imagens em série.

### Texto complementar

Gravura é o termo que designa, em geral, desenhos feitos em superfícies duras – como madeira, pedra e metal – com base em incisões, corrosões e talhos realizados com instrumentos e materiais especiais. Ao contrário do desenho, os procedimentos técnicos empregados na gravura permitem a reprodução da imagem. Nessa medida, uma gravura é considerada original quando resultado direto da matriz criada pelo artista, que com essa base imprime a imagem em exemplares iguais, numerados e assinados. Em função da técnica e do material empregados, a gravura recebe uma nomenclatura específica: litografia, gravura em metal, xilogravura, serigrafia etc.

O Brasil conhece uma série de artistas, de distintas gerações, que têm seus nomes associados diretamente à gravura, como Oswaldo Goeldi (1895-1961), Lívio Abramo (1903-1992), Marcelo Grassmann (1925), Evandro Carlos Jardim (1935), Carlos Oswald (1882-1971), entre outros. Lasar Segall (1891-1957), responsável por uma obra ampla e variada, possui significativa produção no campo da gravura. Além disso, a gravura aparece como meio de expressão privilegiado em contextos precisos: no Clube de Gravura de Porto Alegre, dirigido por Carlos Scliar (1920-2001) – em que a técnica é exercitada a partir de temáticas sociais e políticas –, e no Ateliê Coletivo, criado e dirigido pelo escultor Abelardo da Hora (1924), em Recife, que produz, sobretudo, xilogravuras, inspiradas diretamente na cultura popular nordestina.

GRAVURA. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2017. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo4626/gravura>>. Acesso em: 3 dez. 2017.

## Atividade prática

Para realizar a atividade, é importante observar algumas particularidades, como a consistência da tinta e a quantidade a ser colocada na matriz, a pressão exercida ou o tipo de papel ou tecido que vão receber a imagem. Excesso ou falta de tinta e muita ou pouca pressão são variações que podem interferir na impressão, produzindo manchas, borrões, texturas e outros resultados interessantes.

A característica principal do carimbo a ser explorado nesta atividade é a reprodutibilidade. Uma pintura, assim como um desenho, é essencialmente única: não é possível produzir dois ou mais trabalhos idênticos. O carimbo pode ser usado para multiplicar figuras, letras, símbolos e marcas, além de fazer essas imagens carimbadas circularem por muitas pessoas e em diferentes contextos.

Essa característica pode ser explorada na elaboração de imagens nas quais a repetição proporciona diversas combinações e composições. Você pode sugerir, por exemplo, que os alunos carimbem várias cópias da mesma imagem e depois trabalhem sobre elas com diferentes materiais de desenho, colagem e pintura.

Depois da atividade, monte uma caixa com os carimbos confeccionados pelos alunos para que eles integrem o acervo de materiais artísticos da turma.

## A BNCC nestas páginas

### Contextos e práticas

BNCC EF15AR01

### Elementos da linguagem

BNCC EF15AR02

### Materialidades

BNCC EF15AR04

Neste momento, os alunos terão a oportunidade de identificar e apreciar formas distintas das artes visuais, explorar e reconhecer elementos constitutivos dessa linguagem e experimentar diferentes formas de expressão artística em uma atividade prática.

## Atividade prática

Que tal uma gravura feita com canudos?

- 1 Crie formas com os canudos de plástico, colando-os sobre a cartolina. Você pode cortar os canudos em diferentes tamanhos para executar esse trabalho.



### Material necessário

- canudos de plástico
- tesoura com pontas arredondadas
- cola branca
- meia folha de cartolina
- pincel largo
- tinta guache
- folha de papel sulfite

- 2 Com o pincel, passe uma grossa camada de tinta guache sobre os canudos.



- 3 Antes que a tinta seque, coloque a folha de papel sulfite delicadamente sobre a colagem (que servirá como uma matriz em relevo); depois, retire-a e observe o resultado.



92 UNIDADE 2

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

## Sugestão de...

### Leitura

PEREIRA, Ramon Carvalho. *Aprendizagem por meio de oficinas de xilogravura com recursos alternativos*. Monografia (Artes Plásticas). Brasília: Universidade de Brasília, 2013.

No trabalho, o autor relata a realização de oficinas de xilogravura utilizando recursos alternativos, como óleo residual de cozinha para produzir tintas.

## Gravura com figura em baixo-relevo

Para fazer gravura em baixo-relevo, a figura é gravada abaixo da superfície da placa. Neste caso, existem duas possibilidades.

Na primeira delas, o artista passa a tinta em toda a matriz, limpa a superfície e a tinta fica apenas nos sulcos.

Assim, quando o papel entra em contato com a matriz entintada, o desenho dos sulcos passa para ele.

A figura fica colorida e o fundo, sem cor.



Foto: Paulo Menezes/Arquivo da editora

► Matriz de metal esculpida em baixo-relevo ao lado da respectiva gravura.

Na segunda possibilidade de gravura em baixo-relevo, a superfície da matriz recebe a tinta, que praticamente não entra nos sulcos. Assim, quando o papel entra em contato com a matriz entintada, o que se transfere para ele é a tinta que cobre o fundo, deixando o desenho vazado, ou seja, nesse caso, o fundo fica colorido e a figura, sem cor. Observe:



Foto: Paulo Menezes/Arquivo da editora

► Matriz de isopor esculpida em baixo-relevo ao lado da respectiva gravura.

Em todos os casos, o desenho que está na matriz fica invertido na cópia em papel, como se fosse um espelho.

► CAPÍTULO 4 93

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

## Gravura com figura em baixo-relevo

A gravura é um processo de produção que permite multiplicar uma imagem muitas vezes. Se julgar conveniente, aproveite o trabalho com essa técnica para discutir com os alunos as formas de reprodutibilidade e de circulação das obras de arte. Essa é uma questão complexa e que envolve vários aspectos, mas é possível fazer um debate inicial com a turma.

A respeito desse tema, uma referência fundamental é o ensaio “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica”, de Walter Benjamin, do qual reproduzimos um trecho a seguir.

### Texto complementar

Em princípio, a obra de arte sempre foi suscetível de reprodução. O que seres humanos fazem pode ser imitado por outros. Os estudantes copiavam obras como forma de se exercitar, os mestres as reproduziam para divulgá-las, e finalmente outras pessoas as copiavam para ganhar com isso. Diferentemente, as técnicas de reprodução são um fenômeno novo, que ocorre ao longo da história de forma intermitente, em momentos espaçados por longos intervalos, mas com intensidade crescente. [...]

No século XIX a reprodução técnica atingiu tal grau, que não só abarcou o conjunto das obras de arte existentes e transformou profundamente o modo como elas podiam ser percebidas, mas conquistou para si um lugar entre os processos artísticos.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: BENJAMIN, Walter; SCHÖTTKER, Detlev; BUCK-MORSS, Susan; HANSEN, Mirian. *Benjamin e a obra de arte: técnica, imagem, percepção*. São Paulo: Contraponto, 2012. p. 10-11.

## Atividade prática

No dia de executar a proposta, oriente os alunos a forrar as mesas. É importante que eles usem aventais ou camisetas velhas e largas para não sujar o uniforme. Disponibilize materiais de higiene, como papel toalha ou pedaços de tecido para limpeza das mãos. Para mais orientações sobre o ambiente de aprendizagem, consulte o **Manual do Professor – Orientações Gerais**.

Caso sejam utilizados palitos de churrasco para fazer os vincos, é importante que você corte as pontas deles com antecedência, para evitar que os alunos se machuquem ao manuseá-los.

Ressalte aos estudantes que o desenho que está na matriz fica invertido na cópia em papel. Se necessário, faça um primeiro exemplo com eles, para que vejam como é o procedimento.

Depois de realizar a atividade, promova um bate-papo com a turma, a fim de sistematizar alguns conceitos trabalhados até o momento. Reforce que, em arte, os relevos são caracterizados pelas saliências ou depressões em uma superfície e que as gravuras são obtidas por meio de matrizes produzidas com relevos.

## A BNCC nestas páginas

### Contextos e práticas

BNCC EF15AR01

### Elementos da linguagem

BNCC EF15AR02

### Materialidades

BNCC EF15AR04

Neste momento, os alunos terão a oportunidade de identificar e apreciar formas distintas das artes visuais, explorar e reconhecer elementos constitutivos dessa linguagem e experimentar diferentes formas de expressão artística em uma atividade prática.

## Atividade prática

Vamos utilizar o isopor como matriz?

- 1 Use a tesoura para recortar sua placa de isopor. Com o lápis de cor ou o palito de churrasco, crie um desenho sobre ela, procurando fazer os sulcos com diferentes profundidades.



### Material necessário

- tesoura com pontas arredondadas
- uma placa de isopor (pode ser o fundo de uma bandeja de alimentos higienizada)
- lápis de cor com ponta grossa ou palito de churrasco com a ponta cortada
- pincel esponja de 50 milímetros
- tinta guache
- folha de papel sulfite

- 2 Com o pincel esponja, passe uma camada de tinta guache bem espessa sobre o desenho feito no isopor.



- 3 Antes que a tinta seque, cubra a pintura com a folha de papel sulfite, retire-a e observe o resultado. Uma vez que a matriz esteja pronta, você pode transferir seu desenho para outras superfícies além do papel.



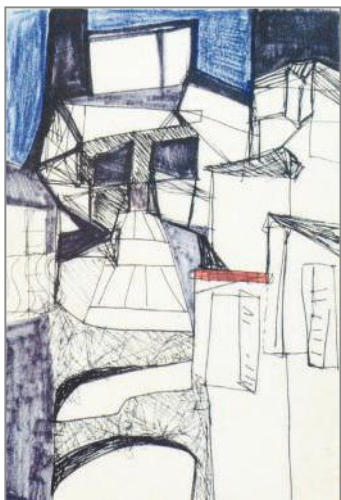


## Outros trabalhos de Maria Bonomi

Maria Bonomi é uma artista visual muito versátil. Para realizar suas obras, utiliza inúmeras técnicas, como desenho, pintura, escultura, gravura, etc.

A artista também cria obras cenográficas para teatro e painéis para residências, além de realizar diversos trabalhos em **arte pública**, entre eles o painel da Estação da Luz.

Vamos conhecer mais algumas obras de Maria Bonomi?



Reprodução/Coleta da artista, São Paulo, SP.

► **Sem título**, 1952 (nanquim e giz de cera sobre papel, de 21 cm x 14 cm).

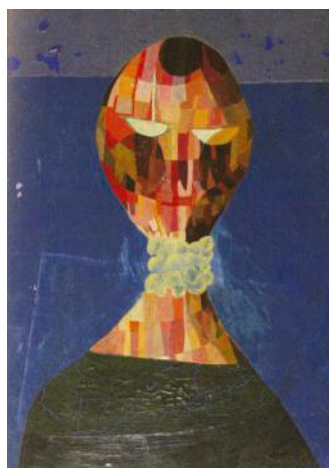


Reprodução/Coleta da artista, São Paulo, SP.

► **Pensamento cristalino**, 1957 (xilografia em cores sobre papel de arroz, de 33 cm x 30,5 cm).

### arte pública:

de maneira geral, refere-se a qualquer intervenção artística realizada em espaço que oferece livre acesso ao público, como ruas, praças, edifícios, etc.



Reprodução/Coleta da artista, São Paulo, SP.

► **Retrato I**, 1954-1955 (óleo sobre tela, de 69,8 cm x 51,2 cm).



Reprodução/Coleta da artista, São Paulo, SP.

► **Estatuto III**, 2001 (litografia sobre papel, de 78 cm x 64 cm).

## Outros trabalhos de Maria Bonomi

Ao realizar a leitura, estimule os alunos a compartilharem suas opiniões sobre as outras produções de Maria Bonomi apresentadas. Se julgar conveniente e houver interesse da turma, proponha uma pesquisa mais aprofundada a respeito de algumas delas.

### Texto complementar

Para Maria Bonomi, o trabalho com a xilogravura é uma experiência que oferece ilimitadas possibilidades de criação artística. Ao expor na 5ª Bienal de Paris, em 1967, na qual recebe o primeiro prêmio, luta para que as gravuras sejam expostas em paredes, e não em balcões ou vitrines, como páginas de livros, o que era usual na época. Assim, modifica-se a relação do público com a gravura, e também do artista no exercício de gravar.

[...]

A artista insiste, ao longo de sua carreira, nas grandes tiragens, que permitem o acesso às obras pelo maior número de pessoas; para tanto utiliza também a litografia. Inova ao produzir em grandes formatos (alguns trabalhos com mais de dois metros de largura), demonstrando o desejo de conferir maior vigor e impacto estético às gravuras. Outro ponto importante em sua obra é a utilização da cor em tonalidades variadas e inesperadas.

[...]

Maria Bonomi é presença importante no cenário da gravura brasileira. Nas palavras de Lívio Abramo: “Vitalidade, veemência, paixão, ousadia formal são as características da obra gráfica desta artista que soube transmitir às suas gravuras a paixão de seus sentimentos e a densa expressividade da síntese formal”.

BONOMI, Maria. In: Associação Profissional de Artistas Plásticos de São Paulo. Disponível em: <<http://www.apap.art.br/associados/304/maria-bonomi/>>. Acesso em: 3 dez. 2017.

Se julgar interessante, comente com os alunos que, nos anos 1960, Maria Bonomi também realizou um reconhecido trabalho com figurino e cenografia de teatro. Uma de suas parcerias artísticas mais importantes foi com o diretor Antunes Filho, com quem foi casada. Leia, a seguir, o comentário do diretor Ademar Guerra sobre essa parceria.

### Texto complementar

[...] Depois de *Doce pássaro*, Antunes Filho volta da Europa e dirige no Pequeno Teatro de Comédia *As feitiças de Salém*, de Arthur Miller, e *Sem entrada e sem mais nada*, de Roberto Freire. Nessa época, Maria Bonomi entra na vida do Antunes. Ela o faz mudar. Maria foi a ponte para Antunes dar seu grande salto qualitativo. A sua influência na carreira dele é muito grande. Eles se conheceram em *As feitiças de Salém* – ela fazia cenário e figurino. Ali Maria começa a ampliar a visão de Antunes. Ela percebe o gênio e o estimula a se abrir para as coisas que ele poderia entender e fazer. Sem Maria, não sei o que seria do Antunes. Ela o ajuda a queimar etapas, de uma forma positiva. O que me impressionou na Maria Bonomi, desde que a conheci, é que está sempre muitos anos à frente. Ela intui as coisas antes que aconteçam. Devia abrir uma tenda, dessas que leem o futuro, tamanha a sua capacidade de se antecipar aos fatos, às tendências.

MARIA Bonomi. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2017. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa8447/maria-bonomi>>. Acesso em: 3 dez. 2017.



► Maria Bonomi e painel **Etnias: do primeiro e sempre Brasil**, instalado no Memorial da América Latina, em São Paulo, 2006.

### Sugestão de...

#### Site

Para apreciar outras obras de Maria Bonomi, visite o site oficial da artista: <[www.mariabonomi.com.br](http://www.mariabonomi.com.br)>. Acesso em: 8 out. 2017.



► Maria Bonomi.

### Sobre a artista

Maria Bonomi nasceu em 1935 na cidade de Meina, na Itália. Em 1945, veio para o Brasil com a família, que fugia da Segunda Guerra Mundial.

A artista visual, que desde muito cedo frequentou importantes círculos culturais em São Paulo e no Rio de Janeiro, estudou desenho, pintura e escultura e conviveu com grandes artistas brasileiros e estrangeiros.

Nas últimas décadas, Maria Bonomi tem se dedicado à realização de trabalhos de arte pública, obras que, além de serem expostas em locais de grande circulação, são concebidas a partir de uma relação estabelecida com esses espaços, sendo, assim, pensadas especialmente para habitá-los.

## Assim também aprendo



O que você achou do trabalho de Maria Bonomi? Gostou de conhecê-lo? Com os colegas e com a ajuda do professor, crie um texto coletivo contando por que gostaram ou não gostaram da obra da artista.

96

UNIDADE 2 ►

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

### Assim também aprendo

Antes de iniciar a escrita do texto coletivo, retome com os estudantes as etapas que podem seguir para construir um texto crítico:

- Identificar aspectos que reconhecem como características marcantes no trabalho de Maria Bonomi.
- Levantar todas as interpretações que fizeram sobre a obra **Epopéia paulista** e sobre os outros trabalhos da artista.

- Argumentar em defesa de seu ponto de vista, explicando as razões pelas quais gostaram ou não da obra.
- Criar um título adequado ao texto que ajude o leitor a antecipar o tipo de crítica que encontrará.

Registre na lousa uma síntese do que foi discutido por toda a turma em cada etapa. Depois, peça aos alunos que copiem o texto produzido em uma folha à parte para arquivá-lo no portfólio.

## Ampliando o repertório cultural

### Sergio Cezar

A obra ao lado foi criada pelo artista visual Sergio Cezar (1957-). Ele a construiu inspirado nas comunidades do Rio de Janeiro.

Repare nos detalhes da obra. Que materiais você acha que foram usados pelo artista?

Essa obra é uma instalação composta de **maquetes** de moradias semelhantes às das comunidades cariocas. Sergio Cezar constrói suas maquetes com sucatas e restos de papelão. Essa instalação ocupa um espaço amplo.

Sergio Cezar reutiliza materiais em suas obras de arte. Em suas mãos, fios velhos, papelão, caixinhas de fósforo, tampas, palitos e muitas outras coisas se transformam em pequenas cidades.

A obra nos faz lembrar que ainda hoje muitas moradias são construídas com materiais frágeis. Porém, também nos ensina sobre a criatividade e o esforço de quem vive nessas comunidades. Além disso, chama a atenção para a importância de reaproveitar materiais.

Veja ao lado uma fotografia da comunidade Santa Marta, no Rio de Janeiro. Você vê semelhanças entre ela e a obra de Sergio? E diferenças? Quais?

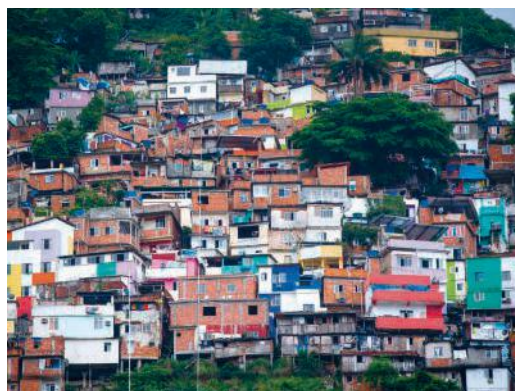
▶ Construções da comunidade Santa Marta, no Rio de Janeiro, 2015.



▶ **Favela da Portelinha** (2007), instalação de Sergio Cezar.

#### maquete:

reprodução em miniatura de um espaço real (um prédio, um jardim, etc.) em que as proporções são mantidas.



## Ampliando o repertório cultural

### Sergio Cezar

Para ampliar seus conhecimentos a respeito do trabalho de Sergio Cezar e de suas motivações, leia a seguir os trechos extraídos de uma reportagem sobre ele publicada em 2012, na revista *Carta Capital*.

#### Texto complementar

##### O gigante que transforma tudo

“Mudo tudo o que encontro pela frente, o que eu faço nunca está terminado.” O “Gigante do Papelão” é assim: está sempre criando, montando, construindo. Nunca para. De suas mãos nascem favelas, casarões coloniais, bairros e cidades. Tudo em miniatura, de papelão e material reciclado. As casas têm sofá, cadeira, mesa, TV, geladeira. Em suas mãos um canudo de refrigerante vira um cano e uma lata de óleo torna-se um caminhão. O “Gigante do Papelão” nasceu Sergio Cezar, no Rio de Janeiro, há 54 anos. Seu poder de provocar mudanças em tudo o que vê chega até as favelas cariocas, onde ele tem o dom de transformar os participantes de suas oficinas, ministradas gratuitamente.

[...]

O “Gigante do Papelão” considera imprescindível ampliar o número de moradores das favelas que se dedicam a criar obras artísticas: assegura que essa atividade pode mesmo transformar as pessoas. “A arte bota a chave na sua mão, ela tem uma grande capacidade de mexer no seu interior, mesmo que você não se torne um profissional”, afirma. Conta que vários alunos dependentes químicos conseguiram dar a volta por cima. “Tudo o que fiz foi colocar a chave em suas mãos; eles tiveram a coragem de abrir e hoje alguns trabalham em informática”, relata.

[...]

MARCOLINI, Adriana. O gigante que transforma tudo. *Carta Capital*, 19 mar. 2012. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/cultura/o-gigante-que-transforma-tudo>>. Acesso em: 3 dez. 2017.

## A BNCC nestas páginas

### Contextos e práticas

BNCC EF15AR01

Neste momento, os alunos poderão apreciar formas distintas das artes contemporâneas, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético.

### Sugestão de...

#### Site

Para saber mais sobre as obras e sobre os projetos realizados por Sergio Cezar, visite o *blog* do artista. Disponível em: <<http://sergiocezar.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 3 dez. 2017.

## J. Borges

J. Borges é considerado um dos Patrimônios Vivos de Pernambuco e foi condecorado com a comenda da Ordem do Mérito pelo presidente Fernando Henrique Cardoso. Também recebeu o prêmio de Ação Educativa/Cultural da Unesco.

### Texto complementar

#### J. Borges

Apesar de ter iniciado sua carreira como cordelista, é pelas xilogravuras que J. Borges se destaca. É considerado pelo escritor Ariano Suassuna (1927-2014) o melhor gravador popular do Brasil. Autodidata, J. Borges desenha direto na madeira e muitas vezes as imagens são feitas de memória. O fundo da matriz é talhado ao redor da figura que recebe aplicação de tinta, tendo como resultado um fundo branco e a imagem impressa em cor.

As xilogravuras de J. Borges não apresentam uma preocupação rigorosa com perspectiva ou proporção, o artista costuma assinar na matriz e, em geral, seus trabalhos não possuem tiragem limitada. Os principais temas de sua obra podem ser separados em quatro grupos. O primeiro diz respeito às personagens fantásticas do imaginário regional, como a mula sem cabeça. No segundo grupo, se encontram personagens famosas de folhetos de cordel, como o Pavão Misterioso. No terceiro estão personagens e temas emblemáticos da cultura nordestina: Lampião, Padre Cícero, a seca, a festa de São João, etc. E, por fim, o quarto grupo apresenta temas do cotidiano, como os bares, as brigas de galo, as cerimônias ecumênicas e a política.

J. Borges. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2017. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa8837/j-borges>>. Acesso em: 3 dez. 2017.

## J. Borges

O pernambucano José Francisco Borges, ou J. Borges (1935), como é conhecido, é um dos maiores representantes da literatura de cordel no Brasil. Nascido na cidade de Bezerros, no estado de Pernambuco, aos 10 anos já confeccionava colheres de pau, mostrando sua aptidão para a produção artística. Em 1964, começou a escrever seus folhetos de cordel e a fazer as xilogravuras para ilustrar suas histórias em forma de poema. Com o passar dos anos, desenvolveu-se nessa técnica e ilustrou todos os cordéis que publicou ao longo da vida.

A literatura de cordel faz parte das manifestações tradicionais de nosso país. O cordel é um pequeno livro, geralmente escrito em versos com rimas, que conta histórias muitas vezes reais e ligadas à cultura e às tradições da região. Inicialmente, essa arte era feita à mão e, em seu processo de produção, utilizava-se apenas a técnica da gravura para imprimir tanto os textos como as ilustrações.

Atualmente, muitos cordelistas também utilizam outras técnicas para produzir cordéis, como a **tipografia** e a **fotocópia**, mas mantêm as características dessas publicações.

Além de escrever a história em versos com rimas e ilustrá-las, alguns cordelistas vendem suas produções em feiras livres, muitas vezes cantando a história de seu livreto, acompanhados de uma viola.

O nome “literatura de cordel” faz referência ao modo como essa arte é exposta e comercializada, geralmente pendurada em barbantes, cordas ou cordéis.



▶ Livretos de cordéis pendurados no barbante, Aquiraz, Ceará, 2016.



▶ J. Borges entalhando xilogravura, Bezerros, Pernambuco, 2012.

# EXPERIMENTAÇÃO

Vamos pôr as mãos na massa para fazer uma gravura a partir de uma matriz de argila? O tema pode ser “A cidade”.

## Material necessário

- folhas de jornal
- fita adesiva
- 250 gramas de argila (aproximadamente)
- rolo de macarrão
- régua
- esquadro
- lápis
- faquinha de plástico
- saco plástico
- palitos de churrasco e de dente
- rolinho de pintura
- tinta plástica
- pratinho de plástico resistente para colocar a tinta
- folhas de papel sulfite

1 Antes de começar o trabalho, forre a mesa com folhas de jornal, prendendo-as com a fita adesiva.



2 Para preparar a matriz, amasse muito bem a argila. Para isso, faça uma bola e bata nela com a palma das mãos até retirar todas as bolhas de ar da massa.



3 Abra a massa com o rolo de macarrão até obter uma placa de aproximadamente dois centímetros de espessura.



4 Caso queira deixar sua matriz quadrada, por exemplo, você pode usar a régua, o esquadro e um lápis para marcar o contorno. Depois, corte com a faquinha de plástico as bordas marcadas.



99

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

## Sugestão de...

### Livro

KLEM, Dilma Marques Silveira et. al. *Experiências contemporâneas em gravura*. Montes Claros: Instituto Arte na Escola – Polo Arte na Escola da Universidade Estadual de Montes Claros, 2013. Disponível em: <<http://artenaescola.org.br/sala-de-leitura/artena-escola-edicoes/livro.php?id=72841>>. Acesso em: 3 dez. 2017.

O livro, em formato e-book, descreve as principais modalidades de gravura e apresenta instruções para sua produção, com passo a passo ilustrado.

## Experimentação

Para realizar a proposta sugerida no Livro do Estudante, você deverá reservar pelo menos duas aulas: uma para a produção da matriz de argila e outra para a incisão da placa e a impressão dos papéis. É preciso que você demonstre todos os procedimentos aos alunos.

Além de forrar as mesas, é importante que os alunos usem aventais ou camisetas velhas e largas para não sujar o uniforme. Disponibilize materiais de higiene, como papel toalha ou pedaços de tecido para limpeza das mãos. Para mais orientações sobre o ambiente de aprendizagem, consulte o **Manual do Professor – Orientações Gerais**.

Mais uma vez, ressalte para os estudantes que o desenho que está na matriz fica invertido na cópia em papel. Além da faca de plástico, eles também podem usar outros materiais para fazer as incisões na placa de argila, como tampas plásticas ou palitos de sorvete.

Se julgar interessante, proponha que a turma explore sobreposições e misturas de cores usando a mesma matriz. Dessa maneira, é possível criar diferentes visualidades a partir da mesma imagem, ampliando a possibilidade do uso do carimbo na construção de texturas e de estampas.

Ao término da experimentação, realize uma roda de conversa com a turma, para que eles falem sobre as produções realizadas e comentem os materiais e as técnicas empregadas.

## A BNCC nestas páginas

### Contextos e práticas

BNCC EF15AR01

### Elementos da linguagem

BNCC EF15AR02

### Materialidades

BNCC EF15AR04

Neste momento, os alunos terão a oportunidade de identificar e apreciar formas distintas das artes visuais, explorar e reconhecer elementos constitutivos dessa linguagem e experimentar diferentes formas de expressão artística.

## Expondo

O trabalho coletivo em arte é algo muito rico e estimulante, principalmente para os alunos do Ensino Fundamental I. Juntos, os estudantes podem criar obras de arte de grande porte.

Nesta experimentação, além de usar papel paraná ou papel kraft para montar o painel, os alunos também podem imprimir as reproduções diretamente sobre um lençol ou pedaço de tecido. Nesse caso, será necessário utilizar tinta de tecido na matriz. Se julgar interessante, proponha essa alternativa aos alunos.

## Registrando

Se possível, solicite aos alunos o registro fotográfico de todo o processo de produção e da obra pronta. Eles podem usar câmeras fotográficas ou o telefone celular. Seria interessante também imprimir algumas das fotografias para que eles arquivem no portfólio.

## A BNCC nestas páginas

### Elementos da linguagem

BNCC EF15AR02

### Materialidades

BNCC EF15AR04

### Processos de criação

BNCC EF15AR05

Neste momento, os alunos terão a oportunidade de explorar e reconhecer elementos constitutivos das artes visuais e experimentar diferentes formas de expressão e de criação nessa linguagem de modo coletivo e colaborativo.

- 5 Envolve a placa de argila em um saco plástico e deixe descansar por uma semana. Depois desse período, ela estará pronta para servir de matriz da gravura.



- 6 Escave a argila com o auxílio da faquinha de plástico para produzir um desenho em baixo-relevo. Use os palitos de churrasco e de dente para os detalhes. Você pode desenhar um objeto, uma pessoa, um animal, um lugar ou qualquer coisa que lhe remeta ao tema "A cidade". Feito isso, sua matriz está pronta para gravar.



- 7 Passe o rolinho no prato com a tinta e pinte a matriz com uma generosa camada de tinta.



- 8 Coloque uma folha de papel sulfite delicadamente sobre a matriz ainda molhada de tinta, retire-a em seguida e observe o resultado. Sua gravura está pronta! Reproduza quantas cópias quiser, mas lembre-se de numerar e assinar todas elas.



## Expondo

- Com os colegas, organize uma exposição de gravuras. Para formar um grande painel, é possível usar como suporte folhas de papel paraná ou papel kraft. Com o painel pronto, escolha com a turma um ambiente da escola para deixá-lo exposto – de preferência um local por onde passe muita gente.

## Registrando

- Fotografe o painel coletivo. Assim, além de uma cópia da gravura, você poderá arquivar em seu portfólio um registro do painel.

100

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

# O QUE ESTUDAMOS

- Em arte, os relevos são um tipo de desenho que se realiza alterando uma superfície plana.
- As matrizes utilizadas para a produção de gravuras podem ter desenhos em alto ou em baixo-relevo.
- As artes visuais também podem ser expostas em espaços públicos e ser apreciadas por todos.
- A apreciação e a produção artísticas podem aproximar as pessoas, mostrando que arte também é participação.



## Dica de visitação

Na cidade em que você vive existem obras de arte expostas em locais públicos? Se houver, não deixe de visitá-las na companhia do professor e dos colegas! Aproveite a ocasião para fazer um registro da memória do lugar.

## É hora de retomar o portfólio



Guarde no portfólio um registro escrito do que você aprendeu neste capítulo. Para isso, responda às questões a seguir:

1. Depois do que vimos neste capítulo, o que você aprendeu a respeito da gravura e da arte pública?
2. Você ficou satisfeito com as suas produções artísticas? Você considera que elas expressam suas opiniões, seus sentimentos e suas emoções? Por quê?
3. Quais foram suas maiores dificuldades ao longo do projeto, tanto na escola quanto em casa?

» O QUE ESTUDAMOS

101

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

## O que estudamos

Inicie o trabalho com esta seção promovendo a leitura coletiva da síntese dos conceitos estudados. Retome com os alunos os trabalhos de Maria Bonomi apresentados no Livro do Estudante e incentive-os a identificar aspectos que os fizeram gostar ou não das obras. Essa conversa pode ser feita coletivamente ou em pequenos grupos. Se julgar interessante, encerre a ati-

dade registrando na lousa uma síntese coletiva do que foi discutido.

Incentive-os a refletir sobre seu desempenho nos estudos e a compartilhar as avaliações que fizerem. Faça uma roda com todos os alunos sentados no chão. Eles podem estar com seus livros. Peça a eles que digam aquilo que de mais importante estudaram e aprenderam no capítulo. Por fim, faça um registro coletivo dessa conversa.

## É hora de retomar o portfólio

Antes de orientar os alunos a responder às questões propostas, converse com eles sobre o percurso que fizeram durante o estudo deste capítulo. Retome com a turma a lista que foi feita no início do bimestre; assim eles terão mais condições de perceber o que foi aprendido até agora. Verifique, também, o aprendizado dos alunos analisando seus portfólios e a participação em sala a partir dos critérios observáveis a seguir:

- O aluno reconhece e distingue os elementos das artes visuais estudados?
- O aluno utiliza elementos constitutivos das artes visuais em suas produções de maneira consciente, mobilizando seu repertório imagético?
- O aluno avalia o uso das propriedades das artes visuais em suas produções, reconhecendo suas estratégias de construção?
- O aluno compara e avalia os resultados de suas pesquisas e experimentações com formas distintas de manifestação das artes visuais, na busca de soluções para expressar suas ideias e seus sentimentos?

Além disso, avalie se o aluno:

- precisa de ajuda para identificar e reconhecer os elementos das artes visuais.
- apresenta facilidade em trabalhar com os diversos elementos constitutivos das artes visuais e suas propriedades, mas ainda precisa de alguma orientação.
- consegue se apropriar e trabalhar com os procedimentos das artes visuais explorados, sem necessidade de supervisão ou de acompanhamento direto.
- explora e pesquisa os elementos constitutivos das artes visuais e reconhece suas propriedades, a partir da apropriação que tem dos procedimentos desenvolvidos na atividade.

## A arte pode construir lugares!

### A instalação interativa de Ernesto Neto

A última parte da unidade tem como objetivo fechar o projeto proposto em seu início, a partir da pergunta: “A arte pode construir lugares?”. Para começar, retome as listas de atividades feitas com os alunos antes de iniciar os capítulos 3 e 4. Pergunte a eles se os itens que propuseram se concretizaram. Pergunte, também, se outros itens que inicialmente não estavam listados foram trabalhados ao longo da unidade, já que a proposta do projeto abre espaço para novas investigações. Então, questione o que acham que farão nesse encerramento e como pensam em resolver a situação-problema proposta, criando uma nova lista. Para essa lista, sugerimos os seguintes tópicos:

- Conhecer uma obra de arte que construa um lugar.
- Conhecer um ou mais artistas que criam instalações.
- Descobrir mais sobre as instalações.
- Criar uma instalação.

Retome os conteúdos da introdução e dos capítulos e, então, inicie a leitura do texto e das imagens sobre a instalação de Ernesto Neto, uma obra de arte que constrói um lugar com o qual o público pode interagir.

Leia com os alunos o texto que apresenta a instalação e esclareça as possíveis dúvidas. Se necessário, aprofunde a explicação sobre o conceito de instalação e faça perguntas que permitam comparar o trabalho de Ernesto Neto a outras obras que conhecem e que já estudaram.

Ao apreciar as imagens, chame a atenção para os elementos que compõem a instalação e para a forma como eles ocupam o espaço. Pergunte aos alunos, por exemplo, qual o limite dessa obra de arte, ou seja, onde começa e onde termina. Peça aos estudantes que mencionem os materiais que conseguem identificar ao observar as imagens

## A arte pode construir lugares!

### A instalação interativa de Ernesto Neto

Ao longo do trabalho com esta unidade, descobrimos que a arte pode nos transportar para outros lugares, outros tempos e outras culturas, revelando aspectos como hábitos e memórias.

Aprendemos que a contação de histórias, acompanhada ou não de gestos, desenhos e música, nos envolve e nos apresenta mitos e lendas de diversas culturas.

Também vimos que as obras de arte visuais podem ser feitas coletivamente, representando assim a cultura de diversas pessoas.

A arte constrói um lugar! Mas será que ela também pode inventar um lugar novo, que nasce na imaginação do artista?

Observe a imagem a seguir.



► Dengo, instalação de Ernesto Neto, no Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, 2010.

e estimule a descrição de como imaginam que se sentiriam ao interagir com a obra.

Procure orientar a turma para que reconheça as diferenças entre observar imagens de uma instalação e realmente interagir com uma. Nesse momento, vale a pena comentar como o contato direto com as obras de arte é importante. Aproveite para estimular idas a museus e a centros culturais.



O que você vê na imagem da página anterior? Que obra é essa? Onde ela está montada?

Essa obra é uma instalação, um tipo de arte feita para ocupar um ambiente específico e que permite a interação do público.



► Detalhes da instalação **Denigo**, de Ernesto Neto, no Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, 2010. Nessa instalação, a interação do público é muito importante!



A instalação lembra algo que você conheça? Que sensação a obra provoca em você? Você gostaria de conhecê-la de perto?

103

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

## ◆ A BNCC nestas páginas

### Contextos e práticas

BNCC EF15AR01

### Processos de criação

BNCC EF15AR23

Neste momento, os alunos terão a oportunidade de identificar e apreciar formas distintas das artes visuais contemporâneas, além de explorar as relações entre diversas linguagens artísticas ao elaborar o produto final do projeto de trabalho proposto na unidade.

Para realizar o trabalho com a seção, é importante pesquisar mais informações sobre a vida e a obra de Ernesto Neto. A seguir, reproduzimos uma análise a respeito da produção do artista.

## Texto complementar

### Ernesto Saboia de Albuquerque Neto (Rio de Janeiro, 1964). Artista multimídia.

[...] No início da carreira, sua trajetória é marcada pelas obras dos artistas José Resende (1945) e Tunga (1952), na exploração da articulação formal e simbólica entre matérias diversas. Mais tarde, passa a utilizar predominantemente meias de poliamida e outros materiais mais flexíveis e cotidianos.

Na segunda metade dos anos 1990, Ernesto Neto realiza esculturas nas quais emprega tubos de malha fina e translúcida, preenchidos com especiarias de variadas cores e aromas, como açafraão ou cravo-da-índia em pó.

As esculturas apresentam alusões ao corpo humano no tecido que se assemelha à epiderme e nas formas sinuosas que se estabelecem no espaço. No final da década de 1990, Ernesto Neto passa a elaborar as “naves”, estruturas de tecido transparente e flexível, que podem ser penetradas pelo público.

[...] O artista cria em suas obras espaços de intercâmbio, que solicitam do espectador a superação da experiência meramente visual, aguçando seus sentidos. O corpo prevalece como eixo de sua proposta. Emprega constantemente formas que se tocam no espaço, estabelecendo sugestões de sensualidade e de união física, presentes em grande parte de sua produção.

ERNESTO Neto. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2017. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa11848/ernesto-neto>>. Acesso em: 3 dez. 2017.

## Que instalação é essa?

Para apreciar a obra de Ernesto Neto com os alunos, é interessante que você esteja familiarizado com o conceito de instalação. A seguir, reproduzimos um texto complementar sobre o assunto.

### Texto complementar

O termo instalação é incorporado ao vocabulário das artes visuais na década de 1960, designando *assemblage* ou ambiente construído em espaços de galerias e museus. As dificuldades de definir os contornos específicos de uma instalação datam de seu início e talvez permaneçam até hoje. Quais os limites que permitem distinguir com clareza a arte ambiental, a *assemblage*, certos trabalhos minimalistas e as instalações? As ambiguidades que apresentam desde a origem não podem ser esquecidas, tampouco devem afastar o esforço de pensar as particularidades dessa modalidade de produção artística que lança a obra no espaço, com o auxílio de materiais muito variados, na tentativa de construir um certo ambiente ou cena, cujo movimento é dado pela relação entre objetos, construções, o ponto de vista e o corpo do observador. Para a apreensão da obra é preciso percorrê-la, passar entre suas dobras e aberturas, ou simplesmente caminhar pelas veredas e trilhas que ela constrói por meio da disposição das peças, cores e objetos.

[...]

INSTALAÇÃO. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2017. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3648/instalacao>>. Acesso em: 3 dez. 2017.

## Que instalação é essa?

Outra característica de uma instalação é que ela é criada para ocupar um espaço por tempo determinado. Terminada a exposição, a obra é desmontada, restando dela apenas registros fotográficos ou vídeos.

O que você acha disso?

O artista brasileiro Ernesto Neto criou a obra **Dengo** para convidar o público a se encontrar e a conviver.

Ela é formada de diversas ilhas de convivência que “escorrem” do teto, criando diferentes possibilidades de interação coletiva. Por exemplo: uma sala de música em que qualquer um pode dar um show e uma coleção de cheiros e perfumes!



► Público interagindo com a instalação **Dengo**, de Ernesto Neto, no Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, 2010.

A estrutura é feita de crochê, um dos modos de trançar fios para criar tecidos. A obra de Ernesto Neto é interativa, pois permite que o público estique os pendentes, sente-se sobre as gotas de tecido ou sinta seus perfumes, por exemplo.

Em sua opinião, por que o artista deu o nome **Dengo** à obra?

## Por que a instalação foi criada?

Para Ernesto Neto, o mundo precisa de carinho, chamego, denago. Por isso, em seu trabalho, o artista cria obras que se transformam em lugares cheios de aconchego, feitas com materiais macios e delicados.

Observe outros trabalhos do artista.

► **Nave**, escultura interativa de Ernesto Neto, feita com tule, um tecido macio e transparente. Museu Guggenheim de Bilbao, Espanha, 2014. O que você imagina que sentiria se estivesse dentro dela?



► Ernesto Neto mostra sua escultura interativa **Humanoides**, no Museu Guggenheim de Bilbao, Espanha, 2014. O que você acha de conversar com alguém envolto por esse material macio e aconchegante?

## Sobre o artista

Ernesto Saboia de Albuquerque Neto nasceu em 1964 no Rio de Janeiro, onde vive até hoje.

Suas obras podem ser consideradas esculturas ou instalações. Feitas de materiais flexíveis e cotidianos – tecidos sintéticos e elásticos, temperos, algodão, bolinhas de chumbo, miçangas, espuma, entre outros –, convidam os visitantes a entrar em seus espaços, a tocá-las e a cheirá-las.



► Ernesto Neto.

## Por que a instalação foi criada?

Ao realizar com os alunos a leitura compartilhada sobre o trabalho de Ernesto Neto, é importante destacar que na produção artística contemporânea já não existe mais uma separação tão rígida entre as diversas linguagens. Você pode perguntar aos estudantes, por exemplo: “Em que linguagem artística vocês acham que Ernesto Neto produz?”; “Que recursos ele utiliza?”; “Qual o papel do corpo e da expressão corporal em seu trabalho?”.

A instalação **Dengo** mostra que o corpo pode interagir com as obras de arte de uma maneira que extrapola os limites das artes cênicas, da música, da dança e das artes visuais. A obra do artista revela uma nova forma de fazer arte, que amplia o campo de produção e de apreciação dessas linguagens.

A interação se caracteriza por ser uma atitude de rompimento de convenções, como as convenções cênicas do teatro, que fazem distinção entre o palco e a plateia, entre o artista e o público. Assim, podemos dizer que obras de arte contemporâneas como a instalação de Ernesto Neto não se definem por técnicas ou procedimentos específicos.

105

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

## Texto complementar

### Dengo

O ambiente de Ernesto Neto convida ao encontro. Diversas ilhas de convivência escorrem de um teto contínuo de crochê, formando diferentes situações coletivas: uma praça com bancos, uma sala de música, uma biblioteca. Nunca estamos isolados: há sempre lugar para mais alguém, mesmo que ainda não tenha chegado.

A estrutura tecida leva o visitante de uma ilha a outra, como se o museu fosse um grande rio abraçado por uma tarrafa oceânica. A paisagem vai se definindo conforme avançamos, pois

cada agrupamento tem cores específicas, cheiros próprios, sons peculiares.

A obra de Ernesto Neto expande a forma dos objetos escultóricos para a experimentação sensorial, pois às vezes lhes esticamos as partes, outras nos sentamos sobre suas gotas, ou enfiamos o nariz em seus perfumes. O material elástico de redes e membranas que compõe a instalação é assim contaminado pela vida do público. Gentil e suave, **Dengo** é um convite ao mergulho numa forma incapturável, cuja liberdade está em mudar a cada novo encontro conosco.

Disponível em: <<http://mam.org.br/exposicao/ernesto-neto-dengo/>>. Acesso em: 3 dez. 2017.

## Fazendo arte

Planeje com antecedência o tempo e os recursos necessários para realizar todas as etapas da proposta.

Para a atividade de reconhecimento do espaço da sala de aula, é importante que os estudantes estejam aquecidos e se sintam à vontade. Antes de iniciar a proposta, sugira alguns exercícios de alongamento e de aquecimento para a turma.

A atividade com barbantes pode ser feita na lousa ou em uma das paredes da sala. Para isso, prepare o local, afastando mesas e cadeiras, e disponha pedaços de barbante colorido de tamanhos variados sobre a sua mesa. Sorteie um aluno para começar e oriente-o a prender o barbante no local que quiser com a ajuda da fita adesiva. Se necessário, auxilie o primeiro aluno a fixar o pedaço de barbante, para que os outros entendam o procedimento.

Em seguida, chame outro aluno para continuar a atividade e instrua-o a começar prendendo o barbante onde acabou a linha que o colega anterior criou. Proponha uma mudança no percurso, ou seja, a linha começa onde a outra terminou, mas pode fazer uma curva, ser reta, criar uma forma, etc.

Por se tratar de uma atividade coletiva, chame a atenção dos alunos para a importância de se observar os colegas trabalhando e sempre analisar a composição a fim de escolher cuidadosamente onde vão colocar os barbantes. Estimule os estudantes a usar a criatividade. Se o barbante for comprido o suficiente, a linha não precisa ficar presa apenas na lousa: ela pode ser presa no pé de uma das mesas da sala, por exemplo. Sob sua orientação, os alunos também podem cortar os pedaços de barbante em partes menores, dependendo do resultado que desejam obter.

Quando todos os alunos tiverem participado, ajude-os a deixar a sala em ordem ao final da atividade para evitar acidentes e para

## FAZENDO ARTE

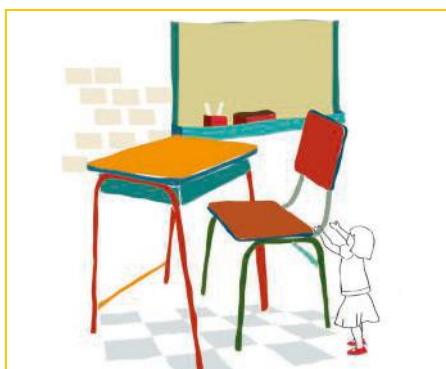
Vamos começar fazendo um reconhecimento do espaço da sala de aula?

- 1 Primeiro, ande pela sala de aula como se fosse a maior pessoa do mundo. Tome cuidado para não esbarrar nos colegas!



Joana Reseta/Arquivo da editora

- 2 Depois, repita o exercício como se fosse a menor pessoa do mundo.



Joana Reseta/Arquivo da editora

- 3 O que você achou da experiência? Percebeu algo novo na sala de aula? Conte aos colegas!

Agora, vamos explorar o espaço da sala de aula criando linhas com barbante.

- 1 Esta atividade será feita na lousa ou em uma parede da sala de aula. O professor vai sortear um aluno para começar.

### Material necessário

- fita adesiva
- barbante colorido
- tesoura com pontas arredondadas

106

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

que a próxima turma possa trabalhar adequadamente. Em atividades coletivas como essa, você deve assumir o papel de mediador, orientando a organização do espaço físico e estimulando a cooperação e o trabalho da turma.

## A BNCC nestas páginas

### Processos de criação

BNCC EF15AR23

Neste momento, ao participar das etapas para elaboração do produto final do projeto, os alunos terão oportunidade de reconhecer e experimentar as relações processuais entre diversas linguagens artísticas.

- 2 Na sua vez, escolha um lugar para prender o barbante. Você pode prendê-lo criando uma linha reta, curva, que vai e volta... Use a criatividade!



- 3 A atividade segue assim até que todos tenham participado duas vezes.
- 4 Quando a atividade terminar, dê uma olhada em como ficaram as linhas. O que você sente ao ver o conjunto de linhas?

🌸 Para finalizar, que tal se expressar por meio de uma instalação interativa?

- 1 Reúna-se com quatro colegas e planeje a realização de uma instalação que ocupe parte da sala de aula ou outro espaço da escola, produzindo um lugar criado pela sua imaginação!
- 2 Primeiro, reflita sobre o que gostaria de expressar:
  - a. O que você gostaria de representar?
  - b. Que sensações você gostaria de causar nas pessoas: alegria, medo, aconchego?
  - c. Como incentivaria a interação do público com a obra?

107

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

### Sugestão de...

#### Leitura complementar

CHIOVATTO, Milene. *O professor mediador*. Disponível em: <<http://artenaescola.org.br/sala-de-leitura/artigos/artigo.php?id=69320>>. Acesso em: 4 dez. 2017.

No artigo, a autora discute a noção de professor mediador na perspectiva do ensino de arte.

Sua atuação é muito importante no processo de planejamento e de montagem da instalação. Sugirimos que divida o trabalho em três partes: planejamento, execução e avaliação. Planeje com antecedência o tempo e os recursos necessários para a execução de cada etapa.

Propomos que os alunos sejam divididos em pequenos grupos, mas, se achar conveniente, você pode realizar a proposta com toda a turma. Em ambos os casos, é essencial ressaltar para os estudantes que o envolvimento de todos eles é fundamental para o resultado final. Procure designar as tarefas considerando as preferências e as aptidões de cada aluno. Certifique-se de que os grupos estejam organizados e com seus projetos elaborados antes de realizar suas instalações. Elaborem listas de materiais, cronograma de atividades e disponham de bastante tempo para realizar a montagem.

Depois de decidirem o espaço da sala de aula ou da escola em que a instalação será realizada, oriente os alunos a delimitarem a área colando fita adesiva no chão. Auxilie-os a calcular a quantidade de materiais que serão necessários para ocupar o espaço e como os elementos devem ser dispostos no ambiente.

Estimule-os a criar diferentes experiências sensoriais para os visitantes da instalação, como efeitos visuais usando lâmpadas ou lanternas, odores exalados por incensos, perfumes ou especiarias, sensações táteis a partir de materiais com diferentes texturas, entre outras possibilidades. Incentive os alunos a compartilharem suas ideias para a instalação, a partir de seus conhecimentos e experiências.

## Expondo

Depois da montagem, solicite que a turma crie um convite com o nome e o local da instalação e chame os colegas de outras turmas para visitarem o espaço. Os alunos podem deixar um caderno para os visitantes expressarem suas impressões sobre a interação com a obra. Essas opiniões podem ser discutidas coletivamente depois que a instalação for desmontada.

## Registrando

É importante envolver os alunos na escolha do local para a instalação e na maneira como ela será divulgada e registrada. Se possível, oriente que utilizem câmeras fotográficas ou telefones celulares para registrar o processo de produção da instalação e a interação do público com ela em fotos e vídeos.

- 3 Discuta com o grupo o que será necessário para montar a instalação e, em seguida, faça um esboço da obra, pensando na distribuição dos objetos e/ou obras que serão utilizados.

Algumas sugestões de materiais que podem ser utilizados para montar uma instalação na sala de aula são:

- tecidos: meias de seda, camisetas usadas, toalhas velhas, etc.
- temperos: gengibre, cravo, canela, etc.
- ervas: capim-cidreira, manjeriço, hortelã, etc.
- algodão, fios, barbantes e linhas
- botões
- bolinhas de gude
- bolinhas de isopor
- espuma
- sacos ou sacolas plásticas
- objetos: cadeiras, redes, guarda-chuvas, baldes, brinquedos, etc.



▶ Cravo, gengibre e canela.

## Expondo

- 1 Com os colegas e seguindo a orientação do professor, escolha uma data para a montagem da instalação e planeje o evento!
- 2 Convide os colegas da escola, os professores, as famílias e a comunidade escolar. Vai ser um sucesso!

## Registrando

Que tal fotografar o passo a passo da montagem de sua instalação, ela pronta e depois a reação do público interagindo com ela?

## A BNCC nestas páginas

### Processos de criação

BNCC EF15AR23

Neste momento, ao participar das etapas para elaboração do produto final do projeto, os alunos terão oportunidade de reconhecer e experimentar as relações processuais entre diversas linguagens artísticas.

# O QUE ESTUDAMOS

- Os materiais escolhidos para compor uma obra de arte dependem da intenção do artista.
- Os artistas podem explorar os ambientes e os espaços com suas obras.
- Os artistas podem contar com a participação do público para transformar sua produção.
- A arte constrói e revela lugares!



## Dica de visitação

Na cidade em que você vive existem locais que expõem obras de arte interativas? Se houver, não deixe de visitá-los na companhia do professor e dos colegas!

## É hora de retomar o portfólio



Siga as orientações abaixo, responda às questões e guarde no portfólio os registros do que você aprendeu nesta unidade.

1. Depois do que vimos nesta unidade, o que você aprendeu a respeito da participação do público em obras interativas? Justifique sua resposta com um desenho.
2. Você ficou satisfeito com as suas produções artísticas? Considera que elas expressam suas opiniões, seus sentimentos e suas emoções? Por quê? Escreva um pequeno parágrafo a respeito de uma de suas produções.
3. Quais foram suas maiores dificuldades ao longo do projeto, tanto na escola quanto em casa?

Vimos que a arte pode revelar, valorizar, preservar e até mesmo criar diferentes espaços de convivência e cultura. Certamente, existem muitas outras formas de relacionar a arte à diversidade cultural que existe no mundo. Que tal continuar a criar?

## É hora de retomar o portfólio

Avalie o trabalho do semestre a partir do portfólio dos alunos, do seu diário de bordo e do produto final do projeto. As perguntas a seguir o ajudarão na avaliação:

- O aluno incorporou elementos estudados em seu repertório? Quais?
- A ampliação do repertório do aluno definiu mudanças em sua produção?
- O aluno tem uma postura investigativa na atividade de experimentação e produção? Ele experimenta, observa e considera os resultados de suas experimentações?
- De que forma a ampliação do repertório reflete na produção do aluno?
- O aluno tem uma postura investigativa que o leva a ampliar suas possibilidades de produção?
- Ele aceita o que é apresentado nas atividades?
- Ele faz produções em grupo que consideram a diversidade de competências?
- Ele tem interesse em outras linguagens artísticas e busca trazer aspectos destas no trabalho dele?
- Ele elabora um discurso sobre sua produção que revela seu percurso investigativo, suas descobertas e pesquisas?
- O aluno aceita os desafios ou o que é apresentado como atividade? Ele vai até o final?
- Ele estabelece os próprios objetivos?
- Ele se dispersa?
- Ele experimenta diferentes respostas ao que lhe é proposto?
- Que papel o aluno exerce no grupo de que participa?
- Como ele manifesta o significado da aula de Arte na vida dele? Ele fala sobre isso?
- De que forma ele participa das atividades propostas?
- De que forma ele se relaciona com os colegas?
- Qual a assiduidade e participação dele?

## O que estudamos

Para encerrar a unidade, retome a questão inicial com os alunos: "A arte pode construir lugares?". Peça que todos voltem aos seus portfólios e observem tudo o que foi realizado para responder a essa questão que resultou na produção final: uma instalação interativa baseada no trabalho de Ernesto Neto. É importante que os estudantes percebam as frentes nas quais trabalharam para chegar a

esse resultado. Ao longo do capítulo, eles investigaram várias possibilidades, elementos e recursos da linguagem teatral e das artes visuais e aprofundaram sua compreensão do tema da diversidade cultural, além de refletir sobre sua relação com a arte. Também conheceram um exemplo de instalação interativa. Nesse percurso, entraram em contato com diversos conteúdos e mobilizaram habilidades e competências importantes para sua formação.

# BIBLIOGRAFIA

## Linguagem visual e audiovisual

ALMEIDA, Cândido José Mendes de. *O que é vídeo*. São Paulo: Brasiliense, 1985. (Primeiros Passos).

ARNHEIM, Rudolf. *Arte e percepção visual*. 2. ed. São Paulo: Cengage, 2016.

BARBERO, Jesus. M. *Dos meios às mediações*. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2009.

BARBOSA, Ana Mae. *Redesenhando o desenho: educadores, política e história*. São Paulo: Cortez, 2015.

CAUQUELIN, Anne. *Arte contemporânea: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2005. (Todas as Artes).

CHIPP, Herschel B. *Teorias da arte moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

DERDIK, Edith. *Formas de pensar o desenho*. 5. ed. Porto Alegre: Zouk, 2015.

DONDIS, Donis A. *Sintaxe da linguagem visual*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

GOMBRICH, Ernst. H. *A história da Arte*. 16. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

HERNÁNDEZ, Fernando. *Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

MCLAREN, Peter. *Multiculturalismo crítico*. São Paulo: Cortez, 1997.

MORAES, Dênis de. *Por uma outra comunicação*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

## Linguagem musical

ANDRADE, Mário de. *Dicionário musical brasileiro*. São Paulo: IEB/Edusp, 1989.

MARIZ, Vasco. *História da música no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

OHTAKE, Ricardo. *Instrumentos musicais brasileiros*. São Paulo: Rhodia, 1988.

SCHAFER, Murray. *Le paysage sonore. Marseille: Wildproject*, 2010.

\_\_\_\_\_. *O ouvido pensante*. 3. ed. São Paulo: Ed. da Unesp, 2013.

TINHORÃO, José R. *Pequena história da música popular: da modinha à canção de protesto*. 7. ed. São Paulo: 34, 2013.

WISNIK, José M. *O som e o sentido: uma outra história das músicas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

## Linguagem da dança

BOGÉA, Inês. *O livro da dança*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2002.

BREGOLATO, Roseli. *Cultura corporal da dança*. 3. ed. São Paulo: Ícone, 2007.

CORTES, Gustavo. *Dança, Brasil! Festas e danças populares*. Belo Horizonte: Leitura, 2000.

KATZ, Helena. *Brasil descobre a dança, a dança descobre o Brasil*. São Paulo: DBA, 1994.

MARQUES, Isabel. *A dança no contexto*. São Paulo: Ícone, 1999.

## Linguagem teatral

SPOLIN, Viola. *Improvisação para o teatro*. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.

\_\_\_\_\_. *Jogos teatrais: o fichário de Viola Spolin*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

\_\_\_\_\_. *O jogo teatral no livro do diretor*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

STANISLAVSKI, Constantin. *A criação de um papel*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

## Culturas afro e indígena brasileiras

BERGAMASCHI, Maria Aparecida (Org.). *Povos indígenas e educação*. Porto Alegre: Mediação, 2008.

JECUPÉ, Kaka Werá. *A terra dos mil povos: história indígena do Brasil contada por um índio*. São Paulo: Peirópolis, 1998.

MUNDURUKU, Daniel. *Contos indígenas brasileiros*. São Paulo: Global, 2004.

OGOT, Bethwell Allan (Ed.). *História geral da África: África do século XVI ao XVIII*. São Paulo: Cortez, 2011.

SISTO, Celso. *Mãe África: mitos, lendas, fábulas e contos*. São Paulo: Paulus, 2007.



## MATERIAIS RECOMENDADOS

### Coleções

ARTE AO REDOR DO MUNDO. São Paulo: Callis.  
ARTISTAS BRASILEIROS. São Paulo: Callis.  
A VIDA E A OBRA DE. São Paulo: Madras.  
CRIANÇAS FAMOSAS. São Paulo: Callis.  
GRANDES MESTRES. São Paulo: Ática.  
MESTRES DA MÚSICA. São Paulo: Moderna.  
MESTRES DA MÚSICA NO BRASIL. São Paulo: Moderna.  
MESTRES DAS ARTES. São Paulo: Moderna.  
MESTRES DAS ARTES NO BRASIL. São Paulo: Moderna.  
ÓPERAS PARA CRIANÇAS. São Paulo: Callis.  
PEQUENA VIAGEM. São Paulo: Moderna.  
POR DENTRO DA ARTE. São Paulo: Ática.  
SANTA ROSA, Nereide. *A Arte de Olhar*. São Paulo: Scipione.

### Livros paradidáticos

BRANDÃO, Toni. *Maracatu*. São Paulo: Studio Nobel, 2007.  
CANTON, Kátia. *Escultura aventura*. São Paulo: DCL, 2009.  
\_\_\_\_\_. *Fantasias*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.  
\_\_\_\_\_. *Moda: uma história para crianças*. São Paulo: Cosac Naify, 2004.  
COELHO, Raquel. *A arte da animação*. São Paulo: Formato, 2004.  
\_\_\_\_\_. *Música*. São Paulo: Formato, 2006.  
MCCAUGHREAN, Geraldine. *Romeu e Julieta*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.  
NESTROVSKI, Arthur. *O livro da música*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2000.  
SOUZA, Flávio de. *O livro do ator*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2001.

### Sites\*

#### Linguagem visual e audiovisual

Academia Brasileira de Literatura de Cordel: <[www.ablc.com.br](http://www.ablc.com.br)>  
Cinemateca: <[www.cinemateca.gov.br/](http://www.cinemateca.gov.br/)>  
Itaú Cultural: <[www.itaucultural.org.br/](http://www.itaucultural.org.br/)>  
Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro (MIS RJ): <[www.mis.rj.gov.br/](http://www.mis.rj.gov.br/)>  
Museu de Arte Brasileira da Faculdade Armando Álvares Penteado (MAB Faap): <[www.faap.br/museu/](http://www.faap.br/museu/)>  
Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP): <[www.mac.usp.br/](http://www.mac.usp.br/)>  
Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (Masp): <<http://masp.art.br/masp2010/>>  
Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM SP): <[www.mam.org.br/](http://www.mam.org.br/)>  
Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio): <[www.mamrio.org.br/](http://www.mamrio.org.br/)>  
Museu do Índio: <[www.museudoindio.gov.br/](http://www.museudoindio.gov.br/)>  
Museu Histórico e Artístico do Maranhão: <[www.cultura.ma.gov.br/portal/mham/index.php](http://www.cultura.ma.gov.br/portal/mham/index.php)>  
Museu Histórico Nacional: <<http://mhn.museus.gov.br/>>  
Museu Imperial: <[www.museuimperial.gov.br/](http://www.museuimperial.gov.br/)>  
Museu Lasar Segall: <[www.museusegall.org.br/](http://www.museusegall.org.br/)>

Museu Nacional de Belas Artes: <<http://mnba.gov.br/portal/>>  
Museu Náutico da Bahia: <[www.museunauticodabahia.org.br/](http://www.museunauticodabahia.org.br/)>  
Pinacoteca de São Paulo: <<http://pinacoteca.org.br/>>  
Portal Brasil Cultura: <[www.brasilcultura.com.br/](http://www.brasilcultura.com.br/)>  
Portal do Instituto Brasileiro de Museus: <[www.museus.gov.br/](http://www.museus.gov.br/)>  
Projeto Portinari: <[www.portinari.org.br/](http://www.portinari.org.br/)>  
Tarsila do Amaral: <[www.tarsiladoamaral.com.br/](http://www.tarsiladoamaral.com.br/)>

### Linguagem musical

Academia Brasileira de Música: <[www.abmusica.org.br/](http://www.abmusica.org.br/)>  
Biblioteca Nacional – Música: <[www.bn.gov.br/tags/musica](http://www.bn.gov.br/tags/musica)>  
Cultura Artística: <[www.culturaartistica.com.br/](http://www.culturaartistica.com.br/)>  
História da Música: <<http://almanaque.folha.uol.com.br/musicaoque.htm>>  
Linha do tempo da música brasileira: <<http://timelinemusicabrasileira.org.br/>>  
Mozarteum Brasileiro: <<https://mozarteum.org.br/>>  
MPB Net: <[www.mpbnet.com.br/](http://www.mpbnet.com.br/)>  
Origem da Música Caipira: <[www.violatropeira.com.br/origem](http://www.violatropeira.com.br/origem)>

### Linguagem da dança

Bienal Internacional de Dança do Ceará: <[www.bienaldedanca.com](http://www.bienaldedanca.com)>  
Canal Curta! – Danças brasileiras: <[www.canalcurta.tv.br/pt/series/serie.aspx?serield=417](http://www.canalcurta.tv.br/pt/series/serie.aspx?serield=417)>  
Festival Conexão Dança: <[www.conexaodanca.com.br/](http://www.conexaodanca.com.br/)>  
Festival de Dança de Joinville: <[www.festivaldedanca.com.br/site/](http://www.festivaldedanca.com.br/site/)>  
Instituto Caleidos: <[www.institutocaleidos.org/](http://www.institutocaleidos.org/)>  
Revista *Dança Brasil*: <[www.dancabrasil.com.br/](http://www.dancabrasil.com.br/)>

### Linguagem teatral

Clown: <[www.clown.comico.nom.br/](http://www.clown.comico.nom.br/)>  
Denise Stoklos: <[www.denisestoklos.com.br/](http://www.denisestoklos.com.br/)>  
Festival Internacional de Londrina: <<https://filo.art.br/>>  
Funarte – Portal das Artes – Teatro: <[www.funarte.gov.br/teatro/](http://www.funarte.gov.br/teatro/)>  
Oficina de Teatro: <<http://oficinadeteatro.com/>>

\* Todos os acessos dos sites recomendados foram feitos em 6 de novembro de 2017.



